



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Doutorado em Sociologia

SOB O SIGNO DA RELAÇÃO:

A Mídia e os Sentidos Culturais
dos Jovens Residentes em
Assentamentos Rurais do MST- PB



Autora: Goretti Maria Sampaio de Freitas

JOÃO PESSOA-PB
2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

SOB O SIGNO DA RELAÇÃO: A MÍDIA E OS SENTIDOS CULTURAIS
DOS JOVENS RESIDENTES EM ASSENTAMENTOS RURAIS DO MST-PB

Texto de tese apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Sociologia da Universidade
Federal da Paraíba para obtenção do título de
doutora.

GORETTI MARIA SAMPAIO DE FREITAS

Orientadora : prof^a. Dr^a. Elizabeth. C. de Andrade Lima

Campina Grande- PB
2010

GORETTI MARIA SAMPAIO DE FREITAS

**SOB O SIGNO DA RELAÇÃO: A MÍDIA E OS SENTIDOS CULTURAIS
DOS JOVENS RESIDENTES EM ASSENTAMENTOS RURAIS DO
MST-PB**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elizabeth C. de Andrade Lima (Orientadora)

Prof. Dr. Cidoval Moraes de Sousa/ UEPB (Examinador Externo)

Prof. Dr. Moacir Barbosa de Sousa/ UFRN (Examinador Externo)

Prof^a. Dr^a. Tereza C.da Nóbrega Queiroz/UFPB(Examinadora Interna)

Prof^a. Dr^a. Marilda Aparecida de Menezes/ UFCG(Examinadora Interna)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

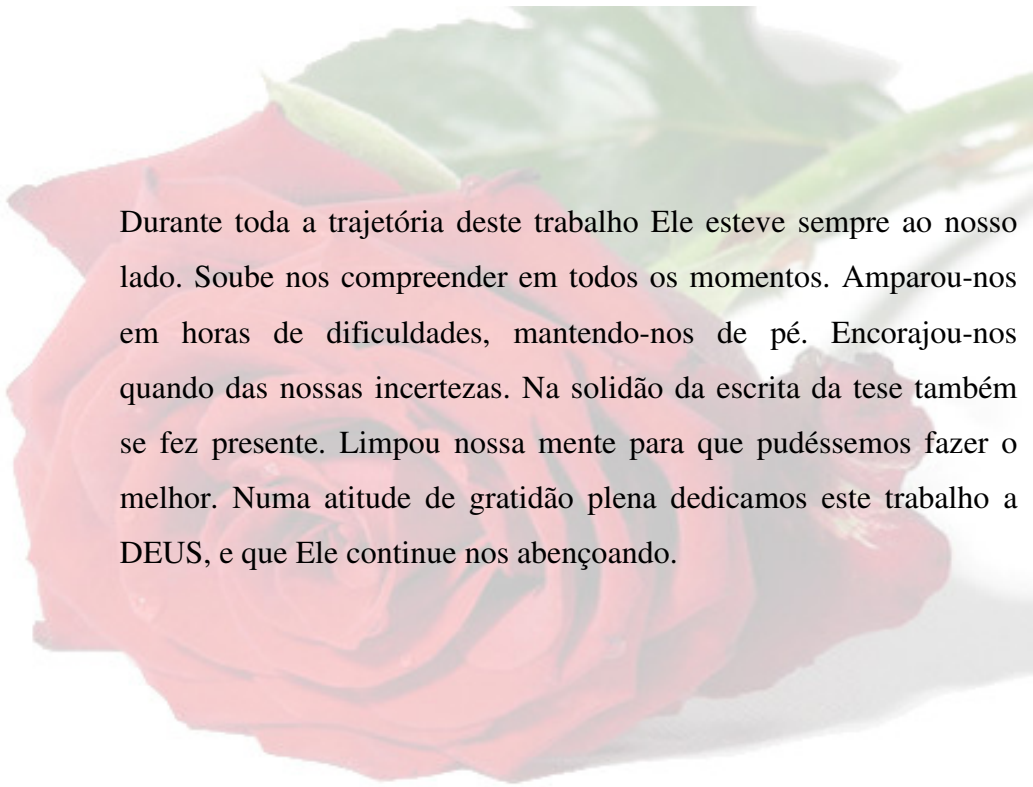
F866s Freitas, Goretti Maria Sampaio de.
Sob o signo da relação: a mídia e os sentidos culturais dos jovens residentes em assentamentos rurais do MST-PB / Goretti Maria Sampaio de Freitas. — Campina Grande, 2010.
330f. : il. col.

Tese (Doutorado em Sociologia)- Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades.
Referências.
Orientador: Profª. Drª. Elizabeth. C. de Andrade Lima.

1. Sociologia da Cultura. 2. Juventude Rural – MST. 3. Mídia – Rádio e TV. I. Título.

CDU 316.7(043)

DEDICATÓRIA



Durante toda a trajetória deste trabalho Ele esteve sempre ao nosso lado. Soube nos compreender em todos os momentos. Amparou-nos em horas de dificuldades, mantendo-nos de pé. Encorajou-nos quando das nossas incertezas. Na solidão da escrita da tese também se fez presente. Limpou nossa mente para que pudéssemos fazer o melhor. Numa atitude de gratidão plena dedicamos este trabalho a DEUS, e que Ele continue nos abençoando.

AGRADECIMENTOS

“Em poucos a gratidão sobrevive ao favor recebido”

À professora Elizabeth C. Andrade (Bebete) primeira leitora deste trabalho, que com atenção e empenho ultrapassou os limites da responsabilidade profissional, estando presente em todas as etapas da pesquisa. Com a sutileza que lhe é peculiar soube conduzir a orientação de forma muito respeitosa, mas também criteriosa. Obrigada Bebete, pela sua ajuda e acima de tudo pela confiança.

Ao meu esposo, Lourinaldo e meus filhos Talita e Icaro por nos ter suportado durante momentos de tensão vivenciados na trajetória deste estudo. A tolerância é um permanente desafio.

À minha mãe, que apesar dos seus 82 anos, soube compreender a nossa ausência;

À amiga e também professora, Iolanda Barbosa, com quem ensaiamos os primeiros passos em busca de uma aprovação na seleção do doutorado. Pessoa do “Bem”;

À prof^a Marilda Menezes pelas leituras que nos oportunizou no grupo de estudo sobre juventude, disponibilizando o seu acervo bibliográfico e nos oferecendo suas reflexões sobre a temática.

Aos jovens do lócus da pesquisa que nos proporcionaram a oportunidade de conhecer a sua realidade. Sem o empenho e participação entusiástica dos mesmos, provavelmente, este estudo não teria alcançado o seu objetivo.

À Coordenação do MST nas pessoas de Dilei Araújo, Miltinho, José Barbosa, Suzy, que facilitaram nosso acesso ao Assentamento;

Aos professores Cidival Moraes, Marilda Menezes, Tereza Queiroz, Moacir Barbosa, examinadores deste texto, pelas contribuições oferecidas;

À amiga e professora Robéria Nadia pela confrontação de idéias e pelo seu saber generoso;

Ao professor e amigo Arão de Azevêdo pelas sugestões gráficas, sempre pronto a servir nos socorrendo nas horas de apertos;

Ao professor Lênio Barros pela orientação técnica na construção dos quadros e gráficos;

À equipe do Projeto Rede Viva, representado pelos professores Marcelo Barros; Águeda Cabral, Luis Custódio e ainda pelos alunos Larrisa, Tâmara, Mary, Alberto e Hermano pelo apoio quando da realização da oficina focal em rádio;

À Pró- Reitoria de Pós- Graduação pelo apoio financeiro para a realização da Oficina de Rádio;

À Paulo Guilherme pela ajuda na produção de áudio do programa de rádio;.

À Profª Maria do Carmo pelas orientações concedidas na literatura francesa;

Aos alunos Cássia Neiva e Daniel Hugo pelo apoio técnico na área da informática;

Enfim, à todos que direta ou indiretamente nos ajudaram na construção deste empreendimento acadêmico, um sonho, nossos mais profundos e sinceros agradecimentos.

EPÍGRAFE

“Entre o pensar sociológico e o pensar antropológico, por mais que tentem os esforços teóricos, não há integração nem adequação imediatas: há mediações de seres e saberes numa zona de ambiguidades e incertezas. E é precisamente a zona de imprecisão, as vozes, os silenciamentos que garantem uma faculdade de indecisão, ingrediente rico e precioso que, ao tempo que limita nosso olhar, fala-nos ao coração, reacende nossas esperanças e abre-nos indefinidamente a possibilidade de vivenciar as realidades e ampliar o conhecimento. O trabalho de campo, como espaço privilegiado de visão, mostra-nos a possibilidade de pensar o impensável e a liberdade para ousar o ato de enxergar”.

(Maria da Conceição de Almeida- Antropóloga)

RESUMO

As redes de interações midiáticas vivenciadas na sociedade contemporânea têm permitido a construção de novos tipos de relações sociais nas quais as diversas formas da cultura se ampliam, permitindo que os “estilos” culturais estejam à disposição de qualquer indivíduo, em qualquer espaço, seja ele urbano, seja ele rural. Diante de tal contexto esta tese emerge da necessidade de se compreender aspectos das subjetividades de um grupo juvenil que apresenta duas especificidades: ser rural e residente em um assentamento do MST. Assim, analisa como esses jovens constroem seus sentidos culturais a partir da interface com a mídia e de que modo organizam suas condutas e princípios através dos fluxos de mensagens que lhes são direcionados, em meio a um contexto marcado pela heterogeneidade cultural. Considerando uma dinâmica relacional, examina as práticas sociais desses sujeitos através das mediações empreendidas junto ao rádio e a televisão (Programa Malhação). O texto converge entre a antropologia, a sociologia e a comunicação, a partir da tríade Juventudes, identidades culturais e mídia. O locus da pesquisa é o assentamento do MST denominado José Antonio Eufrosino, localizado no estado da Paraíba. A amostra é constituída por um total de 42 jovens que integram a faixa etária dos 14 aos 29 anos, sendo 21 do gênero feminino e 21 do masculino. A estrutura textual deste estudo contempla um conjunto de argumentos que se interconectam a partir de uma contextualização socioespacial; da construção de uma tipologia sobre juventudes verificada através de seus hábitos e ainda das matrizes culturais que os interlocutores desta pesquisa constroem diante dos efeitos midiáticos.. A tese argumenta que embora a mídia exerça uma centralidade junto as formas de sociabilidade desses sujeitos, isso não ocorre de modo totalizante nem tão pouco generalizante. Mesmo não estando imunes aos apelos evidenciados pela mídia e, convivendo com esferas culturais diferentes das suas, as identidades desses jovens não se constituem necessariamente pelos efeitos midiáticos. Seus valores culturais não se perdem em decorrência das influências recebidas, já que não se afastam dos seus referenciais.

Palavras- Chave; Jovens rurais; identidades culturais, mídia.

ABSTRACT

The interaction media networks experienced in contemporary society have allowed the construction of new types of social relations in which the various forms of culture are magnified, allowing that the culture "styles" are available to any individual in any space, either it is urban or rural. Given such context, this thesis emerges from the need to understand aspects of the subjectivity of a youth group that has two specificities: being a rural and being a resident of a MST settlement. Thus, it considers how these young people build their cultural meanings from the interface with the media and how they organize their conduct and principles through the flow of messages they are targeted in the middle of an environment characterized by cultural heterogeneity. Whereas a relational dynamics, examines the social practices of these individuals through the mediation undertaken by the radio and television (the "Malhação" program). The text convergence between anthropology, sociology and communication, from the triad Youths, cultural identities and media. The locus of research is the MST settlement named José Antonio Eufrosino, located in the state of Paraíba. The sample consists of a total of 42 youths belonging to the age of 14 to 29 years old, 21 females and 21 males. The textual structure of this study include a set of arguments that interconnect from a socio-spatial context, the construction of a typology of youths verified by their habits and even the cultural matrices that the interlocutors of this research build on the effects of media . The thesis argues that although the media pursues a centrality with the forms of sociability of these subjects, this is neither so all-encompassing nor generalizing. Although not immune to the appeals evidenced by the media, and interacting with different cultural spheres of theirs, the identities of these young are not necessarily represented by the media effects. Their cultural values are not lost as a result of influences received, since it does not deviate from their references.

Key – words: Rural youth; Cultural identities; Media.

RÉSUMÉ

Les réseaux d'interaction médiatiques de la société contemporaine ont permis la construction de nouveaux types de relations sociales dans lesquelles s'élargissent les diverses formes de culture, en permettant que les « styles » culturels restent à la disposition d'un individu n'importe qui dans n'importe quel space urbain ou rural. Cette thèse émerge, donc, du besoin de comprendre des aspects subjectifs d'un groupe de jeunes habitant la zone rurale, dans un « assentamento » du MST (Mouvement des Sans Terre). Ainsi, elle analyse comment ces jeunes construisent leurs sens culturels à partir de l'interface avec le média, et de quelle façon ils organisent leurs conduites et leurs principes à travers les messages qui leur sont adressés, dans un contexte marqué par l'hétérogénéité culturelle. En prenant en compte une dynamique relationnelle, cette thèse examine les pratiques sociales de ces sujets, à travers les interventions auprès de la radio et de la télévision (feuilleton *Malhação*). Le texte converge entre l'anthropologie, la sociologie et la communication, à partir de la triade jeunesse, identités culturelles et média. La recherche a été réalisée à l'« assentamento » du MST José Antônio Eufrosino, localisé dans l'état du Paraíba. L'échantillon est constitué de 42 jeunes de 14 à 29 ans, soit 21 jeunes filles et 21 jeunes hommes. La structure textuelle de cette étude est formée d'un ensemble d'arguments se reliant à partir d'une contextualisation socio-spaciale ; de la construction d'une typologie sur la jeunesse, vérifiée à travers ses habitudes ainsi que des matrices culturelles lesquelles les interlocuteurs de cette recherche construisent devant les effets médiatiques. La thèse argumente que, quoique le média soit important dans le processus de sociabilité de ces sujets, il n'y intervient ni de façon absolue, ni de façon généralisante. Bien que ces jeunes ne soient pas immunisés des invocations du média et bien qu'ils fréquentent des groupes culturels différents de ceux qu'ils fréquentent, leurs identités ne sont pas constituées, nécessairement, par les effets médiatiques. Ainsi, malgré les influences du média, leurs valeurs culturelles ne se perdent pas, puisqu'ils ne s'éloignent pas de leurs références.

Mots-clés : jeunes de la zone rurale ; identités culturelles ; média.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO I-Imagem Área do Assentamento	P. 68
ILUSTRAÇÃO II- Encontro da Tradição com a Modernidade	P. 73
ILUSTRAÇÃO III- Sede de Fazenda Castelo	P. 74
ILUSTRAÇÃO IV- Cenas de hibridismo cultural	P. 75
ILUSTRAÇÃO V- Preparativos para caminhada	P. 81
ILUSTRAÇÃO VI-Os Jovens em momentos de lazer	P. 137
ILUSTRAÇÃO VII- Momentos de descontração Oficina de Rádio	P. 204
ILUSTRAÇÃO VIII- Reflexões sobre o papel do rádio	P. 205
ILUSTRAÇÃO IX- Instalação de alto- falante – Oficina de Rádio	P. 217
ILUSTRAÇÃO X-A apresentação do programa	P. 218
ILUSTRAÇÃO XI- Mística	P. 245
ILUSTRAÇÃO XII- Abertura do Programa Malhação	P. 253

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

GRÁFICO I – Itens de lazer dos rapazes	P. 139
GRÁFICO II- Itens de lazer dos moças	P. 140
GRÁFICO III- Tipos de conversas dos rapazes solteiros	P. 143
GRÁFICO IV- Tipos de conversas dos rapazes casados	P. 144
GRÁFICO V- Tipos de conversas das moças solteiras	P. 144
GRÁFICO VI- Tipos de conversas das moças casadas	P. 144
GRÁFICO VII- Tipos de conversas dos militantes	P. 145
GRÁFICO VIII- Opções midiáticas	P. 167
GRÁFICO IX- Audiência do Rádio	P. 173
GRÁFICO X- Horários da audiência radiofônica	P. 176
GRÁFICO XI- Tempo de audiência	P. 177
GRÁFICO XII- Periodicidade da audiência radiofônica	P. 177
GRÁFICO XIII- Formas da audiência radiofônica	P. 179
GRÁFICO XIV- Emissoras de Rádio mais escutadas	P. 182
GRÁFICO XV- Mediações Radiofônicas	P. 188
GRÁFICO XVI – Credibilidade perante a mídia	P. 199
GRÁFICO XVII- Tempo empreendido na recepção televisiva	P. 223
GRÁFICO XVIII- Mediações televisivas	P. 228
GRÁFICO XIX – Audiência do Programa Malhação	P. 243
GRÁFICO XX – Tempo de audiência do Programa Malhação	P.243

QUADRO I – Os Sujeitos da Pesquisa	P. 49
QUADRO II- Os Jovens por Faixa etária – 14-18	P. 50
QUADRO III- Faixa Etária - 19-24	P. 51
QUADRO IV- Faixa Etária- 25-29	P. 52
QUADRO V- Domicílios brasileiros com Rádio e Televisão	P. 164
QUADRO VI- Domicílios brasileiros com Rádio e Televisão - zona urbana e rural	P. 164
QUADRO VII- Domicílios com TV a cores	P. 165
QUADRO VIII- Domicílios com TV preto e branco	P. 165
QUADRO IX- Opções musicais	P. 191
QUADRO X- Temas de interesse dos jovens	P. 197
QUADRO XI - Espelho do programa	P.210
QUADRO XII- Principais redes nacionais comerciais de TV aberta	P. 224
QUADRO XIII- Cobertura Geográfica da Televisão	P.225

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AM – Amplitude Modulada

AMDE- Agência Municipal de Desenvolvimento

CPT- Comissão Pastoral da Terra

CUT-Central Única dos Trabalhadores

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FM- Frequência Modulada

IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

M.C.M- Meios de Comunicação de Massa

MST -Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NTIC- Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

OIJ - Organização Ibero Americana de Juventude

OMS- Organização Mundial de Saúde

ONGS – Organizações Não Governamentais

OT-Ondas Tropicais

PT-Partidos dos Trabalhadores

PDA- Plano de Desenvolvimento do Assentamento

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PNDA- Pesquisa nacional por amostragem de domicílios

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UFCG- Universidade Federal de Campina Grande

UNFPA- Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	
TRAJETÓRIA DA PESQUISA E INDÍCIOS DAS ESPECIFICIDADES/ SUBJETIVIDADES TEMÁTICAS	P. 18
CAPÍTULO I-A PAISAGEM DA PESQUISA DESVELANDO O CENÁRIO RURAL	P. 46
1.1- A Percepção do Ser Jovem Sob a Ótica do MST	P. 76
1.2- O Pertencimento: Ser ou Estar Sem Terra	P. 85
1.3- Identidade Sem Terra: Uma Perspectiva Relacional	P. 96
CAPÍTULO II- OLHAR SOBRE O OLHAR DA JUVENTUDE	P. 109
2.1-Trajetórias Percorridas: Em Busca de um Sentido para a Vida	P. 114
2.2-O Cotidiano: Espaço de Relações Sociais	P. 120
2.2.1- Divisão Social do Trabalho: Arranjos Familiares	P. 121
2.3-O Jovem e as Redes de Relacionamentos Familiares	P. 126
2.4-O Lazer: Espaços de Sociabilidades	P. 135
2.5-A Propósito da Construção Identitária do que é Ser Jovem	P. 146
2.6-Perspectivas de Futuro: Em Busca dos Sonhos	P. 152
CAPÍTULO III-CONSTRUINDO SENTIDOS NAS ONDAS DO RÁDIO	P. 162
3.1-Os Jovens e sua Interface com a Mídia: Prenúncios de uma Nova Sociabilidade	P. 163
3.2-O Rádio e os Sentidos Culturais dos Jovens	P. 172
3.2.1- Caracterização Social do Rádio	P. 174
3.2.2- Aspectos Sócio-Históricos do Rádio em Campina Grande	P. 183
3.3-O Lugar do Sujeito Frente aos Efeitos Midiáticos: Mediações e Usos dos Conteúdos Radiofônicos	P. 187
3.3.1- As Construções Culturais e suas Formas Simbólicas	P. 193
3.4-Na Contramão dos Sentidos: Experiências de uma Produção Radiofônica	P. 203

3.4.1-Construindo o Programa	P. 209
CAPÍTULO IV-A TELEVISÃO: VOZES E HISTÓRIAS DE INTERAÇÕES	P. 221
4.1-O Mapa da Recepção Televisiva: Negociação de Sentidos	P. 222
4.2-O Programa Malhação: Eixo de Matrizes Interacionais e Simbólicas	P. 237
4.2.1-Características Técnicas	P. 238
4.3-O Mapa da Recepção	P. 242
4.4-Tecendo os Fios dos Sentidos	P. 244
COMPREENSÕES DE UMA OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA	P. 280
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	P. 291
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Trajetória da Pesquisa e Índícios das Especificidades/ Subjetividades Temáticas

A partir das últimas décadas do século XX, o mundo ocidental tem sido atingido por um conjunto de transformações nos modelos de produção, distribuição do consumo, comportamentos, papéis sociais, repercutindo na relação entre a esfera pública e privada. Tal contexto exerce decisiva influência para a disseminação da indústria cultural, determinando gostos, sensibilidades, comportamentos e, conseqüentemente, buscando engendrar uma subjetividade e uma cultura ressignificadas de traços plurais.

Os estudos direcionados à cultura promovem várias discussões que visam elucidar esta problemática, a fim de sobretudo, compreender os traços culturais da sociedade atual. Estes são analisados através dos reflexos estabelecidos pelas relações de poder e pelas estratégias de mudanças, desenvolvidas por intermédio de um processo de constituição identitária, cujo centro de atenção volta-se para o aspecto da subjetividade e da diferença.

Esta experiência cultural instaura-se no âmbito social pela difusão de formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa (M.C.M) que, por sua vez, propiciam a criação de novos tipos de relações difundidas na esfera tempo-espço. Somos, no mundo em perspectiva, literalmente atravessados por instrumentos midiáticos que nos plugam, conectam e que nos fazem interagir com tudo que se sucede e se transmuta ao nosso redor.

Considerada como matriz instituidora dessas relações, a mídia exerce destacada influência na vida política, econômica e cultural da sociedade, ambiente em que são produzidas e disseminadas informações e entretenimentos direcionadas a um público potencialmente global, permitindo que as identidades culturais se construam através de um jogo de múltiplas interpretações decorrentes de fluxos de mensagens oferecidas diariamente .

Nesse mundo de interações midiáticas, os jovens criam espaços de organizações e relações, tendo acesso a várias referências culturais, constituídas por um conjunto heterogêneo de redes de significados. Desse modo, as suas identidades culturais emergem através desses múltiplos processos de pertencimento, nos quais as ações cotidianas adquirem sentidos mediante as escolhas realizadas.

Partindo do pressuposto de que a juventude é movida por sua inerente capacidade de motivação e de questionamentos, e se constitui de forma diferenciada com particularidades

relativas tanto ao seu modo de vida como de suas construções identitárias, esta tese surge da necessidade de se problematizar e se analisar os aspectos das subjetividades que marcam essas construções, a partir da mediação de produtos culturais difundidos pela mídia que ocupam os domínios privados e domésticos. Fazemos referência à mídia radiofônica e televisiva, buscando compreender que produção de sentidos ocorre diante dos conteúdos midiáticos que lhes são direcionados cotidianamente por tais canais, principalmente a partir das mudanças tecnológicas na esfera da comunicação. Tais mudanças têm permitido acesso a novas informações e costumes, proporcionando a criação de distintos modos de vida junto a diferentes grupos juvenis.

Considerando que os estudos voltados para a juventude estão muito atrelados aos jovens urbanos nos dispomos aqui a abrir espaços de reflexões sobre os jovens rurais, através de uma dimensão que se expande para além do que convencionalmente se aborda em torno da temática. Sobretudo, analisando um campo social estereotipado no qual esse jovem é reconhecido apenas como filho de agricultores. A nossa intenção aqui foi desbravarmos as veredas desses jovens do meio rural e identificarmos as suas subjetividades nas dinâmicas sociais e culturais que circundam suas vidas vinculado-as aos efeitos que a mídia pode exercer perante tais sujeitos.

Através desse caminho, desenvolvemos esta pesquisa, direcionando nosso olhar para os jovens rurais residentes no assentamento do MST, José Antonio Eufrosino, localizado no município de Campina Grande-Paraíba.

A opção de investigar esse grupo juvenil derivou do fato deste expressar duas especificidades: a primeira, por ser rural e a segunda, por “integrar” um movimento social que defende um conjunto abrangente de práticas sócio-político-culturais, visando a realização de um projeto de mudança, materializado por múltiplas redes de relações demarcadas entre sujeitos e associações civis.

Diante deste contexto nos instigamos a investigar como esses sujeitos se posicionam frente à difusão dos produtos midiáticos e em que medida tais produtos contribuem para as suas construções identitárias. Partimos da premissa de que são vítimas de estigmas produzidos pela sociedade e que são fortalecidos pela mídia tanto por serem jovens rurais como por estarem “associados” a um movimento que desenvolve um ideal de luta em prol de uma transformação sóciopolítico e econômica.

O quadro heterogêneo que se verifica na sociedade contemporânea, no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições díspares, buscam dar significado aos campos

de produção da cultura evidenciado pelos M.C.M parece constituir um enfoque apropriado para que se possa compreender este cenário, já que as formas culturais que, subjetivamente singularizamos através de linguagens, signos, ideologias, criações míticas, compõem práticas sociais que podem ser examinadas através de uma dinâmica relacional entre juventude e mídia.

Este debate, portanto, mostra-se pertinente na medida em que representa uma tentativa de se entender e explicar os meios e modos como se processam as construções de identidades culturais de um grupo juvenil que vive em um ambiente permeado por uma nova ordem social. Sobretudo, porque diferentes formas de interação emergem numa estrutura que organiza as suas condutas atrelada a um contexto sócio-histórico heterogêneo e múltiplo, submetido a várias estratégias de mudanças.

Assim, a concepção de juventude aqui empregada percorre o caminho da heterogeneidade. Logo, buscamos compreendê-la enquanto categoria social que carrega no seu bojo aspectos culturais e históricos específicos, desatrelando-nos, portanto, de perspectivas teóricas que a contextualizam por uma natureza de ordem biológica.

Para as Ciências Sociais os estudos sobre juventudes apontam indicações que sugerem percebê-las como uma construção social, cultural e histórica, intimamente ligada às transformações do mundo moderno. Para além das considerações concernentes ao marco etário a juventude não pode ser definida homogeneamente. Diante deste ponto de vista, a cultura ocidental contemporânea apresenta um atributo que vai além dos limites cronológicos¹, pois ser jovem é, sobretudo, uma forma de identidade atrelada a um estilo de vida marcado por uma independência e uma autonomia diante de um campo social. Nesse sentido, a concepção defendida neste estudo trilha a vertente relacional, uma vez que se insere numa realidade humana contingente e mutável.

Discutir a relação que os jovens residentes em assentamentos rurais do MST estabelecem perante a mídia radiofônica e televisiva exigiu posturas metodológicas decorrentes das seguintes indagações:

- 1 - Os jovens residentes em assentamentos do MST são indivíduos ativos capazes de discernir sobre os conteúdos difundidos pela mídia ?
- 2- De que maneira esses sujeitos articulam os espaços culturais na sua vida cotidiana diante da presença midiática que ali se faz presente de forma contínua?

¹ Para a Sociologia, o que interessa, primordialmente, são os critérios que definem os papéis sociais específicos, assim como o processo de pertencimento a um determinado grupo, tornando-se dessa forma, totalmente arbitrária a definição dos limites etários.

3- Como reagem às mensagens difundidas pela mídia já que as novas formas de sociabilidade são engendradas pelas novas tecnologias?

A nossa perspectiva de análise se estrutura no sentido de compreendermos como esses sujeitos convivem com essa conjuntura, atrelada a fluxos culturais globalizados², no qual o intercâmbio entre as diversas formas de cultura e, conseqüentemente, de identidades, se amplia ao extremo, possibilitando que as ofertas culturais, via mídia, estejam à disposição de qualquer indivíduo, independentemente de que contexto social o sujeito esteja inserido.

Para tanto, procuramos entender quais os posicionamento desses jovens frente aos conteúdos midiáticos do Rádio e da Televisão, e quais significados estes imprimiram às aspirações simbólicas sugeridas mediante estímulos do modelo de cultura hegemônica instituído pelos meios massivos.

. Especificamente, buscamos verificar como estes recebem, elaboram e reelaboram o poder discursivo da mídia; identificar quais as percepções e os usos das mensagens que contribuam para sua participação ativa na sociedade e ainda, detectar a postura que estes jovens adotam no processo de percepção e apropriação do conteúdo recebido, tendo em vista que grande parte dos fluxos midiáticos não são compatíveis ao meio social que estão inseridos.

Os pesquisadores³ que se debruçam sobre a temática alertam para o fato de que as sociedades contemporâneas apresentam um novo e reforçado grau de fragmentação, pluralismo e individualismo, provocando crises de instabilidade geradas pelas promessas do contínuo progresso alimentado pela modernidade.

A alteração da estrutura familiar, a influência da indústria cultural, estabelecendo o consumo e alterações de comportamento sugeridas ou evidenciadas pela mídia; a relação do público com o privado; os sucessivos vínculos sociais; os avanços tecnológicos acelerados; a emergência dos novos movimentos sociais, que criam novas identidades coletivas, e, por fim, a aproximação entre o local e o global, faz com que cultura se depare com a emergência e apelo da pluralidade das expressões, permitindo que as identidades se constituam de formas múltiplas.

A diminuição das distâncias geográficas e a emergência da instantaneidade enquanto padrão temporal têm provocado um certo alargamento junto a um universo de múltiplas

² A compreensão que se tem de globalização é sob a perspectiva de conjuntos diferenciados de relações sociais. Para Santos (2000), o termo globalização deveria ser usado no plural, pois está relacionado aos diferentes conjuntos de relações sociais que, conseqüentemente, dão origem a diferentes fenômenos.

³ Aqui dialogamos com teóricos como Stuart Hall (1997), J.B. Thompson (1998/2000), Boaventura Souza Santos (2000), Nestor Garcia Canclini (1997/2000).

possibilidades culturais. Diante desse novo paradigma, a cultura, reconfigurada por fontes múltiplas e assumindo formas diversas, não é mais considerada unitária, mas fluida e mutável. Proclama-se, desse modo, a política da diferença e a aproximação entre o local e o global.

Neste mundo globalizado, o cenário da internacionalização fomentou uma diversidade acelerada de encontros culturais através da mistura do novo com o velho⁴, formando um panorama sincrético, permitindo que a cultura seja construída em aglomerados díspares e múltiplos, originando um verdadeiro hibridismo cultural. Nesse sentido, os padrões culturais e sociais daí advindos passam a existir sempre no plural, com sentidos construídos no decorrer de intercâmbios históricos tanto internos como externos.

Cabe-nos, desde já, atentar para o fato de que a diversidade e a pluralidade cultural parecem ser condição para o entendimento não só da concepção de cultura, mas de suas ramificações, transformações e exacerbações na esfera da diferença criada no contexto da sociedade contemporânea. Assim, vale enfatizar que a relação entre o próximo e o distante, entre o local e o global, entre o familiar e o exótico não produz uma homogeneização da cultura e sequer a prova inequívoca da vitória dos discursos e das práticas da globalização. Ao contrário, soa cada vez mais pertinente o estudo das identidades, pois ao compreender diferenças nos níveis sociais, culturais, econômicos e políticos o que se observa é a exacerbação dessas diferenças bem como a possibilidade de (re) construções identitárias e de seus pertencimentos. Nesse sentido, as pessoas agem de acordo com a sua percepção de mundo e de suas próprias elaborações culturais, muitas delas inevitáveis.

Desse modo, os padrões percebidos nas construções culturais estão, de alguma maneira, relacionados, essencialmente, às funções simbólicas e expressivas da cultura através de uma produção de sentido, realizada pelos sujeitos diante do fluxo de mensagens que recebem através da mídia.

Diariamente nos movimentamos pelos diferentes espaços midiáticos, tanto de forma simbólica como material. Pesquisas mostram que entre 82 e 86 %⁵ de tudo o que as pessoas falam durante o dia, nos seus espaços de sociabilidades, como a família, a escola, o trabalho, os encontros na rua, etc; são frutos dos discursos dos meios de comunicação. Basta aguçar o olhar para os níveis de contatos estabelecidos numa velocidade vertiginosa, através, por exemplo, da internet, para perceber que estes originam práticas, costumes e vocabulários.

Vivemos uma cultura “mediatizada”, na qual a produção e a circulação dessas formas

⁴ Quando sugerimos a mistura entre o novo e o velho pensamos, por exemplo, que a cultura é ressignificada em decorrência desse hibridismo.

⁵ Ver PNDA-IBGE

simbólicas se tornam elementos inseparáveis do nosso cotidiano.⁶ É praticamente impossível, hoje, em toda e qualquer sociedade, não se ter acesso às múltiplas opções midiáticas que funcionam como pontos de referências comuns, sendo compartilhadas por milhares de pessoas ao redor do mundo.

Assim, a sociedade realiza também suas escolhas, a partir da oferta de práticas e discursos fornecidos pelos meios de comunicação de massa. A linguagem visual e sonora da imprensa, rádio, televisão e internet conseguiu penetrar no que há de mais secreto na vida do homem. É quase impossível preservar a intimidade. O público e o privado se confundem. Tudo passa a ser de interesse comum na chamada *aldeia global*, formando um nicho de comunicação de massa que desempenha um importante papel de criação, responsável, em grande parte, pelo êxito ou insucesso da difusão de novas ideias no ambiente sociocultural.

Olhar para os jovens pelo viés da mídia é uma maneira de contribuir de forma significativa para compreendermos os referenciais identitários desses sujeitos que nós chamamos de jovens do campo, jovens rurais, jovens sem terra, porque a mídia, através de uma retórica simbólica, nos permite ver que sua referência perpassa toda a sociedade, para além da moradia, ou do trabalho, seja no meio rural ou urbano. O argumento que desenvolvemos segue o raciocínio de pensar a categoria juventude a partir do campo midiático, entendendo suas práticas e suas concepções culturais.

Duas hipóteses norteiam os caminhos desta tese: a primeira sugere que a influência da mídia, através de um conjunto de material simbólico, contribui para a formação de identidades; A segunda defende que as representações sociais dos indivíduos, através dos produtos culturais oferecidos pela mídia, não são neutras, nem tão pouco passivas, mas ativas e permeadas por múltiplos significados. Isso indica que as construções das formas simbólicas estão condicionadas a um contexto social e variam de acordo com o repertório das tradições culturais e influências sociopolíticas, o que caracteriza um processo movediço.

Partimos da premissa de que o processo de socialização dos jovens na contemporaneidade é desenvolvido através de um espaço plural, caracterizado por diversas referências identitárias, cuja nova ordem social é regulada por um universo cultural amplo e diversificado, embora fragmentado.

Diante da complexidade apresentada pela temática, organizamos nossa discussão a partir de uma triangulação conceitual entre juventudes, identidades culturais e mídia. Nossa intenção, neste estudo, não se encaminhou necessariamente a discutir as instituições e os

⁶ O termo cotidiano não surge neste trabalho como categoria conceitual, mas enquanto referência às ações do dia a dia do grupo estudado.

sistemas presentes na vida dos jovens, mas investigar como essa categoria social elabora seus sentidos culturais a partir da mediação dos conteúdos midiáticos dentro de uma diversidade e de um pluralismo instituído numa sociedade globalizada.

Compreendendo que este estudo só ganharia consistência atrelado a uma discussão teórica, nossa abordagem assume uma dimensão que se inter-relaciona entre a sociologia, a antropologia e a comunicação.

TESSITURA TEÓRICA: ENLAÇANDO OS FIOS DOS SENTIDOS

A perspectiva analítica adotada nesta tese está ancorada em duas concepções principais: a primeira, ligada aos estudos culturais⁷. Tais estudos englobam teorias que retratam as diferenças sociais, debruçando-se na capacidade relacional e de transitoriedade da sociedade contemporânea. Adotam como principal reflexão as influências exercidas pelas relações de poder e as estratégias de resistências ou de mudanças das culturas, o que resulta em novas condições de constituição de identidades.

Escosteguy (2001) esclarece que os princípios norteadores dos estudos culturais são:

identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuem suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência de que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas seria necessariamente inter. (ESCOSTEGUY, 2001. p. 157).

Nesta perspectiva, os estudos culturais ressaltam como as produções culturais se articulam através de valores e representações que se exercem na sociedade. Nesse sentido, direcionam seu foco aos meios de comunicação de massa, destacando a cultura como um campo de produção de significados.

A segunda perspectiva adotada neste estudo está atrelada aos chamados estudos de

⁷ As origens dos estudos culturais estão centradas na Inglaterra com a criação do CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies). Três correntes debruçam-se sobre esses fenômenos, ressaltando as formas culturais, as instituições, as práticas culturais, além da relação existente entre a sociedade e suas mudanças. Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson são identificados como os principais teóricos neste âmbito. Hoggart centra seu foco de atenção sobre o âmbito popular, apontando para a existência de um processo de resistência junto aos efeitos massivos dos *mass media*. Raymond Williams, mesmo sem contrapor a visão de Hoggart, encara tal situação com mais pessimismo. Thompson, por outro lado, remete suas análises para a teoria marxista (ESCOSTEGUY, 2001).

recepção, produzidos na América Latina, no final dos anos 80, e que se propõem a entender as mediações que permeiam o processo da comunicação, convergindo para o âmbito da recepção, destacando as características sócio-culturais que permitem ao indivíduo interpretar, interagir e contestar as mensagens a ele dirigidas.

O eixo de investigação dos estudos da comunicação, na contemporaneidade, aponta as relações e mediações entre produção do sentido e identidade do sujeito, em diversas práticas sociais e culturais. Nesse sentido, os meios de comunicação operam no domínio do discursivo e não podem ser vistos fora do contexto das relações de poder. Tal perspectiva equivale a dizer que os meios de comunicação são ideológicos, funcionando no campo da construção social do sentido com origens centradas nas estruturas sociais.

Este novo olhar gera um foco de reflexão, percebendo as relações de poder atreladas às estratégias de mudanças, ressaltando-se as novas condições de constituição das identidades sociais. Através de um processo de recomposição, são definidas novas modalidades de análise dos meios de comunicação, via operacionalização de modelos tipo codificação-decodificação. Ou seja, uma atenção maior é dada à crescente recepção desses meios para uma reflexão acerca do papel que estes exercem nas construções identitárias.

A corrente de teóricos dos estudos culturais impulsionada por Stuart Hall reconhece o papel ativo dos 'receptores' na construção de significados culturais próprios da vida cotidiana. Nesta vertente, o papel ativo dos sujeitos é constituído a partir de suas percepções do contexto cultural; de fazer significar, especificamente, as mensagens culturais com as quais estão em contato.

Os estudos de recepção defendem a idéia de que é possível haver uma interação positiva, através de uma relação de compartilhamento entre geradores e receptores de mensagens e conhecimentos, ao contrário do processo de recepção visto pela ótica da produção, que privilegia este âmbito.

A partir da emergência das novas tecnologias comunicacionais, de novos contratos sociais, do conceito de cidadania como construção e, principalmente, através de um papel ativo das áreas do conhecimento, influenciado pela visão de um novo modelo de recepção das ofertas midiáticas, um novo paradigma surge. Nesta ótica, o processo interacional está vinculado às apropriações e às mediações. Nesse sentido, os estudos de recepção baseiam-se na necessidade de que o campo social tem em analisar o fenômeno comunicacional, buscando, junto à ciência, instrumentos para ler e entender o seu verdadeiro papel nesta dinâmica.

Richard Hoggart (1999) analisa o papel da recepção da seguinte forma: "a recepção da

mensagem cultural não pode ser dissociada das condições sociais em que acontece e, desse modo, do ethos que caracteriza essencialmente um grupo social" (HOGGART, apud STRINATI, 1999, p. 41).

Assim, o estudo da recepção ressalta que este processo ultrapassa o campo dos usuários, apresentando-se de forma interacional, recusando uma supremacia do campo da oferta e uma exacerbação do campo da recepção. Ou seja, o que se constrói do encontro da recepção com o da oferta comunicativa não é apenas o discurso construído na oferta, mas um discurso originário de outro espaço, o interacional.

No arcabouço dos estudos culturais, uma abordagem sobre a cultura tem sido amplamente enfocada, tratando-a como um campo de produção de significados, onde diferentes grupos sociais, submetendo-se as mais diversificadas formas de poder, buscam, junto à coletividade, produzir conhecimento e intervir na realidade.

Empenhado em discutir questões concernentes à cultura, à significação, à identidade e ao poder, Williams (1992) reflete sobre o termo “cultura” estabelecendo uma convergência entre os sentidos antropológico e sociológico: para este autor a cultura é um “modo de vida global distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um sistema de significações. Através da tradição idealista entende a cultura como: “a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns”. (WILLIAMS, 1992, p.13).

À luz da antropologia, o americano Geertz (2000) define cultura, analisando-a através de processos de interpretação e dos padrões de significados. Para este autor, a cultura é construída por ações carregadas de simbolismos e sinais identificados através de estruturas significativas. De acordo com seu pensamento:

O homem é um animal amarrado a teias de significações que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p.15).

De forma mais enfática assevera que: “a cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ordenamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela, a principal base de sua especificidade” (GEERTZ, 1989, p.58).

A mesma linha de raciocínio é enfatizada pelo sociólogo J. B. Thompson (1995) salientando que os fenômenos culturais são construtos significativos, atuando como formas simbólicas. Nesse sentido, a cultura implica a interpretação de significados incorporados a essas formas. Em suas palavras: “as interpretações de interpretações são abordagens de segunda ordem, por assim dizer, sobre um mundo que é já constantemente descrito e

interpretado pelos indivíduos que compõem esse mundo” (THOMPSON, 1995, p.175).

Embora a cultura, aparentemente, mantenha-se com características fixas, não constitui fenômeno estático, pois são os fluxos culturais, através de signos de matérias de expressão, que permitem aos homens a sua criação incessante, atribuindo sentidos diversos às suas práticas. Assim, os moldes de valores diversificados possibilitam que as pessoas situadas em posições diferenciadas criem várias interpretações do mundo. Sob este ponto de vista, os padrões e formas culturais variam, inventando-se e reinventando-se continuamente. Dessa maneira, o processo é verificado não apenas no coletivo, mas também no plano individual.

Este conjunto de definições permite-nos compreender esta problemática como um sistema não homogêneo, que recusa a cristalização do pensamento. Emerge, pois, como um conceito multifacetado, propício a constantes transformações, definições e (re) modelações. No entanto, tal fato não significa extinção da cultura, mas que seu arcabouço interpretativo incorpora novos significados a partir de uma conjuntura social híbrida, sincrética, inventada e reinventada.

Considerando o fenômeno como um processo em fluxo incrustado em um conjunto de elaborações simbólicas e de práticas que significam e que, por sua vez, são decorrentes das condições concretas de existência do indivíduo na sociedade contemporânea, como ser possível, então compreender a constituição das identidades individuais e coletivas sob a égide de um hibridismo cultural?

Dois aspectos assumem destaque nesta discussão: evidenciar a forma como as identidades se inserem no circuito da cultura e compreender como as identidades são marcadas pela diferença, em um processo relacionado à representação⁸, uma vez que tanto a produção de significados quanto a produção de identidades estão posicionadas e vinculadas por esta vertente do conhecimento.

A abordagem que ora se delineia não pode se abster de ressaltar discussões pertinentes à questão das identidades, tendo em vista que o conceito identitário precedente alcançou validade durante muito tempo, propagando a ideia de que o sujeito pudesse ser compreendido como algo unificado. Hoje, a mudança social provoca uma fragmentação do sujeito moderno que é submetido a um processo de descentramento (HALL, 1997).

⁸ De acordo com o conceito elaborado por Denise Jodelet, as Representações Sociais funcionam “como uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo uma interação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p.22).

O discurso pós-moderno analisa as identidades enquanto construções mutáveis, fragmentadas, flexíveis e negociadas o tempo inteiro. Não existe uma única concepção de identidade, na medida em que suas expressões são suscetíveis às mudanças, formando um caráter híbrido e sincrético, tanto na esfera do pensamento, quanto nas formas de sociabilidade e de organização da vida coletiva.

A ideia central, portanto, é que as identidades adquirem substância por intermédio da cultura, pois são partes de um mesmo ambiente prático e simbólico, sendo compostas, inventadas, e ainda, nos termos de CLIFFORD (2002): “fabricações discursivas instáveis.”

O autor mencionado alerta, no entanto, que as dificuldades são múltiplas quando se alega que tanto a cultura quanto as identidades são livremente inventadas; que cada pessoa cria sua própria identidade ao optar por fidelidades, convicções e valores. Nesses termos, “o processo híbrido, amiúde, inventivo e descontínuo, então, é uma questão de estilo de vida, escolhido por capricho, ou numa interpretação mais pessimista, ditada pela moda” (Clifford apud Kuper 2002, p.305) .

Para Hall (2000) há duas formas diferentes de se pensar a identidade cultural. A primeira é que seu reconhecimento ocorre a partir de elementos do passado, buscando-se recuperar determinados aspectos culturais. A outra possibilidade insere-se na forma como o passado sofre transformações através de constantes reformulações. Explica o autor:

Aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade. Eles seriam capazes de posicionarem a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, baseada em um suposto passado comum (HALL, 2000, p.28).

A importância do conceito de identidade surge a partir do descentramento do sujeito. É o que Hall (1997) denomina de sujeito pós-moderno⁹, ou seja, aquele que não tem identidade fixa, essencial ou permanente, que assume diversas identidades em momentos diferenciados. Trata-se de identidades que não se unificam ao redor de um ‘eu’ coerente.

As identidades passam, assim, a ser, ao mesmo tempo, relacionais e contrastivas. É a construção do ‘eu’ com o ‘outro’, é a “suturação” entre as práticas discursivas que compõem o campo social e o nível do psíquico. Dessa maneira, à medida que os sistemas de significações e representações culturais se multiplicam, as identidades vão se deslocando, alcançando diferentes direções, uma vez que não atuam sob um signo de unidade idêntica.

⁹ Em sua análise sobre o descentramento do sujeito, Hall apresenta cinco tipos. No bojo desta discussão privilegiamos o quinto descentramento, que é o que cria a política da identidade, através de novos movimentos sociais. Nesses, há uma identidade para cada um.

Emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder no qual o produto da marcação da diferença e da exclusão está presente.

As discussões implementadas até o momento tentam construir um caminho para uma compreensão do circuito da cultura aliado ao processo de construção de identidades no mundo contemporâneo, pelo viés da mídia¹⁰ que, no campo do desenvolvimento sociocultural, tornou-se, inegavelmente, uma instituição de forte concentração de prestígio e de potência política. Incontestavelmente, insere-se entre as principais instituições da vida cotidiana dos indivíduos. Sob este paradigma, a organização social encontra-se atrelada aos processos interacionais dos meios de comunicação de massa, que possibilitam uma transmissão cultural efetiva a partir das trocas de formas simbólicas operacionalizadas entre produtores e receptores.

Na sociedade contemporânea os fatores simbólicos são fundamentais e sem a mídia não há como expressar tais símbolos. A política do imaginário e a do virtual são criadas e desfeitas pelo trabalho midiático, sendo o cenário político o mais atingido por tal efeito. Através de uma ideologia dominante, apresenta-se como um poder simbólico sugerindo e tentando influir sobre o comportamento do outro, convencendo-o de suas ideias, numa busca incessante por conclusões consensuais¹¹.

Antes de prosseguirmos nesta discussão, central em nossa análise, convém explicar como as linhas teóricas abordam o papel constitutivo dos meios de comunicação de massa na difusão da cultura. Nesse sentido, apresentaremos duas argumentações: a primeira, corresponde à linha teórica que imputa à mídia um empoderamento, colocando-a como uma instituição detentora de um forte poder de ordem política e ideológica. A outra perspectiva analítica envereda pelo caminho dos que atribuem à mídia um papel de mediadora, reprodutora de um sistema social. Nesta, encontramos respaldo teórico para a proposta de análise empírica aqui esboçada, que visa perceber e analisar os sentidos culturais construídos pelos jovens residentes em assentamentos rurais do MST.

A primeira linha teórica atrelada basicamente à escola funcionalista defende que o estabelecimento e a expansão das indústrias da mídia, na contemporaneidade, redundaram na configuração atual do império midiático, controlado por grupos que dominam boa parte da

¹⁰ De acordo com o dicionário de Comunicação (1978), mídia significa grafia aportuguesada da palavra media (plural de medium - palavra latina para designar meio) conforme é pronunciada em inglês. Designa os meios (ou conjunto de meios) de comunicação, jornal, rádio, televisão, etc.

¹¹ A força da mídia não está só no sentido de "criar a realidade," mas também no fato de fazer com que tal realidade não "exista." É o que se chama de "seleção negativa," ou seja, impedir que um assunto entre em pauta. (a teoria da agenda setting explica esse pressuposto)

produção mundial¹², cenário em que a “aldeia global”, na visão de McLuhan,(1992) torna-se uma realidade inquestionável.

Os teóricos que integram a corrente funcionalista (Laswell¹³ e outros) defenderam a tese de que o processo da comunicação resumia-se ao emissor e a mensagem. Tal teoria menosprezava a reação do sujeito às mensagens recebidas, supondo o receptor como neutro e passivo. Os teóricos funcionalistas consideravam a sociedade de massa¹⁴ sob o prisma do pessimismo. Para esta corrente o indivíduo não possuía valores identitários e nem tampouco uma consciência histórica. A justificativa defendia a ideia de uma massa sem individualidade, como decorrência dos processos de padronização e atomização. Assim, o universo cultural vivido seria marcado pelo “indiferenciado”.

A partir do paradigma da sociedade de massa¹⁵ as abordagens apresentadas voltaram-se para investigar o processo de interação dos meios de comunicação, considerando emissor e receptor, porém priorizando sempre o emissor e o meio em detrimento ao receptor, sendo este relegado à passividade, sem impor resistência. Ou seja, a teoria crítica elimina da sociedade de massa toda e qualquer possibilidade do indivíduo consumir os conteúdos midiáticos de forma contestatória.

Os seguidores de tal corrente embasam suas concepções atribuindo aos meios de comunicação um forte poder junto à sociedade. Marcondes Filho(1993), por exemplo, defende que as inovações tecnológicas introduzidas nas sociedades industrializadas mostram que a mídia ampliou o seu campo de atuação, chegando a equiparar-se em importância ao Estado e a outras instituições políticas e sociais. Assim, parece caber à mídia a decisão sobre a maioria das questões pertencentes ao cotidiano das pessoas, sobre o que deve ter o direito de existir do ponto de vista sociológico, para a maioria das pessoas.

Sob a perspectiva de um mundo regido pelos direitos e pela razão tecnológicos, os

¹² As ideias atribuídas aos meios de comunicação como possuidores absolutos do poder são tributárias de paradigmas técnico-metodológicos surgidos nas primeiras décadas do séc. XX, cujas análises conferiam aos indivíduos do processo comunicacional prognósticos extremamente pessimistas. Estas vertentes adotavam como pressuposto as relações existentes permeadas pela conotação de impessoalidade, anonimato e mecanicismo.

¹³ Laswell, cientista político foi um dos primeiros teóricos a perceber o poder e a função da comunicação na sociedade. Formulou um modelo de comunicação baseado na propaganda comercial e política. Os funcionalistas restringiam-se a investigar o emissor e as suas intenções no ato da comunicação, sendo o indivíduo tomado como objeto de normatização.

¹⁴ A partir da formação de uma sociedade de massa, surgida na metade do século XIX, fruto da concentração popular e do processo de urbanização e industrialização (Séc. XX), constitui-se o conceito de massificação, momento em que os meios de comunicação de massa assumem um papel ideológico na organização social, atuando mediante estratégias de persuasão e homogeneização.

¹⁵ Para Morin (2000), massa implica um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos além das estruturas internas da sociedade. Thompson (1995) defende que a expressão “massa” provém das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação que são acessíveis a grande parte da população .

meios de comunicação transformam-se em agentes naturais e geram uma sociedade sacral e mítica. Travestidos de atores e agentes da sociedade tecnológica, são considerados fatores possuidores de uma dinâmica social própria, já que são vistos como detentores de uma liberdade de ação real.

Conforme Guareschi (1999) a melhor formulação teórica para a compreensão dos meios de comunicação de massa nas sociedades contemporâneas é a apresentada por Althusser (1971) que inclui a comunicação entre os aparelhos ideológicos do Estado, ressaltando como este, através da mídia, manipula o povo. Na sua ótica todos os aparelhos ideológicos do Estado, sejam quais forem, contribuem para o mesmo resultado: “A reprodução das relações de produção, ou seja, das relações capitalistas de exploração”. (GUARESCHI, 1999, p. 16)

Diante do exposto, a mídia não pode ser analisada separadamente do Estado e da sociedade. Levando em consideração o enfraquecimento do Estado e da ação política, a institucionalização midiática passou a articular as grandes campanhas populares contra a corrupção, visibilizando escândalos no cenário político e econômico, tornando-se, assim, uma espécie de “superego geral da sociedade”.

A corrente teórica¹⁶ que pressupõe a mídia como legitimadora de poder, sem ser, detentora das armas formais, defende que o seu campo de atuação faz desaparecer ou surgir, de forma arbitrária ou não personagens políticos, partidos, movimentos de mudança, de conservação e outros componentes da cena social contemporânea. Vale ressaltar que este modelo de crítica totalitário engessa qualquer possibilidade de ação dos receptores junto aos fenômenos midiáticos.

Mattelart (2000) apresenta uma redefinição das modalidades de análise dos meios de comunicação, voltando-se para a recepção desses através da operacionalização de novos aportes em que se destacam aspectos como: a combinação da análise de texto com pesquisa de audiência e a implementação de estudos de recepção dos meios massivos que buscam ressaltar o sujeito como elemento ativo na produção de sentidos¹⁷. Tentando romper com esse paradigma hegemônico, um novo modelo de análise dos efeitos da mídia, aliado a uma base

¹⁶ Situando esta discussão num contexto histórico-social, o primeiro tratamento compreensivo das práticas específicas e dos efeitos dos meios de comunicação no contexto global da sociedade capitalista foi desenvolvido pela escola de Frankfurt, que inclui nomes como Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Max Horkheimer.

¹⁷ Na América Latina, até os anos 60, a concepção que marcava os processos comunicacionais estabelecia de um lado os “emissores dominantes” e do outro os “receptores dominados”, que não esboçavam nenhuma reação, nem de resistência nem de sedução. Instituíam-se, portanto, a passividade do consumo (MARTIN- BARBERO, 2001).

informacional, adquire denominação de “cientificista”. Segundo a nova teoria, a comunicação se opera a partir de conceitos específicos com delimitações metodológicas precisas, inclusive atuando contra propostas anti- estruturalistas.

Martin-Barbero (2001) destaca que os deslocamentos conceituais e metodológicos que se apresentam no campo da comunicação emergem a partir de novas dinâmicas culturais, o que possibilita uma abertura para se investigar tais transformações da experiência social. Nesse sentido, a comunicação de massa passa a ser repensada através da construção de um discurso que considere os sujeitos sociais e suas práticas.¹⁸

A nova proposta compreensiva privilegia o receptor na medida em que este ultrapassa o papel de um simples decodificador de mensagens para assumir a condição de produtor. Na dinâmica sugerida os processos da comunicação e produção de bens simbólicos desvinculam-se, de certa forma, do modelo econômico quantitativo em prol do qualitativo.

Não podemos deixar de reconhecer que os processos de recepção de conteúdos culturais e o seu consequente consumo contribuem, de certa maneira, para a formação das identidades dos indivíduos. Entretanto, tal processo não se desenvolve numa totalidade, uma vez que os indivíduos são capazes de negociar seus processos de socialização, ora aproximando-se, ora distanciando-se, tanto da forma intelectual quanto econômica. Portanto, o pressuposto que Adorno e Horkheimer apresentam sobre a recepção do consumo de produtos culturais como meio de conformismo deve ser relativizado. Esta postura, como assevera Thompson, significa “ simplificar demais os processos implicados na recepção e apropriação dos produtos dessas indústrias”(THOMPSON, 1995, P. 144).

Canclini (2000) também compartilha desta mesma compreensão. Argumenta o referido autor que o achatamento cultural da sociedade não é estabelecido pela estrutura dos meios de comunicação de massa. Ao contrário, experiências têm demonstrado possibilidades de interação e reflexão crítica ao que é oferecido pelos meios massivos, processo este em que o consumidor tanto pode atuar de forma a atender ao que regula o mercado, como também pode exercer uma reflexão enquanto cidadão, a fim de experimentar suas potencialidades junto aos objetos que deseja adquirir de forma seletiva e criteriosa.

Nessa linha de entendimento, Thompson (1995) apresenta uma justificativa muito plausível, quando aponta que os fenômenos culturais são concebidos através de relações de poder que funcionam em circunstâncias específicas. Sob este prisma, a concepção simbólica

¹⁸ A proposta latino-americana em que Martin -Barbero se insere entende a comunicação como uma questão de cultura.

de cultura privilegia atenção aos contextos sociais estruturados, olhando-se, dessa forma, para os conflitos e tensões que surgem nas produções, transmissões e recepções dos fenômenos culturais. Este argumento se sustenta, se admitirmos, por exemplo, que os fenômenos culturais, implicados em relações de poder e conflitos, podem circular em circunstâncias específicas, estando, portanto, sujeitos a interpretações múltiplas. Nas palavras de Thompson, interpretações “conflitivas e divergentes”.

Diante desta perspectiva, o processo de recepção dos conteúdos midiáticos deve ser entendido como “uma atividade”, como um tipo de prática simbólica que se exerce de múltiplas maneiras: “enquanto a produção “fixa” o conteúdo simbólico em substratos materiais, a recepção os “desprende” e os liberta para os estragos do tempo” (THOMPSON, 2002, p.42). Ou seja, os processos de recepção envolvem práticas diferenciadas acompanhadas por diversos graus de prazer e interesse.

Desse modo, os indivíduos incorporam novos sentidos às suas vidas, influenciados por condições práticas inerentes a seus contextos cotidianos. Assim, os significados atribuídos aos conteúdos midiáticos tornam-se diversificados, gerando um processo de ressignificação permanente, permitindo que uma mensagem seja compreendida, considerando a multiplicidade dos indivíduos e a pluralidade do contexto sócio histórico de cada um.

Thompson elucida como a comunicação, de fato, é um processo de ressignificação: “à medida que a globalização da comunicação se tornou mais intensa e extensa, a importância do eixo vai aumentando. Seu crescimento atesta o fato dual de que a circulação da informação e da comunicação se tornou cada vez mais global, enquanto que, ao mesmo tempo, o processo de apropriação permanece intrinsecamente contextual e hermenêutico” (THOMPSON, 2002, p.156).

Nesta perspectiva, pretendemos refletir como a mídia pode se configurar num elemento mediador das ações sociais, capaz de desenvolver junto aos indivíduos processos de representações da cultura. Para tanto, buscamos considerar as diferenças culturais e o consequente processo de construção das identidades que se torna múltiplo em virtude do fluxo permanente das interações sociais.

Dessa forma o caminho proposto nesta tese foi problematizar em que medida essa diversidade e esse pluralismo se estabelece por intermédio de processos culturais que nos são oferecidos pela via midiática em uma sociedade globalizada.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente tese pode ser definida como um estudo de caso¹⁹ sobre a relação da mídia e os jovens rurais residentes em assentamentos do MST, através da análise de como se constroem as representações desses grupos juvenis considerando-se os conteúdos midiáticos.

Através de uma abordagem que articula técnicas e conceitos, o estudo é de natureza qualitativa. De acordo com Barros e Junqueira(2005), os estudos qualitativos são espécies de prismas dos quais o observador olha e procura enxergar a realidade, reconhecendo e interpretando aspectos que a compõem. Esta realidade apresenta-se como complexa, uma vez que o contexto social, as teorias que visam explicá-lo e o senso crítico de quem as investiga são “ as condições de produção da interpretação e as condições de possibilidade de se formar esquemas interpretativos adequados” (BARROS e JUNQUEIRA, 2005, p. 33-34).

Para interpretar as construções das identidades culturais dos jovens, o método etnográfico permite uma descrição densa do campo em análise. Para Geertz(1997), a etnografia permite estabelecer relações com o grupo pesquisado, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear situações, mas, sobretudo “dar conta das estruturas significantes que estão por trás do menor gesto humano, por intermédio de uma interpretação aguçada onde os gestos, olhares, sorrisos interferem nos sentidos que as palavras pretendem comunicar”(GEERTZ, 1997, p.15). Desse modo, mais do que uma transcrição de opiniões e depoimentos, produzida superficialmente, um estudo etnográfico desvenda subjetividades a partir de diálogos entre pesquisador e sujeito analisado. Nesses encontros, a aproximação com o contexto permite o desvelar de lógicas e significados particulares.

Assim, através da etnografia, buscamos conhecer o grupo juvenil, observando sua experiência de vida, desvendando seu universo sociocultural, através de sistemas e práticas de valores culturais que constituem sua própria realidade, ou seja, sua cultura. O fio condutor para tais observações foram as mediações midiáticas.

Numa confluência com o estudo de recepção, esta pesquisa focaliza grupos de jovens residentes no assentamento José Antonio Eufrosino, situado na região da Borborema, do estado da Paraíba. A amostra da pesquisa foi composta por 42 jovens, na faixa etária entre 14 e 28 anos todos residentes no assentamento.

¹⁹ O estudo de caso fundamenta-se no pressuposto de que o conhecimento é inacabado estando em constante fazer-se e refazer-se. Permite apresentar a investigação a partir de seu contexto, ressaltando situações em aspectos diversos.

A observação participante é uma das técnicas mais legítimas utilizadas como meio de obtenção de dados que contenha um grau de profundidade.²⁰ Como defendeu o antropólogo funcionalista, Bronislaw Malinowski (1978, p.18) a validade científica de um trabalho etnográfico deve se constituir tanto da observação participante e das declarações e interpretações de seus informantes, como da interferência do autor baseada em um bom senso crítico e intuição psicológica.

Conforme Peruzzo (2005), esta modalidade etnográfica permite a inserção do pesquisador no ambiente de seu interesse, de maneira que sua interação seja viabilizada. Esta observação é caracterizada por procedimentos que visam a interpretação da realidade em dado espaço, através de: a presença do investigador no campo para que “veja” o viés apropriado; a estratégia sistematizada de sua aproximação com o grupo; a construção de diálogos com os informantes para melhor compreender suas ações.

Para procedermos esta observação²¹ nos “envolvemos” nas atividades do assentamento, participando das reuniões dos grupos, do projeto da ciranda, das atividades festivas como vaquejadas, corrida de argolinha, aniversários, jogos, banhos de açude, marchas, entre outros momentos de atividades lúdicas e/ou de trabalho do grupo

As primeiras impressões sobre o cenário foram minuciosamente registradas num diário de campo, pois tínhamos que ao longo do tempo, passássemos a considerar determinados fenômenos excessivamente “familiares”. Realizadas as visitas, literalmente mergulhamos nos dados, tentando apreender tudo o que pudéssemos, a partir do maior número possível de perspectivas. Ressaltamos que a confecção do diário de campo para a pesquisa de cunho etnográfico não é de ordem instrumental apenas; este diário é importante aliado para se registrar situações que um gravador, por exemplo, não capta: um desvio de olhar, para citarmos um caso. Nele, anotamos todos os acontecimentos que demarcassem, particularmente, as expressões próprias dos jovens, que enriquecessem a nossa interpretação acerca de suas construções identitárias.

À medida que visitávamos o assentamento e participávamos das suas formas de socialização, íamos ganhando confiança junto a nossos informantes, de maneira que estes passaram a nos ver como alguém capaz de encaminhar suas necessidades. Eles solicitavam ajuda para intermediação de reivindicações junto a órgãos públicos; divulgação na imprensa de problemas estruturais. A principal expectativa foi com relação à implantação de uma rádio

²⁰ Esta técnica foi idealizada por Malinowski em seu trabalho clássico intitulado “ Argonautas do Pacífico ocidental, publicado pela primeira vez no ano de 1922.

²¹ Para não macular qualquer impressão, os procedimentos de observação não foram revelados ao grupo.

comunitária na localidade. Ou seja, assumimos mesmo que indiretamente um compromisso político com a comunidade.

As visitas iniciadas em agosto de 2007, ao assentamento, numa média de 32, foram realizadas em dias alternados. Pelo menos três vezes por semana nos deslocávamos até o local, saindo às 07:00 h da manhã e retornando às 17:00 h. Por questões relacionadas a falta de acomodação, nunca pernoitamos no local.

Um ponto muito favorável para a nossa pesquisa foi a relação de empatia e sensibilidade que se estabeleceu entre os informantes e nossa presença no campo. Entretanto, foi um exercício de certa forma difícil, pois entendíamos que, em certos momentos, deveríamos nos distanciar do contexto para podermos avaliá-lo melhor, visando, assim, não desenvolver observações superficiais. Como adverte Mauss (1993), não devemos acreditar em tudo só porque vemos. Para consubstanciar a referida pesquisa etnográfica, a observação participante foi aliada à utilização de técnicas de coleta de dados, através de um esquema elaborado que adotou instrumentos essenciais, tais como: entrevistas semi-estruturadas, com um roteiro previamente elaborado; aplicação de questionários composto por questões abertas, semi-abertas e fechadas, além de relatos de memória registrados com o objetivo de perscrutar uma leitura mais condizente da realidade rural transmitida pelos jovens.

Ainda como ancoragem metodológica realizamos oficinas focais em Rádio e Televisão, como meio de obtenção de impressões mais completas que nos permitissem elucidar as questões propostas para a construção desta tese, ampliando nosso processo de compreensão e nos aproximando desse universo que se colocava como desafio. Os procedimentos da elaboração da pesquisa foram divididos em três fases: exploratória, delimitação do estudo, análise e interpretação dos dados.²²

A primeira fase, denominada de “exploratória”, obedeceu aos seguintes passos: a) levantamento do referencial teórico; b) entrevistas com lideranças do MST; c) escolha do assentamento a ser pesquisado; d) reconhecimento do espaço e, e) apresentação ao grupo.

A abordagem empírica teve início no mês de agosto de 2007 e estendeu-se até o mês de maio de 2008. A estratégia inicial para o seu desenvolvimento foi entrevistar a Coordenadora Estadual do MST na Paraíba, Dilei Aparecida, visando identificar qual o assentamento que melhor se adequaria aos propósitos da pesquisa, de maneira que contivesse um quantitativo considerável de jovens. Na residência da entrevistada, conversamos por 3 horas sobre nossos propósitos. Entusiasmada com a nossa proposta de estudo, a Coordenadora

²² Para a análise dos dados estabelecemos três tipos de identificações apresentadas pelas respostas dos questionários, das entrevistas e por eventos de falas espontâneas.

disponibilizou as informações necessárias para que iniciássemos nossa trajetória, sugerindo o Assentamento José Antonio Eufrosino como o espaço ideal, tendo em vista ser um assentamento novo com ideias inovadoras e com um contingente de jovens significativo. Para tanto, sugeriu a indicação de um assentado (Miltinho) para fazer a intermediação entre nós e as coordenações do assentamento.

A nossa primeira visita teve como meta o reconhecimento do local. Acompanhada de Miltinho²³ fomos apresentadas ao Coordenador da Brigada, José Barbosa (Lito) e com ele realizamos nossa segunda entrevista, buscando explorar os aspectos históricos sociais do assentamento, assim como a sua estrutura organizacional. Este diálogo objetivou uma aproximação com a realidade local.

Como o assentamento abrange uma área de aproximadamente 3 000 ha, distribuídos em lotes, o nosso guia nos acompanhou ainda em outras visitas, ajudando-nos a percorrer o assentamento nos sítios ali distribuídos. Inicialmente, cobrimos a área que abrange a localidade Logradouro e Bonfim, posteriormente, nos deslocamos para outra área que abrange os sítios Castelo e Monte Alegre. A partir daí, mais familiarizadas com o ambiente, conseguimos caminhar independentemente de um guia. Esta sensação inicial de liberdade, possibilitada pela etnografia, permite maior segurança para as possíveis observações sobre o local. Realizado o percurso de reconhecimento do espaço que iríamos, a partir de então conviver, tratamos de fazer um mapeamento do número de jovens assentados que ali habitam exclusivamente. Para isso, contamos com a ajuda de Lito, que nos forneceu os dados, indicando o número de famílias assentadas com os seus respectivos filhos e idades. Mesmo compreendendo que tratar a acepção de juventude através de um marco etário é uma arbitrariedade, como ressalta Bourdieu (1983), para critérios metodológicos precisávamos estabelecer um corte etário. Nesse sentido, adotamos os índices estabelecidos pela via campesina, que indica o jovem numa faixa etária de 14 a 29 anos. Assim, nossa amostra foi constituída por um total de 42 jovens.

As angústias, de início, geraram inquietações, pois não tínhamos uma ideia aparente sobre o que o campo iria nos revelar. Outro temor foi não conseguir as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, caso o assentamento não contivesse um número de jovens suficiente dispostos a participar da pesquisa e viabilizar nossa proposta temática.

²³ Durante a nossa primeira viagem (junho de 2007) junto com nosso guia conversamos todo o percurso sobre o MST. Ali ele me contava, com um certo grau de “orgulho”, como chegou ao Movimento e o que já fez em prol do mesmo.

A pesquisa junto aos jovens pré-definidos teve como ponto de partida o convite para participarmos de uma reunião de grupo no assentamento²⁴. Ali estivemos e ao nos apresentarmos, explicitamos os nossos propósitos. Alguns questionamentos foram levantados pelos participantes, adultos em sua grande maioria, sobre a execução propriamente dita da pesquisa. Adiantamos que nossa intenção não era discutir as ações do Movimento, mas entender os processos identitários dos jovens ali assentados no tocante à influência da mídia. Este, na verdade, foi o nosso passaporte para a observação empírica. Vale lembrar que esse procedimento ocorreu duplamente, já que o assentamento é dividido em grupos localizados geograficamente em dois extremos.

Estabelecida a amostra, iniciamos as entrevistas com os sujeitos, que denominamos de estratégias de aproximação. Embora o fio condutor da pesquisa fosse analisar as construções identitárias dos jovens, a partir da interface com a mídia, precisávamos traçar um diagnóstico pertinente aos grupos, no intuito de definir qual perfil de jovens estávamos falando e como seria sua imbricação com o fluxo rural/urbano. Nossa intenção era entender as suas especificidades, considerando a interferência dos espaços sociais que ocupam no interior e exterior do assentamento, observando suas relações com a família e com os amigos. Para tanto, elaboramos um roteiro de entrevistas como meio de identificar os seguintes aspectos: convivência familiar, redes de sociabilidades no assentamento, convivência nos espaços externos ao local de moradia, perspectivas de futuro e interfaces com a mídia. Não objetivamos, obviamente, buscar ou construir um padrão ideal de juventude, até porque este não existe. Porém, pensamos ser apropriado estabelecer diálogos com os grupos a fim de identificar as subjetividades que perpassam esta categoria social. A nossa perspectiva centrou-se na tentativa de conhecer esses jovens em suas peculiaridades, ao invés de perceber o que têm em comum com outras categorias juvenis. Conforme reitera Geertz(1997) , explorar as ações e os sentidos dos pesquisados é respeitá-los como sujeitos ativos, e não tratá-los como mero objetos de investigação.

As entrevistas em profundidade foram elaboradas a partir de um roteiro com perguntas abertas e fluíram através de um diálogo. Ou seja, cada entrevista resultou numa experiência única, possibilitando, assim o conhecimento sobre alguns aspectos concernentes à visão de mundo de cada um dos interlocutores. As entrevistas foram gravadas, perfazendo um total de aproximadamente 870 minutos de gravações. Todas as falas foram transcritas na íntegra, o que resultou num caderno de entrevistas com 125 páginas. A noção de

²⁴ As reuniões de grupo ocorrem mensalmente. Esta aconteceu na sede da Fazenda Logradouro, no dia 24 de setembro de 2007 ,no período da tarde.

“interlocutores” é outro elemento de sentido para as pesquisas etnográficas: embora haja um roteiro, a situação é sempre dialógica e não há pressões rígidas quanto ao limite de tempo concedido aos sujeitos entrevistados.

Para Demo (2001), a etnografia é uma tentativa de “humanizar” as pesquisas de cunho qualitativo e as entrevistas em profundidade visam uma dinâmica exploratória em que os interlocutores fazem referências de seu mundo, apresentando aos olhos do pesquisador suas noções de conhecimento, percepção, linguagem, experiência. Entrevistar “profundamente” não é seguir roteiro- esquema-padrão, mas um caminho que o pesquisador adota para evitar erros de interpretação: quando minimiza ou não considera informações importantes; quando exagera ou acrescenta dados às respostas relatadas e ao transpor fatos secundários no lugar de ressaltar sensibilidades.

No momento da realização das entrevistas de aproximação²⁵, que aconteceram em dias e horários diferentes, achamos conveniente fazê-las na casa de cada um deles. Entendíamos que era necessário conhecer *in loco* as suas condições de moradia, procurando simbologias que também identificassem que estávamos em um assentamento do MST. Entretanto, apenas em uma ou duas residências percebemos um boné ou um cartaz relacionados. Na casa do coordenador da Brigada, Lito, encontra-se um bandeira branca hasteada, denotando que ali é a residência do “líder”. As marcas do Movimento estão, de fato, evidenciadas nas paredes da sala onde ocorrem as reuniões (Logradouro), são fotos de Che Guevara e dizeres do revolucionário. A tarefa foi bastante árdua, tendo em vista que o acesso a determinados pontos é bastante precário, o que nos obrigou, em alguns casos, seguirmos o percurso a pé.

Cenas pitorescas emergem em nossa lembrança durante a nossa trajetória no assentamento em busca dos nossos informantes. Observamos jovens na lida, carregando água em carroças de burro em meio a um sol causticante; outras lavando roupa, se divertindo, conversando entre si, etc. A paisagem da nossa pesquisa se desenhava, involuntariamente, com os seus atores assumindo seus protagonismos sem sequer perceberem que suas expressões de espontaneidade nos eram tão preciosas. Em todas as residências que visitamos fomos muito bem recebidas, com água, cafezinho e uma boa conversa paralela com os adultos: ora com o pai, ora com a mãe ou mesmo com os maridos. Mas, por outro lado, tais presenças no ato das entrevistas tornaram as respostas meio duvidosas, ambíguas ou reticentes, uma vez que os jovens demonstraram estar inibidos e/ou coibidos ao expressarem seus posicionamentos ou suas singularidades. Era como se não estivessem autorizados a falar.

²⁵ As entrevistas foram realizadas no período de agosto a novembro de 2007.

Na verdade, os pais não entendiam que aquele era um espaço reservado apenas aos jovens. Esse processo de hierarquia foi o primeiro indicador da nossa construção social sobre juventude, que, aliás, é algo peculiar a outras categorias juvenis quando a família se configura como a principal instância de socialização, principalmente no meio rural .

Um detalhe motivador para os fins da nossa pesquisa foi observado por nós com grande expectativa: todas as casas visitadas dispunham de aparelhos de rádio e televisão. Durante a realização das entrevistas muitos desses equipamentos estavam ligados. Esta observação poderia ser vista como aleatória para outros contextos de pesquisa, mas, no nosso caso, funcionou como indício de que a etnografia, ao permitir nosso deslocamento para o campo empírico, aguça nossas percepções e transforma-se num processo de aprendizagem, no qual, a cada ida e volta, mais podemos conhecer sobre o universo de nossos sujeitos. Nessa situação, a TV e o rádio ligados mobilizaram nossas expectativas para os propósitos de compreender a interferência midiática na vida dessas pessoas e na formação de suas identidades.

Os nossos informantes se sobressaíram durante as entrevistas de maneiras diversificadas: uns mais dispostos a falar e comentar sobre os assuntos sugeridos, outros mais tímidos, expressando seus posicionamentos com mais cautela. Percebíamos que iríamos trabalhar com uma categoria de jovens que, embora inserida em um mesmo contexto social, carregava suas especificidades. As jovens casadas, por exemplo, tiveram que se dividir entre responder as questões que formulávamos e, ao mesmo tempo, atender aos filhos pequenos que reivindicavam assistência.

As entrevistas de aproximação nos revelaram alguns dados que nos fizeram mudar um pouco o propósito das nossas conversas. Imaginávamos que todos os jovens ali residentes comungavam da proposta do MST. No entanto nos deparamos com três categorias de jovens: os que são efetivamente militantes, os que se dizem do movimento, mas não conhecem a sua proposta, e os que assumem a condição de não-adeptos ao movimento. Seguindo os ensinamentos de Malinowski (1978), abandonamos de imediato a nossa hipótese inicial e moldamos nossa perspectiva aos fatos que se apresentavam. Como alerta o referido autor: “as ideias preconcebidas são perniciosas a qualquer estudo científico; a capacidade de levantar problemas, no entanto, constitui uma das maiores virtudes do cientista” (MALINOWSKI, 1978, p.22).

Vale ressaltar, contudo, que tais fatores observados não prejudicaram o processo de entrevistas. Ao contrário, contribuíram para referendar a nossa compreensão sobre os jovens a

partir da ótica da pluralidade. Os militantes, os que participam, mas não conhecem as ideias do MST, e os não-adeptos nortearam nossas categorias e permitiram conhecer novas faces do assentamento sob a perspectiva dos próprios jovens.

Ao concluirmos a primeira etapa de realização das entrevistas, conseguimos adentrar nos variados espaços do assentamento e passamos a ser convidadas a participar das reuniões ou outras atividades que, aliás, não foram poucas. O esforço e a colaboração dessas pessoas são outros aspectos que enriquecem a dinâmica etnográfica: a condição de aceitação da nossa presença também é fator motivador para o nosso desafio.

O segundo momento da pesquisa de campo se verificou através da aplicação do questionário específico sobre o uso que os jovens fazem do Rádio enquanto meio de comunicação de massa. Com 25 perguntas semi-estuturadas, buscamos alternativas que pudessem identificar o acesso ao veículo e seu processo de mediação com os conteúdos do referido meio de comunicação.

Avançando um pouco mais no mundo simbólico que esses jovens constroem em relação a sua interface com a mídia radiofônica e, temendo que aquelas opiniões que expressaram no momento das entrevistas e das respostas ao questionário limitassem o campo de seus posicionamentos, criamos uma estratégia de observação que se verificou através de um outro pólo da comunicação. Perceber como as construções identitárias desses jovens se constroem a partir do espaço da produção, já que o processo da emissão se estrutura dentro uma relação com a recepção.

Nesse sentido, sugerimos junto ao grupo pesquisado a realização de uma oficina focal em rádio, proporcionando aos mesmos outros espaços de interação junto ao meio radiofônico, na medida em que se colocariam como sujeitos produtores da ação comunicacional. A nossa pretensão era mergulhar cada vez mais no mundo simbólico desses jovens e entender como projetariam tais aspirações a partir de uma produção radiofônica. Por esse caminho, vindo na contramão, julgávamos que o mergulho seria mais profundo. A oficina focal em Rádio surgiu então, da necessidade de se buscar elementos concretos que pudessem elucidar com mais precisão as formas de mediação desses grupos juvenis perante o meio radiofônico.

Quando propomos a realização da referida oficina o entusiasmo por parte dos jovens para a concretização da ideia foi estimulador. Tratamos de imediato de articular os meios necessários para sua efetiva realização. Montamos uma estrutura logística com a ajuda financeira da pró-reitoria de pós-graduação da Universidade Estadual da Paraíba, que

disponibilizou o apoio ao empreendimento. Tivemos ainda a colaboração de professores do departamento de Comunicação da UEPB que, ao nosso lado, conduziram o processo.²⁶

Assim, nos dias seis (6) e sete (7) de dezembro de 2007, concretizamos o projeto com a realização da oficina da seguinte forma: no primeiro dia, a experiência ocorreu nas dependências do Curso de Comunicação da UEPB. Em um ônibus cedido pela Universidade, fomos buscar os jovens nos dois extremos do assentamento. Entendíamos que era importante proporcionar uma interação entre os participantes e os jovens do Curso de Comunicação. Além do mais esta seria mais uma alternativa para observarmos os sujeitos pesquisados em outros espaços de sociabilidades.

O segundo dia de oficina aconteceu nas instalações da sede da fazenda Logradouro dentro do assentamento. Com uma equipe de alunos e professores do curso de Comunicação nos deslocamos com os equipamentos necessários²⁷ para a instalação de uma rádio difusora.

O ambiente era festivo, permeado por uma motivação total, tanto entre os jovens estudantes²⁸ como entre aos pesquisados que se encarregaram de organizar as precárias estruturas para a concretização daquele sonho.

Reunimos a turma novamente e distribuímos as tarefas. Uns assumiram funções de locutores, outros de produtores e outros de repórteres.

Às 14 horas, a rádio entra no ar²⁹: o silêncio do Agreste é rompido com a abertura do programa. Por três horas, os jovens vivenciaram aquela experiência que também foi socializada com os moradores do assentamento. Crianças e adultos formaram um verdadeiro auditório. O contexto de motivação que se percebia naquele espaço, com todos atentos ao que se comunicava nos transportava para um outro tempo histórico, era como se estivéssemos voltando às origens das primeiras experiências radiofônicas no Brasil.

Ao final da oficina, os jovens e a coordenação do assentamento realizaram uma mística acionando discursos que marcavam uma identidade de jovens do MST com as palavras de ordem: “Juventude unida, jamais será vencida”. Nossa equipe foi presenteada com bonés do Movimento e com palavras carinhosas de agradecimentos, que marcaram nossas

²⁶ Contamos com o apoio dos professores Águeda Cabral (UEPB), Luiz Custódio(UEPB) e Marcelo Barros (UFCG)

²⁷ Mesa de áudio, computador, caixas de som, microfones, fios e os alto-falantes.

²⁸ Contamos com a participação de 05 estudantes(Mary Landim, Larissa, Alberto, Priscilla,e Tâmara) do curso de Comunicação.

²⁹ Como a oficina foi uma experiência pioneira num assentamento rural do MST da Paraíba,conseguimos espaço na grande mídia televisiva, que se deslocou até o local e deu total cobertura ao evento. Este, na verdade, foi um momento significativo porque o foco ali ressaltado não se direcionou ao que normalmente a mídia veicula, que é o MST em momentos de ocupação e conflitos. Uma outra imagem foi criada junto às ações do Movimento.

presenças na vida daqueles jovens. Não sabiam eles que, quem tinha mais “lucrado” com a experiência, fomos nós.

O resultado de oficina focal, além de nos oferecer um rico material para análise, resultou também na gravação de um CD que produzimos, preservando, evidentemente todos os componentes que compuseram aquela rica experiência radiofônica. Sem deixar de considerar que também nos deu credenciais positivas junto ao grupo, para prosseguirmos no percurso da pesquisa, já que uma tarefa igualmente significativa viria pela frente: entender os processos de mediação desses jovens em relação ao meio televisivo.

Como é previsível, a fase de “altos” e “baixos” que perpassa a coleta de dados faz as angústias ressurgirem, uma vez que tínhamos não conseguir o contingente necessário para a execução da segunda fase da pesquisa. Fizemos o convite e para nosso alento a maioria se motivou a continuar participando. Assim, aplicamos um outro questionário (terceira fase da pesquisa de campo) ,voltado especificamente para a Televisão. Semelhante ao anterior era composto de questões abertas, semi- abertas e fechadas, que pudessem indicar quais as mediações em relação a esta mídia. Realizado o mapeamento, identificamos que, para a maioria dos jovens, o programa mais assistido é o Malhação, apresentado diariamente pela rede Globo. Tratamos de fazer um estudo de recepção do referido programa, através de uma leitura crítica sobre os seus conteúdos. Um terceiro questionário foi aplicado, também com questões semi-abertas, com o propósito de analisar o programa apontado pelos grupos.

As oficinas focais³⁰ referentes ao citado programa foram realizadas com dois grupos de jovens. O grupo I constitui-se de jovens do Logradouro e do Bonfim; o do grupo II dos jovens do Castelo e Monte Alegre. A dificuldade de acesso no interior do assentamento obrigou-nos a demarcar essa seleção para a execução das oficinas, produzindo uma fragmentação indesejada, mas que nos permitiu parâmetros comparativos entre os jovens no que tange a suas construções simbólicas.

Logo na primeira oficina no Logradouro, tivemos uma grata surpresa. Como é de praxe, toda reunião no assentamento é iniciada com uma mística. Dessa vez, os jovens montaram uma peça com o mesmo contexto do Programa Malhação. Vestiram-se aos modos dos integrantes ficcionais, incorporaram os personagens e apresentaram uma leitura crítica sobre o programa. Utilizaram como fundo musical a música de Charles Brown Junior “Não é Sério”. Ao final, encerraram a encenação com palavras de ordem: “Temos que ter cuidado,

³⁰ As oficinas focais em televisão foram realizadas no período de fevereiro a maio de 2008. No Logradouro foram produzidas sempre aos sábados. No Castelo, às quartas-feiras. Estes dias foram escolhidos de acordo com a disponibilidade de cada grupo.

por trás disso há muitas mentiras”; “Eu não me sinto representado por não mostrarem nossa realidade”; “E nós negros, por que não somos notados?” E nós que somos excluídos, qual a nossa oportunidade?”. Foi mais um momento que se revestiu de grande importância para os fins da pesquisa, pois nos indicava que estávamos no caminho certo.

Pelo período de quatro (04) meses analisamos os programas da temporada de 2008, perfazendo um total de 30 programas alternadamente.

A primeira etapa da oficina realizou-se da seguinte forma: assistíamos ao programa durante a semana, individualmente, em nossa casa e num encontro discutíamos os pontos que mais nos chamavam a atenção. Como não tivemos condições de realizar a etnografia da recepção ao vivo³¹, para prosseguirmos na análise coletiva, a alternativa foi gravar os programas. Optamos por gravá-los aleatoriamente, em dias alternados, para posteriormente assisti-los.

As oficinas foram filmadas, gravadas e fotografadas, com a devida permissão dos participantes, o que nos permitiu documentar todo o processo da recepção do grupo para melhor compreensão do fenômeno observado.

À medida que íamos assistindo aos capítulos, novas temáticas iam surgindo, o que proporcionou preciosos espaços de debates. É importante ressaltar que naqueles momentos os jovens tinham total espaço para apresentar seus posicionamentos da forma como desejassem. O debate fluiu com a integração de todos os participantes emitindo suas observações que, ressalte-se, foram diversificadas. Nas pesquisas etnográficas, tais oportunidades são únicas para que novas impressões surjam, outras sejam alteradas, mais no âmbito reflexivo, do que no âmbito conclusivo.

Prosseguindo na nossa empreitada, utilizamos outra dinâmica para o estudo desenvolvido. Passamos a acompanhar as sinopses dos capítulos, através do encarte do Jornal da Paraíba, que, aos domingos, traz um resumo do que vai acontecer durante a semana no referido programa. Escolhíamos, então, as temáticas que pudessem suscitar melhor discussão e gravávamos o programa. Posteriormente, nos reuníamos com toda a estrutura já mencionada e assistíamos ao programa com um foco do que seria analisado. Esta se mostrou uma metodologia apropriada, pois nos permitiu discutir as temáticas abordadas bem como as mensagens publicitárias. Percebemos, por exemplo, que no momento dos comerciais o foco de atenção do grupo era desviado e eles elaboravam comentários diversos sobre o que havia sido exposto.

³¹ o programa é exibido às 17:30 horas e como o assentamento é dividido em sítios nosso deslocamento nesse horário tornou-se inviável.

Entre um programa e outro, estabelecíamos um intervalo para um lanche, que também nos dava oportunidades para outras observações, no tocante às formas de sociabilidade que estes grupos criavam naquele momento. Os comentários construídos giraram em torno dos mais variados assuntos, não só aos relacionados ao programa em estudo, mas também aos aspectos internos pertinentes ao assentamento.

Observamos que durante a execução dos programas, constituídos por uma trilha sonora, os jovens acompanhavam as letras das músicas num processo de identificação imediata. Decidimos, então, estudar as letras das músicas como forma de mediação. Gravamos, reproduzimos as letras em material impresso e analisamos os seus conteúdos.

Ao longo do percurso, realizamos um total de 08 oficinas entre os dois grupos, alcançando um total de aproximadamente 36 horas de encontros.

O processo foi exaustivo, mas compensador para os envolvidos. Adquirimos um rico material para consolidar a análise do tema proposto; os jovens, por sua vez, através de uma avaliação da experiência destacaram sua importância, inclusive solicitando que outros estudos semelhantes fossem realizados a partir do enfoque de outros programas. Na verdade, aquelas oficinas se configuraram também como momentos de lazer, uma vez que a rotina da vida rural mostra-se tão carente de meios de diversão.

Assim, na descrição dessa trajetória, construímos esta tese, almejando que esta possa contribuir para que outros pesquisadores se motivem a realizar estudos sobre juventudes, ainda insuficientes no nosso meio acadêmico. Tomando de empréstimo as palavras de Stropasolas (2005): “O estudo da juventude deveria constituir uma porta de entrada para o estudo da sociedade, pelo atributo de novidade que invariavelmente as gerações sucessivas de pesquisadores lhes atribuam” (STROPASOLAS,2005,p, 176)

O corpo textual desta tese está assim estruturado: O Capítulo I intitulado: **A PAISAGEM DA PESQUISA: DESVELANDO O CENÁRIO RURAL** se situa dentro de uma abordagem espacial, contextualizando o locus da pesquisa. Reconstitui os processos históricos sociais do MST na Paraíba e, conseqüentemente, do assentamento pesquisado. Constrói um retrato da estrutura física daquele espaço e apresenta as relações sociais instituídas pelos moradores em consonância com as diretrizes estabelecidas pelo Movimento. Traz uma reflexão sobre a relação dos jovens junto ao MST e o pertencimento de ser ou estar sem terra.

O Capítulo II denominado: **OLHAR SOBRE O OLHAR DA JUVENTUDE** apresenta uma discussão acerca do tema juventudes, criada através de um diálogo entre a

literatura e os sujeitos integrantes da pesquisa. Procuramos entender esta categoria através de várias dimensões: Primeiro, valorizando as suas trajetórias de vida, depois observando o seu cotidiano. através dos espaços de relações sociais por eles vivenciados, seja nas relações familiares, na divisão social do trabalho, nos espaços de lazer ou em outras formas de sociabilidades.

O Capítulo III, **CONSTRUINDO SENTIDOS NAS ONDAS DO RÁDIO**, investiga a relação desses junto ao meio radiofônico e o sentido que apresentam diante de suas mediações. A partir de uma experiência de produção radiofônica verifica quais as formas simbólicas da cultura que, de fato, abstraem diante daquele meio de comunicação de massa.

Por fim, o Capítulo IV, **A TELEVISÃO:VOZES E HISTÓRIAS DE INTERAÇÕES** discute os efeitos e sentidos desses jovens, a partir do programa Malhação. Através deste, observamos as formas de apropriação e de rejeição do grupo observado diante de determinados conteúdos, entendendo suas práticas e suas concepções culturais.

As evidências empíricas devidamente comprovadas indicam que os jovens pesquisados podem ser reconhecidos como sujeitos ativos, capazes de selecionar os conteúdos culturais difundidos pela mídia, com uma capacidade crítico-reflexiva, alterando e dando um sentido ao que consomem, através de um processo de reinterpretação. As relações simbólicas que criam a partir das mensagens recebidas ocorrem de forma fluida e diversificada em meio a um processo negociado, ora de aproximação, ora de rejeição. Os efeitos midiáticos não são necessariamente os únicos marcadores do jogo das construções identitárias desses sujeitos. Com isso defendemos a tese de que embora a mídia exerça uma centralidade junto às formas de sociabilidade desses sujeitos , ela não é totalizante no que concerne às construções dos seus referenciais identitários

Bem vindos, deste modo, ao mundo dos jovens residentes no assentamento José Antonio Eufrosino.



CAP I

A Paisagem da Pesquisa: Desvelando o Cenário Rural

Estudar os jovens pelo viés da mídia requer antes de tudo observar as variáveis sociológicas que perpassam o seu contexto social. O nosso ponto de partida para o empreendimento que pretendemos construir foi conhecer os jovens do *locus* desta pesquisa através das mais diversificadas dimensões, por intermédio dos espaços sociais que ocupam, por meio de suas redes de sociabilidades, de suas relações com a família, com os amigos, na escola, além da própria estrutura do assentamento e do MST. Acreditamos que esse caminho ofereceu significativos subsídios para compreendermos como esses constroem suas identidades culturais a partir da interface com a mídia.

Os momentos de diálogos intrínsecos que estabelecemos com nossos interlocutores durante a pesquisa de campo resultaram em posicionamentos que aqui estão reproduzidos através das manifestações individuais de cada um desses sujeitos.

Considerando o quadro de heterogeneidade que se cria em relação aos jovens pesquisados necessário se faz delinear o perfil de cada um deles. O grupo de 42 jovens que compõe o universo desta pesquisa apresenta as seguintes características: 21 são do gênero masculino e 21 do feminino³². Integram uma faixa etária entre 14 e 28 anos. O grau de escolaridade varia da 1ª série do ensino fundamental ao 1º do ensino médio. 24 desses jovens no momento não estão estudando. 28 são solteiros, sendo 18 rapazes e 10 moças. 21 deles são procedentes da cidade de Campina Grande; quatro de João Pessoa; 12 migraram de outros espaços rurais, e os demais (05) vieram de cidades circunvizinhas. Quanto ao grau de militância junto ao Movimento, a maioria em número de 30, se assumem integrantes do MST.

Como meio de preservar as posições individuais de cada pesquisado os identificaremos por nomes fictícios, entretanto manteremos inalterado o perfil dos mesmos.

NOME	GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	PROCEDÊNCIA	MILITANTE
ALBERTO	M	22	3ª SÉRIE (PAROU)	CASADO	CAMPINA GRANDE	NÃO
AMÉLIA	F	15	6ª SÉRIE	SOLTEIRA	ZONA RURAL	SIM
ANTONIO	M	23	8ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	JOÃO PESSOA	SIM

³² Vale salientar que essa paridade se constituiu ocasionalmente.

ANGELINA	F	25	ANALFABETA	CASADA	CAMPINA GRANDE	SIM
ANA	F	21	8ª SÉRIE	SOLTEIRA	JOÃO PESSOA	NÃO
ARTUR	M	16	8ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
CARLA	F	17	NÃO ESTUDA	CASADA	ZONA RURAL	SIM
CORINA	F	27	4ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	SÃO PAULO	NÃO
DÉCIO	M	15	4ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
ELBA	F	18	8ª SÉRIE	SOLTEIRA	JOÃO PESSOA	NÃO
EUNICE	F	22	5ª SÉRIE (PAROU)	CASADA	CAMPINA GRANDE	SIM
FÁTIMA	F	26	6ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	CAMPINA GRANDE	SIM
FERNANDO	M	17	7ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
FRED	M	17	7ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
GETÚLIO	M	23	5ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	QUEIMADAS	NÃO
GILBERTO	M	21	6ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM
IDA	F	19	7ª SÉRIE (PAROU)	CASADA	ZONA RURAL	SIM
IGOR	M	23	4ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM
JANDYRA	F	28	5ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRA C/FILHOS	CAMPINA GRANDE	SIM
JEAN	M	26	4ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	JOÃO PESSOA	SIM
JOAQUIM	M	16	ANALFABETO	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	NÃO
JOHN	M	15	5ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
JOMAR	M	18	7ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM
JOEL	M	15	3ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
JOVELINO	M	20	5ª SÉRIE (PAROU)	CASADO C/FILHOS	ZONA RURAL	NÃO
JUCELIA	F	27	1ª SÉRIE	CASADA	CAMPINA GRANDE	NÃO
JUSSARA	F	16	8ª SÉRIE	SOLTEIRA	ZONA RURAL	NÃO
KÁTIA	F	18	5ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
LUCINARA	F	15	7ª SÉRIE (PAROU)	CASADA	ZONA RURAL	SIM

MARIA DO CARMO	F	25	2º ANO MÉDIO (PAROU)	CASADA	CAMPINA GRANDE	NÃO
MARIA VITÓRIA	F	14	1º MÉDIO	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
RAQUEL	F	14	6ª SÉRIE	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
REGINA	F	14	4ª SÉRIE	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
ROBERTO	M	25	1ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
ROSALVA	F	20	7ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	ZONA RURAL	NÃO
ROSE	F	22	1ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	CAMPINA GRANDE	SIM
RUTH	F	25	1º ANO MÉDIO (PAROU)	SEPARADA	MASSARANDUBA	EX-MILITANTE
SIMÃO	M	20	5ª SÉRIE (PAROU)	CASADO	ZONA RURAL	SIM
TIBÉRIO	M	17	4ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
WALTER	M	18	SUPLETIVO	SOLTEIRO	LAGOA SECA	SIM
WALDENIO	M	14	8ª SÉRIE	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM
WILSON	M	20	4ª SÉRIE	SOLTEIRO	LAGOA SECA	SIM

Quadro I- os sujeitos da pesquisa

Tomando como referência as faixas etárias estabelecidas pelo IBGE, dividimos o grupo pesquisado em três cortes etários³³. Os jovens que estão entre as faixas de idade de 14 a 18 anos; os de 19 a 24 e 25 a 29 anos. É prudente salientar que esse corte etário³⁴ não se estabelece levando-se em consideração as relações entre idade biológica, pois nossa perspectiva vislumbra compreender esses sujeitos tanto nas suas singularidades como no processo coletivo, identificando-o dentro de uma relação de idade social. E aqui nos associamos à Bourdieu (1983) quando alerta que “Utilizar o termo juventude para falar dos jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a unidade definida biologicamente, é uma manipulação evidente e um formidável abuso de linguagem” (BOURDIEU, 1983, p.144).

³³ A OIJ (Organização Ibero Americana de Juventude) adota a faixa etária de 15 a 29 anos. Outros órgãos como a OMS (Organização Mundial de Saúde) e a UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas) estabelecem o limite correspondente entre 10 e 24 anos. Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a faixa etária relacionada é de 14 a 24 anos. O governo, através de suas políticas públicas, ampliou a etapa cronológica referente até os 29 anos, fato decorrente das pressões dos movimentos sociais do campo. Os dados do IBGE devem ser redefinidos a partir de três faixas etárias consideradas juventude: de 15 a 18 anos; de 19 a 24 anos e 25 a 29 anos. (NOVAES, 2006).

³⁴ Estabelecemos este corte enquanto procedimento metodológico.

Assim, a composição dos 42 jovens pesquisados foram organizados nos seguintes grupos:

Grupo I- 14-18 (20 jovens)
 Grupo II - 19-24 (13 jovens)
 Grupo III- 25-29 (09 jovens)

GRUPO I - 4-18 (20 jovens)

Os que compõem esse grupo, num total de 20 jovens, 09 são do gênero feminino e 11 do masculino. 13 estão estudando, embora perceba-se que muitos deles estão fora do nível de escolaridade compatível a sua idade, inclusive cursando o supletivo. Ainda desse quadro 06 pararam de estudar e um é analfabeto. Entre as moças apenas duas são casadas enquanto os rapazes todos são solteiros. 13 desses vieram da zona urbana, sendo 12 de áreas periféricas de Campina Grande e 1 de Lagoa Seca, o restante da zona rural (06). Quanto ao grau de militância apenas três jovens negam sua identidade junto ao MST.

NOME	GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	PROCEDÊNCIA	MILITANTE
AMÉLIA	F	15	6ª SÉRIE	SOLTEIRA	ZONA RURAL	SIM
ARTUR	M	16	8ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
CARLA	F	17	NÃO ESTUDA	CASADA	ZONA RURAL	SIM
DÉCIO	M	15	4ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
ELBA	F	18	8ª SÉRIE	SOLTEIRA	JOÃO PESSOA	NÃO
FERNANDO	M	17	7ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
FRED	M	17	7ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
JOAQUIM	M	16	ANALFABETO	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	NÃO
JOHN	M	15	5ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
JOMAR	M	18	7ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM
JOEL	M	15	3ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
JUSSARA	F	16	8ª SÉRIE	SOLTEIRA	ZONA RURAL	NÃO
KÁTIA	F	18	5ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
LUCINARA	F	15	7ª SÉRIE (PAROU)	CASADA	ZONA RURAL	SIM
MARIA VITÓRIA	F	14	1º MÉDIO	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
RAQUEL	F	14	6ª SÉRIE	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
REGINA	F	14	4ª SÉRIE	SOLTEIRA	CAMPINA GRANDE	SIM
TIBÉRIO	M	17	4ª SÉRIE	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
URBANO	M	18	SUPLETIVO	SOLTEIRO	LAGOA SECA	SIM
WALTER	M	14	8ª SÉRIE	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM

Quadro II- Por faixa etária 14-18

Grupo II - 19-24 (13 jovens)

Nesse grupo 05 são do gênero feminino e 8 do masculino .Nesta faixa de idade há um grande índice de evasão escolar, apenas dois jovens estão estudando, mas também fora do nível escolar. Podemos observar que a maioria é casada perfazendo um total de 07(03 rapazes e 04 moças).O que pressupomos ser esta uma das causas para a desistência escolar. 03 dos casados têm filhos.Neste grupo 06 são oriundos da zona rural , 03 de Campina Grande e os demais de cidades circunvizinhas .Com relação ao nível de militância 8 (5 rapazes e 3 moças) deles se assumem MST;

NOME	GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	PROCEDÊNCIA	MILITANTE
ANTONIO	M	23	8ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	JOÃO PESSOA	SIM
ANA	F	21	8ª SÉRIE	SOLTEIRA	JOÃO PESSOA	NÃO
EUNICE	F	22	5ª SÉRIE (PAROU)	CASADA	CAMPINA GRANDE	SIM
GETÚLIO	M	23	5ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	QUEIMADAS	NÃO
GILBERTO	M	21	6ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM
IDA	F	19	7ª SÉRIE (PAROU)	CASADA	ZONA RURAL	SIM
IGOR	M	23	4ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	ZONA RURAL	SIM
JOVELINO	M	20	5ª SÉRIE (PAROU)	CASADO C/FILHOS	ZONA RURAL	NÃO
ALBERTO	M	22	3ª SÉRIE (PAROU)	CASADO	CAMPINA GRANDE	NÃO
ROSALVA	F	20	7ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	ZONA RURAL	NÃO
ROSE	F	22	1ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	CAMPINA GRANDE	SIM
SIMÃO	M	20	5ª SÉRIE (PAROU)	CASADO	ZONA RURAL	SIM
WILSON	M	20	4ª SÉRIE	SOLTEIRO	LAGOA SECA	SIM

Quadro III- Faixa etária 19-24

Grupo III- 25-29 (09 jovens)

O terceiro grupo compõe a faixa etária de 25 a 29 anos. 02 são do gênero masculino, e 07 do feminino, sendo 05 casadas, 1 separada com filhos e 1 solteira com filhos. Percebemos que nesta faixa o índice de casamento está majoritariamente entre as moças. Quanto ao grau de escolaridade, apenas uma jovem está estudando, mas na 1ª série do ensino fundamental. Acentua-se, portanto o índice de desistência escolar nesta faixa etária. Dois aspectos podem ser considerados: o primeiro está relacionado à condição civil com filhos e o segundo aspecto é que este grupo assume atividades no âmbito do trabalho com mais responsabilidade que os demais. Desses jovens pesquisados apenas 1 é oriundo da zona rural, os demais igualmente migraram da periferia da zona urbana, tanto de Campina Grande(06) assim como de cidades circunvizinhas. O nível de militância desses é diversificado, 05 entre os 09 se assumem militantes, 04 rechaçam o Movimento sendo uma considerada ex- militante.

NOME	GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	PROCEDÊNCIA	MILITANTE
ANGELINA	F	25	ANALFABETA	CASADA	CAMPINA GRANDE	SIM
CORINA	F	27	4ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	SÃO PAULO	NÃO
FÁTIMA	F	26	6ª SÉRIE (PAROU)	CASADA C/FILHOS	CAMPINA GRANDE	SIM
JANDYRA	F	28	5ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRA C/FILHOS	CAMPINA GRANDE	SIM
JEAN	M	26	4ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	JOÃO PESSOA	SIM
JUCÉLIA	F	27	1ª SÉRIE	CASADA	CAMPINA GRANDE	NÃO
MARIA DO CARMO	F	25	2º ANO MÉDIO (PAROU)	CASADA	CAMPINA GRANDE	NÃO
ROBERTO	M	25	1ª SÉRIE (PAROU)	SOLTEIRO	CAMPINA GRANDE	SIM
RUTH	F	25	1º ANO MÉDIO (PAROU)	SEPARADA	MASSARANDUBA	EX-MILITANTE

Quadro IV- Faixa etária 25-29

As especificidades dos sujeitos desta pesquisa merecem ser melhor elucidadas já que a sua posição social é marcada não apenas pela condição de jovem rural, mas também por morar em um assentamento do MST. Assim, situaremos esta abordagem tentando perceber qual a relação desses sujeitos junto ao movimento social. Antes, porém, julgamos necessário apresentar um enfoque, mesmo que breve sobre a gênese da formação do MST, sobretudo na Paraíba, estabelecendo assim a discussão dentro de um contexto espacial. É o que verificaremos nas páginas que se seguem.

O início dos anos 80 é marcado pelo surgimento de vários movimentos sociais, dentre eles, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST. A História do MST é gerada a partir de movimentos rurais³⁵ que se organizavam (década de 70) principalmente no sul e sudeste do país, com ocupações isoladas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além de São Paulo e Mato Grosso do Sul, com o objetivo de pressionar o governo para a implantação de uma modificação nas políticas empreendidas no meio rural. Tais processos de organização contaram com o apoio da Igreja Católica, através da CPT- Comissão Pastoral da Terra e outras entidades.

Dessa articulação criou-se uma coordenação regional na qual promoveu um Encontro Nacional (1984) realizado na cidade de Cascavel- Pr. A CPT foi a entidade encarregada de

³⁵ A origem do MST no Brasil , dentre outros fatores, advém das experiências de lutas empreendidas pelos camponeses que se organizavam de forma autônoma

intermediar os contatos e montar a infraestrutura que contou com a participação de camponeses integrantes da luta.³⁶

O evento teve como principal objetivo criar uma aliança entre os trabalhadores brasileiros e da América Latina que se identificavam com a causa em busca de terra; com a reforma agrária e mudanças gerais na sociedade.

É dessa maneira que nasce o MST, movimento autônomo que defende a bandeira de luta de uma sociedade “sem exploradores nem explorados”. Configura-se como um Movimento que se pauta através de três características: de caráter popular, caráter sindical e caráter político.

O Movimento idealiza-se através de metas diferenciadas com uma estrutura interna calcada em um conjunto de ideais. Nesses seus 25 anos de existência construiu sua legitimidade que é traduzida pela sua capacidade de mobilização e de organização. Hoje é um Movimento legitimado pelas suas relações políticas, que se traduzem com certa credibilidade junto ao seu público de assentamentos, dos militantes e de entidades sociais engajadas.

Na Paraíba, o Movimento nasce em 1984 em meio a muitas dificuldades tendo em vista ter sido organizado sem o apoio de entidades representativas, a exemplo da CPT. De acordo com a coordenadora do MST na Paraíba, Dilei Araújo, em alguns lugares o Movimento contou com a força e apoio da igreja, mas no caso da Paraíba não, o Movimento caminhou sozinho, o que representou um entrave para suas ações de expansão. (Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2007).

Em seu trabalho monográfico intitulado: “Origens do MST na Paraíba” (2008) a pesquisadora e militante do MST, Dilei Araújo, alerta para o fato de que concretamente as forças que apoiaram a primeira ocupação do MST na Paraíba foram o Sindicato dos trabalhadores de Lagoa Grande, Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural, o Partido dos Trabalhadores (PT) e indiretamente a Central Única dos Trabalhadores (CUT), além de simpatizantes da reforma agrária e do próprio MST.

A primeira ocupação de terra ocorreu em 07 de abril de 1989, na Fazenda Sapucaia, localizada no município de Bananeiras, na região do Brejo Paraibano. De acordo com Dilei Araújo, o Movimento só conseguiu de fato se efetivar no estado a partir da conquista do assentamento “1º de Março”, localizado entre os municípios de Pitimbu e Alhandra.

³⁶ No início o Movimento encontrou muitas dificuldades para se estruturar: primeiro pela organização do latifúndio, depois pela falta de esclarecimento das pessoas junto às bases sociais que integravam o movimento. Só a partir das primeiras ocupações é que as pessoas vão se mobilizando, transfigurando-se em forças políticas.

Um fato marcante para a história do MST na Paraíba foi em 1987 quando integrou uma marcha que se realizava concomitantemente em todos os estados brasileiros. A marcha durante 60 dias, percorreu de Cajazeiras a João Pessoa, com uma participação de aproximadamente 150 militantes. O objetivo era visitar todas as cidades, fazendo um levantamento dos principais problemas de cada uma delas e que medidas poderiam ser adotadas. A perspectiva maior foi reconhecer a realidade do estado e identificar onde existiam terras e sem-terra. Relata Dilei que em todos os debates que foram organizados nessas localidades a grande questão foi a da reforma agrária. Essa marcha, na realidade, foi a alavancada para a consolidação do Movimento no estado que, até então, só se exercia na região do litoral e da várzea.

Em termos de metas internas, o MST se diferencia de outros movimentos pela sua organização que se estrutura através de um conjunto de normas que se pautam através dos seguintes princípios: da direção coletiva, da divisão de tarefas, da disciplina, do estudo, além do princípio do vínculo com as massas. A definição desses princípios serve como fio condutor para a ação do MST, tornando-se um método de ação, instrumento utilizado para avaliar a atuação dos militantes e a condução do Movimento, tanto a nível nacional como nos estados (DILEI ARAUJO, 2008)

A estrutura organizativa do MST varia de acordo com a realidade de cada estado. Ela se dá pela representatividade alcançada, numa divisão por regionais constituídas por seus núcleos de base, coordenações dos assentamentos e acampamentos.

Hoje, o MST na Paraíba compõem-se com 49 acampamentos com 2.111 famílias e 51 assentamentos com 2.542 famílias assentadas³⁷. O estado da Paraíba conta atualmente com 9 regionais (brigadas) que se distribuem entre: Litoral; Várzea (Brigada João Pedro Teixeira), Vale do Paraíba (Brigada Almir Muniz); Brejo, (Brigada Margarida Alves); Borborema (Brigada Quebra Quilos³⁸); Curimataú (Brigada Caiteis); Cariri (Brigada Zé Marculino); Sertão (Brigada Patativa do Assaré), e Vale do Piancó (Brigada Juazeiro).

O assentamento José Antonio Eufrosino, locus da nossa pesquisa, localiza-se na

³⁷ Dados fornecidos pela Secretaria Estadual do MST na Paraíba, 2008. Ver anexo III

³⁸ O nome Quebra Quilos é uma homenagem a um movimento que ocorreu em 1874 em Campina Grande contra uma lei que estabelecia impostos através do sistema métrico decimal que acompanhava a expansão do sistema capitalista vigente. O movimento desenvolveu-se inicialmente na feira de Fagundes no distrito de Campina Grande quando feirantes se rebelaram contra a instituição de um imposto cobrado sobre qualquer mercadoria expostas em pátios de feiras. O movimento rapidamente se propagou por vários municípios paraibanos, sendo muito forte nas cidades de Campina Grande e Areia estendendo-se para os Estados vizinhos, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte. Pesquisa na web: (<http://www.google.com.br/search?hl=pt- q=> acesso em 07 de abril de 2009=)

regional Borborema³⁹ que integra a Brigada Quebra Quilos, com 3 acampamentos e 2 assentamentos. Os acampamentos estão localizados nos Municípios de Campina Grande denominados de Pequeno Richard com 30 famílias; e outros dois em Boqueirão; Barrocas com 20 famílias e Trincheiras com 50 famílias, perfazendo um total de 100 famílias acampadas. Já os assentamentos estão distribuídos entre o José Antonio Eufrosino- Campina Grande com 100 famílias e Dorcelina Folador, localizado na cidade de Cubati, integrando um contingente de 27 famílias.

O Assentamento José Antônio Eufrosino localiza-se na zona rural no Município de Campina Grande, no estado da Paraíba, especificamente no Agreste da Borborema, com uma área que abrange 2.990,640ha. Foi criado no ano de 2001, através de uma desapropriação realizada pelo INCRA das Fazendas Logradouro, Bonfim, Monte Alegre e Castelo.

O acesso ao assentamento ocorre a partir de dois extremos: um que se orienta pelo lado oeste da cidade, no sentido do distrito de Catolé de Boa Vista, distante a 13 km de Campina Grande, onde ficam as antigas fazendas Logradouro e Bonfim. O outro, a 20 km de Campina Grande localiza-se pela BR. 230, após o distrito de São José da Mata, que agrega as antigas fazendas Monte Alegre e Castelo.

As primeiras famílias (aproximadamente 142) que ocuparam a área vieram do vizinho assentamento Venâncio Tomé de Araújo, na localidade de Quixaba⁴⁰ e de outras áreas do meio rural além da periferia do meio urbano e passaram cerca de dois anos acampadas⁴¹. No dia 18 de dezembro de 2001 é fundada a associação,⁴² que registra o assentamento com o nome de José Antonio Eufrosino.⁴³ A partir desse período, as famílias foram cadastradas na condição de assentadas.

A organização do citado assentamento contou com a colaboração da Brigada de Formação Nacional do MST, que ali permaneceu durante quatro (4) meses, orientando as ações que deveriam ser adotadas para a estrutura do mesmo.⁴⁴

³⁹ A Borborema cobre os municípios de Campina Grande, Boa Vista, Boqueirão, divisa com o estado de Pernambuco.

⁴⁰ Essas pessoas migraram do Brejo mais especificamente das cidades de Matinhas e Alagoa Nova.

⁴¹ O acampamento é uma estratégia utilizada pelo MST como forma de pressionar o governo para a desapropriação da terra, constituindo-se assim como um meio de garantia futura para a efetiva estruturação do assentamento.

⁴² A associação é formada por 12 membros com diretoria legal, conselho fiscal e mais os sócios. Na compreensão de Miranda (2007) é o primeiro esforço de institucionalização de regras e normas para a efetiva estruturação do assentamento.

⁴³ Antonio Eufrosino foi o fundador dos sindicatos rurais em Campina Grande. Nascido na Serra do Monte, esteve a frente do sindicato por aproximadamente 5 anos.

⁴⁴ Este é um procedimento adotado dentro da dinâmica de organização instituído pelo Movimento. Ou seja, orientar na estrutura dos novos assentamentos.

O coletivo de setores funciona no sentido de propor orientações para a sistematização da estrutura do assentamento, elaborando ações que se constituem da seguinte maneira: monitoramento do projeto do assentamento; encaminhamento das escolhas dos lotes junto às famílias, agrupando-as por afinidades e orientando-as sobre o local de construção das casas, levando-se em consideração as questões do isolamento; processo de discussão sobre a titulação e posse da terra.

Conforme o coordenador da Brigada Quebra Quilos⁴⁵, José Barbosa (Lito), a distribuição dos lotes, no período da implantação, ocorreu de forma democrática, podendo cada família escolher o local onde gostaria de se instalar. Cada família, na época, contou com uma ajuda de três (3) créditos (hoje são apenas dois) destinados à alimentação, ao fomento e à moradia.

Na realidade a reconstrução do espaço físico tanto na orientação do local para construção das moradias e seus espaços resulta num processo de construção de novas sociabilidades que se exercem entre os novos moradores. Entretanto há que se alertar que a grande inserção no Movimento é mesmo em decorrência da luta pela terra, local de moradia que, depois pode ser revestida numa sociabilidade política e, conseqüentemente, numa militância.

Adotados esses procedimentos, as orientações seguem-se no sentido de criação de núcleos de base que se configuram como espaços para discussões de decisões⁴⁶ futuras a serem implantadas no interior do assentamento.

Mesmo contando com a orientação da Brigada de Formação Nacional cada assentamento compõe suas normas internas, que se diferenciam de acordo com a região e sua cultura. Assim, as relações de convivência entre as famílias se criam a partir de normas pré-estabelecidas internamente, sem ingerência de agentes externos. “Toda norma tem que ser estabelecida de dentro, porque não é o agente externo que vai estabelecer as normas. São relações de convivências” (Entrevista realizada com Dilei Araújo em 23 de agosto de 2007).

Na realidade o assentamento se constitui como um espaço movediço da cultura na medida em que ao mesmo tempo que representa uma conquista coletiva, torna-se também um espaço privado junto às famílias instaladas, que se organizam através de um conjunto de mecanismos e controles (regras e instruções). Trata-se, portanto, de um espaço heterogêneo permeado por signos e práticas que se coadunam no cotidiano de cada sujeito ali assentado.

⁴⁵ Nesses seus 7 anos de existência, 4 pessoas já estiveram à frente da coordenação

⁴⁶ Nesta dinâmica todas as decisões são adotadas através de votos em assembleia geral.

O assentamento em estudo é distribuído em lotes dividido entre as 100 famílias , que se compõem em quatro grupos: Grupo 1- Logradouro⁴⁷; Grupo II- Bonfim; Grupo III-Castelo e Grupo IV- Monte Alegre. Cada família ocupa uma área de 18 ha. O restante da área é destinado à preservação ambiental.

A organização do assentamento é distribuída entre os 4 grupos constituindo-se através das coordenações que geralmente são compostas por 1 homem e 1 mulher, envolvendo uma média de 32 pessoas.

As tarefas dentro do assentamento são divididas levando-se em consideração os direitos e deveres. A gente senta, conversa e vê quem se afina melhor em cada tarefa. Nada é imposto, e sempre tem companheiros e companheiras que se dedicam e assim as tarefas são feitas. (JOSÉ BARBOSA. Entrevista realizada em 15 de Setembro de 2007).

Cada grupo de 25 famílias possui um coordenador e uma coordenadora, que se subdividem em coordenações específicas nos âmbitos da saúde, disciplina, educação, divulgação, produção, esporte e lazer. De acordo com a proporcionalidade do número de sua base social se constitui a coordenação regional, ou seja, dos 32 coordenadores quatro serão designados a compor a coordenação da Brigada.

Esta é a proposta da rede de organização do MST e .que vem sendo implementada nos assentamentos mais novos. De cada estado são designados dois indivíduos⁴⁸ para fazer parte da organização nacional que é composta portanto por 10 dirigentes advindos das regionais, hoje denominadas de brigada regional⁴⁹.

Outro elemento presente na configuração do MST são as formas de mobilização que se tornam uma das suas principais políticas, sendo compartilhadas através de um intenso sentimento de identidade grupal fortalecido principalmente nos acampamentos que se configuram como espaços de aglutinação e de constituição de pertencimentos no contexto do Movimento .

⁴⁷ Nos grupos I e II estão 52 famílias: Nos grupos III e IV, 48 famílias.

⁴⁸ Os coordenadores são referenciados, indicados nos encontros estaduais que acontecem a cada dois anos. Alguns critérios são levados em consideração, não só pelo grau de militância mas, pelas características que a pessoa apresenta: compromisso com o Movimento, grau de escolaridade, capacidade de coordenação compreensão das ações do Movimento como um todo, e ainda referência com a base social que move os valores éticos e morais.

⁴⁹ Na sua instância nacional o Movimento conta com representações em cada estado da federação, e cada coordenação desta tem à frente um homem e uma mulher. Na prática a coordenação nacional do Movimento é composta atualmente com uma média de 400 pessoas, e cada direção estadual conta com 10 membros. Essa instância nacional se reúne uma ou duas vezes no ano, dependendo da necessidade. O Congresso nacional geralmente é massivo, assim, configura-se como a principal instância do Movimento, pois é naquele espaço onde as linhas de planejamento e diretrizes são definidas. Nos estados, as instâncias maiores são também os encontros estaduais que acontecem anualmente

Nesta perspectiva, à medida que o MST evolui em proporção numérica, ele tenta criar uma nova estrutura organizativa, que se consolida de forma lenta e gradual, permitindo assim a construção de uma estrutura que propicie mais a participação do camponês nas decisões coletivas.

Para o MST o importante é desenvolver essa noção de participação. O raciocínio indica que quanto maior o número, maior será o poder de decisão, porque isso inverte a lógica estrutural de que alguém de fora manda. Agindo assim, o Movimento entende que além de valorizar as questões das lutas sociais está também contribuindo para diminuir a burocracia e, consequentemente, respeitando todas as suas instâncias.

Sob esta ótica, o MST se diferencia dos demais movimentos sociais pela sua forma de organização, no encaminhamento de suas reivindicações, caracterizando-se assim como uma alternativa promissora frente às demandas sociais. Ou seja, defende ações políticas com resistência e organização, através de uma luta coletiva que incentiva as pessoas a construir processos de mudanças, na medida em que rompe com os preceitos de uma ordem dominante. “O ser social é isso, ele só vai conseguir viver bem quando a sociedade puder viver em conjunto”⁵⁰.

Este é um dos desafios do Movimento: criar uma cultura da convivência coletiva, que funcione diferentemente daquela instituída pela sociedade mercantilizada, na qual o individual prevalece sobre o coletivo. À medida que se estrutura na organização de procedimentos coletivos isso refletirá possivelmente em um “*habitus*”⁵¹ militante que se confirma geralmente pelas práticas exercidas. Esse é o pensamento norteador do MST.

Essa perspectiva tenta desmontar a própria cultura imposta pelo governo quando determina que, para estabelecer a legalidade dos assentamentos, deva-se criar associações através de uma estrutura organizativa com presidente, tesoureiro, secretários.⁵² Esta, na verdade, é uma estrutura totalmente incompatível com o que propõe o Movimento, pois este parte da concepção de que não deve existir um processo eleitoral para as escolhas de suas representações.

⁵⁰ Esta afirmação é de um integrante do Movimento.

⁵¹ Conceito formulado por Bourdieu, denotando um termo médio entre as estruturas objetivas e as condutas individuais, na medida em que o coletivo, o grupo, a fração da sociedade estão depositados em cada indivíduo sob a forma de disposições duráveis, como as estruturas mentais (Bourdieu, 1989, p.29). O *habitus* é a internalização ou incorporação da estrutura social, que se designa através de um princípio de ação, e, não simplesmente por um condicionamento.

⁵² Qualquer assentamento para receber os créditos de fomento, implementos agrícolas, moradia, precisa ter legalizado uma associação.

Dilei Araújo explica que essa prática funciona na fase de pré-assentamento. Quando há legalização, os problemas começam a surgir, porque a vida coletiva se torna mais difícil até pela própria imposição das responsabilidades que implica. Argumenta a dirigente que o processo eleitoral não significa, necessariamente, exercício de democracia.

É prudente se relativizar, no entanto, que as relações sociais no bojo de um processo coletivo são marcadas por tensões. No caso do MST, existem problemas internos a serem enfrentados que são frutos de influências de uma sociedade mercantilizada.

Para José Barbosa, esta é, de fato, uma grande dificuldade que tem se vivenciado nos assentamentos: manter a organização junto a um grupo que não desenvolveu a compreensão de um processo coletivo. Sobretudo, considerando-se as influências culturais da elite brasileira que imperam hegemonicamente junto aos indivíduos .

Aqui, quase todos os assentados têm televisão e assistem a uma programação que interessa apenas a uma elite. E esta é uma grande dificuldade para se promover uma formação. Por isso lutamos por canais alternativos de comunicação onde possamos divulgar a nossa cultura, onde possamos fazer com que muitos valores sejam expostos e que a gente possa compreender que ser sem terra não é só o que a televisão mostra. Que queremos tomar a terra do povo, onde nós sabemos que o processo de desapropriação é feito dentro da legalidade e às vezes as ocupações são para forçar o governo a fazer com que a luta aconteça (JOSÉ BARBOSA –Lito. Entrevista realizada em 15 de Setembro de 2007).

A compreensão que o dirigente apresente aponta a mídia como um entrave para a construção de uma consciência coletiva dos assentados, na medida em que reproduz um modelo de dominação imposto por uma elite que não condiz com os preceitos defendidos pelo MST. Tal problema é significativo e resulta num grau de dificuldade para a formação dessa consciência. Por outro lado, o entrevistado acredita que o trabalho de formação e de conscientização no assentamento deve ser contínuo e permanente, o que possibilitará a participação efetiva de um grupo maior de pessoas nas atividades.

A representação da brigada luta por uma consciência social. Acreditamos, que em tendo consciência se terá êxito na vida , onde se sabe que a consciência é a força maior e para tanto a questão da formação se faz presente permanentemente. Defende José Barbosa.(Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007).

Dilei Araújo comunga da mesma opinião e ressalta que os conflitos são importantes para que se avalie, para que se reflita e, à medida que alguns conseguem obter essa consciência da coletividade, da estrutura organizativa, vão sempre ter esse embargo com os demais, “então a alternativa é continuar trabalhando”.

Você está construindo algo diferente, mas em torno de você existe uma sociedade diferenciada. Na medida em que alguns conseguem ter essa consciência coletiva, começa a haver um embate entre os demais. É um processo em construção.(DILEI ARAUJO. Entrevista realizada em 23 de agosto de 2007).

Sob esta perspectiva, a obtenção de uma consciência coletiva se insere num processo a partir de elevação de consciência das pessoas, iniciando-se, portanto, na esfera individual.

No caso da Brigada Quebra Quilos, e mais especificamente do assentamento José Antonio Eufrosino, o engajamento dos assentados não alcança a totalidade dos que ali estão. Ou seja, uns participam mais ativamente exercendo a militância voluntariamente, tentando fazer um trabalho de organização, em detrimento a outros que ainda não se engajaram.

O coordenador da Brigada José Barbosa (Lito) reconhece que é impossível conseguir a adesão de 100%, já que a consciência de alguns é às vezes voltada apenas para a conquista de um pedaço de terra. Ressalta que na maioria dos casos, quando o indivíduo adquire o lote torna-se autônomo. Nesse sentido, não pensam a reforma agrária como um todo, que é uma questão bem mais ampla, o que resulta muitas vezes em processos de conflitos.⁵³

“Não podemos dizer que todo mundo que está no assentamento entende o ‘Movimento’. É um trabalho de formação permanente, mesmo os que não aceitam as ideologias, se incluem no grupo,”argumenta o coordenador.

Sob essa lógica, o intento do MST é aglutinar o maior número de militantes possível, pois quanto maior o número de pessoas, quanto maior for essa representação, maior será o seu poder deliberativo. Ou seja, para o Movimento, o quantitativo torna-se aspecto relevante nas horas das decisões, e, portanto as realizações de assembleias, as reuniões de coordenações tanto regionais como nacionais e o congresso nacional⁵⁴ são momentos de grande relevância para a condução do Movimento, conforme já mencionamos anteriormente.

⁵³ O conjunto de reivindicações do MST não se limita apenas à obtenção da terra. Nesse sentido, o Movimento tem discutido enfaticamente que a educação nos assentamentos deve ser assunto prioritário.

⁵⁴ A cada cinco anos o MST organiza um Congresso nacional. O primeiro aconteceu em 1985, em Curitiba, Pr, cuja palavra de ordem era: "Ocupação é a única solução" contou com a participação de pouco mais de mil militantes; Em 1990, ocorreu o II Congresso do MST, em Brasília, debateu a organização interna, as ocupações e, principalmente, a expansão do Movimento em nível nacional. A palavra de ordem era: "Ocupar, resistir, produzir". 1995 o MST realizou seu III Congresso Nacional, em Brasília. Cresce a consciência de que a Reforma Agrária é uma luta fundamental no campo, mas que se não for disputada na cidade nunca terá uma vitória efetiva. Por isso, a palavra de ordem foi "Reforma Agrária, uma luta de todos". Em agosto de 2000, o MST realiza seu IV Congresso Nacional, em Brasília, cuja palavra de ordem foi "Por um Brasil sem latifúndio" e que orienta as ações do movimento até hoje. O V congresso nacional do MST aconteceu em Brasília no período de 11 a 15 de junho de 2007 com a participação de 18 mil militantes e trabalhadores- trabalhadoras rurais Sem Terra, de 24 estados do Brasil, além de 181 convidados internacionais representando 21 organizações camponesas de 31 países e demais pessoas envolvidas com as causas sociais. O principal objetivo do congresso

Na verdade, esta é uma meta que já vem sendo implementada no bojo das discussões internas do MST há mais de cinco anos, buscando construir novas formas de organização, contando inclusive com uma abordagem de gênero⁵⁵. Ou seja, a política do Movimento é tentar inserir cada vez mais a mulher na estrutura de organização, ocupando cargos de coordenação conjuntamente com os homens, na direção de um processo de igualdade.

Este é um dado que merece ser focalizado, tendo em vista que as relações de poder na sociedade contemporânea têm perpassado as discussões sobre gênero. No caso específico do MST, este aspecto também é visualizado, acenando para uma nova inserção da mulher, pois embora a participação feminina seja decisiva no processo do enfrentamento, há uma tendência a um certo “distanciamento” quando estão assentadas, na medida em que assumem a cultura da mulher doméstica em decorrência das atribuições que lhes são designadas, acumulando tanto os afazeres domésticos como ajudando na agricultura. Nesse sentido, o Movimento, mesmo que involuntariamente, passa a reforçar o que é imposto por uma sociedade ainda bastante machista, na qual o espaço privado é prioritário da mulher.

Na posição de coordenadora do MST na Paraíba, Dilei Araújo reconhece que o Movimento tem progredido no sentido da inserção da mulher frente às lideranças. No entanto admite que há ainda muito a se avançar, pois “o todo da organização é que tem que ser conscientizado, não apenas a mulher”.

Dilei Araújo salienta que, embora o processo esteja em fase de construção, há avanços a serem reconhecidos, na medida em que o Movimento passa a ser constituído a partir de uma direção coletiva ou colegiada, centrada em todas as instâncias que são compostas através de núcleos de famílias tanto na esfera estadual como nacional, com poderes iguais entre homens e mulheres, estendendo-se também aos jovens.

Do ponto de vista das ideologias defendidas pelo Movimento, reconhecer a paridade da mulher em suas instâncias é algo que pode ser considerado como um avanço, isso se levarmos em consideração que em outras organizações coletivas essa prática não é exercitada.. Podemos destacar que esse reconhecimento do MST ao papel feminino reflete também num incentivo para as que ainda não participam.

Com um contingente que envolve mais de 2 milhões de pessoas engajadas⁵⁶, o MST,

foi discutir e analisar os problemas da sociedade em busca de alternativas, como meio de organização do povo, visando a luta por seus direitos e contra a desigualdade e as injustiças sociais. (dados site MST)

⁵⁵ O MST prima pela questão de gênero pois acredita que a luta só se fortalecerá com a participação das mulheres e dos jovens. Essa participação em todas as instâncias do Movimento foi proposta apresentada no V Encontro Nacional.

⁵⁶ Dados extraídos de documentos do MST.

através do seu bojo histórico, conta com uma pedagogia própria estabelecida por sanções e disciplinas, constituindo-se como um Movimento autônomo, normativo, conservador e hierárquico. Esta hierarquia se institui a partir de uma coesão existente na sua organização, que pode ser reconhecida por uma pedagogia própria, marcada por um conjunto de normas complexas que são “aceitas” pelo grupo, tal qual existe na própria sociedade.

É pertinente ressaltar que a hierarquia interna está intimamente ligada às lutas que exerce, através de uma rede de solidariedade coesa em prol de um objetivo comum, que não é somente pela posse da terra. Entre outros projetos, o MST luta pelo ensino público de qualidade; democratização dos meios de comunicação na sociedade como forma de contribuir para a formação da consciência política e a valorização da cultura do povo. Ou seja, a representação política do Movimento também é dirigida para a defesa dos anseios de outras categorias e segmentos sociais, para além dos problemas relacionados aos assentamentos.

Os processos hierárquicos⁵⁷ construídos no seio do Movimento vão dar sustentação ao seu projeto, impondo-se com respeitabilidade principalmente na postura de seus integrantes. Cabe-nos indagar: será que o discurso do MST, defendendo uma ruptura perante a cultura de dominação que se instaura principalmente sobre o meio rural, não se contradiz quando o Movimento também institui formas de organização calcadas numa hierarquia, mesmo que seja de forma mais dinâmica?

A militância defende que não, argumentando que a sua representatividade não toma essa hierarquia como uma forma de poder, “mas como uma tarefa maior”. Ou seja, a lógica do Movimento, é que a questão do superior não deve existir, tanto é que quando alguma instância do Movimento tem alguém que está muito à frente, destacando-se muito, em geral o grupo reage e o convida a afastar-se um pouco até por questão de segurança. Argumenta o representante da coordenação do MST no estado de Sergipe, Esmeraldo Leal. (Entrevista realizada em 05 de setembro de 2008)

Para Fábria Reys, militante no estado da Bahia, a estruturação das instâncias ajuda a ordenar o espaço, a coletividade. Defende que embora o sistema seja hierarquizado, não é individualizado, porque está associado muito mais a um grau de responsabilidade do que mesmo do exercício de mandar. (Entrevista realizada em 14 de Dezembro de 2008.)

A pesquisadora Maria Cecília Turatti, em seu livro “Os filhos da lona preta” chama a atenção para esse processo de hierarquização. Ela assim se expressa:

⁵⁷ O processo de hierarquia dentro do movimento se constitui a partir da sua base, que é representada através de posições assumidas entre os integrantes do grupo, que se estende das coordenações internas até às representações nacionais.

O limite da fala do outro é bastante preciso quando se trata de movimentos políticos, principalmente se há uma hierarquização interna que deixa bem claro quem é que manda, ainda que os duplos obediência- respeito e ordem –conselho apareçam como forma de dissimulação da relação assimétrica travada entre base e liderança (TURATTI, 2005, p.30).

Stédile (1997) analisa a questão, defendendo que “o Movimento não vê o poder como um objetivo. Vê o poder como um instrumento de transformação. [...] Esse poder serve como instrumento para mudar as injustiças da sociedade, mudar as estruturas”(STÉDILE, 1997, p.285).

Esta é uma questão emblemática que merece ser problematizada, embora a ordem hierárquica instituída no interior do Movimento e, conseqüentemente nos assentamentos e acampamentos não sejam consideradas pelos seus dirigentes como formas de poder, há que se reconhecer que o campo interno do MST se institui através de um caráter de luta política marcada por uma subjetividade no interior da sua massa militante, permeada por uma variedade de relações de poder que se introduzem na concepção do próprio Movimento. E aqui evocamos Elias (2000), quando alerta que o poder deve ser reconhecido através de “aspectos figuracionais”⁵⁸ que se organizam entre os seres humanos. Nesse sentido, o poder deixa de ser visto como algo estático ou fixo e passa a ser analisado a partir das redes de relação que são estabelecidas entre as pessoas. Assim, o poder se institui através de um equilíbrio instável de forças, marcado por uma série de tensões.⁵⁹

Na opinião de Dilei Araújo a forma de organização do MST não é um exercício de poder mas, “exercício da democracia do poder, porque procura quebrar esta questão do presidencialismo”.

Quem vê o MST de fora imagina que as tomadas de decisões partem de suas representações nacionais, no entanto o Movimento tenta primeiro levar as discussões para a base, nas suas brigadas, que vão sendo filtradas até chegarem à direção nacional⁶⁰. No caso das normas estabelecidas, elas tem que ser construídas de dentro, não é o agente externo que vai estabelecer normas, são as relações de convivências⁶¹. “Assim como qualquer sociedade

⁵⁸ Para Elias os aspectos figuracionais dos diferenciais de poder se constituem pelo grau de organização dos seres humanos implicados numa referida configuração.

⁵⁹ Norbert Elias trata das relações micro sociais de poder, decorrentes das desigualdades sociais verdadeiras ou presumidas. Através de seu estudo, investiga o jogo de poder que as relações cotidianas entre grupos escondem. Apresenta sua discussão sobre o poder, levando em consideração não necessariamente os aspectos políticos e econômicos aos quais normalmente o poder está atrelado. Este autor se dispõe a investigar como e por que os indivíduos se percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo a partir de fronteiras grupais. Para Elias as relações não são necessariamente individuais, mas grupais. (ELIAS, 2000).

⁶⁰ Quando o Movimento precisa tomar decisões rápidas elas são adotadas através de uma representatividade.

⁶¹ Na realidade, as relações de convivência é um processo em construção no MST que deve ser levado em consideração, uma vez que tenta construir suas normas sem a ingerência do agente externo.

vive suas relações de convivência o MST enquanto Movimento social também assim funciona”, pondera Dilei Araujo.

É através dessa organização participativa entre os grupos que, as decisões são adotadas no interior do assentamento que, estrutura-se a partir da sua implantação e consolida-se com as normas de convivência ⁶².

O coordenador da Brigada Quebra Quilos, José Barbosa (Lito), defende que esta é uma estratégia coerente:

o centralismo democrático tem que ter uma base de que as questões tem que ser resolvidas com a participação do povo, e no caso do assentamento as decisões partem pelos grupos de famílias, que são sugeridas às coordenações e estas por sua vez as apresentam nas assembleias ordinárias ou extraordinárias se necessário for (JOSÉ BARBOSA. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007).

As decisões implementadas no interior do assentamento José Antonio Eufrosino não partem apenas das assembleias realizadas pela associação. A organização daquele espaço social se estende aos núcleos de base que ali funcionam. Mensalmente se reúnem para deliberações que devam ser adotadas no assentamento ⁶³.

Miranda (2007) destaca que a participação dos assentados nas reuniões dos núcleos de base é considerada maior do que nas assembleias da associação, e isso muitas vezes por causa do deslocamento. Para este autor, a relação entre a associação e os núcleos de famílias instalados no Antonio Eufrosino são de complementaridade.⁶⁴

De acordo ainda com José Barbosa, a estrutura organizativa estabelecida no assentamento traz diversos benefícios, que podem ser reconhecidos através da sustentabilidade dos lotes além da questão da aquisição de créditos. Sob este paradigma, o MST se configura com traços característicos marcados por formas de coesão que podem ser reconhecidas através de vários aspectos: primeiro, quando o grupo sente a necessidade de se organizar, de trabalhar as relações coletivas com suas normas; segundo, o processo organizativo vai criando um vínculo de solidariedade entre os seus integrantes, tanto na discussão de problemas de ordem interna, como os que estão ao seu redor. Esse grau de

⁶² Isso pode ser constatado na relação entre acampados e assentados. Em alguns casos os assentados destinam espaços para acampamentos e, mesmo que provisoriamente, os acampados, muitas vezes, têm que se submeter a determinadas normas instituídas pelos assentados.

⁶³ Mais de 90% participa das assembleias. O controle é verificado através de um quadro mural que fica afixado na sede da fazenda (Logradouro e Castelo) espaços onde são realizados os encontros dos grupos .

⁶⁴ Ver. Dissertação de Mestrado Roberto de Sousa Miranda: Desempenho institucional e a superação dos dilemas sociais em assentamentos do semi-árido paraibano. UFCG, 2007.

consciência de organicidade faz o Movimento avançar em outros aspectos, como por exemplo, o da solidariedade da luta do trabalhador em geral.

Cabe-nos argumentar mais uma vez: se o MST constrói sua organicidade calcada numa base da coesão, não seria esta uma forma de poder? Para Elias (2000) a coesão criada entre um grupo (*estabelecidos*) é fator determinante que contribui para a manutenção do poder. Nesse sentido, as relações se exercem, na medida em que seus membros se submetem a uma sujeição de conduta de padrões impostos pelas normas do grupo⁶⁵.

Ainda no entendimento deste autor a coesão de um grupo *estabelecido* resulta numa auto-regulação que está sujeita à opinião interna que o grupo faz de si. Nesse caso, tanto a opinião do grupo como o autocontrole individual passam a se articular entre si. “A opinião interna de qualquer grupo com alto grau de coesão tem uma profunda influência em seus membros, como força reguladora de seus sentimentos de conduta” (ELIAS. 2000, p.39).

No caso do MST ele está posto em todas as suas formas, tanto simbolicamente como nas relações sociais coletivas, criadas a partir de uma divisão interna, que se coloca em uma luta democrática pelo controle social. Podemos arriscar e dizer que o MST, em sua configuração, carrega relações de poder, que são produzidas e reproduzidas por seus *habitus*, embora as ações dos seus integrantes não sejam produzidas mecanicamente como uma simples obediência às regras estabelecidas. Trata-se de um sistema de relações “aparentemente” harmônicas, já que as posições hierárquicas instituídas no grupo, se materializam através de uma ordem que se torna respeitada como forma de preservar os seus pertencimentos.

Sob esta compreensão, o processo de coesão do grupo instituído por padrões de união interna e controle comunitário e que o Movimento não considera como forma de poder, resulta numa auto-regulação sujeita a uma opinião interna que o grupo faz de si próprio, incorporando seus valores culturais. Ou seja, ao mesmo tempo em que o indivíduo desempenha uma função de consciência própria, ele também está submetido a uma auto-regulação de sua conduta e sentimentos.

Estes fatores podem ser reconhecidos pelas redes de solidariedade internas das famílias integradas ao Movimento (assentados), que são construídas através de uma coletividade e que estão sujeitas às normas estabelecidas no interior da comunidade, de maneira que não se pode promover qualquer prática que por ventura venha a prejudicar aos

⁶⁵O referido autor defende que a interação entre indivíduo e sociedade é marcada por relações de poder, aspecto este que se encontra vinculado ao status adquirido no interior de uma comunidade.

demais integrantes do grupo. Diante deste preceito, quando um assentado não corresponde às regras instituídas no assentamento, perde a sua condição.

O Coordenador José Barbosa de Oliveira-Lito justifica que a necessidade o obriga a ir ao acampamento e a seguir as regras, porque se não seguiu-las perde o seu lugar. E acrescenta:

[...] Me obrigo porque preciso, aí me convenço que as regras estão certas. Se nós estamos tentando construir o socialismo, que nada mais é do que uma transição do capitalismo para o comunismo, então viver em comunidade é isso. É a gente tentar ter uma aproximação.
(Entrevista realizada em 15 de agosto de 2007).

A questão, portanto, deve ser tratada a partir do nível de envolvimento dos indivíduos na construção de suas territorialidades, vivenciando seus pertencimentos através dessa estrutura organizativa, criada a partir de uma divisão interna.

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que a preservação pelo coletivo, tão defendida pelo Movimento, resulta num processo de poder, que embora *simbólico*, acaba sendo instituído junto ao grupo, gerando, muitas vezes, conflitos internos. O poder emerge em todas as suas formas, tanto simbolicamente como nas relações sociais coletivas instauradas pelo sistema de hierarquia e disciplinarização instituídos pelo MST.

Em seu estudo desenvolvido com acampamentos do MST, Turatti (2005) assim se posiciona:

Se há a caracterização de que o grupo social que compõe o acampamento é estratificado, significa que ali existem relações de poder calcadas em uma lógica hierárquica e posições desiguais dos indivíduos (TURATTI, 2005, p.89).

Sales (2006), que também desenvolveu um estudo⁶⁶ em assentamentos rurais do MST, corrobora desta mesma compreensão. Nas suas palavras: “percebo que o MST, como todo movimento vive suas ambiguidades. O discurso do MST é de ruptura com a cultura de dominação e servidão imposta no mundo rural, mas ao mesmo tempo ele copia formas militaristas da sua organização” (SALES, 2006, p.110).

O que podemos deduzir diante destas circunstâncias é que o poder se apresenta cada vez mais de forma sólida, inexorável e eterno na estrutura das coisas. As grandes corporações, as instituições públicas, os sistemas de comunicação e informação, as redes e os sofisticados aparelhos que entretêm, divertem, atualizam o homem, deixam cada vez mais clara sua pequenez diante de um mundo, diante de uma máquina social que funciona atrelado a essas

⁶⁶ Ver. Criações Coletivas da Juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos do MST, 2006.

relações. Assim, o poder torna-se uma questão oscilante, virtual, que pode circular por diversas instituições, não estando, portanto, fixada em nenhum lugar determinado.

Há um pano de fundo nessa reflexão que merece ser comentado: será que a participação desse jovens nas ações do Movimento não está atrelada a um modelo “imposto” pelo MST? Em que medida a ordem e a disciplina são aceitas por esses jovens?

De acordo com João Paulo, coordenador nacional da Juventude, o MST sempre cuidou em trabalhar o elemento da disciplina como um componente político de sua luta e não como uma questão autoritária ou militar. Sobre isso, assevera:

Todos sabem que uma organização política que faz enfrentamentos contra o latifúndio e forças conservadoras precisa de um método organizativo que tenha a disciplina como um valor e por isso os nossos jovens, em geral, não encaram essa questão como um problema.(Entrevista realizada ,via on line, em 04 de Abril de 2009)

O posicionamento dos jovens pesquisados sobre tal questão é construído a partir de pontos de vista diferenciados: para a maioria o processo é lícito. Roberto, 25 anos, por exemplo, acha que é correto, porque tem que haver diálogo. Ele assim se expressa: “combinar para discutir os objetivos da melhor maneira possível”; Jandyra, 28 anos, corrobora da mesma opinião: “eu acho certo, a gente mora numa comunidade, tem que ter obrigações e deveres para poder viver numa comunidade unida, para lutar pelos projetos em prol do assentamento.” (Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Outros veem a questão de forma diferente: Para Igor, 23 anos, “às vezes tem coisas que não são bem determinadas”. Já Lucinara, 15 anos , acha que não funciona muito bem, “mas é melhor que nada”. (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Esses depoimentos indicam, portanto, que a maioria dos jovens ali assentados, embora apresentem um forte sentimento de pertencimento identitário à estrutura organizativa do MST, ainda não entendem bem a sua dinamicidade e sua inserção diante dos processos coletivos ali desenvolvidos. Seus referenciais perante o Movimento são concebidos através de um fluxo multifacetado.

Há outros aspectos centrais nessa discussão que precisam ser evidenciados. Apesar de o MST, ao longo dos seus 25 anos de existência, venha se constituindo como um forte grupo social, pela sua capacidade de mobilização e pela sua estrutura organizacional, boa parte dos assentamentos ainda carecem de uma infraestrutura compatível com o que almeja o Movimento.

O assentamento José Antonio Eufrosino representa esta realidade. De acordo com dados do PDA (Plano de Desenvolvimento do Assentamento), a fauna existente no local é restrita, possuindo algumas espécies de animais silvestres. Duas áreas são de reserva legal: “reserva da serra” e “reserva do açude”, locais utilizados pelos moradores para a extração de lenhas para cozinhar, utilização de varas e estacas e ainda para pastagem de animais. Existem 32 reservatórios de água distribuídos entre açudes, barreiros, tanques naturais e cinco poços (MIRANDA, 2007).

No tocante a saneamento básico, o assentamento não dispõe, até o momento da nossa pesquisa, de água encanada. Os seus moradores se utilizam dos reservatórios tanto para o consumo humano como para o dos animais.

Durante as nossas visitas, presenciamos várias cenas de pessoas carregando água em carroças de boi. Essa tarefa, na maioria das vezes, é exercida pelos jovens. Em épocas de estiagem, a água é fornecida por carros – pipa, o que amplia a aridez da paisagem rural.

As casas construídas no assentamento são todas de alvenaria, distribuídas com uma sala, dois quartos, cozinha e banheiro interno. Cada uma delas conta com uma cisterna.

O local não oferece condições efetivas para se desenvolver alternativas que promovam o desenvolvimento sustentável, como se espera dos assentamentos enquanto espaços de produção camponesa. Nesse sentido, as famílias desenvolvem agricultura de subsistência, através do plantio de milho, batata doce e feijão, bem como da criação de animais bovino equinos e aves.



Ilustração I- Área do assentamento

Para o coordenador do assentamento esta questão da produção é emblemática, já que os créditos não são encaminhados em tempo hábil. José Barbosa denuncia que passaram cinco

anos para receber o primeiro crédito de apoio, também denominado de fomento, quando a lógica seria receber tal benefício no momento da ocupação. Em relação ao Pronaf, nenhum assentado, até o momento, havia sido contemplado. Diante disto, a produção se torna inviável, não tendo, portanto os assentados, hoje, nenhum produto a oferecer ao mercado.

Em termos de infraestrutura médica, o assentamento não dispõe de postos de saúde. Na fazenda Castelo, o governo municipal reformou a sua sede visando a implantação de um posto com esta finalidade, mas até o momento não foi inaugurado. Assim, os assentados têm que se deslocar para o distrito de São José da Mata ou Campina Grande, em busca de tratamento ou de medicação.

Na verdade, as famílias ali assentadas esperam com ansiedade a implantação do serviço, tendo inclusive já criado estratégias para o atendimento. De acordo com o Sr. Francisco Jorge, Coordenador de saúde do assentamento o atendimento será feito através de planilhas que serão agendadas por famílias.⁶⁷

No setor educacional, o panorama também é igualmente precário, com um índice bastante elevado de evasão escolar. Na fazenda Logradouro, funciona uma escola municipal de primeira fase (1ª a 4ª série) . Com apenas duas salas, que atendem tanto aos filhos dos assentados grupo I (Logradouro) e grupo II(Bonfim) como aos moradores circunvizinhos. Atualmente, as instalações da referida escola encontram-se em condições extremamente precárias, ameaçando a segurança dos que ali estão. Como medida preventiva, está funcionando em uma sala, também com muita precariedade na sede da fazenda.(ver anexo quadro de educação)

O assentamento conta com 9 turmas de EJA (alfabetização para jovens e adultos) e duas turmas do Promega, também voltada para jovens e adultos.

Para os que integram os Grupos III e IV(Fazenda Castelo e Monte Alegre) a inserção na rede de ensino é buscada em localidades vizinhas, como no Capim Grande ou em São José da Mata.

A coordenadora de educação do Grupo I (Logradouro) Maria Vitória, 14 anos, acredita que o grande índice de desistência escolar pode ser identificado a partir de duas questões: a primeira está relacionada ao deslocamento e a segunda a falta de uma proposta pedagógica compatível com a ideologia do Movimento. Ela apresenta uma avaliação da situação:

⁶⁷ Recentemente, o coordenador de saúde participou da 13ª conferência nacional de saúde , realizada em Brasília, oportunidade em que solicitou apoio para a Brigada Borborema.

O primeiro fator é a questão do deslocamento, e aqui os jovens pedem uma educação diferente. Ele anda bastante no sol quente ou na chuva pra pegar o ônibus e quando chega na escola a proposta pedagógica é totalmente diferente da que ele almeja e muitas vezes ele não é compreendido. Os jovens dessa comunidade eles têm objetivos ,mas muitas vezes não sabe se expressar, então leva o jovem a desistir (Entrevista realizada em 25 de setembro de 2007).

A proposta pedagógica que a coordenação de educação do assentamento defende para a comunidade é a implantação de uma “escola do campo”⁶⁸, “uma escola na qual educadores e educandos sejam iguais, onde o professor não fixe as regras, mas o professor atue em sua própria realidade”⁶⁹.

“Aqui temos professores que contribuem com a escola, mas que não entendem realmente nossa proposta de escola. Então almejamos uma escola onde educadores e educandos sejam iguais onde possam construir a escola juntos”. Acrescenta Maria Vitória.

Fazendo uma avaliação mais precisa sobre tal processo, o Sr. Osvaldo, um militante bastante respeitado na comunidade, defende que a educação está precisando de grandes investimentos tanto no meio rural como urbano. No caso específico do assentamento, acredita que uma boa alternativa seria o incentivo à leitura como meio de atrair mais os jovens. Nesse sentido, sugere a organização de uma biblioteca no espaço do assentamento.

Em relação ao meio ambiente no assentamento, Sr. Osvaldo lamenta a falta de um maior incentivo nesta área, tanto no tocante ao lixo como na preservação das águas. Para o militante são necessárias ações que venham melhorar mais a questão da água, principalmente em épocas de estiagem. Assim propõe uma reavaliação sobre as questões de açoreamento dos barreiros, como também do reflorestamento.(Entrevista realizada em 06 de dezembro de 2008).

Embora o assentamento apresente uma total falta de infraestrutura, que viabilize um processo de educação digno, o Movimento como um todo tem alcançado avanços significativos. Fazendo um balanço desses últimos cinco anos, a coordenadora do MST na Paraíba, Dilei Araújo, reconhece que, embora a questão da reforma agrária esteja de certo

⁶⁸ O MST tem defendido o funcionamento dessas escolas que atuam como meios alternativos de educação. Recentemente o tema causou polêmica no estado do RS, onde a Secretaria de educação mandou fechar algumas pois não acredita na proposta pedagógica. Em alguns assentamentos o Movimento reagiu e continua com o funcionamento desses espaços de educação.

⁶⁹ A concepção de educação proposta pelo MST se orienta na metodologia Freireana que defende uma educação dialógica, baseada na realidade das pessoas e que prima pela conscientização e politização. Baseia-se num processo de relação homem-mundo. É uma educação problematizadora que atua no sentido de uma conscientização e, conseqüentemente, da humanização dos sujeitos.

modo estagnada já que o governo tem pouco investido nas áreas de assentamentos dotando-os de uma infraestrutura básica, no campo da educação, o Movimento conseguiu avançar. Hoje, mantém parcerias com quase todas as universidades em todo o Brasil, através de convênios que possibilitam a inserção dos jovens em diversos cursos de graduação, tais como: Pedagogia, Direito, História, Magistério, Técnico Agrícola, Veterinária, Agronomia. Para Dilei, essa é uma questão importante porque qualifica os assentamentos e com isso reforça a luta pela reforma agrária.

A Paraíba tem igualmente acompanhado esse avanço e conta com vários projetos voltados à educação a exemplo do curso de graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) já com uma turma graduada. Também implantou o primeiro curso de magistério, que realizou-se no campus de Bananeiras: o curso de técnico agrícola com quatro turmas formadas, além de três turmas em técnico em administração. Em 2009 será iniciado o curso em Veterinária.

Um outro projeto de capacitação da juventude do Movimento está sendo implementado junto a UEPB, com a construção da Escola Família, que se iniciará com um curso em Agroecologia, que será destinado a filhos de assentados, acampados e de pessoas que mantenham parcerias com os movimentos sociais do campo.

Atualmente, o assentamento integra um projeto de esportes, que se encontra em fase de implantação. Este se insere numa proposta nacional do MST, aprovada pelo Ministério dos Esportes, que visa a implementação de áreas de lazer voltadas a esta esfera. Trata-se de 10 projetos em fase de implantação em quatro estados do Brasil e o Nordeste foi contemplado com quatro, dois estão em Pernambuco e mais dois na Paraíba.

O assentamento José Antonio Eufrosino adotará uma perspectiva piloto, que contará com o apoio da Universidade Estadual da Paraíba, através do departamento de Educação Física. Seu objetivo primordial é proporcionar meios de lazer, gerando a sua conscientização através do esporte, no sentido da preservação da coletividade. Outro projeto que também está em fase de experiência é o da Ciranda Juvenil.

Um dos espaços de socialização entre as mulheres assentadas é o clube de mães. Na fazenda Logradouro o convívio entre as participantes se efetiva a partir de reuniões, que se realizam às primeiras quartas-feiras de cada mês, no horário da tarde, e também através de cursos profissionalizantes que são oferecidos, como o de crochê, pintura em tecido. Ainda serão realizados cursos de corte e costura, manicure, cabeleireiro. Os cursos são ministrados com o apoio da AMDE (Agência Municipal de Desenvolvimento).

O clube de mães foi criado no dia 11 de outubro de 2003 e conta atualmente com uma média de 40 sócias⁷⁰, sendo representado por uma diretoria composta por 11 mulheres.⁷¹

Adotando a dinâmica instituída pela rede de organização do MST, a comunicação entre as famílias é viabilizada a partir das reuniões com os grupos, e estas se realizam uma vez ao mês. Primeiro, cada grupo se reúne com seus membros; posteriormente os quatro (4) grupos se agregam, constituindo uma assembleia geral, também realizada mensalmente, e quase sempre no horário diurno.

São espaços de discussões sobre os mais variados assuntos, seja de ordem interna, ou relacionados a questões sociais que envolvam o assentamento. Durante nossa pesquisa de campo, tivemos oportunidade de assistir a algumas reuniões, marcadas pela presença significativa de seus moradores. Percebemos que a participação dos jovens não é expressiva, talvez porque neste horário estejam envolvidos em outras atividades. No entanto, os casais se fazem presentes. Os homens demonstraram uma participação mais efetiva, inserindo-se nos momentos de discussões. As mulheres, na sua maioria, assumem a condição de ouvintes.

As ações que priorizam as formas de coletividade não se inserem apenas ao âmbito das reuniões. Nesse sentido, os assentados procuram construir espaços de socialização que aproximem os seus integrantes, explorando as condições naturais que o meio rural oferece, criando momentos de interação que se efetivam através de confraternizações, de passeios, tanto no interior do assentamento como em espaços urbanos.⁷²

Na realidade, são momentos importantes para a coesão dos assentados, tendo em vista que os grupos que constituem o assentamento normalmente não se encontram devido a distância geográfica que os separa.

Com esse objetivo, organizaram um dia de campo e nos convidaram para participar do encontro. Não sabíamos o que nos reservava. A confraternização estava marcada para um sábado e seria realizada no balde do açude que, na época, tinha seu reservatório cheio. Chegando à sede da fazenda Logradouro, acompanhamos todos os preparativos para o passeio. Os jovens se aglutinavam, cantando e tocando; os adultos separavam os mantimentos e utensílios domésticos para a realização do almoço coletivo que seria servido. Partimos rumo ao açude. O percurso foi desenvolvido a pé e em carroças de burro. Uma das habitantes do assentamento, dona Preta, comandava a caravana. No meio do caminho, outras pessoas iam se

⁷⁰ É cobrada uma taxa simbólica mensal de 1,00 real.

⁷¹ Tivemos oportunidade de participar de algumas reuniões e observamos a presença das jovens, principalmente as casadas.

⁷² Na época da nossa pesquisa de campo eles estavam organizando uma viagem a uma praia do Recife.

juntando: eram homens, mulheres com os filhos nos braços, crianças e muitos jovens, que, naquela ocasião, partilhavam mais que uma coletividade, criavam laços de união.

Destinando nosso foco de observação especialmente para os jovens, percebíamos que, naquele momento, eles acionavam referenciais identitários peculiares a todo jovem que busca a liberdade. Não se falava em MST, a tônica era a diversão. Acreditamos, entretanto, que a convivência partilhada na forma da coletividade configurava-se, mesmo que involuntariamente, como um pleno exercício da militância.

Na chegada ao açude, ponto de convergência, tivemos a sensação de que estávamos em um cenário de filme de época: era o encontro nítido do tradicional⁷³ com o moderno, do local com o global. Enquanto os adultos se organizavam nas atribuições de tarefas, os jovens se distribuíam em grupos, uns jogando bola, outros tomando banho de açude, presenciamos uma cena de um jovem casal, que sentado dividia um fone de ouvido pelo celular. Os dois ouviam a rádio FM .

Aquele fato nos indicava, na verdade, que as fronteiras das mediações midiáticas são invisíveis e, principalmente, as opções relativas ao rádio e à televisão estão disponibilizadas a todos os grupos juvenis, independentemente do contexto social em que estejam inseridos. Assim, nesse mundo de interações midiáticas, os jovens criam espaços de organizações e relações interativas e têm acesso a várias referências culturais, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significados, no qual a cultura passa a ser ressignificada através do hibridismo cultural.



Ilustração II- O encontro da tradição com a modernidade

⁷³ Embora a tradição seja caracterizada por aspectos do passado, ela apresenta um caráter mutável à vida social dos indivíduos. A tradição lida com o tempo e, o espaço presente, passado e futuro são estruturados por práticas sociais recorrentes. “A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme assume sua herança cultural dos precedentes” (Giddens). Assim, as práticas tradicionais não desaparecem completamente no mundo moderno, mas seu status muda de alguma maneira.

Na realidade, esse alargamento referente a um universo de múltiplas possibilidades culturais, justifica-se pela diminuição das distâncias geográficas e a consequente emergência da instantaneidade enquanto padrão temporal, proclamando-se a aproximação entre o local e o global.⁷⁴ Sob este argumento, o fluxo migratório estabelecido pela aceleração dos processos globais deve ser compreendido através de perspectivas de espaço-tempo contidas em diferentes sistemas de representações, causando efeitos sobre as formas culturais e, consequentemente, sobre as identidades localizadas e representadas.

Prosseguindo na nossa etnografia observamos também o exercício pleno da coletividade, aspecto tão defendido pelo Movimento. As tarefas iam sendo executadas com atribuições diversificadas. Os homens apanhavam lenha, outros tratavam dos peixes que ali tinham sido pescados, as mulheres, por sua vez, se distribuíam, divididas entre o preparo do almoço e o cuidado com os filhos menores.

Entre os jovens, a tônica do momento era mesmo a diversão. Em outro grupo, presenciávamos as moças escolhendo roupas que uma delas vendia. O que é um traço peculiar entre as mulheres diante da prática do consumo.

Um outro momento de encontro social que tivemos oportunidade de participar foi quando da inauguração da reforma implantada da sede da Fazenda Castelo, local onde será instalado o posto de saúde.

O ambiente era festivo, ao nos aproximarmos da fazenda, identificamos de longe a bandeira do MST, marcando a identidade daquele espaço⁷⁵.



Ilustração III- Sede da Fazenda Castelo

⁷⁴ A compreensão que se tem de globalização é sob a perspectiva de conjuntos diferenciados de relações sociais. Para Santos (2000), o termo globalização deveria ser usado no plural, pois está relacionado aos diferentes conjuntos de relações sociais que, consequentemente, dão origem a diferentes fenômenos.

⁷⁵ Vale ressaltar que de todas as nossas visitas ao assentamento esta foi a única vez que observamos a bandeira hasteada.

Aquele momento da inauguração, embora solene, figurava igualmente como um ato de conquista, que resultou numa solenidade festiva permeada por várias atividades lúdicas que se desenvolviam no local. Enquanto as mulheres se organizavam coletivamente para o almoço, os jovens se agrupavam, uns jogando futebol, outros vôlei. Outro grupo de meninas se descontraía, ouvindo músicas através de um moderno aparelho de DVD. O repertório era diversificado, compunha-se de bandas de forró que atualmente fazem “sucesso” entre os grupos juvenis, sejam eles urbanos ou rurais. Com descontração, ensaiavam uma coreografia espelhada nas apresentadas pelos grupos de dançarinos que integram os shows dessas bandas.

Identificamos de pronto que a experiência cultural ali vivenciada instaurava-se no âmbito social pela difusão de formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa, que, por sua vez, propiciam a criação de novos tipos de relações sociais difundidas na relação tempo-espaço. Não poderia ser diferente. A presença da mídia no cotidiano desses sujeitos permite que interajam com os seus produtos culturais e adotem, mesmo que de forma simbólica, determinadas posturas que são evidenciadas pelos conteúdos a eles destinados⁷⁶.



Ilustração IV- Cenas de hibridismo cultural

Observamos ainda que, em meio à descontração, outro grupo de jovens, rapazes, se encarregava de alimentar os animais que estavam abrigados ao lado da fazenda. Aquelas

⁷⁶ Antes do desenvolvimento da mídia, as pessoas compreendiam o passado e o mundo através de uma relação que era intercambiada pela produção de conteúdo simbólico estabelecido através da interação face a face e por intermédio de tradições orais. Com o acesso às informações midiáticas (modernização), o processo de autoformação torna-se mais reflexivo e aberto, já que os indivíduos recorrem cada vez mais aos conteúdos simbólicos transmitidos pela mídia para chegarem a identidades coerentes para si mesmos. Nesse sentido, a mediatização da tradição se reveste de novas características. A tradição se desritualiza, mas não os priva dos meios de subsistência, já que abre caminhos para que se expanda e se renove em novos contextos e assim se ancore em outras relações além dos limites das interações face a face.

cenas nos faziam refletir que os fluxos e interações se constroem através do cruzamento de fronteiras culturais e simbólicas, engendrando processos de misturas intercambiadas, que estão, de certo modo, naturalizadas nas vidas desses jovens. E que reúnem em si modernidade e tradição.

Neste mundo globalizado, o cenário da internacionalização fomentou uma diversidade acelerada de encontros culturais, através da mistura do novo com o velho, formando um panorama sincrético, permitindo que a cultura seja construída em aglomerados díspares e múltiplos, originando um verdadeiro hibridismo cultural.

Esse horizonte instável de transformações voláteis, na verdade, suscita uma crescente complexidade e fragmentação nas relações sociais, que podem ser reconhecidas a partir de dois níveis assim caracterizados: o nível das misturas, denominado de hibridismo cultural (CANCLINI, 2000), cuja composição organiza-se através de fluxos de mensagens, de conexões e de interferências, onde o local e o global não se contrapõem, pois estão imbricados em práticas múltiplas e coletivas; e um outro nível de compreensão, que acena para o fortalecimento dos costumes concernentes às especificidades locais.

Dessa forma, os padrões culturais e sociais daí advindos passam a existir sempre no plural, com sentidos construídos no decorrer de intercâmbios históricos tanto internos como externos ou mesmo entre o meio urbano ou rural. Dessa maneira, o processo de socialização dos jovens na contemporaneidade, e mais especificamente daqueles jovens pesquisados, passa a ser desenvolvido através de um espaço plural, caracterizado por diversas referências identitárias, cuja nova ordem social é regulada por um universo cultural amplo e diversificado, embora fragmentado.

As descrições e reflexões até aqui fomentadas foram decorrentes da perspectiva de entender como se constroem as identidades culturais desses jovens, a partir dos espaços sociais que ocupam. Nesse sentido, cabe-nos, ainda, ampliar essa discussão direcionando a nossa análise para as relações que se constituem entre o Movimento e a juventude, assim como entre o sentimento de pertencimento desses jovens junto ao MST. Trata-se, portanto, de verificar como se relacionam com o Movimento e os espaços que ali ocupam.

1.1- A Percepção do Ser Jovem Sob a Ótica do MST

A ressonância do debate sobre o papel do jovem na sociedade permite que alguns autores, a exemplo de Castro e Spósito (2005) apostem numa perspectiva otimista, ao

acreditarem que um novo cenário está em construção, viabilizado pela organização de movimentos sociais. Nas últimas décadas, importantes mudanças têm sido verificadas, tanto no aspecto político como nas pesquisas acadêmicas, com a presença emergente dos jovens no meio rural. Ou seja, a agenda pública, constituída por ONGS, Movimentos Sociais e pela Universidade, desenvolve e propõe posicionamentos a respeito desta importante problemática.

Essa percepção torna-se evidente, se olharmos para as questões relacionadas ao rural, que têm aglutinado os jovens em defesa do meio como, por exemplo em prol da reforma agrária. Nesse ensejo, os movimentos sociais⁷⁷ se organizam em torno dos jovens, criando, dessa maneira, uma nova concepção de juventude, na medida em que atribuem legitimidade aos seus posicionamentos.

Recuperando o percurso histórico dos movimentos sociais podemos observar que dos anos 90 para cá novos processos de luta se inseriram na construção de novos movimentos com uma presença significativa de jovens⁷⁸. É pertinente ressaltar, entretanto, que tais movimentos sugerem mudanças que ocorrem a passos lentos e, enquanto não se concretizam, o jovem continua enfrentando sua condição, com as políticas públicas pouco investindo em ações eficazes, sendo visto como um sujeito sem direitos, com pouca credibilidade social. Um sujeito definido com perspectivas futuras insuficientes e inconstantes em virtude da sua transitoriedade.

Se olharmos para os movimentos sociais relacionados às forças da esquerda, podemos dizer que o MST se configura como um dos que ainda consegue visualizar a sua juventude. Basta considerarmos as suas atividades e identificaremos que o conjunto da sua estrutura organizativa se compõe basicamente de jovens.

Para o MST, a participação desses no conjunto de mobilizações que são desencadeadas, tanto nas ocupações, nos atos políticos, cursos e encontros são expressivas,

⁷⁷ Nos anos 60, emergem os chamados movimentos sociais e adquire visibilidade uma série de grupos que lutam por reivindicações e pertencimentos não mais orientados pela ótica da centralidade.

⁷⁸ Podemos ressaltar as mobilizações de protestos vivenciadas no momento pós-segunda guerra mundial, que contaram com uma expressiva participação dos movimentos estudantis, resultando inclusive na morte de milhares de jovens. No Brasil é a partir da década de 50 que a juventude se vincula a um processo de mobilização social. Os jovens assumem uma atitude crítica perante o paradigma estabelecido, através de movimentos estudantis que visavam propor alterações políticas e comportamentais. A nova geração de caráter idealista adquire visibilidade quando se alia a partidos de esquerda ou se engaja a movimentos culturais que questionavam os padrões culturais vigentes, principalmente, os relacionados ao sexo, às formas de comportamento e ao consumo. Já a década de 80 registra um quadro marcado por um processo de fragmentação, permeado pela apatia. Ou seja, aqueles que queriam transformar o mundo mediante idéias revolucionárias, como tributo à liberdade, não mais figuram nesse contexto. Os jovens desse período histórico são percebidos como indiferentes, formando uma geração individualista, consumista, conservadora e, acima de tudo, alheia aos assuntos públicos. A grande crítica apresentada a essa geração é pela sua incapacidade de resistência ou mesmo a recusa de criar alternativas ao sistema social vigente (ABRAMO, 2002).

sobretudo se levarmos em consideração que a inserção dos jovens na esfera pública não contempla as dimensões das lutas empreendidas no mudo rural, que contam com o apoio decisivo dessa categoria. Sob esta realidade, o “MST pode ser considerado uma modalidade de ação do jovem do campo na esfera pública”(Citação retirada do documento do I Curso sobre a realidade brasileira para jovens do meio rural realizado em 1999.)

Diante de tamanha importância que o MST imputa aos seus jovens cabe-nos uma indagação: como os define? A ideologia do MST defende que o jovem deve ser um sujeito capaz e preparado para expressar seu espírito de dever para com a sociedade, demonstrando estímulo e coragem para lutar. Deve ser, portanto, exemplo vivo de um potencial revolucionário, capaz de romper com a estrutura dominante, recusando a passividade no meio social.

Sob este paradigma, a idade nunca foi uma questão central para o MST definir a sua juventude, até porque o Movimento tem contado com a participação efetiva de militantes jovens no conjunto das suas instâncias. Os membros da Direção Nacional, por exemplo, têm, em média, 30 anos e os coordenadores dos setores nacionais por volta de 27/30 anos. Ou seja, a participação dos jovens nesses espaços políticos de direção é uma prioridade do MST. É importante ressaltar, no entanto, que para se tornarem dirigentes políticos, assumindo tarefas na direção nacional, os jovens passam por um processo de formação que começa quando ainda são “sem terrinha”⁷⁹

O setor de Formação Nacional do MST compreende que a juventude é a esperança para a continuidade do Movimento. Nesse sentido, tem procurado meios para tornar esse jovem engajado cada vez mais junto às causas que defende. Trabalha na perspectiva de difundir aos mesmos pelo menos três processos: compreender as normas gerais e a estrutura organizativa do Movimento; a sua evolução histórica, através do programa de reforma agrária que defende e, por último, conhecer as linhas políticas que orientam a práxis do Movimento.

A grande preocupação é como trabalhar esses elementos com a juventude. Nesse sentido, defende a organização de brigadas de jovens nos assentamentos e acampamentos. Esta é uma forma de atribuir a esses sujeitos tarefas e responsabilidades políticas que o fará evoluir politicamente. O dirigente Nacional João Paulo assim se manifesta:

Entendemos que o processo de formação é uma combinação da luta, da organicidade e do estudo. Este só terá resultados se se tratar de um processo combinado. A formação e a educação contribuem principalmente no estudo, na pesquisa, no entendimento da relação da teoria com a prática e ajudam

⁷⁹ Denominação dada às crianças que atuam nos assentamentos.

nas elaborações teóricas de nossa prática (Entrevista realizada em 04 de Abril de 2009).

João Paulo Rodrigues, (Direção nacional do MST), defende ainda que nessa atual conjuntura a principal questão a ser debatida na instância interna do Movimento é como garantir a participação de todos que compõem a família, conscientizando-os da importância de sua atuação. Com isso, cria-se espaços para a formação de novas lideranças além do pai, dono da terra. Nesse intuito, vem lutando para que créditos sejam destinados à juventude, a fim de que esta possa iniciar o seu trabalho no assentamento de forma mais autônoma, desatrelada do patriarcalismo. Tal medida permitirá a ampliação de mais espaços para que os jovens participem cada vez mais da organização do Movimento, dando assim continuidade à sua luta, no sentido de construir uma proposta de reforma agrária digna.

Na verdade, esse é um pensamento homogêneo que o MST, através de sua instância nacional, defende. De acordo com o jovem militante Antonio Francisco Neto,⁸⁰ o foco principal em relação à juventude é na luta estratégica principalmente de construir uma unidade entre as forças de esquerda desse país, a partir da sua juventude” Neto assim se expressa:

Não queremos só pensar em juventude para lutar para políticas públicas que sejam necessárias para a permanência do jovem no campo. Isso é importante, mas o nosso foco principal é como podemos colocar essa juventude que está lá nos assentamentos e acampamentos da reforma agrária para pautar a questão da luta pela reforma agrária e da luta por outra sociedade que é nosso grande objetivo.(Entrevista realizada pelo observatório jovem do Rio de Janeiro, 2008).

Paulo Mansan, Coordenador de Juventude da Via Campesina, compartilha desta mesma compreensão, defendendo que é o jovem do MST quem está ajudando na própria reprodução do Movimento: “se a gente olhar para o sentimento de pertença, se a gente olhar em todas as atividades dentro do MST a grande maioria é composta de jovens. Quem está dando vida, quem está motivando é o próprio jovem”. Defende Mansan.(Entrevista realizada em 17 de Setembro de 2008).

Assim, o Movimento vê o jovem como sendo a grande força para as mudanças .Esse reconhecimento, mesmo que tardio⁸¹,faz suscitar entre a categoria juvenil um sentimento de pertencimento.

⁸⁰ Neto integra o Setor de Formação Nacional

⁸¹ Achamos tardio, porque 20 anos depois é que o MST vai discutir juventude como grupo específico, reconhecendo-o enquanto tal ,pois os jovens participavam das mobilizações, exerciam funções de liderança e não eram reconhecidos.(grifo nosso)

Percebendo que o jovem se configura como uma frente de luta de destacada importância para o Movimento, o MST criou na sua estrutura um setor específico para a juventude, denominado setor de Juventude e Cultura. Nessa configuração o referido setor passa também a integrar o coletivo de Juventude Nacional. São dois jovens por estado (um homem e uma mulher), que se articulam no processo de discussão e mobilização, já que a meta do Movimento é promover espaços de debates entre os jovens, apoiando-os nas suas iniciativas.⁸²

O desafio do Coletivo de Juventude é, de fato garantir a sua permanência nessa coletividade, conformando suas atividades políticas, de lazer, conhecendo qual o lugar que este jovem ocupa no mundo. A perspectiva é oferecer espaços de oportunidades para que o jovem de fato construa o seu ser. Ou seja, a juventude enquanto constitutiva do Movimento também possa construir a sua ideologia.

O MST acredita que a luta e a organização social são elementos centrais no processo de formação da consciência. Nesse sentido, os jovens, ao participarem das lutas ou de algum processo organizativo, têm em geral um nível de consciência política ampliada em detrimento daqueles que não participam.

Defende João Paulo que “a juventude só se manifesta plenamente nos jovens que participam da vida coletiva. Os jovens que não participam de nenhum espaço coletivo têm dificuldade em exercer essa juventude”.

No assentamento Antonio Eufrosino, esta política vem sendo adotada, mesmo que de forma embrionária, com a implantação de projetos que possam aglutinar os jovens e despertá-los junto para um sentimento de pertencimento ao Movimento. As práticas ali exercidas se estabelecem a partir de encontros semanais que se estruturam tanto na forma de reuniões, como através de atividades práticas. Tivemos oportunidade de participar de algumas delas e pudemos observar que naqueles espaços sociais se legitimam determinados processos de construção de pertencimentos na medida em que várias formas de sociabilidades são oferecidas, seja através de atividades lúdicas, ou momentos mais reflexivos, como atos de mobilizações.

⁸² Embora desde o seu surgimento o MST conte com a participação dos jovens, tanto nas ações internas como externas (marchas, ocupações, encontros) esse fato só encontra consistência nos anos 1997 e 98, período em que o Movimento investe mais incisivamente na formação de jovens militantes, organizando campanhas de formação e inserindo os jovens em todas as suas instâncias. Com esse objetivo criou parceria com a Unicamp e no período de 1999 a 2000 realizou dois cursos de capacitação destinados a jovens do MST. O objetivo foi a formação de jovens para a militância política. A título de esclarecimento, esta parceria foi desfeita posteriormente tendo em vista que a nova direção da universidade não compactuava dos mesmos ideais que a antiga gestão defendia .

Com essa perspectiva, a coordenação do assentamento promoveu um dia de mobilização interna como forma de lembrar o perfil histórico do Movimento. Para tanto, organizou-se uma programação voltada para suas ações, assim como para relembrar as perseguições sofridas, a exemplo da chacina de Eldorado dos Carajás,⁸³ na qual vários militantes foram assassinados nos momentos de conflitos.

Sob este foco, foi realizado um dia de campo, com uma marcha no próprio assentamento. Na frente da fazenda Logradouro, o grupo se reuniu: eram jovens, crianças e adultos nos preparativos para a caminhada, que se destinava a um açude para uma aula em espaço aberto. Sob a coordenação de Suzy (militante), realizaram uma mística⁸⁴, lendo poesias e narrando o episódio da referida chacina, ocorrido há 12 anos⁸⁵.



Ilustração V- Preparativos para caminhada

Aquele momento constituiu-se como um espaço de reflexão sobre a trajetória do Movimento, lembrando-se o tombamento de vários “companheiros”. Assim, na medida em que o Movimento propõe a realização de práticas coletivas, na forma de militância política, está subjetivamente contribuindo para uma reflexão sobre a realidade social na qual estão inseridos, através de uma vivência de um momento que é físico, mas também psicológico.

⁸³ o MST realiza atos com marchas e protestos em 23 Estados do país onde está organizado e no exterior. A mobilização denuncia a impunidade dos policiais militares que exterminaram brutalmente três famílias Sem Terra, que ocupavam a rodovia PA-150 para exigir a desapropriação de um latifúndio improdutivo. O 17 de Abril se transformou no Dia Internacional da Luta Camponesa da Via Campesina, organização internacional de movimentos sociais do campo, em memória aos 19 trabalhadores brutalmente assassinados no Massacre de Eldorado de Carajás. , no Pará, em 17 de abril de 1996.

⁸⁴ A mística é uma prática que cotidianamente é realizada com a finalidade primordial de sempre reafirmar o real sentido do projeto do MST. Ela se manifesta através de cantos, poesias, encenações, que se configuram num processo de subjetividade que se expressa pela representação. Caracteriza-se, assim, como uma necessidade de reafirmação de uma identidade em prol de uma luta social.

⁸⁵ Esta data é lembrada pelo Movimento em nível nacional.

Com isso, possibilita ao jovem problematizar a sua realidade e se situar, buscando seu lugar nesta sociedade, numa transição para uma vida adulta com outras responsabilidades.

A marcha seguia no assentamento com as crianças à frente carregando faixas com os dizeres: “Queremos paz, liberdade e principalmente justiça”; “Carajás, 12 anos de impunidade”; “Diga não a violência”; “Nosso sem-terrinha em defesa dos índios”. Em seguida, desfilavam os jovens, com bonés e camisetas com símbolos do MST, animando a caminhada com batuques e músicas dos mais variados estilos: tanto as que entoavam a ideologia do Movimento, como de outros gêneros musicais. Naquele momento, acionavam referenciais identitários de forma multifacetada: ora de integrantes do MST, com os refrões: “Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular”; “MST, essa luta é pra valer”, ora de jovens conectados aos estilos musicais difundidos pela indústria cultural.

Ao longo do caminho, mais pessoas se agregaram à marcha: o percurso foi longo, alcançando uma média de 5 km direcionando-se a um açude localizado no assentamento. Duas carroças acompanhavam o trajeto: uma de burro, carregando os mantimentos; e outra de boi, que conduzia algumas mulheres com crianças pequenas. Pegamos carona, pois o nosso condicionamento físico não nos permitiu continuar à pé. Chegando ao açude, a coletividade se dividiu e cada grupo assumiu uma tarefa. Os jovens sentaram em círculo e, sob a coordenação de Suzy, promoveram momentos de reflexão sobre o episódio dos Carajás, com a leitura de novas poesias. Esta intitulada “Ao mês de Abril”, sem autor definido, que expressa o seguinte:

Sempre que chega este mês, dá vontade de chorar. Da vontade de dizer, e vontade de lutar, por motivos muito certos, pois é como ficar perto de um tempo sem lugar. Tempo que a história comeu. Tempo que a história marcou, nas curvas com sangue novo. Tempo que levou do povo a esperança de viver.[...] E o dezessete de abril manchou de sangue e repique.[...] Abril do descobrimento. Abril da inconfidência. Abril de lá dos Carajás que já nos tira a paciência. Abril das manchas e lutas de combates e resistências. Abril de esperanças vivas que animam nossas consciências e nos faz seguir em frente, apesar das deficiências. Esta chama de esperança é quem nos leva pra frente, armando lonas na terra em todos os continentes, para dizer ao império, este sujeito demente, que embora ele tenha as armas, nós temos a força da gente, que, apesar de nos matar, o tempo não vai faltar, para nos ver independentes”.

Aquele, na verdade, era um momento solene, pois todos, atentos à leitura, refletiam sobre a bandeira de luta do Movimento. Para os mais jovens, uma verdadeira aula de história e de civismo. No nosso entender, pode ser caracterizado como uma construção identitária coletiva, na medida em que se reconheciam, enquanto Movimento na luta de seus iguais.

A observação participante⁸⁶ nos proporcionou vivenciar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as ricas experiências culturais daqueles jovens, o que nos conduziu para a construção de várias interpretações sobre os processos que movem as suas identidades culturais.

Aquela experiência vivenciada igualmente por crianças, jovens e adultos inseridos em atividades políticas, mesmo que disfarçadas na forma do lazer, configurava-se como mais uma estratégia de participação coletiva que o Movimento apregoa. São, portanto, através desses espaços de circunstâncias que os jovens começam a se identificar como membros do MST. Isso ocorre independentemente da família, pois ao vivenciar experiências no assentamento, ele acaba exercendo um fazer político, referendando e fortalecendo a proposta do Movimento, incorporando sua ideologia. Agindo assim, o MST tem conseguido arregimentar jovens para sua militância, que começam a ser estimulados a partir do engajamento nas atividades que se identificam. Este, na verdade, é um processo de formação lento que se constrói através do exercício de múltiplas práticas.

Em razão do exposto, o assentamento torna-se um espaço de formação e a partir do instante em que os jovens começam a se inserir, acabam descobrindo que estão ali não apenas por questões circunstanciais, como ter que acompanhar o pai, por exemplo, mas estão ali porque acreditam também nas propostas do Movimento e as assume com bandeiras individuais.

Para a Coordenação nacional do MST, os jovens começam a se identificar com o Movimento, sempre que encontram espaços nas assembleias para se colocarem, quando vão para as manifestações ou quando participam de cursos de formação. Esta é uma proposta que vem sendo implementada no bojo de discussões do MST, no sentido de desenvolver espaços de debates no interior dos assentamentos para que os jovens possam, de fato, expressar seus posicionamentos, seus anseios. O Movimento acredita que esta é a melhor maneira de apoiar as iniciativas dos seus jovens.

No Assentamento pesquisado, os líderes locais demonstram essa concepção, discutindo os problemas ao redor da comunidade. Embora não tenhamos identificado a presença dos jovens nas reuniões que pudemos acompanhar no período da pesquisa de campo, eles afirmam suas participações. 28 dos 42 pesquisados garantem que participam das reuniões, e atestam que contribuem no momento, apresentando seus posicionamentos quando são necessários. O depoimento de Antonio, 23 anos, referenda essa assertiva. “Quando tem

⁸⁶ A observação participante possibilita um meio contínuo entre ‘interior e exterior’ dos acontecimentos, funcionando de forma hermenêutica, numa dialética entre experiência e interpretação (CLIFFORD, 1998, P.33).

desistência de lote, eu indico quem tem condição de ficar no lote, indico o pessoal que está acampado.(Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Outros, igualmente, confirmam que participam de quase todas as reuniões, assumindo funções ou de coordenador ou de relator, defendendo inclusive seus pontos de vista. John, 15 anos, afirma:“Participo, falo,dou meu ponto de vista, se acho bom eu digo, se errado também” (Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007).

Jandyra , 28 anos, entende que a participação dos jovens nos espaços de reuniões são importantes e contribuem para a melhoria do assentamento.

Artur, 16 anos, por exemplo, defende a necessidade de saber tudo que se passa no interior do assentamento: “ qual a idéia de eu me envolver com o Movimento? Eu tenho que saber tudo que acontece onde eu vivo, porque se eu não souber, eu estou perdido”(Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

Esta é uma das perspectivas que o Movimento pretende alcançar perante todos os seus jovens ao defender a ideia de que o jovem se sinta parte integrante da sua estrutura. É possível que esse grau de consciência de organicidade faça o Movimento avançar em outros aspectos que, de fato, legitimem a pertença desses jovens ao posicionamento desejado pelo MST.

Dilei Araújo advoga nesta direção e argumenta que a grande esperança do MST está, de fato, pautada nos jovens Ou seja, é esta categoria quem está dando vida ao próprio Movimento, integrando uma rede de relação com representatividade, na medida em que os jovens ajudam, por exemplo, os acampados em momentos de mobilização de lutas pela terra daqueles que ainda não as tem. Dessa maneira eles passam a representar uma possibilidade de força para o espírito da coletividade.

Nesta perspectiva, o Movimento tem adotado uma série de medidas que vem sendo construídas paulatinamente em busca de engajamento dos seus jovens.Um aspecto permanente que consta na agenda diária do Movimento é o relacionado a melhorias de condições de vida no ambiente dos assentamentos, criando alternativas para a prática da arte, da cultura e do lazer que motivem a participação do seu jovem e com isso o faça permanecer no assentamento. Na verdade, esse é um ponto nevrálgico que o Movimento tem encontrado nas suas instâncias internas .

De acordo com Dilei Araújo, é preciso investir em meios que estimulem o jovem a se engajar. Já que os assentamentos não foram pensados para a juventude, ela não tem espaço de lazer : A dirigente apresenta a seguinte constatação sobre o fato:

Mal tem um campo de futebol sem nenhuma infraestrutura; a escola não está lá dentro, está fora, então a juventude, ela quer participar dos

momentos da cultura, do lazer, do econômico, ela precisa ter dinheiro. Os três elementos, cultura, lazer e a questão da renda, se não pensar em incluir a nossa juventude ela vai sair para procurar fora, ela não fica no assentamento. Qualquer um de nós quer ter o seu dinheiro para namorar, para comprar sua roupa. Esse é um direito que ela tem, por isso nós temos deficiência nos nossos assentamentos dessa questão de fazer com que a juventude permaneça e fazer com que a juventude também se aproprie do Movimento. Esses são os principais fatores para que os jovens não dêem continuidade à luta dos pais. O trabalho da agricultura é árduo, nem todo mundo está disposto a viver a vida inteira em um cabo de enxada, então queremos que a reforma agrária se torne menos árdua, para que se possa sofrer menos no campo. (DILEI ARAUJO, Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2007)

A dirigente admite que esse é um passo que está sendo dado lentamente, porque na medida em que o MST discute a questão da juventude, já é um avanço significativo.

A educação é outro ponto que consta na pauta de discussão do Movimento relacionada aos seus jovens, na medida em que busca intercâmbios para inserí-los nas universidades como meio para profissionalizá-los. Nesta perspectiva, o MST vem investindo na formação, motivando uma articulação tanto em nível de Brasil como também internacional. Defende que essa prática estimula a juventude a conhecer outras realidades, a ver outras perspectivas, na medida em que estabelece espaços de sociabilidades com outras categorias juvenis em outros espaços sociais.

De acordo ainda com a coordenadora, quando o Movimento começou a ocupar espaços na academia houve uma grande resistência, “devido a essa cultura escravagista, que pobre é pra ser enxada, faxineira, operário. Para que sem terra está na academia? É como se sem terra fosse sem nada. Isso incomoda a sociedade”, desabafa a dirigente.

Para o MST, os princípios que movem os seus processos educacionais devem priorizar a formação política, pois agindo assim estará contribuindo para uma transformação social e humana.

Um aspecto, entretanto, é emblemático nesta discussão: não podemos engessar essa concepção de que todos os jovens residentes em assentamentos do MST creem nesta mesma perspectiva. Ou seja, levantam e defendem a sua bandeira de luta. Nesse sentido, qual o nível de pertença dos jovens no que concerne ao Movimento?

1.2- O Pertencimento: Ser ou Estar Sem Terra

O MST é uma das grandes forças sociais de transformação no Brasil, que se organiza para fazer um movimento diferente. A sua juventude se identifica com essa perspectiva na

medida em que se insere nessa vontade de fazer mudar as circunstâncias, de buscar o novo.

O último congresso realizado pelo MST em 2007 contou com a participação de cerca de 18 mil pessoas, 65% eram jovens com idade de até 30 anos. Destes, 3 mil tinham curso superior e 3 mil estavam fazendo graduação.

Fazendo um balanço sobre a participação dos jovens, João Paulo representante da coordenação nacional, acredita que, de modo geral, os jovens gostam e se identificam com o MST. Contudo, a pertença depende do nível de organização política de cada assentamento, do tipo de trabalho que é direcionado a esses jovens.

Há uma estimativa de que existam 700 mil jovens em áreas de assentamentos, mas nem todos se identificam como militantes ou membros do MST. Na sua maioria, os que convivem numa estrutura familiar mais organizada e sintonizada com a proposta do Movimento optam em contribuir para a organização do mesmo, exercendo uma plena militância em busca de um processo formativo com orientações políticas. Esses, ao participarem de cursos coordenados pelo MST, ao retornar ao assentamento, tornam-se uma referência, porque trabalham a educação numa perspectiva diferente, voltada mais para a realidade do camponês. Nesse sentido, essa categoria juvenil vai se diferenciar das demais.⁸⁷

João Paulo ressalta que o papel principal dos seus jovens é estudar, ajudar a organizar a luta e contribuir na direção do Movimento, ou seja “o lugar dos jovens é em todos os lugares”. Entretanto, nem todos assim procedem, muitos preferem ficar circunscritos ao assentamento, contribuindo com as ações coletivas que se exercem cotidianamente, e uma outra parte desloca-se para o meio urbano. Saem para estudar fora e não retornam, porque a vida no meio rural é muito sacrificada, sendo, portanto seduzidos pelas ofertas que o mundo urbano oferece, passando a conviver com um choque de valores culturais, sobretudo os relacionados aos currículos escolares e às oportunidades de trabalho⁸⁸. Ora, se na cidade ele vai encontrar um mínimo de condições de sobrevivência, por que vai voltar ao campo? Na verdade, esse é um processo que passa pela questão da valorização do trabalho, já que a relação com a atividade agrícola se apresenta não como opção, mas como meio de sobrevivência.

Um fato a assinalar é que as mobilidades sociais desses jovens, seja participando de cursos de formação ou mesmo adotando outras perspectivas de vida no meio urbano, permite

⁸⁷ O número de jovens que ocupa lideranças nas brigadas é muito superior à realidade de outras categorias juvenis rurais.

⁸⁸ O estreitamento das fronteiras culturais entre o mundo urbano e o rural tem ampliado as aspirações dos jovens rurais com a necessidade de um novo padrão de vida.

que vivenciem práticas sociais outras que resultam em um processo híbrido de suas construções culturais identitárias .

Como pontua Wolf (2003) "os conjuntos culturais estão continuamente em construção, desconstrução e reconstrução, sob o impacto de múltiplos processos que operam sobre amplos campos de conexões culturais e sociais".(WOLF, 2003, p.297).

Diante desta realidade, o sentimento de pertencimento dos jovens junto ao Movimento vai se construindo a partir de uma rede de relações identitárias que se produzem através de sentidos diferentes, uma vez que envolvem expectativas diversas.

A grande questão que se levanta nesta discussão é: até que ponto os jovens que vivenciaram com seus pais a luta nos acampamentos e nos enfrentamentos dão continuidade ao projeto do Movimento? Embora se defenda que o melhor processo de formação de jovens e os melhores militantes são os que participam com os pais, já que estes, geralmente, têm muita pertença e na sua maioria permanecem no MST e nos assentamentos, o Movimento defende que não basta ser simplesmente filho de acampado ou assentado para pertencer ao MST. A dimensão é mais profunda, ou seja, a exigência de pertença política vai mais além. Esta é uma decisão pessoal e voluntária que cada jovem pode adotar ou não. Assim, para ser um jovem militante é preciso ter consciência do processo histórico e das raízes que movem o próprio Movimento, e não apenas a condição “natural” de sem- terra.

Ser Sem Terra é ter a ousadia de romper as cercas do latifúndio, de ultrapassar as barreiras da exclusão e conquistar um ‘espaço’ a partir do ‘não espaço’- do espaço negado.[...] Pertencer ao MST é, pois , ter a capacidade de sentir o peso da responsabilidade na luta pela libertação do nosso povo (Documento Setor de Formação-4º Curso Realidade brasileira para jovens do meio rural, realizado em janeiro de 2002).

A percepção que se oferece ao jovem militante pode ser identificada através de diversas formas, seja na contribuição com atividades locais do assentamento; seja na participação em cursos, ou de forma mais enfática, militando em tempo integral, tanto no assentamento/acampamento como em outros espaços sociais.

Na concepção de Bogo (2006)

Militante é aquele que implementa a linha, implementa a decisão. Então, não importa se não sai pra capital, se ele não viaja pra Brasília, mas se ele está ali atuando pra implementar algo que é decidido coletivamente, ele é um militante que ta dando exemplo, ta incluindo, ta organizando dentro do assentamento(Bogo apud Sales, 2006, p.188).

Sob este argumento, as formas como se exercem a militância, seja internamente ou fora ,não são o fato mais relevante, pois o que importa ao Movimento é de fato a atuação.

Em estudo desenvolvido em áreas de assentamentos, Sales (2006) ressalta que os jovens assentados atribuem valor a militância por meio de múltiplos significados. Explica a autora que, embora participem de atividades diversas como: marchas, cursos, encontros etc., muitos não se sentem militantes. Para outros, ser militante faz parte de um projeto de vida futuro.

Na concepção de João Paulo ser militante envolve um conjunto de fatores:

Ser militante é ter consciência política e ideologia, é defender uma causa sem querer nada de material ou individual em troca. Ser militante não é algo que se faz por obrigação ou uma profissão, é ter um nível de consciência política de se dedicar à defesa de uma causa. Essa militância pode ser em uma organização política como o MST, que tem normas, instâncias divisão de tarefas, etc. ou pode ser feita em outros espaços e outras formas de organização. (entrevista realizada no dia 16 de Março de 2008)

No assentamento José Antonio Eufrosino pudemos identificar essa realidade. O quadro inicial, que apresenta o perfil dos jovens, destaca que a maioria se diz militante, (dos 42 entrevistados 30 se colocam como militantes; 11 não militantes e 1 ex- militante) mas muitos deles não sabem expressar esse sentimento de pertença. Não sabem sequer definir as propostas que movem o MST. Assim, embora não querendo estabelecer um sistema classificatório, podemos situá-los em três níveis distintos: os que de fato militam num fazer político; os que contribuem com as ações coletivas no assentamento incorporando a identidade de sem terra sem muita criticidade e, por último, aqueles que negam qualquer relação ao Movimento.⁸⁹

Leal (2008)⁹⁰ apresenta uma tipologia para definir esse quadro que pode ser descrita da seguinte maneira: Sem Terra é aquele que faz parte do processo permanente de formação⁹¹, que assume um pertencimento junto ao MST e sua ideologia, independentemente da influência familiar ou mesmo de morar em áreas de assentamentos ou acampamentos; sem terra é aquele que faz parte da base social do MST, estando também engajado em ações e por último sem-terra (com hífen) é aquele que não tem terra.

Durante as entrevistas que realizamos com os jovens desta pesquisa indagamos se conheciam a proposta do Movimento. As respostas se diversificaram justamente a partir das dimensões acima

⁸⁹ De acordo com Sousa (2005) a identidade pessoal existe a partir de diferentes comunidades nas quais pode haver uma aceitação ou rejeição. Para este autor “as identidades não são essências desencarnadas, mas teias complexas de relações, materiais e desejos “A tarefa mais difícil para cada pessoa é integrar as suas diferentes subjetividades incorporadas” (SOUSA, 2005, p. 523)

⁹⁰ Ver: Leal (2008) Dissertação de mestrado Juventude Sem Terra:O Cotidiano Formador e o Processo de Identificação com o MST. Universidade Federal de Campina Grande, 2008.

⁹¹ O processo de formação pode ser reconhecido através da participação em cursos, reuniões de base, ocupações, acampamentos, despejo, efetivação de assentamentos, marchas,místicas e mobilizações.

descritas. Para os que são Sem Terra as concepções que apresentam sobre o MST são bastante convictas. Vejamos alguns depoimentos:

Uma proposta muito boa, sempre ajudando ao próximo, não é votado individual, por isso entrei no Movimento e nunca vou sair, a não ser por morte.[...]Eu entrei no Movimento a partir do pastoril no ano passado, foi aí onde percebi que tudo que a gente participava era sempre ajudando os outros. Isso é muito bom pra mim, ver a felicidade deles, em troca de nada (ARTUR, 16 anos. Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

O sentimento de pertencimento desse outro jovem se respalda numa perspectiva de justiça social.

É uma proposta justa, porque o Movimento não trabalha só com a área dos sem-terra, mas com todos outros tipos de reivindicações. Por isso que eu gosto da proposta dele, sempre renovando. (ANTÔNIO, 23 anos. Entrevista realizada em 26 de outubro de 2007).

Roberto, 25 anos, enumera as possibilidades:

Primeiro é tirar a pessoa de estar convivendo na rua, porque existe de tudo. No sítio você não tem nada disso. Segundo, a terra de você plantar no que é seu; terceiro que eles batalham pelo seu bem estar, sem querer nada em troca (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Walter, 14 anos, aponta outros preceitos:

Antes eu podia dizer que era só por terra, mas hoje tenho outra visão é por direitos sociais, ele não quer só a terra, mas educação para os filhos dos assentados (Entrevista realizada em 26 de outubro de 2007).

Este apresenta um discurso próprio do Movimento: “Que a reforma agrária seja feita, educação para todos, esporte e lazer. (JOHN, 15 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

As moças também organizam seus posicionamentos de forma bastante convicta. De acordo com Maria do Carmo, 25 anos, a concepção do Movimento se encaminha pela luta por questões sociais, e para que as pessoas tenham direitos iguais de sobreviver.

Já Maria Vitória, 14 anos, assim se pronuncia:

Nós reivindicamos não só a posse da terra, mas justiça social, igualdade, todo um conjunto de coisas, acabar com a discriminação de preconceito. Essas coisas, eu concordo com o Movimento e por isso faço parte (Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Considerando os argumentos acima descritos podemos perceber que esses sujeitos caracterizam seus posicionamentos numa perspectiva de mudança, na expectativa de um

mundo mais justo. Estas posturas nos remetem aos movimentos juvenis brasileiros dos anos 60, quando assumiram uma atitude crítica junto ao modelo civilizatório da época, para o qual os movimentos estudantis propunham alterações políticas e comportamentais perante o paradigma estabelecido.⁹²

Outro conjunto de depoimentos nos indicou, por outro lado, que a maioria dos jovens desta pesquisa se insere na tipologia de “sem terra”. Ou seja, fazem parte da base do Movimento. Embora esbocem uma identidade de jovem sem terra, no geral desconhecem a prática do MST, possuindo uma visão ainda bastante incipiente.. Dos 42 entrevistados, 23 deles não souberam expressar o que representa o MST. Com esforço, os que responderam se limitaram mais a questões estruturais do próprio assentamento. Para Ana, 21 anos, o Movimento, através da associação, serve para ajudar os outros.(Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007)

Igor, 23 anos , destaca que o Movimento é importante, pois ajuda na conquista dos recursos para o assentamento. (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007)

Carla, 17 anos, acha que o Movimento defende os agricultores. (Entrevista realizada em 26 de outubro de 2007)

A Coordenação nacional tem clareza dessa realidade e atribui pelo menos dois fatores para tal fato: No início do MST, era fácil identificar a causa principal de sua luta, que era a terra. No entanto, hoje, o MST está envolvido em tantas outras lutas que extrapolam a reforma agrária, e isso faz com que os jovens, muitas vezes, não saibam qual é a centralidade do Movimento em determinada conjuntura ou região. Outra questão é a dificuldade que existe em áreas de assentamentos, no que tange à implementação de um trabalho mais organizado e permanente com a sua base, em especial junto os jovens.(JOÃO PAULO, Entrevista realizada em 16 de Março 2008)

Ainda na tentativa de compreender os seus pertencimentos identitários, buscamos instigá-los a falar mais sobre o MST, indagando o que deveria mudar. Mais uma vez, direcionam a questão ao assentamento. Fátima, 26 anos, comenta sobre a organização, segundo ela, “eles vão muito pelo padrão do Incra e muitas vezes as pessoas são prejudicadas” (Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007) .

Angelina , 25 anos, defende a implementação de maiores investimentos. (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

⁹² Não é demais lembrar que essa geração dos anos 60 se apresenta como uma ameaça à ordem social imposta pelo plano político, cultural e moral.

Outros depoimentos no entanto, convergem para a mesma opinião, que é a falta de união entre os assentados.

Os não adeptos da ideologia do Movimento foram bastante enfáticos em suas respostas, atestando que não conhecem nada sobre o MST e ratificam a sua não participação, alegando que não gostam, porque é só “baderna, “eu não participo e não gosto, é baderna, que tem hora que não sou de acordo”.[...]”Eu não gosto dessa parte de invadir a terra. Eu não acho correto a pessoa ter uma terra e ‘vim’(sic) um monte de pessoas e querer desapropriar aquela terra tendo dono”⁹³.

Podemos perceber, com isso, que as suas formas de pertencimento em relação ao MST são mutáveis, fragmentadas, o que nos autoriza a afirmar que não existe uma única concepção de identidade de jovem do MST, na medida em que suas expressões são suscetíveis às mudanças, formando um caráter híbrido e sincrético, tanto na esfera do pensamento, quanto nas formas de sociabilidade e de organização de sua vida coletiva.

A identidade de ser Sem Terra ou sem terra não se confere apenas ao simples fato de ser assentado ou acampado. Esta decorre do nível de engajamento político de cada um que, conforme relacionamos anteriormente, é diversificado. E aqui vale uma ressalva: muitos dos jovens que estão à frente dos processos de organização nacional do MST não são necessariamente filhos de acampados ou assentados. São jovens de classe média que estão na universidade e que se identificam com a luta do Movimento: Participam porque desejam, não por influências familiares.

A direção nacional reconhece que grande parte dos jovens tem uma tarefa dentro da organização, integrando uma estrutura organizativa nacional ou estadual. Ao mesmo tempo, existem outros que não têm uma tarefa política na organização nacional e, geralmente, participam do processo organizativo do assentamento, mediante um método diferenciado, o que não representa, necessariamente, um limite.

No Antonio Eufrosino, por exemplo, as participações dos jovens nas ações do Movimento podem ser visualizadas tanto a partir dos trabalhos de base de sua militância como no envolvimento com ações coletivas instituídas no interior do assentamento. De uma forma ou de outra eles expressam com muito orgulho o seu engajamento, relatando com entusiasmo as experiências vivenciadas, principalmente nos momentos de conflitos. Os relatos que se seguem atestam com precisão:

Particpei de uma ocupação em Juripiranga na qual estava reivindicando o problema do etanol. Ocupamos a Br. E eu fiquei na frente segurando a

⁹³ Mesmo utilizando nomes fictícios optamos por não identificar a posição deste jovem.

bandeira da reivindicação. Para mim foi normal. Na ocupação eu gostei bastante. Eu fui para o Congresso em Brasília quando cheguei lá fiquei no meio da multidão, fiquei pasmo(FERNANDO, 17 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Esta jovem, por exemplo, apresenta seu grau de consciência enquanto militante;

Já fiz ocupação em João Pessoa em prol dos assentados e dos acampados. Não é porque eu estou assentada que eu vou ficar assim. Já fiz várias ocupações em outras áreas em prol daquele acampado que tá ali precisando tanto quanto eu. - já fiz várias coisas, já fui a João Pessoa no Incra para reuniões. Estou me unindo para implantar o projeto da ciranda, dar continuidade ao projeto de esporte que veio para o assentamento. Eu digo estamos porque estamos juntos nessa.(JANDYRA, 28 anos. Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Este outro jovem esboça com orgulho uma conquista de sua participação:

Foi assentar algumas famílias, debatendo na reunião. Por eu ser jovem, porque muitos adultos não me respeitam, mas outros me respeita, aí eu dei uma proposta de um companheiro nosso assentar , fazia 4 anos que ele estava em beira de estrada, em baixo de uma lona, rezando que chovesse para plantar, e talvez rezando para que não chovesse para a lona não cair na cabeça dele e dos filhos dele. Foi aí onde consegui debater, mostrar como estava certo e aí consegui.(ARTUR, 16 anos .Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

Para Paulo Manzan, Coordenador da Pastoral Juvenil da via campesina a maior pedagogia que pode se exercer no processo de formação de um militante é participando da luta: “quando você está numa ocupação começa a despertar essa consciência, quando vai para uma frente de luta, consegue este despertar e cria essa identidade com o Movimento.” (Entrevista realizada em 06 de Setembro de 2007)

Qual de fato, é a sensação desses jovens quando participam desses processos, principalmente os de enfrentamento?

A militante Maria Vitória, 14 anos, narra com entusiasmo uma experiência de ocupação: “eu fui e fiquei na segurança, é uma adrenalina, mas vemos a união das pessoas que estão ali para o que der e vier, é uma sensação ótima”.

Wilson, 20 anos, também expressa a sua experiência afirmando que “não teve medo não”

Quando trancamos uma pista uma vez porque o Incra não estava soltando verba para a gente. Trancamos uma pista em São José da Mata, e assim que trancamos, chegou a viatura, mas não fizeram nada , porque ligaram para o Incra e o Incra disse para não fazer nada com a gente. A gente tava decidido a só sair de lá quando o Incra resolvesse o que a gente queria, que era liberar verba(Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Roberto, 25 anos, igualmente relata sua participação: “Já fizemos trabalhos coletivos. Fizemos uma ocupação em Barra de Santa Rosa. Foi bom, uma experiência positiva, graças a Deus não houve conflito. Fizemos um trabalho de base e na terceira reunião botamos o pessoal em cima de um caminhão e acampamos(Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Os discursos aqui oferecidos se encaminham como se todas as ações do Movimento fossem pacíficas, o que não se coaduna com a realidade dos fatos. Normalmente as ações de ocupações são permeadas por processos de tensões, muitos deles com enfrentamentos .

Em 2009 pudemos acompanhar, via mídia, as ações de uma ocupação em terras no estado da Paraíba, na qual alguns dos nossos jovens pesquisados participaram. A ação foi permeada por conflitos, resultando em espancamentos de alguns e prisões de outros. Um dos nossos informantes relata com detalhes o que vivenciou naquela ocasião. A entrevista realizada no dia 28 de setembro de 2009 será aqui reproduzida na íntegra:

GS- Qual é a experiência quando sai para uma ocupação?

A- Quando a gente sai para uma ocupação de certa forma dá um certo tremor, é como se fosse a primeira vez. É como se fosse pilotando algo que você nunca fez, né.? porque a gente não sabe o que se espera. Hoje em dia a sociedade não diz que é uma ocupação, mas uma invasão, e é diferente. Para participar de uma ocupação é um orgulho de certa forma, porque a gente nunca pensou que ia fazer isso, de ter uma confiança por ser jovem e os mais velhos de certa forma respeitar a gente.

GS- Mas qual é de fato a sensação ao participar de uma ocupação?

A- É um pouco de medo, um pouco de orgulho de estar lá. De certa forma é bom a gente fazer isso porque você vai quebrando aquelas barreiras, de que é proibido Então a gente vai investir numa coisa que é de direito nosso. A gente vai fazer uma coisa de certa forma que é legal, né?

GS- Quando participa de uma ocupação é fazendo o que?

A- A gente se divide, depende do local. Cada um faz uma coisa, uns animando, outros participam na missão de ajeitar o local, então não é uma pessoa só que faz, é um conjunto. No meu caso específico, eu fico mais preocupado em fazer uma análise da conjuntura, do que pode acontecer.

GS- No caso particular desta última ocupação que resultou em conflitos, a sua tarefa era qual?

A- A minha tarefa foi um pouco de organizar e animar o pessoal

GS- O que de fato aconteceu lá?

A- A gente ia fazer a ocupação da BR, porque a terra já estava decretada pela reforma agrária, faltava um processo muito pouco para a terra ser desapropriada. Como não tinha madeira para erguer os barraco e nem água para fazer o café,então entramos na fazenda e quando íamos saindo fomos surpreendidos e não deixaram a gente sair, seguraram a gente lá e começou a massacrar a gente.

GS- Como?

A- Batendo, passando coisas com fogo.

GS- O que você sentiu naquela hora, qual foi sua reação?

A- Foi um choque. Quando os caras pegaram a gente e começaram a bater. Bateram muito, muito, jogaram gasolina na gente. Pisaram na cabeça da gente , chutaram a gente todo momento. Eu acho que a gente só não morreu naquela noite porque eles viram que tinha outras pessoas que correram para o mato e se fizessem alguma coisa com a gente seria mais complicado. Então, de certa forma foi uma tortura eu me lembrava da ditadura militar. A gente tá vivendo uma ditadura coberta, né? A gente pode fazer uma coisa que é legal mas eles colocam aí para a sociedade que é ilegal.

GS- Como jovem me diga mais uma vez o que você sentiu ?raiva, revolta, desespero?

A- Primeiramente senti medo, mas muita raiva sem poder me defender, porque quando tem uns camaradas aí com armas pesadas botando em cima da gente, chutando, humilhando, a gente sente medo. Foi uma pressão psicológica muito forte. De certa forma tem que ter uma noção para superar o que houve lá, porque se a gente não tem a formação que a gente tem, não superava. Não foi nem as pancadas não, foi a pressão psicológica mesmo. Perguntando quem é o chefe, quem é líder, “vou matar vocês”. Eu mesmo deitei a cabeça em cima de minhas mãos e esperei passar aquela tortura .

GS- E depois?

A- Levaram a gente para o posto da Polícia Rodoviária e quando amanheceu o dia levaram a gente para a delegacia, lá fomos também ameaçados, chamando a gente de traficante, de bandido. A pressão psicológica foi muito forte. Hoje em dia quando a gente vê a polícia sente um pouco de trauma

GS- Você se sentiu muito humilhado como jovem?

A- Me senti muito humilhado. No momento que você tá lá no chão, sendo chutado, chamando você de vagabundo , você se sente humilhado, foi aí que veio a pressão psicológica. Nunca fui humilhado desse jeito.

GS- Tua mãe como ficou diante desta situação?

A- Muito preocupada, nervosa, mas ela entende e confia em mim e sabe que o que estou fazendo é por direito nosso.

GS- Diante de tudo isso você ainda pretende participar de outras ocupações?

A- A gente participa porque a gente sabe que tá fazendo uma coisa que é um direito nosso. Reivindicar onde muitas vezes você é barrado.

O depoimento desse jovem diante da situação por ele vivenciada reforça com muita veemência as marcas dos estigmas que lhes são atribuídos. Nesse caso, o preconceito é apresentado através de um fato concreto. Dado às circunstâncias acima narradas, aquele episódio ganha consistência muito mais por um ato de vandalismo e de desordem do que mesmo por ser uma luta social. Por estas ações os jovens passam a ser reconhecidos pela sociedade muito mais como sujeitos detentores da desordem pública do que como atores em busca de igualdade social.

Um dos aspectos defendidos pela estrutura organizativa do MST é no sentido de que se desenvolva nos assentamentos uma rede de solidariedade entre os assentados. Esta pode ser identificada a partir de alguns princípios: o primeiro se institui pela necessidade de se organizar, de trabalhar as relações coletivas de normas. Esse processo organizativo vai criando um vínculo de solidariedade entre as pessoas, seja na forma da ajuda, nas questões de doenças, na divisão do alimento, etc. Elas se solidarizam quando buscam alternativas. Essa dinâmica se legitima nas palavras dessa jovem militante:

a gente faz trabalho de base aqui no assentamento e em outras comunidades. A gente não faz pra gente, mas pelas outras pessoas que necessitam (Maria Vitória, 14 anos. Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Dilei Araújo explica que o MST não está limitado apenas às questões de ordem interna, ele também discute os problemas que estão ao redor de cada comunidade. Nesse sentido, esse grau de consciência entre as famílias faz avançar em outros aspectos, quando as famílias se solidarizam buscando alternativas, que se configuram como um princípio da solidariedade da luta. Dilei oferece uma explicação de como esse processo funciona:

O individuo já conquistou sua terra mas ainda está preocupado com aquele que está lá fora, que ainda não conquistou a sua. Então ele vai além do assentamento, ele vai ajudar a organizar os outros, vai se preocupar com temas dos outros, com problemas do Brasil (DILEI ARAUJO. Entrevista realizada em 23 de agosto de 2007).

Para a coordenadora estadual do MST na Paraíba, “o Movimento só existe até hoje porque ele vê além do assentamento, além da reforma agrária, e isso é um desafio”. Assim, no âmbito das ações coletivas exercidas no interior do assentamento, os jovens que participam dessas experiências também expõem com a mesma legitimidade a sua militância: Vejamos como eles se expressam:

Jucélia, 27 anos, confessa sua disposição para realizar qualquer trabalho coletivo. Nas suas palavras: “eu sempre me interesso, porque sei que a gente tá fazendo por a gente também”(Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Amélia, 16 anos, igualmente diz que o que precisar ela faz: “no assentamento eu ajudo a pessoa botar água, cortar palma, tirar leite”(Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Jomar, 18 anos, com orgulho também apresenta suas ações:“já ajudei a reformar essa sede e o curral, foi um trabalho comunitário, limpei reservatórios de água”(Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Nos depoimentos acima descritos, não encontramos, por exemplo, na essência do “não dito”, nenhuma forma de contestação desses sujeitos no que se refere a suas participações nas ações coletivas empreendidas naquele espaço. O que significa dizer que ao se inserirem nas ações coletivas estão automaticamente demonstrando processos de pertencimento junto ao Movimento .

Uma indagação aqui se sobressai: se esses sujeitos indicam seus pertencimentos perante o Movimento, como eles se apresentam em outros espaços sociais, já que a representação política que o MST defende percorre uma trilha de interpretações que problematizam a sua presença na esfera social?

1.3- Identidade Sem Terra: Uma Perspectiva Relacional

É perceptível no âmbito da sociedade civil e de grupos de poder ou instituições sociais, como a mídia, por exemplo, considerações sobre o MST como um grupo de *outsiders*,⁹⁴ um grupo inferior e desorganizado, detentor de uma série de estigmas.

Esta característica pode ser comprovada no depoimento do militante José Barbosa de Oliveira. “Somos vistos muitas vezes como pessoas incomuns”. [...] “A sociedade exclui, nós estamos neste grupo dos excluídos. A sociedade toda não tem culpa não, mas o que é passado é isso”(Entrevista realizada em 15 de Agosto de 2007).

De acordo com o militante Esmeraldo Leal,“esta é uma forma de convencer a sociedade que é perigoso se organizar, que a organização está sempre ligada à baderna, mas é

⁹⁴ A figuração estabelecidos/ outsiders criada por Elias(2000) identifica o primeiro enquanto um grupo que detém características humanas superiores. Os outsiders se caracterizam como grupos que vivenciam afetivamente sua inferioridade humana na medida em que não dispõem de possibilidades para revidar os estabelecidos com os mesmos atributos depreciativos que recebem .

o inverso, a organização provoca mudanças”(Entrevista realizada em 05 de Setembro 2007).

Na verdade, esses estigmas são construídos pela sociedade e referendados pela mídia, como forma de desmobilizar qualquer tipo de organização que contraria a ordem social. Assim, o juízo de valor que a sociedade forma é de um Movimento depreciativo enquanto grupo, que vive à margem da sociedade, incorrendo num risco profundo de quebra da ordem do que já está estabelecido, que é algo do social, “legitimado”.

Quando nos referimos à quebra da ordem, estamos pensando na garantia do direito que a sociedade toma para si, refutando, por exemplo a “invasão da terra”. Que direito eles têm de tomar o que é “nosso”? Nesse caso, deixa de ser direito, porque quando ocupam a terra, por exemplo, são taxados de invasores, e produtores de uma desordem, porque estão quebrando a “ordem”. Dessa forma, o Movimento passa a ser visto como sendo algo externo, e dentro da sociedade o excluído não pode ocupar determinados espaços.

Esta situação é encarada com muita clareza pelos integrantes do Movimento que, embora carreguem a marca do estigma, não se sentem inferiores socialmente falando. “Não vou de forma alguma me sentir inferior, mas também não vou me sentir superior a um favelado”, é o que refuta o militante José Barbosa de Oliveira.(Entrevista realizada em 15 de Agosto de 2007).

Diante desta constatação, como os jovens convivem com essa realidade excludente? Eles de fato assumem a sua identidade de jovem do MST em outros espaços sociais? Como articulam suas relações sociais nesses espaços?

No campo de suas representações, os pesquisados, na sua maioria assumem, a sua condição de residente em assentamento do MST. Para uns, esse é um aspecto extremamente normal. Os depoimentos colhidos apontam que os jovens apresentam um forte sentimento de pertencimento ao Movimento, expressando a construção de uma identidade relativa ao local onde habitam de que são membros do MST. Ainda que, verbalmente, não saibam proclamar esse sentimento. Dos 42 entrevistados, apenas quatro atestaram não assumir que moram no assentamento. Eles expressam sua recusa, quando internalizam as discriminações e preconceitos de que são vítimas. Estas declarações são esclarecedoras:⁹⁵

“Não, quando a gente morava em barraco de papelão, os estudantes passavam no ônibus e ficavam vaiando, e eu dizia: eu vou estudar lá, vamos ver quem é melhor” (Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007).

⁹⁵ Para não comprometê-los mais uma vez não os identificaremos.

Este outro depoimento aponta para a existência de um conflito simbólico no qual vive o jovem assentado:

Eu não gosto de me expor não, porque o povo já começa a criticar, que é um bando de baderneiros, que gosta de bagunça. Fica discriminando. Então eu não gosto de assumir que sou uma assentada. Embora que eu gosto, e não pretendo sair daqui não”(Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Alguns preferem dizer que moram no Sítio Logradouro. Outros assumem suas identidade de MST de forma relacional, dependendo de qual espaço na sociedade esteja ocupando. “É,vai depender do lugar.[..] porque tem várias áreas que não tem o entendimento que a gente tem, não tem aquela visão. Como a mídia distorce totalmente o trabalho da gente, aí eles veem com outros olhos” (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Estas afirmações nos indicam, portanto, que as identidades passam a ser relacionais, no momento em que os jovens negam sua condição social (jovem rural, sem terra) para não serem estigmatizados. Não explicitam onde vivem, entre outras razões, para não serem inferiorizados perante os demais; para não revelarem a sua “subalternidade”⁹⁶ em relação a outras categorias juvenis. Dessa maneira, vivem um processo de “tensão” para declararem suas identidades. Ou seja, eles negociam estratégias identitárias circunstanciais. Quando estão no assentamento, incorporam a identidade de jovem rural e assentado. No meio urbano, tentam se integrar às perspectivas do ambiente em que se encontram.

Por outro lado, os que assumem de fato esta condição de jovem sem terra (38 jovens), são enfáticos e categóricos em seus posicionamentos:Jandira, 28 anos afirma que assume em qualquer canto que estiver. Fátima, 26 anos, complementa:“eu dou meu endereço completo”.(Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Lucinara, 16 anos, segue a mesma linha: digo que moro no assentamento. Não sinto vergonha não, eu gosto daqui, acho melhor do que na rua”(Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Este jovem enfatiza seu pertencimento de sem terra com símbolos que caracterizam o Movimento: “quando eu vou para Campina, vou com o boné⁹⁷, me declarando que sou um Sem Terra “(FERNANDO,17 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Wilson, 20 anos, foi imediato na sua resposta: “assumo sem preconceito em todo canto que eu chego. Quando me perguntam de onde eu sou, digo que sou do Movimento”(Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

⁹⁶ Vale ressaltar que essa subalternidade é uma condição imposta pela sociedade.

⁹⁷ O MST utiliza-se de uma série de simbologia para demarcar sua identidade, tais como o boné, a camisa, a bandeira, entre outros.

O conjunto de depoimentos expostos nos informa que os modos de pertencimento desse grupo juvenil em relação a sua construção identitária junto ao MST se estabelecem de forma fragmentada, flexível e também negociada. Na trilha desta concepção, a construção de identidades desses passa a ser algo relacional e contextual, manipulada e negociada, constituindo-se em momentos diferenciados e circunstanciais. Como assevera Santos (2000) “A identidade social é o cruzamento de atributos pessoais e estruturais, uma categorização dos contextos sociais onde decorre a interação social” (SANTOS, 2002, p.5).

De forma negociada, fragmentada ou manipulada, o que não pode se deixar de considerar é que eles vivem em estado de tensão diante dos variados tipos de preconceito dos quais são vítimas, criados a partir de dois estereótipos: o primeiro, por residir em um assentamento do MST; e o segundo, por ser um jovem rural. Eles próprios enfatizam que o grau de discriminação surge, num momento inicial, nos espaços sociais da própria escola. De acordo com os mesmos, isso ocorre, muitas vezes, pela influência midiática enquanto meio instituidor desta imagem, que se encarrega de dar visibilidade a esta concepção, imputando ao jovem uma imagem negativa, associando-o a estereótipos de rebeldia, violência e desordem constituindo-se assim como um problema para a sociedade.⁹⁸ Em suma, a concepção de ser jovem torna-se vinculada a “modelos”, sociologicamente construídos, caracterizando-os com “negatividade”.

O testemunho de Artur, 16 anos, comprova essa situação:

[...]Logo no começo, quando eu cheguei e me identifiquei dizendo que era do MST, do assentamento Antonio Eufrosino, a menina disse: Vige, o povo do MST é brabo! Porque a mídia só mostra a gente sempre em confronto. Aí, eu comecei a mostrar, falando; aí no segundo dia, já mostrei como a gente trabalhava e aí começou a mudar a visão dela (Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

Este outro jovem também enfatiza a questão:

[...]Sempre tem algum que faz isso, porque olha meio diferente, porque a mídia, a televisão, ela mostra o que ela quer, ela mostra o movimento com violência, não mostra como é que é a realidade, o que a gente quer. Mostra mais o que eles querem, o lado ruim, eles não mostram pelo lado bom, só o que eles querem (WILSON, 20 anos. Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

⁹⁸ O período constituído pelos anos escolares faz emergir entre os jovens uma necessidade de criar formas de expressão que não são necessariamente condicionadas aos espaços escolares, originando grupos que buscam construir movimentos amplos com propostas de transformação social. É através dessa postura que os jovens começam a ser situados como um “problema da sociedade moderna”, o que representará um entrave para o processo de transmissão da herança social (ABRAMO, 1994, p.3).

De fato, quando a mídia apresenta as ações do Movimento, estas quase sempre são marcadas por conflitos, sem, contudo, expor ou explicar como o Movimento se organiza em prol de suas bandeiras de luta. Nos parece que o que entra em pauta na cobertura midiática sobre o MST é, antes de tudo, a temática do direito à propriedade da terra. Nesse sentido, a mídia difunde as ações e tensões geradas, oferecendo, em suas reportagens, principalmente televisivas, uma “legitimidade” à reprodução do discurso das classes dominantes, para não dizer dos latifundiários.

Assim, os processos histórico-políticos de ocupação da terra pelo MST são transformados em atos criminosos de invasão da propriedade privada. Nesse momento, a cobertura midiática estrutura-se, a partir de uma contra-estratégia para desacreditar, deslegitimar as ações do Movimento.

Não é demais lembrar que, nesse caso, a mídia não age sozinha. O seu processo de relacionamento junto à sociedade é intrínseco, na medida em que a percebe com muita precisão, operando na direção que a mesma indique. Ou seja, para além de imputar todo e qualquer poder à mídia, esta opera no âmbito da mediação e direciona-se para o nível cultural médio da sociedade. Por isso, muitas vezes a linha do entretenimento barato se sobrepõe a da dimensão informacional mais profunda.

Enfatiza Charaudeau (2006): “a mídia relata fatos e acontecimentos que se produzem no mundo, fazem circular explicações sobre o que se deve pensar desses acontecimentos, e propiciam o debate” (CHARAUDEAU, 2006, P.252). Sob esta ótica, podemos considerar que a mídia não cria o fato, mas o reproduz. Contudo, uma ressalva precisa ser feita: neste processo de reprodução faz-se circular o sistema ideológico. Ou seja, o foco que a mídia direciona para tal fato pode estar, muitas vezes, atrelado a questões ideológicas, muitas delas, ressalte-se, referendadas pela própria sociedade.

Como assevera Charaudeau: “se olharmos para o público que se informa, reconhecemos que ele é co-responsável do processo de espetacularização que as mídias nos propõem” (CHARAUDEAU, 2006, P.253).⁹⁹

No caso que envolve o MST, a instância midiática se apresenta referendando o modelo de um sistema imperialista vinculado às classes dominantes. Logo, reveste-se de papel conservador e defensor do direito da propriedade, assumindo função norteadora na esfera

⁹⁹ A discussão sobre a manipulação da mídia perante a sociedade deve ser relativizada. Este processo se exerce, muitas vezes, através de efeitos indiretos. Quando, por exemplo, um fato é filtrado, quando a informação não chega ao público de forma bruta. Se analisarmos por outro ângulo podemos também sugerir que a mídia sofre momentos de manipulação que se exercem tanto de forma interna como externa. A pressa da ordem externa, por exemplo, se estabelece a partir de três fatores: a atualidade, o poder político e a concorrência.

político-ideológica, referendando a posição dos latifundiários.

Com um discurso eminentemente desfavorável ao Movimento, atribui aos militantes, a “invasão” de terras alheias, imputando-lhes uma responsabilidade pelas ações contra a ordem previamente instituída de expropriação e exploração capitalistas. Nesse caso, como enfatiza Chauí (1998), numa inversão ideológica, os agentes violentos passam a ser os “sem-terra”. Com isso, colabora para a construção de uma representação social negativa do MST, baseada em uma imagem distorcida, permeada de “perigos e ameaças”, contribuindo para uma descaracterização dos objetivos do próprio Movimento..

Dessa forma, a imagem do MST se constrói de maneira estereotipada, e a opinião pública passa a rechaçar suas ações, pelo caráter de violência exposto através da mídia. Este aspecto, portanto, propaga um retrato de um jovem extremamente estigmatizado, colocando-o em posições sociais inferiorizadas e marginalizadas. Aliás, acreditamos que os mais afetados nesse processo de exclusão são de fato os jovens, já que estes circulam com mais frequência por outros espaços sociais em busca de meios alternativos, seja em prol de uma formação educacional, seja na prática do lazer ou até mesmo nos ambientes de trabalho.

Como os jovens convivem com essa conjuntura? De um lado a sociedade representada pela mídia apresenta o quadro de ações do Movimento de forma degradante; do outro situa-se um Movimento tentando construir uma sociedade justa e igualitária?

O Coordenador nacional João Paulo apresenta uma avaliação sobre a questão e admite de fato, que há uma separação entre a “sociedade e o MST”.

Hoje vivemos um descenso da luta social e infelizmente o MST é quem tem feito mais lutas e por isso estamos mais em evidência. No entanto há outros setores que defendem um outro projeto de país e, em função dessa crise os temas de nosso jovens são as demandas diárias e não o de uma mudança no rumo do país. Mas achamos que devemos continuar lutando e a prioridade dos jovens do MST é a luta, por educação, renda e acesso e produção da arte e cultura, e essas bandeiras ajudam a elevar o nível ideológico de nossos jovens. (JOÃO PAULO, Entrevista realizada em 16 de Março de 2008).

E os jovens o que pensam dessa realidade? Em seus depoimentos, percebemos que os jovens interiorizam esses estigmas com muita lucidez, o que não significa dizer, contudo, que sejam pacíficos a esta situação. Nesse clima de tensão, alguns sabem se sobressair em sua defesa e do próprio Movimento. Os mais incisivos vão para o “confronto”, não de ordem física, mas simbólico, tentando defender-se, mostrando que a realidade é outra. É isso que transparece nas seguintes opiniões:

[...] Algumas pessoas questionam como é que eu estou no assentamento. Que só tem bagunça. Aí eu digo: Você vê o Movimento pelo que a mídia

apresenta, que é só pelo lado ruim. Porque quando você vai fazer uma ocupação, a mídia logo diz que você é vândalo, mas não diz porque a gente está lutando. Estamos fazendo aquela ação porque algum governante deixou de fazer alguma ação, então aquela é a uma forma da gente mostrar isso(Jandyra, 28 anos. Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

A jovem Eunice, 22 anos, afirma que assume sua condição de moradia em qualquer lugar sem nenhum constrangimento. Ela assim se expressa:

digo sem nenhum constrangimento, porque não é vergonha e quando alguém fala, eu digo: o que vocês falam não é assim, porque vocês não estão de dentro, não é nada disso que os outros falam. É uma coisa completamente diferente”(Entrevista realizada em 30 de Outubro de 2007).

Maria Vitória, 14 anos, assume uma posição mais passificadora[...]“ Quando eles ficam assim, a gente explica como é realmente e terminam aceitando”. (Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Esta outra sai na defensiva: “na minha frente não fala nada não, não sei por trás” (ANGELINA, 25 anos. Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Tais revelações nos direcionam pelo menos a duas constatações: a primeira é que ao assumir a sua identidade de jovem do MST, intimamente estão defendendo e referendando também as ações do Movimento. A outra é que quando os jovens contrapõem a forma como são “reconhecidos” seja pela sociedade, via mídia, ou por outras instituições, na verdade estão contestando uma identidade que supostamente lhes atribuem.¹⁰⁰

As narrativas dos jovens pesquisados sejam de qualquer grau de militância relativas às formas de preconceitos a que são submetidos, seguem-se nesta linha de raciocínio:

[...] Uma vez estava numa loja e pediram o endereço e quando disse que era daqui, disseram que não prestava, e eu disse que não era todos. Eles chama de sem teto, não é nem de sem -terra. Eles pensam porque somos sem-terra a gente mata, rouba, mas não, a gente está lutando pela diferença do povo porque tem muita gente que não tem casa, e estamos disposto a lutar por quem não tem terra(EUNICE, 22 anos. Entrevista realizada em 30 de Outubro de 2007).

Analisando o contexto desta declaração, podemos perceber que o nome sem-terra os liga ao Movimento. Nesse sentido, adquirem uma identidade coletiva na medida em que ocupam um espaço que não está apenas relacionado ao aspecto físico mas, sobretudo, ao aspecto simbólico. Assim, mesmo com um território conquistado, continuam “sem- terra”.

¹⁰⁰ Em seu estudo intitulado “Jovens Sem-terra: identidades em movimento,”(2003), a autora Maria Teresa Castelo Branco também corrobora desta mesma posição

Ou seja, essa é uma forma que a sociedade encontra para deslegitimá-los, identificando-os sempre como uns fora da lei.

Diante desta situação, ainda que o Movimento se qualifique pela sua capacidade de organização e pelas suas conquistas, também se desqualifica perante a ótica da sociedade, pois embora o Estado tenha lhe conferido a legalidade com a desapropriação da terra, aquele espaço ainda continua sendo reconhecido como um não-lugar, como um espaço constante de luta, o que impede de conferir-se aos seus assentados um pleno exercício de sua cidadania. Assim, os membros do MST ainda são vistos como pessoas estranhas, exóticas, diferentes, para não citarmos os adjetivos que desvalorizam e desrespeitam profundamente aqueles sujeitos por via do estigma. Um trecho da fala dessa jovem explica bem essa circunstância:

[...]Eu fui com (.....) na rua, a gente entrou numa loja, foi a gente entrando e o segurança indo pra perto da gente porque a gente estava com a blusa do movimento e uma mochila nas costas e a moça da loja começou a olhar, ela me pediu a bolsa para guardar. Eu entreguei numa boa. Então a gente vê o preconceito como é grande, eles pensam que a gente é ladrão. O mesmo foi na parada do ônibus, mas eu não importo com isso não (FÁTIMA, 26 anos. Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Ainda no campo das discriminações vejamos outros relatos:

[...] já sofri discriminação. Foi em São José da Mata, eles perguntaram onde morava, eu disse que morava nos sem-terra, e eles disseram que os sem-terra não valem nada não, aí eu fiquei na minha, saí de perto deles, fiquei chateado e não falo com ele não. Outra vez, eu fui para uma festa em Puxinanã e tava com o boné do movimento. Aí passou uns menino e disse aquele ali é do MST ali não tem ninguém que preste não. Eu escutei, aí meus amigo disse, vamo lá. Porque tu tá escarrando o rapaz aí que tá quieto? Eu cheguei e disse; Eu sou do MST e tenho orgulho de morar lá dentro. Onde eu chegar e perguntar onde eu moro eu digo que moro nos sem-terra. (DÉCIO, 15 anos. Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Os testemunhos apresentados referendam a concepção levantada por alguns teóricos quando discutem o processo de produção de identidades, algo que se constrói sempre na relação de representação com o outro. É o que Oliveira (1976) denomina de identidade contrastiva¹⁰¹. Para o referido autor, os “contrastos entre “nós” e “eles” são os marcadores do jogo de exclusão e inclusão que expressa a natureza da identidade contrastiva” (OLIVEIRA, 1976, p.104). Este argumento permite entender que o jogo dialético entre a diferença e a

¹⁰¹ Oliveira (1976) nos põe de sobreaviso advertindo que esta concepção só poderá ser operacionalizada se levarmos em consideração que as relações de identidades são construídas a partir do que o autor denomina de “identidades complementares” ou “cambiadas” ou mesmo “identidades contrastivas”.

semelhança precisa ser reconhecido como um dos elementos mais importantes para a instituição de um pertencimento identitário: Este depoimento reflete tal compreensão:

[...]Teve uma vez que eu fui trabalhar uma semana em João Pessoa, como pedreiro, aí passou na televisão que o povo daqui botou fogo nos pneus, aí o povo de lá ficou dizendo, tá vendo, um bando de baderneiros. Aí eu disse, o seguinte é esse, não é desse jeito que vocês pensam não, porque vocês não convivem lá. Isso aí eles estão fazendo para conseguir alguma coisa para eles (ALBERTO, 22 anos. Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007).

Para assumir o seu referencial identitário perante o MST, além de carregarem a marca deste estigma instituído pela sociedade, alguns jovens também enfrentam outros tipos de problemas no âmbito da própria família.¹⁰² Fátima (26 anos), por exemplo, que migrou da zona urbana para a rural acompanhando o marido, diz sofrer pressão de seu próprio pai, que não concorda com a sua mudança. Afirma que o pai nunca foi visitá-la no assentamento.

Maria do Carmo, 25 anos, também afirma ser vítima de discriminação dos seus familiares: “ah, tem uma prima minha que diz: como é que a pessoa deixa de viver aqui para viver com os sem terra”? (Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

A situação torna-se ainda mais problemática quando, por exemplo, no próprio assentamento, o pai não aceita o filho como militante do Movimento. Este é o caso de Antônio¹⁰³, que confessa enfrentar sérios conflitos, porque não abre mão da sua condição de jovem do MST: Ele assim se expressa:

[...]sempre meu pai criticando o Movimento “Rapaz, sai disso, isso não dá o pão de cada dia”, Isso não vale a pena, vá estudar. Deixasse de estudar por causa disso. Vai trabalhar. Eu tento conscientizar, mas ele não acredita em mim. A gente chama ele para participar das reuniões, reunião da ciranda própria (ANTÔNIO, 23 anos. Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Tais depoimentos nos colocam em sobreaviso quando se argumenta que o melhor militante é o filho de assentado. Essa é uma questão que deve ser relativizada, sobretudo se considerarmos que a produção de uma identidade se constrói a partir da representação que o sujeito faz de si mesmo podendo transformar-se ou não.

Leal (2008) apresenta uma explicação plausível: “Não basta ser filho de acampado ou assentado para ser considerado ou se auto-representar como juventude Sem Terra”. (LEAL, 2008, p.40). Para este autor há um processo mais amplo, formador, para o jovem se considerar

¹⁰² A família é, por excelência, o lugar social do reconhecimento, mas é também espaço de conflitos e tensões. Ou seja, é na cotidianidade familiar que se abrem espaços para as manifestações.

¹⁰³ Antonio vive com o pai e duas irmãs. Uma delas não aprova a atitude do irmão, seguindo, portanto, os apelos do pai. A outra, afirma que empresta todo apoio. Isso demonstra o quanto as identidades se constroem através da alteridade.

Sem Terra., seja participando das atividades culturais, das ações coletivas internas ou externas, dos cursos de formação, além de outros atributos.

Branco (2003) segue nesta mesma direção:

Sem terra não é qualquer um que não tenha a posse ou propriedade da terra, mas aquele que foi expropriado e está junto com os outros na luta pela reforma agrária. Portanto, a luta lhes atribuiu uma identidade social (BRANCO, 2003, p.46).

Há um grau de complexidade para compreendermos essa situação, porque é muito forte na nossa cultura delegar ao outro um direito, um pertencimento, pois nós sempre estamos pensando que para garantir o nosso pertencimento é necessário se tirar algo do outro. Talvez devamos olhar pelo campo da legitimidade, porque em cultura, deslegitimar é destituir o direito a pertencimentos identitários, à continuidade enquanto um grupo social. Nesse sentido, a criação de um estigma surge como um elemento que tenta se instituir, como forma de não conceder o direito a alguma coisa.

No caso do MST, os seus membros carregam a marca de *outsiders*, na medida em que rompem com a constituição estabelecida pelo Estado, construindo toda uma agenda de lutas e direitos. Nesse sentido, o Movimento torna-se estigmatizado quando passa a ser visto como uma ameaça. Ou seja, os *estabelecidos* (a sociedade) constroem um juízo de valor na tentativa de deslegitimar o grupo, como garantia à continuidade enquanto um grupo coeso, tradicional e defensor de uma luta contra o autoritarismo e a exclusão social.

Nos deparamos com outro paradoxo se olharmos para o MST como um grupo especial que, pela sua constituição própria, vive à margem da sociedade, estando o tempo inteiro sendo levado a construir uma identidade e a defendê-la: seja uma identidade de “estabelecido” ou de quem está tentando se estabelecer.

Na realidade, esta relação de estabelecidos /outsiders tem a ver tanto com quem vê o Movimento, como também como este integrante se considera. Surge o resultado de uma construção identitária que depende de como se identifica o outro, pois a construção de uma identidade se constitui a partir desta perspectiva do estar dentro ou fora. A questão, portanto, não é a de discutirmos a posição dos integrantes do MST sob o campo da territorialidade, até porque a territorialidade é uma construção simbólica e não uma construção de espaço. É mais coerente pensarmos essa relação a partir das identidades, dessas relações de dentro e de fora.

Ser ou não ser de dentro ou de fora, vai depender do nível de inclusão do indivíduo no grupo estabelecido. Se o indivíduo aceita compartilhar de uma determinada ordem, seja ela de

natureza política, econômica ou de interação social, e se o grupo o aceita, automaticamente o indivíduo passa a ter um novo estatuto, em que o estigma passa a ser relativizado.

Portanto, não é uma questão meramente de território, porque se assim fosse, o grupo estabelecido nunca deixaria a sua condição, assim como dos outsiders também. Porque quando o estabelecido não reproduz as regras do grupo, ele deixa a condição de estabelecido e passa a ser um estranho. É o caso, por exemplo, de um assentado que, quando não corresponde às regras impostas pelo Movimento, perde a sua condição.

Esta problemática deve, assim, ser tratada a partir do nível de envolvimento dos indivíduos na construção de suas territorialidades, construindo seus pertencimentos através de seus próprios espaços de compreensão da realidade.

Estes argumentos nos ajudam a pensar esta relação, sem, contudo, alcançarmos uma conclusão, porque na perspectiva de quem olha de fora, o MST pode ser caracterizado como um grupo outsiders. Mas até que ponto isso é verdadeiro, se olharmos o Movimento “de dentro”, com suas configurações próprias, com seus padrões de união interna e controle comunitário, com a respeitabilidade que se institui perante sua organicidade?

Há um contra-senso, pois, se por um lado o MST é reconhecido como um Movimento *estabelecido*, detentor de uma superioridade pela sua formação, na medida em que vai romper com a construção instituída pelo Estado, em busca de uma agenda de lutas e direitos, passa a ser visto também como uma ameaça e, conseqüentemente, torna-se estigmatizado, já que o juízo de valor que a sociedade constrói para este tende a deslegitimá-lo, tornando-o assim em um *outsiders*.

Na verdade, o que existe na relação entre estabelecidos e outsiders é uma rede de poder que se constrói pelo medo de se perder o que está institucionalmente definido, como uma forma correta de se viver, de reproduzir o status quo, a cultura e o coletivo.

No que se refere aos jovens, o que de fato percebemos é que, em meio aos estigmas a que são submetidos, eles constroem suas identidades através de uma “elasticidade de vínculos”. Assim, ao mesmo tempo em que desempenham uma função de consciência própria, também estão submetidos a uma auto-regulação de sua conduta e sentimentos. Tais aspectos, certamente, desmontam a visão de que o indivíduo pode tornar-se totalmente independente da visão do “nós” (ELIAS, 2000).

Diante dos estigmas criados, decorrentes dos fatores discutidos anteriormente, cabe-nos mais uma indagação: como esses jovens fazem valer sua alteridade a partir de seus referenciais identitários, principalmente quando assumem sua relação com o MST?

Os que militam com mais eficácia, por exemplo, demarcam suas identidades, apresentando-se com traços diferenciados em relação a outros grupos juvenis, inclusive os que estão inseridos nos mesmos espaços sociais, na medida em que se colocam com um “capital cultural” superior aos demais. Indagados se sentem diferentes de outros jovens, que não moram no assentamento e não compactuam com a ideologia do Movimento, eles assim se expressam:

[...] Eu acho um pouco, porque eles não têm uma estrutura formada sobre o MST, quem conhece, a mente é meio elevada(JOHN, 15 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007.).

Outros, à exemplo de Jucélia , 27 anos, argumentam que se sentem mais capacitados: “me sinto, porque eles estão lá fora, eles não sabem as coisas que a gente sabe aqui, a gente tem mais entendimento. Lá fora eles procuram mais festa”. (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Jandyra é mais incisiva nas suas declarações:

[...] Eu penso diferente, porque eles têm uma imagem errada sobre muitas coisas devido a influência, e o jovem que é do Movimento ele tem uma imagem mais aberta, porque é mais esclarecido sobre a vida, sobre o latifundiário, sobre o movimento. Porque é um jovem esclarecido e o jovem que não é do Movimento, não (Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Outros jovens, no entanto, marcam suas identidades na diferença, não pela condição de ser jovem do MST, mas de ser um jovem rural. E sobretudo, pela forma peculiar de viver.

“ Acho que sim, o jovem da cidade tem mais facilidade para as coisas. O jovem do campo tem de acordar cedo, ir para o roçado” (Corina, 27 anos. Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007) .

Fred ,17 anos, segue o mesmo raciocínio “me sinto, a gente mora só aqui. O tipo de vida porque aqui a gente trabalha muito” (Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007).

Diante da diversidade de opiniões, é perceptível como declaram suas identidades de forma diferenciada. Mesmo inseridos numa mesma estrutura social, uns assumem em qualquer circunstância a sua condição de jovem do MST, valorizando inclusive o seu capital cultural; outros , acionam referenciais identitários, referendando, muitas vezes, os estigmas a que são submetidos. Assim, utilizar o termo juventudes, no plural, significa reconhecer diversas formas de socializações que são experienciadas pelos grupos de jovens.

Encontramos em Bourdieu (1983) uma explicação convincente para esta questão. Na sua ótica, a juventude se constitui a partir de suas disposições e posições sociais. Ou seja, são as diferentes formas de “capital” , econômico, cultural, social, que, acionados, determinam a condição de jovem. Assim, as construções conceituais para se definir as categorias juvenis são marcadas por concepções dos próprios jovens, na medida em que estes assumem suas identidades: seja de jovem rural, jovem do MST, ou de qualquer outro segmento social.

Uma vez apresentada esta reflexão sobre os espaços sociais desses jovens e sua relação com o MST, o passo seguinte destina-se a entender quem são esses sujeitos na sua inserção em outras dimensões. Partindo da premissa de que as identidades emergem a partir da narrativa dos seus sujeitos e de suas vivências sociais nos propomos, no próximo capítulo, a identificar quais são as suas experiências locais no seu cotidiano e o que pensam sobre si próprios.



Capítulo II | Olhar sobre o Olhar da Juventude



CAPITULO II

OLHAR SOBRE O OLHAR DA JUVENTUDE

“Ser jovem é muito importante, porque é uma vez única na vida da pessoa, então é muito importante se divertir muito, fazer muita amizade”¹⁰⁴

As discussões implementadas sobre os paradigmas que permeiam a categoria juventude são marcadas por tensões, tendo em vista os diferentes posicionamentos adotados por teóricos que se debruçam sobre a temática. Os critérios que são utilizados para a delimitação do que é ser jovem se organizam em torno de diversas áreas do conhecimento (Sociologia, Antropologia, Psicologia) que apresentam diferentes concepções.

Boa parte dos estudos desenvolvidos em âmbito internacional enfatizam mais a juventude como categoria social do que como marco cronológico. Nesse sentido, dois blocos de compreensão podem configurar alternativas conceituais: os que a consideram um conjunto social atrelado a uma determinada fase da vida (estes destacam o aspecto geracional) e um outro que defende a assertiva de que a juventude deriva de diferentes situações de classe.¹⁰⁵

A dicotomia pode ser vislumbrada na atribuição de sentidos referentes ao conceito. Ou seja, de um lado, uns defendem a juventude como um processo homogêneo e, do outro, buscam valorizar a diversidade das experiências juvenis. Neste contraditório leque de referências, a definição de juventude transita sobre um marco etário até alcançar uma abordagem relativa à construção social¹⁰⁶.

No entanto, torna-se válido salientar que entre convergências e divergências uma atitude mais pertinente significa perceber o conceito para além dos reducionismos que buscam recortar a noção de juventude como se esta pudesse ser explicada pelo viés da objetividade.

Como este empreendimento teórico requer a adoção de uma definição, embora não fixa, nosso esforço se aproxima daqueles que buscam implementar uma discussão sobre

¹⁰⁴ Afirmativa de um dos nossos depoentes(Artur) em um momento de fala espontânea.

¹⁰⁵ Os estudos sobre juventude emergem a partir da década de 20, com a obra clássica de Karl Mannheim, Margaret Mead e, posteriormente, com a Escola de Chicago, que aponta uma visão limitada, defendendo a ideia de que o tema seria compreendido como um momento da vida entre a infância e a vida adulta.

¹⁰⁶ Vários autores têm apresentado significativa contribuição (ABRAMOVAY, 2004; ABRAMO, 1994, CARNEIRO,1998;DAYRELL,2003;NOVAES,2006; SHIMIDITH,2001; SPOSITO,1997, CASTRO, 2007; STROPASOLAS, 2005 ; VELHO, 2006;WANDERLEY, 2003 ,entre outros).

juventude mediante uma perspectiva sociológica¹⁰⁷. Por esta via, a concepção de juventude se constitui histórica e culturalmente, sem, contudo, deixar de reconhecê-la através de uma transitoriedade e de um marco etário que, ressalte-se, assume caráter diversificado.

Se há imprecisões conceituais em torno da categoria urbana, como definir, então, a categoria juvenil rural, que não encontra visibilidade no contexto sociocultural globalizado onde os jovens não passam de “filhos de agricultores”?

Como evidencia Wanderley (2003) a juventude rural pode ser compreendida a partir de três dimensões diversificadas: a primeira refere-se à faixa etária, indicador que é comum em todos os grupos juvenis, seja urbano ou rural. O segundo aspecto se refere à questão de gênero, que se constrói a partir de aspectos diferenciados. A autora justifica que na realidade rural as estratégias estabelecidas para os rapazes e as moças não seguem os mesmos princípios, tanto no aspecto da educação, da relação do trabalho, independência pessoal, regras de herança, quanto no encaminhamento para o casamento. E a terceira abordagem concerne à tradição familiar ou à reprodução do estabelecimento desse núcleo social.

Neste estudo, acrescentamos uma quarta dimensão que se cria em torno de uma interface constituída entre essa categoria juvenil do espaço rural e a mídia.

Antes de introduzirmos as discussões centrais que constroem os argumentos desta tese, no que se relaciona ao processo de construção de identidades de um grupo de jovens residentes no meio rural, é pertinente esclarecermos, mesmo que de forma breve, de que lugar estamos falando quando nos referimos ao meio rural, já que as imprecisões apresentadas ao conceito de juventude, sobretudo juventude rural, são marcadas por indefinições decorrentes da própria falta de entendimento do que é rural.

Normalmente, os princípios que norteiam as configurações do rural podem ser reconhecidos nos aspectos que incluem o número de habitantes, a relação com a natureza ou com a alteridade no que concerne ao urbano.

¹⁰⁷ A Sociologia percebe o fenômeno como expressão social a partir do momento em que os jovens começam a problematizar o processo de transmissão de normas sociais. Essa é a fase da busca por seus direitos em prol de uma autonomia. A precursora em pesquisas empíricas nesse campo foi a Escola de Chicago, através da sociologia funcionalista, que desenvolveu estudos sobre as problemáticas apresentadas pelos jovens no que diz respeito à estabilidade social, observando comportamentos de grupos juvenis tidos como delinquentes. Para esta Escola o potencial problemático desses grupos advém da falta de adequação às regras privilegiadas pela vida social. Nesse sentido, a delinquência juvenil vigente deveria ser sanada com processos “sociopolíticos corretivos”, em virtude da disfunção verificada no sistema social. Considerava-se, sobretudo, que os jovens resistiam a uma ação socializadora. Ou seja, o potencial problemático era decorrente da falta de adequação dos grupos às normas sociais pois, oriundos de classe de baixa renda, viviam em situação de “anomia”, em decorrência do processo de desorganização que estariam inseridos. Esse contraste social ocasiona uma situação de angústia resultante na formação de uma “sub-cultura”, estabelecida por um sistema próprio de valores e de comportamentos. Diante do exposto, a juventude se institui no bojo de uma “sociologia do desvio”.

O IBGE, por exemplo, adota como parâmetro o termo “rural” para se referir a toda área externa ao perímetro urbano, sendo definido através de lei municipal¹⁰⁸. De acordo com esse Instituto as principais distinções são: habitat disperso, precariedade de acesso aos bens e serviços sociais e consequentes, dependência em relação à sede municipal.

Para alguns autores (Wanderley,2000; Carneiro,2007) esta é uma definição insuficiente. Nesse sentido, é preciso que se analise o rural para além do setor agrícola, o que muitos vão denominar de “novo rural”,¹⁰⁹ em decorrência de suas heterogeneidades e diversificações, que nada mais são do que o estreitamento das fronteiras entre campo e cidade, o que tem permitido uma ampliação de novas referências culturais.

Wanderley (2000) formula três posições básicas para caracterizar o rural: a primeira, o compreende como uma prioridade para a distinção produtiva; a segunda, vincula o rural como um meio voltado para uma melhor qualidade de vida e a criação de novas alternativas de sobrevivência; o terceiro aspecto apontado relaciona o rural como um bem coletivo a ser preservado pelo seu valor ambiental.

De acordo com Wanderley (2000), o meio rural no Brasil foi constituído através de “espaços diferenciados”, com formas sociais distintas, distribuindo-se entre propriedades de grande porte e pequenos agrupamentos denominados de povoados, bairros rurais, colônias, etc. Argumenta que o rural deve ser considerado como um espaço de vida social singular, construído através de um processo histórico caracterizado por dinâmicas sociais que se localizam tanto interna como externamente.

Carneiro (2007) adiciona outros argumentos ressaltando que o rural precisa ser pensado levando-se em consideração a “dimensão global e os agentes de fora”. De acordo com a autora, uma “nova mentalidade” está sendo criada em decorrência de um mundo globalizado que permite a proximidade entre fronteiras, encurtando distâncias.

Não é demais lembrar que o estreitamento das fronteiras torna-se evidente a partir da emergência das novas tecnologias da comunicação, que permite a convergência das mídias e constitui num novo instrumento de interação humana, configurando uma rede de culturas globalizadas. Assim é possível pensar o rural como expressão de espaços específicos e não na perspectiva de fronteiras. Como enfatiza Spósito(2005), é necessário superar o dualismo

¹⁰⁸ Para alguns pesquisadores o setor urbano deve ser considerado a partir de suas aglomerações, que são demarcadas pelo número de habitantes que se constituem em torno de valores, padrões e formas de organização (LOPES apud WANDERLEY, 1999).

¹⁰⁹ Uma nova concepção, emerge, para configurar o debate atribuindo novas funções ao rural que não necessariamente atreladas a questões agrícolas, caracterizando-o assim como “nova ruralidade”, que se articula entre os níveis econômicos, o meio ambiente e a estrutura social (Stropasolas, 2005).

entre o urbano e o rural, pois novas perspectivas emergem quando se verifica elementos do rural na cidade e de urbanidade no campo.

Levando-se em consideração as representações sociais que se criam sobre o meio rural, destacamos que seu significado aqui se reporta a um espaço específico e diferenciado, pois a falta de paridade social e econômica estabelecida entre este meio e o urbano, acentua suas fragilidades em decorrência das condições estruturais de funcionamento. Tal fato é percebido, sobretudo, no que se refere ao acesso da população aos bens e serviços materiais, dificultando o desenvolvimento dos processos socioculturais. Utilizando as palavras de Castro (2005), o que na verdade separa o campo da cidade é a distância econômica que é acentuadamente maior do que mesmo a distância física entre os dois espaços.

Nesse sentido, buscamos compreender esta problemática a partir de uma perspectiva social sujeita a um processo de mudanças, caracterizando o rural como um meio diversificado e heterogêneo. Ou seja, parece ser coerente pensar o rural a partir de uma relação de interdependência que se cria com o urbano, e não como um meio que está exclusivamente associado à produção agrícola. Contudo, não idealizamos uma ideia de que o rural pode se transformar em urbano, mas consideramos o processo de proximidade e de relações intrínsecas que se constroem nos dois espaços. Como assevera Wanderley (2007): “Não isolar, mas também não diluir”. (WANDERLEY, 2007, p.32).

Nossa compreensão, portanto, comunga com os posicionamentos daqueles que discutem o rural na perspectiva de um espaço social diferenciado, para além do setor agrícola, pois são os diferentes modos de vida atrelados às suas condições sociais que permitem designar o que é rural e, conseqüentemente, os jovens que ali habitam.

Diante da dicotomia apresentada conduzimos nosso raciocínio sobre a juventude rural, percebendo-a como uma “categoria fluída”, marcada por inúmeras variáveis. E é com esta intenção que adentramos no mundo dos jovens que compõem o nosso campo empírico. Afinal de que jovens estamos falando? De onde vieram e por que estão ali?

A nossa perspectiva, neste momento, direciona-se no sentido de investigarmos as dimensões sociais que circundam a vida dos sujeitos desta pesquisa, que é marcada por uma realidade não circunscrita apenas porque moram num meio rural, mas sobretudo pela sua trajetória de vida construída em meio a conflitos, incertezas e muito medo.

Assim, estabeleceremos um diálogo com os nossos interlocutores na tentativa de investigarmos as identidades desses considerando o quadro heterogêneo que demarca suas trajetórias cotidianas de vida. Acreditamos que a melhor perspectiva analítica para

construirmos um significado coerente da categoria juventude é buscando compreendê-la a partir das concepções dos próprios sujeitos pesquisados. Foi este caminho que trilhamos, olhando para os jovens através do seu próprio olhar. Por este canal de comunicação almejamos entender as reais dimensões da temática em questão, tão polêmica, sobretudo quando se trata de jovens residentes em assentamentos rurais do MST.

2.1-Trajetoórias Percorridas: Em Busca de um Sentido para a Vida

A maior parte dos jovens pesquisados relatou com precisão as suas histórias de vida até chegarem ao assentamento. Reconstru ram suas trajetórias sem titubear, trazendo para o presente situações vivenciadas, lembrando os momentos difíceis que atravessaram, acompanhando seus pais em busca de um sentido para suas vidas. Tais narrativas são formas de criar um vínculo identitário, estabelecer uma raiz para demarcar não apenas um “território”, mas seus espaços no mundo, semelhantes histórias, que escrevem juntos.

As famílias instaladas no assentamento são oriundas de localidades circunvizinhas do meio rural ou de bairros periféricos da cidade de Campina Grande. De uma forma ou de outra, migraram para o assentamento em busca de um lote de terra.

Para a maioria, a notícia de desapropriação da terra na citada localidade foi recebida através da m dia (rádio e televisão), o que os motivou (seus pais) a realizar inscrição junto ao Incra. Outros vieram para o local através de informações de parentes e por último por convites de lideranças já articuladas ao MST, que buscavam arregimentar pessoas para a conquista da terra.

Walter, 18 anos, embora muito pequeno na época da ocupação, relata como o processo aconteceu:

Meu pai trabalhava sempre na agricultura, aí passou um senhor que vinha para cá , l  de Alagoa Nova. L  no logradouro está surgindo umas terras, o governo está dando as terras ao povo, ele sabia onde era a fazenda porque morava em Boa vista (Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Para Jandyrá, 28 anos, a articulação ocorreu de forma diferente;

Eu conheço Lito há muitos anos, a gente morava na calu te, aí Lito sabia que minha mãe gostava de criar, plantar, aí chamou ela para cá, aí ela veio primeiro, ajeitou o canto dela e depois foi me buscar. Eu vim, ajeitei um canto para mim, um barraco (Entrevista realizada no dia 27 de Outubro de 2007).

Já para a família de Tibério, 17 anos, as dificuldades não foram tão grandes tendo em vista que já moravam na localidade antes da mesma se transformar em assentamento.

A busca incessante em prol de um local de moradia já foi experienciada pelos jovens em outras situações, seja no contexto rural seja no urbano. Muitas dessas experiências não lograram o êxito desejado.

Joaquim, 16 anos, lembra que morou em alguns locais e teve que sair porque foram despejados. Mesmo assim expressa que não queria vir morar no assentamento. “A gente morava na catirina e foi despejado e foi para o morro do urubú, aí chamaram minha mãe pra cá, mas eu não queria vir não” (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Já Wilson, 20 anos, ressalta que a família preferia o meio rural para morar tendo em vista o índice de violência existente na zona urbana.

A gente morava no Santo Izidro, depois veio para Bodocongó. Vamo procurar um sítio porque na rua é muito violento. Aí viemo atrás de uma granja pra tomar conta. Quando chegamo aqui falamo com o dono desta fazenda e ele mandou a gente buscar as coisas¹¹⁰ (WILSON, 20 anos. Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Artur, 16 anos, relata que a mãe tinha muita vontade de criar animais e sonhava com um espaço adequado para tal. Aceitou o convite de uma tia que já morava no assentamento. Entretanto, temendo os conflitos entre os “latifundiários”¹¹¹ e o Movimento, foram embora para Pedra Lavrada. Retornaram mais tarde quando a situação se normalizou.

Nós já saímos da cidade porque hoje em dia existe muita criminalidade, então minha mãe teve medo da gente se tornar um desses que transporta droga, aí fomos para Pedra Lavrada, mas como era muito pequeno e aí a gente chegou aqui (Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

É importante atentar que o acesso ao assentamento não ocorreu necessariamente pelo próprio Movimento enquanto organização e/ou instituição, muito mais pela via dos laços de parentesco e de amizade. Estes indicadores demonstram que a incorporação ao MST foi circunstancial, já que antes de integrarem o Movimento não se inseriam em nenhuma entidade representativa. Primeiro buscaram o acesso à terra, depois, engajaram-se junto ao Movimento como forma de garantir sua permanência no local.

Alguns jovens relatam que até hoje o pai se recusa a aceitar a ideia de que foi o MST o intermediador pela conquista da terra. De acordo com Antonio, 23 anos, o seu pai é categórico ao afirmar que se encontra naquele espaço por causa do Incra. “Quem deu a casa dele, os créditos foi o Incra, não foi uma conquista do movimento não” (Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

¹¹⁰ A família desse jovem chegou ao assentamento antes da desapropriação da terra

¹¹¹ Esse termo foi utilizado bastante pelo jovem depoente, incorporado aos discursos dos militantes do MST.

Outros jovens também compartilham dessa concepção quando anunciam em seus depoimentos que ali chegaram porque o Incra estava desapropriando a terra.

Meu pai viu passando no jornal e se inscreveu no Incra. Aí passamos dois anos vindo de bicicleta procurando um terreno bom, depois montamos um barraco (FRED, 17 anos. Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007).

Na verdade, eles não tinham a clareza de que o processo de desapropriação da terra se configura por intermédio das lutas empreendidas pelos movimentos que defendem a reforma agrária, e o MST é um deles.

Já para os que estão engajados junto à luta do MST, a opinião é diferente. Eles esboçam com lucidez a importância do Movimento naquele momento de conquista pela terra.

John, 15 anos, assim se expressou:

Eu vi os sem terra em conflito, botei na cabeça como era a estrutura deles, até que eu fui para um assentamento e fiquei por 3 anos. Este aqui foi o dirigente Lito que informou. A gente veio para cá faz mais de 2 anos (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Interessante que esse jovem, ao recompor sua chegada ao assentamento assume um discurso nítido de militante, se portando com certa independência. A sua construção textual na primeira pessoa do singular indica uma autonomia que normalmente não é compatível com discursos de outros jovens que, normalmente, estão submetidos a uma condição de subalternidade.

Roberto, 25 anos, igualmente apresenta as mesmas características quando afirma que almejava entrar para “os sem terra”.

Por intermédio de Miltinho. Eu passei um tempo fora trabalhando em um engenho. Mas já conhecia o Movimento por perto de Taperoá tinha uns sem terra acampado lá. Quando eu vim visitar ele, disse que estava com vontade de entrar para os sem terra. Aí Miltinho disse que ao invés de entrar lá viesse para cá porque ele também fazia parte, me mostrou a bandeira e me explicou (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Este jovem já detinha na época um grau de independência e, diferentemente da maioria, que ali estavam em decorrência da situação de acompanhamento da família, sua integração ao Movimento não ocorreu apenas pela condição da terra, mas por convicções próprias. Vale ressaltar que este é um caso isolado no grupo em estudo.

Os relatos de outros jovens apontam, no entanto, que embora a situação vivenciada tenha sido bastante difícil, a participação do Movimento foi imprescindível para a realização daquela conquista. “No princípio foi difícil, mas melhorou depois que o Movimento assumiu” (JOMAR, 18 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Nesse momento, eles se reconhecem como atores coletivos ao se engajarem ao Movimento que levanta a bandeira da reforma agrária. Uma luta que é de caráter mais amplo tende a ser incorporada no nível de suas subjetividades, ajudando-os a encontrar um lugar onde possam “ser” como sujeitos ativos. Uma constatação está posta: de uma forma ou de outra cremos que esses homens e mulheres buscaram conquistar sua cidadania¹¹², seu lugar como atores sociais.

As buscas de alternativas em prol de um lugar para morar e, conseqüentemente, sobreviver, são marcadas por conflitos que nem sempre permitem alcançar uma melhor qualidade vida. Os jovens depoentes não hesitaram em afirmar que o grau de dificuldades enfrentado naquela nova situação de vida foi bastante alto. A falta de infraestrutura como água, energia e a própria condição do trabalho fizeram do cotidiano desses uma verdadeira peregrinação, principalmente em épocas de secas quando não dispunham de água nem para beber.¹¹³

Passamo por dificuldades no começo, ficamo acampado onde o gado comia. Passamo uns três meses. Depois conseguimos uma área e construímo um barraco. Passamo uns quatro anos, depois fomo para outro barraco de taipa, até levantar a casa. (ANTÔNIO, 23 anos. Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Outros denunciam que a maior dificuldade foi a falta de alimento associada às condições precárias para a sua subsistência. “Não tinha carroças, animal, carregamo água nas costas e era muito longe. Graças a Deus agora tudo mudou” (AMÉLIA, 15 anos. Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Os depoimentos aqui colhidos expressam de forma unânime a realidade de exclusão a que esses sujeitos são submetidos diante das desigualdades sociais.

Quando nós chegamos aqui viemos morar debaixo de um pé de umbu (eu e meu pai), com uma lona. Tinha dia que chovia, a gente se molhava, quando não chovia a gente dormia em paz. Passamos 5 anos assim, debaixo de um pé de umbu, aí fizemos um barraco, agora ‘veio’(vieram) as casas e estamos numa casa (ALBERTO, 22 anos. Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007).

¹¹² “ A articulação dos pressupostos da cidadania nos leva a inferir que primeiro, cidadania é uma prática; não é simplesmente a compreensão passiva, da realidade, estando de posse de elementos que possibilitem a decodificação do mundo ao nosso redor (MARTINS, 2000, p.51).

¹¹³ É importante ressaltar que essas famílias apesar de todas as dificuldades vivenciadas não enfrentaram os conflitos pela posse da terra como a ocupação do espaço, pois o Incra já havia concedido a desapropriação quando lá chegaram.

Aquela situação levou-os a momentos de bastante apreensão. Como atesta Kátia, 18 anos. “Foi muito difícil, eu fiquei com medo das cobras”(Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Os jovens oriundos da periferia urbana, a exemplo de Walter, 18 anos, relatam que o grau de dificuldade foi duplo: primeiro, por terem de se acostumar a um estilo de vida totalmente diferente daquele a que estavam habituados no meio urbano e depois, a pressão para se adequarem às novas formas de trabalho pesado, arrancando toco, quebrando pedra, etc.

As moças casadas, que também acompanharam seus maridos nessa ocasião, descrevem igualmente a situação enfrentada:

Não tinha serviço certo, não tinha dinheiro pra comprar as coisas, quando tinha um bico, fazia”(ROSE, 22 anos. Entrevista realizada no dia 09 de Novembro de 2007).

De acordo com Fátima, 26 anos, sua família enfrentou vários obstáculos, mas sempre esteve ao lado do marido, compartilhando as dificuldades:

A gente morava em um barraco de taipa, a gente tinha que cortar palma, viemos os dois, a gente trabalhava plantando palma, era a renda (Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Angelina, 25 anos , descreve a sua peregrinação:

Foram muitas dificuldades, chegamo aqui numa seca braba, não tinha água pra se beber direito. Demorou muito pra conseguirmo o lote. Primeiro moramo no barraco, em vários lugares, saindo de um barraco pra outro (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Os depoimentos colhidos quanto as trajetórias de vida, seja acompanhando seus pais ou maridos em busca de um espaço para morar, são muito semelhantes entre si, e marcados por tensões. O grau de dificuldade é quase unânime. Na verdade, esta é uma característica recorrente dos que lutam por espaço para morar. As suas expectativas e vivências ganham sentido de luta histórico- política quando relatam como chegaram ao assentamento e como construíram seus mecanismos de sobrevivência.

A perspectiva da juventude, dadas estas circunstâncias, passa a ser vivenciada num contexto de luta e sobrevivência. Esta situação provoca uma ruptura no processo juvenil, levando esses jovens para um amadurecimento precoce, devido às necessidades que surgem em decorrência da sua condição social. Diante desta realidade adotamos o ponto de vista de Carneiro(2005), na medida em que devemos situar a categoria juvenil numa perspectiva de um conjunto de atores específicos, tributários de um processo social e histórico, criado a partir

da constituição de uma territorialidade, levando-nos portanto, a reconhecê-los a partir de suas especificidades locais.

Assim, a condição de ser jovem deve ser compreendida levando-se em consideração as contradições sociais que se atravessam junto à produção material e simbólica dos indivíduos e, conseqüentemente, do contexto social no qual se encontram inseridos.¹¹⁴

Os testemunhos desses sujeitos evidenciam com muita precisão que a vivência, a experiência não constituem aspectos cronológicos, e por isso a juventude atrela-se às condições sociais. Por este viés, a juventude requer ser compreendida como uma categoria de sujeitos inseridos em uma dimensão histórica. Fato que provoca similaridade de vivências e experiências relacionadas ao mesmo contexto, apesar das diversidades materiais, simbólicas e culturais que o demarcam em decorrência das relações de poder que se instauram no espaço rural. Esta talvez seja a compreensão mais lúcida para definirmos o conceito de juventude rural, identificando-a enquanto categoria social, portadora de uma heterogeneidade.

Há que se considerar, no entanto, que as condições de vida desses jovens apontam para uma discussão¹¹⁵ mais eficaz sobre a ampliação de políticas públicas que de fato contemplem este meio,¹¹⁶ cobrando ações concretas dos governos, sobretudo as relacionadas não só ao problema da reforma agrária, mas para que a garantia da concentração fundiária seja definitivamente resolvida. Assim, o debate direciona-se ao projeto de luta de classes, das transformações sociais, no sentido de colocar o jovem em um cenário de visibilidade, através de projetos de desenvolvimento sustentável, que beneficiem seus modos de sobrevivência.

Até lá, o que resulta desse processo é que as construções identitárias desses jovens passam a ser conduzidas, muitas vezes, por um processo de estigmatização do ambiente rural, em detrimento da criação de políticas públicas voltadas mais especificamente à juventude urbana, criando dessa maneira uma cortina de invisibilidade dos indivíduos que habitam no campo.

À luz deste entendimento a juventude rural passa a ser identificada por uma relação de

¹¹⁴ Os estudos direcionados à juventude rural se apresentam de múltiplas formas em decorrência das diversas situações, tanto no âmbito social quanto espacial e histórico. Nesse sentido, os autores : Wanderley, 2003; Carneiro, 2005; Durston, 1998 e Castro, 2006, não hesitam em destacar as imprecisões que marcam a categoria, tornando, assim, o empreendimento interpretativo um tanto quanto desafiador.

¹¹⁵ Um momento muito produtivo para esta discussão foi a realização do Seminário Juventude Rural em Perspectivas, no Rio de Janeiro em 2006, na sede do CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O objetivo do evento foi favorecer o intercâmbio de experiências organizativas que envolvessem a vivência do jovem rural no contexto brasileiro.

¹¹⁶ Dados do PNDA (Pesquisa nacional por amostragem de domicílios) apontam que a população jovem de 15 a 29 anos correspondem a 49 milhões de pessoas, o que representa 27% da população. Desse universo, a juventude rural compõem um percentual de 4,5%, o que em termos numéricos corresponde a 8 milhões de pessoas.

subordinação, historicamente construída, às estruturas sociais urbanas. Tais relações são marcadas não necessariamente por uma questão geográfica, mas por situações de ordem social e econômica, propagando uma visão de campo como sinônimo de atraso, o que resulta na construção de uma categoria marcada por um processo de hierarquização social.

Na verdade, esse estigma é representado pelo fato da desvalorização cultural que se imputa ao campo como forma de morar mal. Em outras palavras, emerge o estereótipo de que o meio rural está sempre em descompasso à realidade urbana devido a hierarquização reproduzida entre o rural/urbano pela inexistência de políticas específicas para a parcela jovem rural, (CASTRO, 2008).

A invisibilidade dos jovens perante as políticas públicas surge em decorrência desta parcela ser percebida como “população minoritária”.¹¹⁷ Para Castro (2008) esse processo é parte da reprodução de hierarquia campo/cidade, que gera representações sociais sobre o campo, que fazem parte dos processos de reprodução das desigualdades sociais.

Sob este paradigma, devemos considerar que esses sujeitos sociais carregam especificidades próprias, vivendo com conflitos inerentes ao contexto de uma sociedade capitalista, onde as dimensões econômicas, sociais e culturais é que definirão a condição juvenil, sendo esta muitas vezes antecipada.

Na verdade, não há uma resposta chave, nem como conceituar esta categoria, a partir de uma definição precisa e estável. O mais sensato é entendê-la através de suas especificidades, que, por sua vez, são construídas histórica e socialmente.¹¹⁸ O que significa dizer que a juventude rural carrega múltiplos significados para além das diversidades locais e regionais.

O cotidiano dos integrantes dessa pesquisa referenda essa assertiva, já que a sua condição de jovem está muito mais condicionada aos meios de sobrevivência do que mesmo aos fatores sociais inerentes à juventude.

2.2- O Cotidiano: Espaço de Relações Sociais

“a vida do povo do campo é atormentada”¹¹⁹

A condição de vida dos jovens residentes no Assentamento José Antonio Eufrosino

¹¹⁷ “Mesmo em se tratando de minoria não representa um contingente pequeno” (Castro, 2008, p.116)

¹¹⁸ No Século XX a adolescência surge enquanto etapa socialmente distinta, mas, como alerta Áries (1978), essa condição juvenil pode variar no interior de uma sociedade, podendo se limitar apenas a determinados grupos.

¹¹⁹ Frase de um dos jovens integrantes desta pesquisa (John, 15 anos).

não difere da realidade de muitos daqueles que vivem em um meio rural carente de políticas públicas. Dividem o seu tempo primeiro nas atividades de trabalho, na maioria dos casos ajudando aos pais seja na agricultura ou em atividades domésticas. Em segundo plano, consideram os estudos e, por fim, as atividades de lazer. No que tange ao MST, poucos são os que se envolvem mais diretamente nas atribuições do Movimento no exercício “pleno” da militância. Vejamos como o quadro se delinea:

2.2.1- Divisão Social do Trabalho: Arranjos Familiares

O núcleo familiar dos jovens residentes no assentamento José Antonio Eufrosino sobrevive através de arranjos familiares¹²⁰, com a integração participativa de todos os seus membros ligados a um sistema de atividades agrícolas como forma de subsistência organizada através da divisão social do trabalho,¹²¹ no qual a figura do pai é representada enquanto autoridade maior.

Embora, hoje, estejam na condição de assentados, com suas casas edificadas e usufruindo de um mínimo de condição de moradia, dividem o seu dia entre os afazeres, voltados tanto para as atividades da agricultura como para os serviços domésticos, e o estudo, inserindo-se dessa maneira, no mundo do trabalho de forma muitas vezes prematura.

Para Stropasolas (2005) “a organização material da vida familiar do colono solicita e requisita a participação dos jovens e crianças, pois os papéis que os filhos desempenham dentro ou fora de casa, são de importância fundamental para o grupo doméstico” (STROPASOLAS, 2005, p, 215). Na perspectiva deste autor, a categoria trabalho pode ser também compreendida como espaço de aprendizado entre as gerações de agricultores.

A família nuclear do assentamento pesquisado, normalmente com uma média de três (3) filhos, divide suas atividades com os rapazes, ajudando o pai nas tarefas agrícolas ou com os poucos animais existentes, enquanto as moças ocupam-se, juntamente com a mãe, dos afazeres domésticos. Diante dessa realidade, constroem cedo sua inclusão com o mundo do trabalho, iniciando desde a infância sua relação com o espaço agrícola e as atividades domésticas. As moças, por exemplo, desde cedo ajudam as mães cuidando dos irmãos mais

¹²⁰ As transformações na organização familiar, a partir dos anos 70, têm proporcionado rupturas na agricultura familiar: primeiro com a diminuição da formação de unidades produtivas e segundo, a reprodução dos papéis entre as sucessões geracionais que vem diminuindo sistematicamente.

¹²¹ No meio rural a divisão social do trabalho é construída através de espaços de relações sociais de gênero e geração em que o pai é a autoridade máxima dentro do grupo doméstico. Nesse caso a figura masculina ainda assume uma posição de poder perante a família.

novos e, muitas delas, logo estendem esses cuidados para seus próprios filhos. No período de plantio ou de colheitas todos os integrantes se unem em prol das atividades na agricultura, tornando a jornada de trabalho para elas mais sobrecarregada:

Arrumo a casa, vou para o roçado, cuido do meu irmão. Eu estava estudando, mas parei para ajeitar os dentes. De noite faço a janta, assisto televisão (KÁTIA, 18 anos. Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Carla, 18 anos, igualmente descreve a sua rotina:

Eu cuido de casa, ajudo dona preta com os animais. Eu acordo cedo, depois que dona preta tira o leite eu vou levar para o cercado, depois faço os serviços domésticos (Entrevista realizada em 26 de outubro de 2007).

Os rapazes normalmente assumem as tarefas mais pesadas:

Eu ajudo a cortar palma, botar água, um monte de coisa. Acordo cedo, (06h00min) vou cortar palma, levo o soro dos porcos, depois assisto, faço as atividades da escola, de tarde vou pra escola e de noite assisto televisão (WALTER, 18 anos. Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Tanto Jomar, 18 anos, quanto Igor, 23 anos, declaram que o dia é puxado: Cuidam dos bichos, colocam água, ração e ainda vão para o roçado.

Este outro realiza os mesmos afazeres:

Aqui eu trabalhava na agricultura, cortava a palma, botava água, mudava os bichos de um canto para outro” (GETÚLIO, 23 anos. Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007)¹²².

Há uma observação interessante aqui; é que a normatização da divisão social do trabalho é um processo instituído na inserção familiar, no qual os afazeres tornam-se internalizados na vida dos jovens como forma de “ajuda” aos pais. Nesse caso esses sujeitos vivenciam espaços de subalternidade e por isso muitas vezes passam a ser reconhecidos pela sociedade como filhos de agricultores.

Tanto para os rapazes casados quanto para as moças casadas ou solteiras com filhos a jornada de trabalho torna-se mais árdua pelo acúmulo de atribuições, conforme podemos atestar:

Acordo às 5:30, boto as meninas para o colégio, vou deixar e buscar de carroça de burro. Dou aula à tarde no Brasil Alfabetizado. À noite faço minhas coisas (FÁTIMA, 26 anos. Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Rose, 22 anos, também vivencia a mesma situação

¹²² Atualmente este jovem encontra-se trabalhando em uma fábrica de calçados, permanecendo no assentamento apenas nos finais de semana

Eu acordo 3, 4 h da manhã, cuido da comida e vou embora mais ele para o mato, tirar lenha, cuidar dos bichos e quando tem roçado, cuidar do roçado. De noite assisto televisão, a novela das 7h e vou dormir (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Maria do Carmo, 25 anos; Ruth, 24 anos; Jandyra, 28 anos e tantas outras ali residentes são jovens mulheres que preenchem o seu dia com os mais diversificados afazeres, seja de ordem doméstica ou em atribuições rurais. Para essas, a sua juventude se exerce na plenitude do trabalho que lhes é “imposto” enquanto meio de sobrevivência:

O meu dia é corrido, acordo , faço café, o mingau das meninas, cuido do almoço, levo as meninas pra escola, troco os bodes de lugar, vou pro mato ajudar meu pai”(MARIA DO CARMO, 25 anos. Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Para os rapazes o contexto não é diferente, o depoimento de Alberto, 22 anos, sintetiza o dos demais.

De manhãzinha me acordo de 4 horas pego o jumento boto na roça e vou para mata arrancar toco. 10 horas eu volto para casa, tiro o jumento da carroça, dou água a ele e quando é de 1 h subo de novo para a mata. Quando não tô fazendo nada¹²³ fico descansando, assistindo televisão. Eu Trabalho para conseguir o alimento da casa. E o da mulher é cozinhar, lavar roupa, ajeitar a casa. Só isso mesmo (ALBERTO, 22 anos. Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007).

Os jovens casados, que resolvem permanecer no assentamento, constroem a condição de “independência”¹²⁴, edificando sua moradia separada da dos pais. Entretanto, a divisão do trabalho permanece, tendo o pai como o grande responsável.

Esta posição de hierarquia tão evidente no meio rural desenvolve-se através de uma relação interna intensa que se verifica, principalmente na proximidade trabalho- família, chegando muitas vezes a se confundir. No entendimento de Castro (2006), esse processo de hierarquização tem gerado determinadas tensões entre grupos juvenis, estimulando sua saída para o meio urbano.

Conforme podemos identificar a diversidade de atividades desenvolvidas está naturalizada no *habitus* desses sujeitos, e todas se apresentam ligadas ao espaço rural e ao mundo do trabalho. Em menor intensidade, surgem as atividades ligadas ao estudo formal e, por último, em escala inferior, as atividades relacionadas ao Movimento. Os comentários desses jovens ilustram com clareza essa realidade:

¹²³ Será que ainda resta tempo para alguma outra atividade, mesmo que lúdica?

¹²⁴ A maioria dos jovens casados que permanecem no assentamento constroem suas moradias em espaços cedidos pelos pais dentro do próprio lote, continuando, portanto o processo de hierarquização do pai perante os filhos já que esses não assumem a condição de donos de lotes.

Faço tudo, casa, roçado. De manhã vou para o roçado, cuido do bicho da minha mãe. Quando estava estudando de tarde ia para o colégio”(LUCINARA, 15 anos. Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Para Regina, 14 anos, as atribuições não são diferentes:

Boto água, faço o serviço da casa. Depois vou estudar , às vezes eu saio vou na casa das meninas. À tarde vou estudar, e de noite assisto televisão (Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Rosalva, 20 anos, segue a mesma rotina “Me acordo 6 h, vou cozinhar, cuidar de menino, lavar roupa. Fazer a lida na agricultura” (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Este rapaz assim descreve o seu dia:

Um vai tirar lenha, outro o gado, outro ajuda a mãe. As mulheres ficam em casa fazendo as coisas(domésticas). Acordo 5 horas, vou buscar água, depois vou tirar cardeiro e de noite vou assistir. Não estou estudando porque é muito longe (FRED, 17 anos. Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007).

Observando a progressiva jornada de trabalho no cotidiano desses jovens constatamos que esta antecipa um processo de responsabilidade perante os mesmos, sendo consideravelmente maior do que as aplicadas aos jovens urbanos¹²⁵. Este é um fator inerente à própria conjuntura histórica em que vivemos, perpassada por uma hiper-valorização das práticas e representações que são imputadas aos jovens. Como salienta Spósito (1997), ainda que se reconheça o processo histórico e social como eixo de análise sobre a questão, há que se considerar que esta fase da vida é marcada por instabilidades associadas a determinados fatores sociais. É o caso dos interlocutores desta pesquisa. Desde cedo encaram uma dura realidade, perdendo muitas vezes de usufruir dos direitos que são concernentes para esta categoria, como o estudo e o lazer.

As diversidades vivenciadas por determinados grupos juvenis, e no caso específico deste em estudo, desconstroem de certa forma a postura preconceituosa e sem consistência atribuída a alguns segmentos que retiram dos jovens a sua condição de sujeito social, devido a uma pseudo incapacidade de ação que estes apresentam no contexto da sociedade moderna, sugerindo com isso um certo retardamento junto as suas responsabilidades.

Spósito citando Dubet apresenta uma explicação bastante lúcida sobre a temática:

A categoria juventude pode ser considerada como portadora de uma ambiguidade intrínseca, pois seria ao mesmo tempo momento do ciclo de

¹²⁵ Ver Durston,(1998)

vida, exprimindo assim as características socioculturais de uma determinada temporalidade histórica, como também um processo de inserção ou uma experiência delimitada pela estrutura social (DUBET apud SPÓSITO, 2005, p.89).

Para os jovens rurais essa concepção não se aplica, já que vivem uma ordem sociocultural não compatível com uma conexão biológica, exercendo papéis que não correspondem à idade cronológica, tendo que se vincular a certas atribuições e responsabilidades em detrimento de suas escolhas pessoais. Neste raciocínio, a vida desse jovens passa a ser regulada por etapas não cronologicamente definidas, como supostamente deveriam ter, realizando idealizações próprias a cada fase de suas vidas: infância, juventude e vida adulta.

Essa compreensão se adequa à realidade empírica em estudo, e com um ingrediente a mais, àqueles que assumem posições de militância junto ao Movimento “com uma tarefa maior”, uma vez que as suas atividades diárias se dividem tanto nos afazeres domésticos quanto em prol do Movimento, o que aumenta a sua carga de trabalho:

Eu costumo acordar 3, 4 horas, como eu tenho o compromisso de ajudar na Quixaba. Lá tem problemas, a pessoa que tomava conta queria ser o mandante, o senhor feudal. O movimento que tomava conta lá é o CPT, aí por conta disso o MST foi convidado a participar lá. Aí eu vou para lá ajudar. Quando eu não estou lá, eu vou destocar o mato, e quando não estou nestas tarefas eu estou lendo (ARTUR, 16 anos. Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

A rotina diária de Jandyra, 28 anos, também se constitui nesta perspectiva:

Agora que a gente já lucrou, o meu tempo mais é tomar conta dos poucos bichos que tenho, botar água, tomar conta da casa. E ajudar os companheiros do Movimento (Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

De acordo com Antônio, 23 anos, suas atribuições diárias estão muito atreladas às ações voltadas para o Movimento. Ele assim se pronuncia:

É praticando coisas do movimento, quando não é com atividades fora, é aqui dentro do assentamento com o pessoal. É durante a semana, e nos finais de semana a gente tem as reuniões. No domingo tem reunião na Quixaba, e no sábado estamos aqui com a ciranda o dia todo (Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Não é demais enfatizar: o cenário onde os jovens pesquisados estão inseridos põe em cheque a visão idealizada de juventude enquanto categoria desatrelada de qualquer ato de responsabilidade. Pelo contrário, são sujeitos que encaram a dura realidade do meio rural,

com dificuldades concretas em diversos níveis, numa busca constante pela sua cidadania, para não dizer sobrevivência, e também por seus pertencimentos identitários, na “tensão” do ser jovem rural e membro do MST – Movimento dos Sem Terra. Vale também referenciar que a apreensão sofrida por este grupo é muitas vezes criada por condições externas que a sociedade oferece para a inserção desse meio social. Esse informante retrata o quadro com certa amargura: “a vida do povo do campo é atormentada” (JOHN, 15 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007) .

2.3-O Jovem e as Redes de Relacionamentos Familiares

As discussões sobre a juventude perpassam necessariamente sobre as relações familiares¹²⁶ que não podem ser construídas através de uma visão idealizada e homogênea. Como alerta Carneiro(2005)“as variáveis são múltiplas, o que torna impossível traçar um padrão de estratégia individual ou familiar, levando em conta somente as condições de renda e de produção familiar”(CARNEIRO, 2005, p.258). Nesse sentido, buscamos identificar junto aos sujeitos dessa pesquisa os laços mantidos com a família a partir da diversidade existente neste grupo.

Para os jovens que dialogaram conosco, as laços estabelecidos com a família nuclear, principalmente, são bastante evidentes. Geralmente estão na companhia de sua família, seja através do trabalho, em passeios, nas horas das refeições, nos momentos de lazer e mesmo nas reuniões. Enfim,estão inseridos numa “rede de relacionamentos familiares” que se organizam não só em torno da divisão do trabalho, mas também em momentos de convivência, quando se reúnem para conversar. É a ocasião em que, mais uma vez, o pai exerce a sua autoridade com aconselhamentos, que se diversificam desde as orientações sobre a sua conduta juvenil até as formas de organização das suas atividades rotineiras no assentamento.

Observamos que estes encontros sempre visam a busca de melhores condições estruturais de vida. Nesse sentido, a família no contexto rural representa um elo significativo de equilíbrio, já que os encontros familiares reforçam os vínculos para que possam traçar

¹²⁶ De acordo com Ariés(1978) a família ,na Idade Média, não era considerada como modelo básico de sociabilidade, e as crianças desenvolviam o seu aprendizado em contato com os adultos nos espaços coletivos. Só no Séc. XVII é que a instituição da família adotará uma postura de retração em detrimento a uma sociabilidade coletiva. Tal mudança elege a família como principal referência moral o que permitirá que se reorganize em torno da criança. Registra-se uma das faces de moralização dos homens, promovida pelos reformadores ligados à igreja seja ela católica ou protestante, ou ainda às leis ou ao Estado. Atrelado ao sentimento familiar, a família começa a organizar-se em torno da criança, tirando-a do anonimato. É a chamada revolução escolar e sentimental (ARIÉS, 1978).

suas metas, seus mecanismos de sobrevivência, que se referendam através de seus pertencimentos ao meio em que estão inseridos. Tal aspecto pode ser verificado nos depoimentos que seguem: Jovelino, 20 anos, indica que os pontos principais de suas conversas são sobre trabalho e falta de alimentação. (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Este segue a mesma linha :

A conversa é sobre a lida da vida aqui, o que aconteceu no passado que passamos muitas dificuldades até chegar aqui (GETÚLIO, 23 anos. Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

O depoimento de Walter, 18 anos, é esclarecedor:

Falamos que está devagar o projeto aqui. Veio a cisterna mas esta seca... Nunca veio um caminhão de água para cá. A gente tem que comprar por 100 reais da água, se não tiver o dinheiro morre de sede (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

O discurso das moças não é diferente: Kátia, 18 anos, declara que os assuntos mais discutidos são sobre emprego e sobre os meninos de casa, nas palavras dela "as necessidades da vida". (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Igualmente, Rose, 22 anos, afirma que o tema central é o trabalho e a alimentação que falta (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

De acordo com Ida, 19 anos, a família quando se reúne muitas vezes é para traçar metas em busca de alternativas para problemas futuros que se apresentarão, a exemplo da falta de água.

Está chegando a seca, vai tudo ficando mais difícil, antes o açude tinha mais água. E falta de trabalho (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Tais declarações, portanto, apontam que as tradições familiares desses sujeitos se estruturam no seu cotidiano como possíveis alternativas de sobrevivência às adversidades, ainda que isto não signifique melhoria das condições gerais da vida. Fica, portanto, evidente que o núcleo familiar é o espaço cultural de suas relações que resultam em experiências estruturadas, em torno das dimensões que marcam sua sobrevivência, o que comprova o quanto o espaço da família e do trabalho são próximos no meio rural, demonstrando sua interdependência. Já no meio urbano, outros elementos vão constituir esse processo de hierarquia que não se configura necessariamente nesta relação do trabalho, mas se estabelece em outros espaços.

Um dado revelador que merece ser destacado, até onde nos foi possível observar, é que embora esses sujeitos nutram sentimentos de pertencimentos perante o MST, as discussões sobre as ações do Movimento parecem não ser prioritárias naqueles espaços de reunião. Percebemos, no contato com essa realidade, pouco envolvimento das pessoas com o MST e com o que ele representa. Só aqueles que mais diretamente participam é que enfatizam o seu engajamento. Os outros, pouco destaque deram a essa inserção .

A gente conversa sobre as atividades do MST, da ciranda, sobre o meu dia na escola, o do meu irmão, então a gente fala sobre coisas da família e do MST (MARIA VITÓRIA, 14 anos. Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Fátima, 26 anos, vai direto ao assunto:

Conversamos sobre o MST, embora meu marido não seja militante mas participa do Movimento, a gente participa de tudo”(Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Para Joaquim, 18 anos, o assunto MST perpassa necessariamente pelas questões do assentamento. De fato, conforme já discutimos no capítulo anterior, a militância não se exerce apenas nas ações externas que o Movimento empreende, ela se pronuncia primeiro dentro das próprias atividades do assentamento.

No interior dessa estrutura familiar há jovens que vivenciam outras experiências que não se constituem na mesma direção das anteriormente citadas.

Artur, 16 anos, apresenta uma postura mais madura quando ressalta que os assuntos mais discutidos não são necessariamente os relacionados às questões de ordem interna e estrutural do assentamento:

Tem muitas coisas como prostituição, às vezes coisas do latifúndio. Tem coisas que eu acho que não deveriam aparecer na televisão. A nossa cultura cada vez morrendo, o latifúndio crescendo. Como eu sou um militante, eu tenho que informar minha família (Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

Para Antônio, 23 anos, em se tratando de MST, tal assunto torna-se polêmico já que a relação com o pai é conflituosa, pois este não aceita a sua condição de jovem militante.

Quando eu estou em casa a gente conversa, mas sempre meu pai criticando o Movimento. Rapaz , sai disso, isso não dá o pão de cada dia”, “Isso não vale a pena., vá estudar. Deixasse de estudar por causa disso. Vai trabalhar. Eu tento conscientizar ele, mas ele não acredita em mim. A gente chama ele para participar das reuniões, reunião da ciranda (Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

John , 15 anos, também vivencia a mesma situação;

Meu pai antes não simpatizava com o Movimento, aí eu fui mobilizando ele. Na maioria das vezes a gente discute porque ele quer que eu siga a profissão da família que tem um legado artístico, mas eu quero assumir uma luta em prol do povo (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

A estrutura hierárquica da família, nesse caso, é marcada por tensões, na medida em que esses jovens, em busca de seus ideais, contrariam a autoridade paterna, criando uma relação conflituosa, que se encaminha para uma certa autonomia desses , apesar de pouca experiência de vida.

O processo é muito ambíguo, porque se levamos em consideração a proposta ideológica do MST, a juventude é a melhor perspectiva de futuro para a consolidação do Movimento. Será que quando assumem a militância perdem sua condição juvenil? Encontramos uma explicação plausível nas considerações de Castro (2007) quando ressalta que:

o jovem pode conquistar autonomia e legitimidade política quando vai para a escola de formação nacional, para um congresso nacional do Movimento. Mas em casa, no espaço local, a sua possibilidade de ação está marcada pela chave das relações familiares e da autoridade paterna (CASTRO, 2007, p.133).

Sob este argumento esses jovens vivem em espaços de indefinições, pois no âmbito familiar lhe é imposta a noção de subalternidade, fator que interfere nas ações concretas, como também nos processos de decisões pessoais e relacionais. Nesse momento, sua condição de ator social é negada, já que a ele não é dado o direito de solucionar ou escolher questões para se posicionar.

De uma maneira ou de outra, a autoridade paterna em alguns momentos configura-se como um elemento que pode ser considerado espaço de restrição. Tal aspecto assume a configuração mais imperativa no meio rural, o que reflete uma lógica de submissão inerente aos jovens que compõem este mundo.

Na realização das entrevistas de aproximação no assentamento, por exemplo, percebemos essa postura, na medida em que alguns pais interferiam nas falas dos seus filhos. A sensação que tivemos é que havia um certo controle, talvez até involuntário para que os jovens não exercessem sua autonomia expressando seus posicionamentos. Seria este um momento de cerceamento junto aos jovens? Teriam esses atores sociais dificuldades para construir seu “eu” sujeito? Traçar suas ideias de identificação com o mundo? Até que ponto a

construção identitária desses jovens deixa-se atravessar pelos valores hierárquicos de natureza autoritária que lhes são transmitidos?

Na verdade, esses sujeitos convivem numa rede de relações muitas delas construídas de forma negociada, quando desenvolvem estratégias de defesas que servem de mecanismos de proteção para as suas apostas e seus projetos pessoais. Isso gera uma espécie de perfil juvenil, que abre espaço para a independência ou a criatividade individual.¹²⁷

O processo de subalternidade do jovem perante as instituições da sociedade é perceptível, tanto no espaço rural¹²⁸ como no urbano. Este talvez seja um ponto de unidade entre essas categorias, pois embora as condições sociais e econômicas criem espaços diferenciados entre o mundo rural e o urbano, os jovens, de um modo geral, carregam traços comuns, principalmente no que se refere aos laços familiares, ao processo de escolarização e a preparação para a vida adulta. Esses são, portanto, aspectos vivenciados pela categoria juvenil, para além de sua origem, que dificultam a construção identitária, principalmente, quando estes jovens não modificam suas ações pelos valores anteriormente recebidos.

Em sua tese de doutorado Castro (2005)¹²⁹ ressalta que este processo está para além do espaço familiar, verificado também em outros contextos, como, por exemplo, na divisão social do trabalho. Para a autora, a autoridade paterna mostra-se visível na escola, na igreja e, acima de tudo, nos espaços de decisões. “Os espaços por onde esses jovens circulam são formados por redes familiares que geram a possibilidade desse controle sobre eles e reproduzem a autoridade paterna” (CASTRO, 2005, p.133).

A dependência econômica e moral em relação à família ou à autoridade paterna, é outro fator bastante forte e recorrente na comunidade rural em estudo, que pode ser percebido nos próprios posicionamentos dos jovens, principalmente, quando se referem a um pressuposto de possível independência. No estudo em apreço percebemos pelo menos três fatores que podem ser considerados como formas de alteridade que se constituem entre o grupo juvenil: o primeiro está relacionado à condição de gênero, o segundo ao estado civil e o terceiro à faixa etária.

Os rapazes solteiros expressam que mesmo condicionados à autoridade paterna, encontram mais espaços de liberdade para exercerem suas práticas juvenis, principalmente as

¹²⁷ O Jovem Antônio, por exemplo, se enquadra nesta perspectiva quando mesmo contrariando as orientações do pai, não abre mão de sua militância junto ao MST.

¹²⁸ Evidentemente que nos espaços rurais essa situação se exerce com mais ênfase, conforme já anunciamos anteriormente.

¹²⁹ A tese é intitulada: Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural

relacionadas ao lazer, quando são autorizados a saírem sozinhos. Ou seja, possuem uma maior mobilidade sócio comunitária em relação às jovens, o que evidencia as questões de gênero:

Meu pai dá o horário[...]os amigos de dentro do movimento a maioria são como eu. Saem quando querem, voltam à hora que querem. Os pais sempre dão a hora de voltar, e a gente sempre procura obedecer a essa ordem deles (ANTONIO, 23 anos. Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Para Igor, 23 anos, sair sozinho, é permitido, mas precisa avisar aos pais. Este outro depoimento apresenta a seguinte constatação:

Eu sempre aviso a minha mãe, eu vou hoje e não sei quando venho. Ela diz, está certo. “Ela compreende a minha parte e eu compreendo a parte dela (ARTUR, 16 anos¹³⁰. Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

Entretanto, o controle de vigilância se exerce mais perante os mais novos. Waldenio, 14 anos, afirma que quando quer sair tem que pedir. Jomar, 18 anos diz que tem que dar satisfação e de certa forma é até justificável, tendo em vista ainda não terem alcançado um nível de autonomia.

Para as moças os mecanismos de vigilância e controle são mais intensos e estas reforçam esta condição de subalternidade sem muitos questionamentos. “Uma parte ele está certo, uma moça não pode sair sozinha, nos tempos que está agora (ELBA, 18 anos. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2007).

Maria Vitória, 14 anos também afirma: “A gente tem hora para sair e para chegar”.

Os depoimentos expressam posicionamentos que são percebidos tanto entre as jovens solteiras quanto entre as casadas, que manifestam um grau de aceitação perante às normas de autoridades, demonstrando com isso uma condição de subalternidade atrelada agora aos maridos. Elas justificam: “ não, tenho bem que dar satisfação ao meu marido, antes era a meus pais (CARLA, 18 anos. Entrevista realizada em 26 de outubro de 2007).

Já os depoimentos de Rosalva, 20 anos, como o de Ida, 19 anos, demonstram uma situação que não se coaduna com as conquistas empreendidas pelas mulheres neste mundo moderno.

Não me acho não, para falar com o povo tenho que pedir ao meu marido, para assinar um papel tenho que perguntar a ele. Eu aqui não saio para canto nenhum, meu serviço é esse, quando me chamam eu vivo mais trancada (ROSALVA, 20 anos. Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Ida com 19 anos e casada também vivencia esta situação:

¹³⁰ O caso de Artur é exceção perante os demais da sua faixa etária, já que este exerce a militância de forma plena com atribuições de coordenação, conquistando com isso sua independência.

agora não, tenho que dá satisfação para o marido. Antes eu ia para onde queria, embora dava satisfação aos meus pais”(Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Os relatos apontam que tanto a mobilidade sócio-comunitária assim como o nível de dependência entre os jovens verificam-se de forma diversificada, tendo os rapazes maior liberdade e autonomia para sair do que as moças, uma vez que estas se limitam aos espaços domésticos desenvolvendo suas redes de sociabilidades entre os familiares e os amigos.¹³¹

.Como enfatiza Castro(2005) “ as jovens vivenciam intenso controle social dentro e fora da família, exclusão dos processos de produção agropecuária , de sucessão e herança e ainda, dos espaços de decisão”(CASTRO, 2005, p. 124).

Os dados acima apresentados indicam que as relações de gênero¹³² visualizadas entre os integrantes do grupo social pesquisado apontam características hierárquicas, que são identificadas, por exemplo, na divisão sexual do trabalho, nas alternativas por práticas de lazer, fato que acaba sendo incorporado junto a esses indivíduos nas suas ações e nos seus próprios discursos.

Esta diferença entre homens e mulheres na construção do campo de autonomia relacional no interior da família é significativamente reveladora do movimento diferenciado que homens e mulheres jovens percorrem em seus trajetos de transição para a vida adulta. (BRENNER, DAYRELL, CARRANA, 2005, p. 206).

Embora as questões de gênero estejam postas no que se refere à autonomia, os jovens, de um modo geral, estão inseridos numa rede de relacionamentos familiares da qual recebem os ensinamentos que orientam a construção de sua vida individual, através de determinados valores que norteiam a forma de educar, obedecendo a uma lógica muito específica no espaço rural. Mesmo com todas as influências do meio urbano ressaltadas através da mídia, parecem valorizar a educação e concordar com seus princípios.

Regina,14 anos, declara que acha certo a mãe não autoriza-la a sair para determinados locais .Fernando, 18 anos, comunga da mesma opinião e diz que acha correta a maneira como foi educado: “tem pais que mimam demais e não podem voltar atrás”(FERNANDO, 18 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

¹³¹ Dados estatísticos apontam que 28% de jovens do gênero feminino , na faixa etária de 21 a 24 anos ,ocupam o tempo livre com atividades dentro de casa(pesquisa perfil da juventude brasileira).

¹³² A relação de gênero é uma característica que se estabelece há bastante tempo. Isso pode ser verificado no processo de escolarização, por exemplo,já que o processo era um privilégio dos jovens do sexo masculino. O acesso das mulheres à escola só foi permitido no séc. XIX. Até o período, as meninas eram preparadas para se comportarem como pessoas adultas (ARIÉS, 1978).

Ao serem instigados para se posicionar sobre a educação que receberam, os informantes desta pesquisa foram enfáticos ao afirmar terem recebido um bom exemplo e ensinamento de seus pais. Os depoimentos seguintes comprovam tal fato:

Foi, eles me deram todas as oportunidades, eu que não quis segurar. De estudar, de ensinar o que era certo e o que era errado. Eu não tenho do que reclamar, porque eu fui criada só com minha mãe (CARLA, 18 anos. Entrevista realizada no dia 26 de Outubro de 2007).

Maria Vitória 14 anos apresenta a sua opinião:

Mainha mostra o que é certo e o que é errado, mas deixa a gente com a liberdade para escolher. Mostra pra gente as necessidades dos outros, que tem gente pior. Nós temos uma visão diferente de mundo. Uma visão diferente do que a gente vê na escola (Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Não há fórmulas para se educar e cada família, de acordo com sua estrutura social, econômica e até moral, institui os seus padrões, o que muitas vezes leva o jovem a estabelecer parâmetros de comparação. Artur é um deles:

Às vezes é, sempre tem aquele ditado, teu pai é melhor do que o meu. Às vezes a educação dele é errada, porque os pais obrigam a trabalhar cedo e largar os estudos. Minha mãe sempre me incentivou a estudar, minha mãe me dá livre arbítrio ao que eu penso (ARTUR, 16 anos. Entrevista realizada em 14 de outubro de 2007).

John, 15 anos, por sua vez, direciona a questão mais para o lado socioeconômico e defende a assertiva de que embora esteja inserido em um campo social carente de infraestrutura isso não o impede de receber uma boa orientação de seus pais, e ele defende: “não é porque a gente não tem uma casa com a estrutura devida, que não recebe educação” (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Os depoimentos aqui colhidos indicam que a forma como são educados varia de alguma maneira das outras categorias juvenis. Nesse sentido, carregam um certo tradicionalismo¹³³. Podemos observar traços deste aspecto, principalmente nos discursos das jovens mães, que adotam uma posição semelhante à recebida sobre a forma de educar os seus filhos. Ou seja, as referências da família funcionam como modelo, mais até do que as oferecidas por outros espaços sociais, tais como a escola ou mesmo os *mass media*.

Jandyra, 28 anos, defende que a educação deve ser oferecida “acima de tudo

¹³³ Embora não tenhamos mergulhado nesta discussão, dados apontam que os jovens normalmente questionam sua educação sobretudo em se tratando de conquistas em prol de sua autonomia.

respeitando o ser humano sem discriminação racial, respeitando os mais velhos. Respeitar e exigir respeito (Entrevista realizada em 27 de outubro de 2007).

Rosalva, 20 anos, acredita que a melhor maneira de educar é “conversando com ele, se fizer alguma coisa errada, reclamar. Explicar o que tem que fazer ou não (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Lucinara, 15 anos, enfatiza que a melhor alternativa é “chamar a atenção, conversar como meus pais faziam, não fazer coisa errada no colégio”(Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Mesmo para os rapazes solteiros, que desfrutam de uma certa independência, a opinião também é a mesma: Jomar, 18 anos, ressalta com muito orgulho que continua sendo muito bem educado: “sob a orientação deles eu não me meto em confusão, não tenho problemas com amizades”, declara (Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Jovelino, 20 anos, compactua da mesma opinião e defende a maneira como foi educado: “Foi certa em tudo, porque tem muita gente que usa droga, bebe, espanca os pais, coisa que eu nunca fiz”(Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Os jovens depoentes que exercem uma militância mais efetiva junto ao Movimento são ainda mais contundentes quando retratam sua educação. Nesse momento, exteriorizam, de modo explícito, suas convicções ideológicas, atribuindo também ao Movimento uma importância para sua formação. Nesse caso, admitem que são educados diferentemente de outras categorias juvenis, mesmo que estas pertençam à zona rural. Vejamos o que expressam:

Digamos que sim. Agora que estou no MST, não que seja mais do que os outros, mas tenho educação mais elevada, mais crítica (JOHN, 15 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Maria Vitória, 14 anos, concorda com tal concepção:

Eu conheço coisas que meus amigos não conhecem. Antes de vir morar aqui, no assentamento, a gente não conhecia o Movimento, a gente tinha um medo imenso e depois que a gente veio morar aqui viu que é uma coisa totalmente certa (Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Jandyra, 28 anos afirma que seu grau de consciência é mais elevado:

Eu penso diferente, porque eles tem uma imagem errada sobre muitas coisas devido a influência, e o jovem que é do Movimento ele tem uma imagem mais aberta, porque é mais esclarecido sobre a vida, sobre o latifundiário, sobre o Movimento. Porque é um jovem esclarecido, e o jovem que não é do Movimento não (Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

A maneira como proclamam seus posicionamentos com um capital cultural, que parece ser mais elevado que o de outros jovens, ressaltam os processos de alteridades que se constituem frente as categorias juvenis.

No entendimento de Dayrell (2003), um jovem pode ser igual aos demais enquanto categoria abstrata, mas pode ser diferente de todos enquanto ser singular. Dessa forma, a constituição sociológica da juventude nos permite entender esse grupo, através de uma condição social fundada em representações e processos de socialização, onde os jovens apresentam determinadas posturas que não necessariamente se enquadram nas culturas prescritivas impostas pela sociedade. O que significa dizer que a juventude deve ser compreendida no plural.

Abramo (1994) corrobora dessa perspectiva defendendo que a noção de juventude é socialmente variável. Para a citada autora, os significados dos processos que constituem a juventude (faixa de idade, período de vida, mudanças psicológicas e sociais) são relacionais. Ou seja, modificam-se, através, inclusive, de divisões internas que também variam em seus contextos sociais e este é o caso dos jovens do assentamento José Antonio Eufrosino.

2.4- O Lazer: Espaços de Sociabilidades

A condição juvenil se apresenta nas suas mais variadas dimensões como um processo que se define como projeto de vida, voltado, muitas vezes, para o estudo e o lazer. O que não é o caso dos interlocutores desta pesquisa. Eles vivem as consequências trazidas pelo contexto de uma sociedade capitalista na qual principalmente as ofertas materiais, não estão disponibilizadas a todos, fato que não os impede de simbolicamente associar o ato da diversão a práticas da dança, do jogo, do sair e do conversar.

No entendimento de alguns autores, o lazer é uma atividade social e historicamente determinada pelas condições de vida material e pelo capital cultural que constitui os sujeitos e suas coletividades (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005)¹³⁴. Entretanto, há que se levar em consideração que nem sempre estas disposições generalizadas se configuram em experiências vivenciadas, o que resulta em processos de tensões e conflitos criados principalmente nos espaços sociais rurais, devido a ausência de opção de lazer. Assim, restam aos jovens poucas alternativas para o aproveitamento do seu tempo livre, uma vez que as atividades culturais são quase inexistentes. A estes, é negado o acesso a direitos culturais, configurando-se isto como forma de opressão, além de reforçar o caráter excludente que permeia o espaço do campo.

¹³⁴ BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. IN. Retratos da Juventude Brasileira, 2005.

A ausência de demandas sociais e culturais dos jovens pesquisados aponta para essa realidade, o que não difere da maioria de outros jovens residentes no meio rural, já que 94%¹³⁵ nunca participaram de projetos culturais desenvolvidos pelo poder público ou mesmo por ONGs. Nesse sentido, os conflitos sociais gerados pela sociedade capitalista criam determinadas fronteiras entre os jovens, na medida em que o meio rural não apresenta as opções de lazer que são mostradas, por exemplo, pela mídia cotidianamente. Não podemos esquecer que a diversidade cultural brasileira está atrelada a situações socioeconômicas que se verificam de forma bastante desigual, o que resulta muitas vezes na impossibilidade de acesso aos bens de consumo. Isso se verifica pela falta de democratização da cultura no nosso país. Dessa maneira, esta esfera social vive condições distintas de lazer que se processam através de situações socioeconômicas desiguais.¹³⁶

Dados da pesquisa Retratos da juventude brasileira (2005) atestam, por exemplo, que 83% dos jovens rurais nunca frequentaram um teatro. Esses indicadores ratificam a assertiva de que o acesso aos bens e consumo culturais no Brasil revelam as desigualdades, principalmente no que tange às questões culturais. É nesse sentido, talvez, que os jovens rurais se diferenciam dos urbanos.

Numa perspectiva sociológica, entendemos que o exercício do lazer se configura como um meio de construção de identidades, na medida em que é considerado um espaço de aprendizado de relações sociais com a prática de experiências coletivas. Nesse sentido, as relações sociais daí decorrentes, através de conteúdos culturais, proporcionam que os jovens produzam suas subjetividades em novos espaços de sociabilidades, ou recriando os existentes.

Como o cotidiano dos jovens residentes no assentamento José Antonio Eufrosino é afetado por uma ausência de infraestrutura que lhes permita uma condição digna de vida, a falta de opções de lazer é queixa comum entre todos os jovens pesquisados. Eles reagem de forma enfática: "Diversão aqui não tem" (TIBÉRIO, 17 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Este reage igualmente: "Nada, não tem lazer aqui" (JOVELINO, 20 anos. Entrevista realizada no dia 13 de Novembro de 2007).

A reclamação é total, de forma unânime relatam que na localidade não há opções para diversão tendo seu tempo livre preenchido com os jogos de futebol, principalmente, e visitas

¹³⁵ Ver. Retratos da Juventude Brasileira Abramo/Branco, 2005.

¹³⁶ O desafio, neste esforço de compreensão para definir o ser jovem, é discutir a temática sem reforçar as fronteiras existentes entre o rural e o urbano, uma vez que a sociedade cria um processo de identificação que transcende os parâmetros geográficos.

em casas de amigos e parentes, tanto na comunidade local, como no meio urbano. Eventualmente, participam de festas nas localidades vizinhas ou no próprio assentamento.

Para os solteiros, tanto do gênero masculino como feminino, as opções se resumem a jogar bola, ao banho de açude, quando há água no reservatório, visitar parentes nas localidades mais próximas e ainda assistir a programação televisiva ou um DVD.¹³⁷



Ilustração VI- Os jovens em momentos de lazer

O fato de não desfrutarem de outras opções de entretenimento existentes na zona urbana, e sugeridas cotidianamente pela mídia televisiva principalmente, os instiga a almejarem melhores alternativas para o lazer, o que proporciona um fluxo maior para a zona urbana quando isso lhes é possível. Os que têm mais autonomia desfrutam de algumas opções em localidades circunvizinhas. Joaquim, 16 anos, é um deles: “aqui é muito ruim. Quando quero me divertir vou para a Quixaba no forró ou assistir a um jogo de futebol. (Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Getúlio, 23 anos, relata que gosta muito de andar, ir para a praia. Esta última opção é realizada esporadicamente quando organizam alguma viagem.

Fernando, 17 anos, foi contundente no seu desabafo: “cada vez que eu saio daqui eu preencho uma página na minha vida, quando eu retorno fico pensando e lendo-as”. Perguntamos se no assentamento as páginas da vida daquele jovem também não eram

¹³⁷ 92% dos jovens urbanos e 86% dos jovens rurais adotam assistir televisão como atividade de tempo livre (Dados da pesquisa Retratos da Juventude Brasileira)

preenchidas. Ele assim se expressou: “ sim, mas com pequenos trechos, pela falta de variedade e de oportunidades.(FERNANDO, 17 anos. Fala espontânea).

O desabafo deste jovem nos remete à música do cantor e compositor Chico César, intitulada Desejo e Necessidade. Ele assim diz: “ai, estou nas malhas de estranha cidade, mas uma parte de mim eu diria que a metade ficou lá aonde saí ou seja, eu me reparti desejo e necessidade”.

As formas de sociabilidades que realizam em outros contextos sociais, permitem que incorporem novos *habitus* e introduzam códigos que trazem para o meio rural. Joel, 15 anos, por exemplo, afirma que quando pode, vai a uma *Lan house* no bairro periférico onde já residiu. Ele declara que gosta de jogar no computador. Mas, este é um caso isolado, porque as novas tecnologias da comunicação ainda não fazem parte desse mundo rural. Os jovens, nesse aspecto, vivem a política da exclusão¹³⁸, evidenciando-se dessa maneira a necessidade de implementação de políticas voltadas para a inserção digital no meio rural, instrumento de comunicação imprescindível na cultura contemporânea.

Como enfatiza Carneiro (2005) : “tanto a juventude rural como a urbana estaria sendo afetada pela mesma ordem de problemas próprios de uma sociedade que é ao mesmo tempo globalizada e subdesenvolvida”(CARNEIRO, 2005, p.260). No estudo em apreço, podemos dizer que o que diferencia os jovens urbanos dos rurais são os contextos sociais, econômicos e culturais, e não especificamente a territorialidade, até porque esta é uma construção simbólica e não uma construção de espaço. São verdadeiras “fronteiras borradas” que se criam entre esses dois contextos, que se separam muito mais por questões sociais (CASTRO, 2007).

Quanto aos jovens casados, estes se restringem principalmente ao ato de assistir TV como meio de diversão. “Quando tô em casa assisto DVD”(ALBERTO, 22 anos. Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007).

As casadas ocupam suas horas livres em visitas aos parentes. Em seus depoimentos a maioria lamentou a falta de opções para a prática do lazer.

Não tem muito o que se divertir não. Quando termino as tarefas as vezes vamo na casa do pai dele, de um compadre que mora próximo. Eu fico conversando coisa de novela, de criança (JUCÉLIA, 27 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Esta outra age de modo semelhante:

¹³⁸ Pesquisas apontam que acessar a Internet já é um hábito cotidiano para uma parcela expressiva dos jovens brasileiros das classes mais abastadas. De acordo com dados do IBGE o internauta brasileiro é jovem, mas apenas 4% dos jovens rurais é que têm acesso a essa ferramenta.

Vou visitar os amigos, conversar, tomar refrigerante(JANDYRA, 28 anos. Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Lucinara, 15 anos, casada e grávida de seis meses, diz que se sente diferente no que se refere ao lazer:–“Eu sou uma jovem diferente, eu não brinco muito não, fico mais sentada olhando. (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Rosalva, 20 anos ,é mais incisiva quando indagada sobre o que faz para se divertir: “Pegar minha filha, botar no braço e ficar andando com ela pra cima e pra baixo”.(Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

É interessante destacar que alguns jovens quando interpelados sobre suas práticas de lazer imediatamente as associam ao trabalho. Nos trechos abaixo, expressam que trabalham mais do que se divertem:

A gente faz tudo, ajuda mãe em casa, lavando prato, varrendo a casa. Meu irmão lava roupa também. E trabalhamos no roçado, a gente planta, colhe (WILSON,20 anos. Entrevista realizada em26 de outubro de 2007).

Fred, 17 anos,complementa:

Um vai tirar lenha, outro o gado, outro ajuda a mãe. As mulheres ficam em casa fazendo as coisas(domésticas) Acordo 5:00 h , vou buscar água, depois vou tirar cardeiro e de noite vou assistir Televisão. Não estou estudando porque é muito longe (Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007).

Os gráficos abaixo demonstram quais são os principais itens de lazer apontados pelos jovens:

Gráfico I

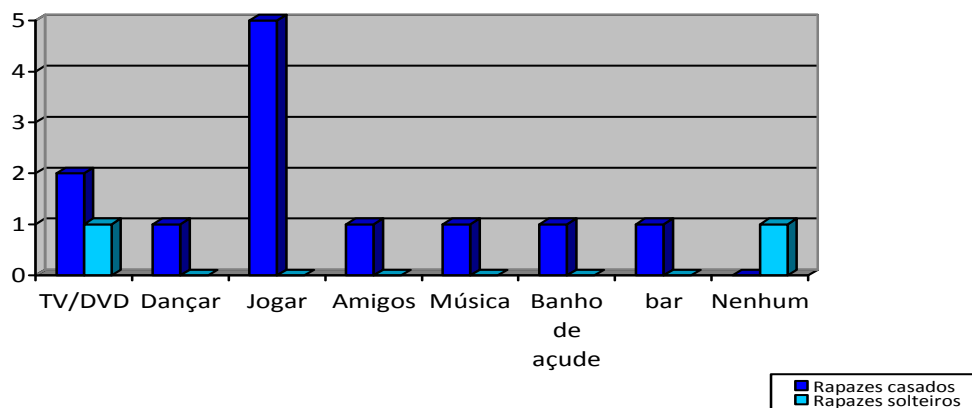
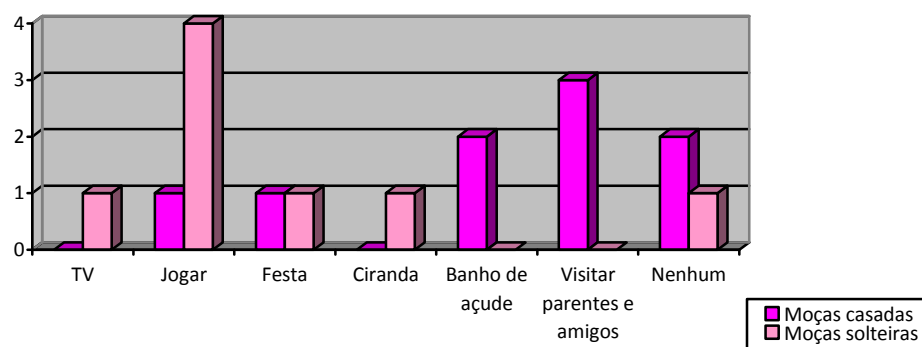


Gráfico II



Diante desta realidade torna-se pertinente questionar: até onde podemos identificar a condição juvenil mediante os fatores de natureza sociológica e demográfica que permeiam o grupo pesquisado?

Esta é uma questão emblemática que requer melhor atenção: as posições esboçadas aqui supõem diferentes facetas para se definir a juventude. Este fato direciona um entendimento sobre a temática através da diversidade, compreendendo, assim, que a juventude se constrói através do pluralismo de perspectivas sociais. Nesse sentido, a juventude requer análises que se coloquem para além de uma coletividade geracionalmente localizada, em seu tempo social específico, porque os jovens, hoje, expressam visões de mundo marcadas por fronteiras simbólicas.

Os dados nos mostram que a condição de ser jovem não se atrela a uma idade que, supostamente, marcaria a diferença entre juventude e vida adulta, em decorrência da abolição de ritos de passagem que antes norteavam as etapas etárias.¹³⁹ Como argumenta Canevacci (s/d, 1995) “ser jovem parece estar colocado agora em uma idade sem tempo.”

E aqui nos aproximamos de Bourdieu, quando observa que a “juventude é apenas uma palavra”, pois diante das múltiplas diferenças existentes entre os jovens não se pode mais falar

¹³⁹ Embora haja referências aos jovens desde os primórdios da civilização, as pesquisas relacionadas ao tema só surgiram a partir do Séc. XVII, através do estudo de Áries (1978), na sua obra intitulada “*História Social da Criança e da Família*”, que assinalou a separação entre infância e vida adulta, caracterizando a juventude como grupo social específico. Para Áries (1978) esta fase da vida se compõe como socialmente distinta, processando-se mediante progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a etapa adulta. Este processo de divisão foi instituído a partir das modificações registradas na estrutura social que apresentou, por sua vez, mudanças na organização familiar a partir do Séc. XII, no qual a família estrutura-se em torno da criança. A partir do Séc. XVII, na Europa, a constituição da juventude enquanto grupo social emerge através da estruturação do ensino escolar que propiciará a distinção às três fases da vida (criança, jovem, adulto). É nesse período que a criança estabelece convívio com outras na escola, o que legitimará a sua condição juvenil, desatrelada de um contato mais direto com a família.

em geração, no máximo em “expressões geracionais”. Assim, o conceito de geração¹⁴⁰ deve estar relacionado ao sentido de um “recorte temporal” que atualmente está sendo designado por “*cohort*” ou “*birth cohort*”¹⁴¹.

Uma observação que merece destaque é que estes jovens, na sua maioria, atribuem o ato de assistir televisão a uma forma de ocupação do tempo que se configura para eles como meio de lazer. Antonio, 23 anos, ressalta que o seu maior lazer é assistindo uma televisão, um filme no DVD. Tanto Jussara, 16 anos, como Elba, 18 anos, também alegam que seu divertimento é apenas assistir televisão.

Ainda nos detendo à essa questão, observamos que para os jovens engajados ao Movimento, a opção de lazer configura-se através de suas participações no projeto da Ciranda Infantil, implantada no dia 08 de agosto de 2006, que funciona no assentamento uma vez por semana, aos sábados ou domingos. Trata-se de um projeto que envolve crianças, jovens e adultos que se reúnem uma vez por semana para trabalhar suas realidades, a cultura, os desafios em busca da construção de um novo sujeito.

O objetivo da Ciranda é trazer a criança que está dispersa e oferecer-lhe uma atividade nova. A Coordenadora da Ciranda no Assentamento, Suzy, explica que nas áreas de assentamentos e acampamentos são realizadas atividades voltadas para jovens e adultos, mas geralmente a criança fica um pouco dispersa. Nesse sentido, surgiu a necessidade de se trabalhar com essas crianças e com esses jovens, nascendo daí a Ciranda, com a perspectiva de fazer com que possa nascer um novo sujeito, já que são crianças de certo modo excluídas. “Participando da ciranda, as crianças terão oportunidades de serem trabalhadas, nela são trabalhadas a questão da recreação, porque essas crianças não têm esses espaços; do artesanato; questão da formação; a dança, a música, e a própria questão de resgatar a nossa cultura que a gente não vê muito. Adianta a Coordenadora: “Essa é uma das formas que a gente tem de trazê-la.”. (SUZY, Entrevista realizada em 29 de Novembro de 2007).

O projeto é aberto a todos. A princípio, ofereceu atendimento específico às crianças, mas os jovens foram se empolgando, engajando-se ao projeto, o que configurou numa ampliação do mesmo, passando a denominar-se de Ciranda Juvenil. Hoje, proporciona espaços de participação para jovens, crianças e adultos.

De acordo com Suzy, com a implantação da Ciranda os jovens e crianças sentem mais

¹⁴⁰ O conceito de geração pode ser compreendido a partir de dois parâmetros: aquele que se refere a um corte, ou seja, a um determinado período da vida, e aquele vinculado a um ethos político, econômico e cultural.

¹⁴¹ Refere-se a um subgrupo etário abrangendo os indivíduos nascidos dentro de uma faixa de tempo (SCHIMIDT, 2001).

prazer de estar nas áreas de assentamento, porque antes se sentiam inibidos por serem sem terra, por morarem em uma área de assentamento, e a sociedade os vê de uma forma diferente; não tinha incentivos que chamassem a atenção deles. “Hoje, a gente tem um empenho total desses jovens nas atividades do assentamento, no companheirismo, na preocupação com a nossa áreas e com as áreas vizinhas, o que resulta num empenho desses jovens,”explica.

Sob esta perspectiva, a Ciranda atua como um projeto de aglutinação de jovens do assentamento, no qual o grupo de participantes se reúne para discutir sobre cultura, praticar esportes, pintura,dançar e interagir com a própria comunidade ali assentada. São espaços de sociabilidades que se organizam em torno dos jovens com grupos de danças, capoeira, aulas de música. Ou seja, é o momento em que se encontram para o exercício de atividades lúdicas e educativas.

O projeto constitui a oportunidade que têm para usufruir de um mínimo de diversão, desvinculando-se um pouco da sua rotina, que se concentra mais na relação de trabalho. Conforme atesta Maria do Carmo, 25 anos:” O lazer é sempre voltado para o Movimento”.

Os que estão diretamente empenhados na proposta defendem a ideia com muito entusiasmo. Maria Vitória, 14 anos, revela que é uma oportunidade muito boa e propicia novas experiências.

Artur, 16 anos, defende que o projeto é importante para a formação;

participar da Ciranda é um negócio muito bom aqui pra nós, porque nós tem mais capacidade de formação, aprende mais coisas. A ciranda foi aberta nesse propósito da gente aprender cada vez mais. É nesse propósito, aprender e repassar o que a gente aprende (Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

Kátia, 18 anos, revela o seu empenho:”para mim é muito gratificante trabalhar na ciranda, com as crianças e os jovens”(Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Na estrutura coletiva que o assentamento tenta fazer funcionar, outros momentos de sociabilidades voltados ao lazer são vivenciados através da realização de eventos. Trata-se de atividades culturais típicas do meio rural, como corrida de argolinhas e vaquejadas. Na realidade, esses eventos fazem parte do calendário cultural que o assentamento instituiu sendo realizado pelo menos duas vezes ao ano.¹⁴²

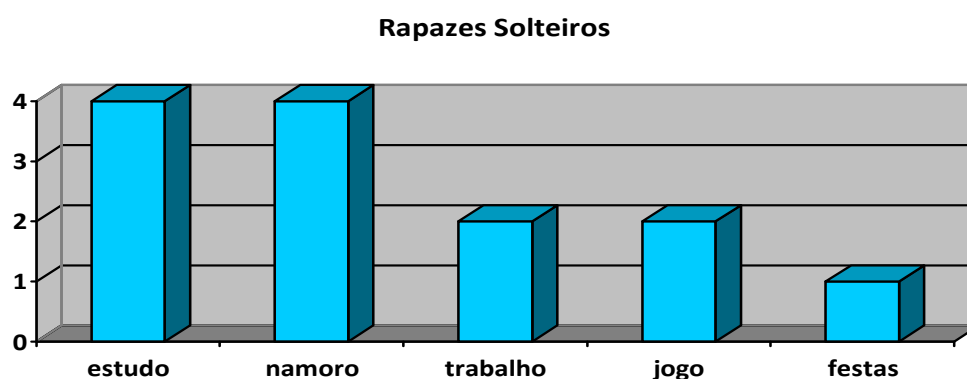
¹⁴² A corrida de argolinha é uma competição que se exerce entre cavaleiros e quem colocar mais argolas ganha um premio. Em dias de realização dessa competição o assentamento fica em festa. Jovens, crianças e adultos se unem para a organização do evento, que atrai também pessoas de localidades circunvizinhas. Aos jovens cabe a parte da animação, nesse momento torcidas são criadas,cabendo às moças e às crianças fazer animação, com apitos, fitas e até mesmo com a bandeira do MST. Os rapazes que não estão competindo se organizam também para dar brilho à festa com batuques(relato de observação)

A realização de vaquejada uma vez ao ano também é um momento marcante na vida dos assentados. Para o local convergem pessoas das mais variadas localidades, tanto do meio rural como urbano que vivenciam espaços de sociabilidades na forma do lazer, quebrando dessa maneira a rotina dos que ali habitam, possibilitando novos modos de interação face a face.

Adentrando um pouco mais nesta tentativa de construção conceitual da categoria juventude, uma das características peculiares observadas entre os jovens é a disposição de estarem sempre juntos. No caso dos pesquisados, embora suas residências estejam geograficamente distantes umas das outras, isso não os impede que estabeleçam laços interativos. Como o assentamento divide-se em quatro grupos, os jovens aglutinam-se entre os mais próximos. Ou seja, os do grupo um com o grupo dois e os do grupo três com o grupo quatro¹⁴³. Nesse caso, as questões de gênero também são notórias e estes procuram se aglutinar dentro de um perfil que os identificam pelas faixas etárias ou condição civil. No entanto, os assuntos discutidos em todos são típicos de quem está descobrindo a vida, criando suas expectativas e realizando planos para o futuro, atitude comum aos jovens de qualquer lugar.

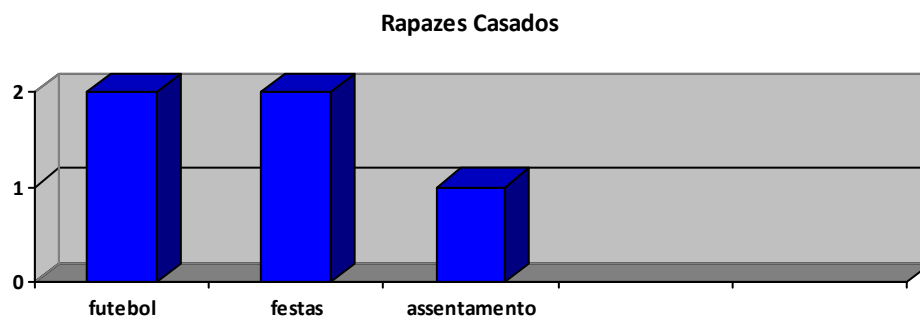
Para os rapazes solteiros, os tipos de conversas, numa escala de prioridades, giram em torno de assuntos relacionados: namoro e estudo ; trabalho, jogos e festas. Já entre os casados, os assuntos versam primeiro sobre futebol, em seguida questões estruturais do assentamento e festas de um modo geral.

Gráfico III



¹⁴³ Não identificamos nenhuma divergência entre os jovens integrantes dos quatro grupos que constituem o assentamento.

Gráfico IV



Para as moças solteiras o foco prioritário é o estudo, vindo, em seguida temas relacionados ao grupo de dança e por fim sobre namoro e questões atinentes ao Movimento. Já as casadas, priorizam os aspectos relacionados às questões estruturais relativas ao assentamento, em segundo plano, surge o estudo.

Gráfico V

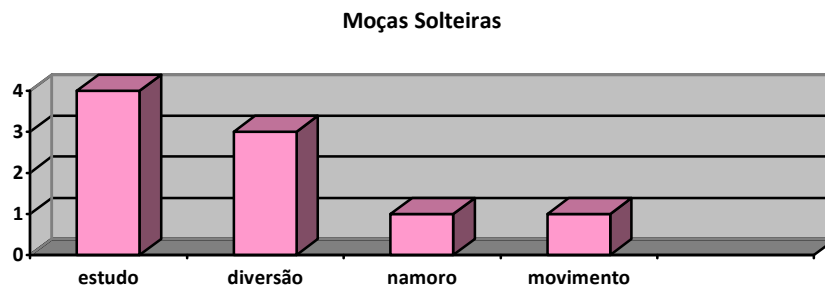
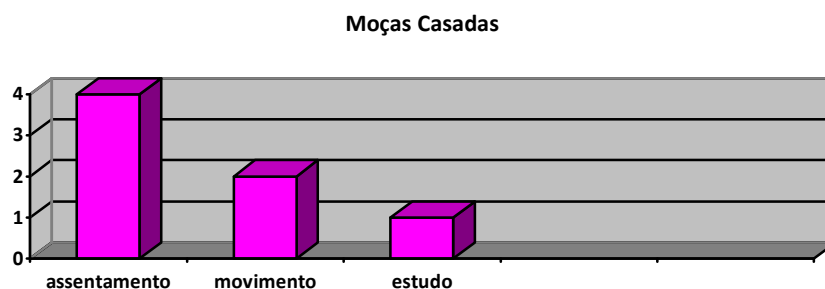


Gráfico VI



Para os jovens militantes, independentemente de gênero ou faixa etária, o assunto prioritário está relacionado às ações do Movimento. Fátima, 26 anos, por exemplo assume

que conversa tanto com os adultos como com os jovens:”Eu converso com eles puxando para a militância, tentando ajudar os mais velhos em forma de mutirão”(Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Já Maria do Carmo, 25 anos, se atém aos problemas do assentamento

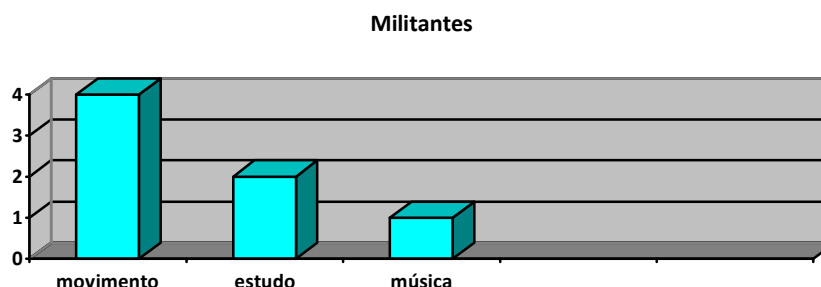
Aqui tem dois casos que estamos com a pastoral da criança. Uma é a mãe, e a outra é que a mãe tá grávida e não está tendo apoio da família, então a gente se reúne para ajudar. A gente também conversa sobre o que vai acontecer no assentamento, os cursos de capacitação (25 anos. Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Artur, 16 anos, Maria Vitória, 14 anos partem para uma dimensão mais ampla:

A gente discute sobre o que os nossos representantes são, como eles aparece na televisão, estão sempre roubando. A maior parte do que a gente vê na televisão hoje em dia, é o roubo deles (ARTUR, 16 anos. Entrevista realizada em 14 de outubro de 2007).

A gente tem uma conversa mais diferente, sobre os encontros do Movimentos, dos cursos de capacitações, é mais sobre o Movimento mesmo.(MARIA VITÓRIA, 14 anos. Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Gráfico VII



E aqui chamamos a atenção para alguns aspectos que julgamos importantes: embora os jovens não tenham expressado entre seus projetos de vida elementos que ressaltassem os aspectos sociais difundidos pelo MST, nos seus encontros de amizade, os assuntos sobre o Movimento emergem de forma significativa. Acreditamos que mesmo não sabendo expressar verbalmente este assunto, eles estão incorporados no *habitus* de cada um desses sujeitos, que internalizam tais questões .

Este indicador merece destaque: as impressões sobre o Movimento são o assunto mais comum em torno dos próprios jovens, do que mesmo entre as conversas familiares. Parece-nos que a juventude é, de fato, uma esperança de manutenção e consolidação das propostas

implementadas no âmbito coletivo organizado. Como sinaliza Castro (2006), o processo de organização dos jovens faz parte de uma socialização que vem acontecendo nos movimentos sociais. Sob esta perspectiva esses jovens passam a ser identificados a partir de um modo característico de pensamento, experiência e ação que se constitui de forma objetiva na vida desses indivíduos.

O nosso esforço até o momento foi de tentar entender as construções identitárias dessa categoria, a partir de vivências que se delineiam através do seu cotidiano. Conforme pudemos perceber, a vida desses sujeitos é marcada pelas práticas exercidas em consonância com a estrutura social do assentamento. Este espaço reproduz por uma realidade dura e carente de políticas públicas, tamanha é a falta de infraestrutura existente na localidade. Tudo isso é consequência das precárias condições de vida no meio rural brasileiro, caracterizado pela ausência de bens de consumo básico como, transporte, água, postos de saúde, comunicação. Não é demais lembrar que tal realidade é refletida como um processo de hierarquização do urbano sobre o rural, que se legitima através de uma desqualificação simbólica, associando o rural a uma concepção de atraso, própria das conclusões do senso comum. Sob este olhar é como se os jovens não tivessem anseios, não vislumbrassem perspectivas e estivessem alheios aos processos culturais.

Embora os nossos interlocutores sejam vítimas das marcas do atraso sócio-cultural que permeia aquele ambiente, isso não os impede de construir suas representações perante a juventude, atrelada a expectativas que nem sempre se coadunam com a realidade presente e vivida por esse grupo juvenil.

2.5- A Propósito da Construção Identitária do que é Ser Jovem

Nessa tentativa de construção de uma aceção não homogênea sobre juventude, acreditamos que a alternativa mais coerente para refletir essa intenção é através da busca de uma definição marcada por conotações amplas assumidas pelos próprios sujeitos. Diante disso, como esses jovens se auto-definem? Afinal, o que é ser jovem para esses sujeitos? Que perspectivas almejam para o futuro? Passemos a palavra mais uma vez aos protagonistas desta discussão.

De acordo com Ana, 21 anos, ser jovem é uma etapa de amadurecimento, de buscar o futuro. “Mas não pode ser adulto demais, senão perde a parte boa que é a adolescência. Se eu

pudesse não deixaria de ser jovem nunca, eu parava no tempo”(Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007).

Esta associa o termo à felicidade. “É ser feliz e estudar muito para ser alguém na vida”. (JUSSARA, 16 anos. Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Roberto, 25 anos, relaciona a juventude a experiências de vida. Já John, 15 anos direciona sua resposta a atos mais pensados. “É a coisa que a pessoa faz que vai lhe comprometer para o resto da vida”(JOHN, 15 anos. Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Alberto, 25 anos ,assim se expressa:“é uma pessoa que tem mais coragem, força de vontade para conseguir mais coisa para o futuro, quando ficar velho não pode mais” (Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Podemos observar que os depoentes nas suas auto-definições apontam elementos constitutivos reveladores de que suas identidades estão condicionadas à liberdade, autonomia e lazer. Atestam que a condição juvenil se apresenta como uma característica de predisposição à vida, sempre em busca pelo novo. Visto sob este paradigma, o vocábulo juventude assume uma polissemia de significados, uma vez que designa um conjunto variado de relações sociais, que são vividas em múltiplos contextos.Vale ressaltar, no entanto, que nem sempre essas expectativas se coadunam com a realidade presente e vivida por esse grupo juvenil.

Para os rapazes solteiros (um total de 18 pessoas) ser jovem está relacionado a:se divertir, ser livre, fazer amizade, trabalhar, experimentar várias coisas; estudar, por sua vez, vem em último plano.

Fernando, 17 anos argumenta: “é uma maneira de sentir a vida ao máximo. Eu gosto de ser jovem”(Entrevista realizada em 10 de novembro de 2007).

Artur 16 anos, sintetiza com a seguinte compreensão:

Ser jovem é muito importante, porque é uma vez única na vida da pessoa, então é muito importante se divertir muito, fazer muita amizade, porque aonde eu chego procuro fazer amizades (Entrevista realizada em 14 de Outubro de 2007).

As moças solteiras (10 no total) compreendem a juventude como o momento para estudar, se divertir e trabalhar. Para Kátia, 18 anos, ser jovem é “a pessoa ser nova, ter educação, respeitar os mais velhos” Já Elba, 18 anos, associa a condição de ser jovem a uma posição de independência: “se eu tivesse um emprego agora eu gostaria de ser independente. Mesmo que ainda não sou, mas jovem para mim é ser independente”(Entrevista realizada em 30 de Outubro de 2007).

A opinião das jovens solteiras com filhos (03 moças) não difere das demais. Elas acenam que a juventude é momento de diversão em busca de amizades. “É viver sua vida, respeitar o seu próximo, sem discriminação. Ter sua opinião feita, cabeça aberta. (JANDYRA, 28 anos. Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Os casados (num total de 03 entrevistados) apresentam anseios mais direcionados a perspectivas de trabalho. Para estes, a ocupação profissional não se relaciona com juventude ou com ser jovem. Os indicadores desta pesquisa atestam que os casados não se consideram jovens por dois motivos: a condição civil priva-lhe do direito à liberdade, assim como a inserção prematura no mundo do trabalho os tira da condição juvenil. Muitos deles, por exemplo, associam a condição de ser jovem ao estado civil. Nas palavras de Igor, 23 anos, “ser jovem é ser mais liberto. Jovem é uma coisa e casado é outra”. (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Já Simão, 20 anos, assim se expressa: “não me sinto mais jovem. Não gosto mais não, é só trabalhar” (Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Diante desses referenciais identitários, parece-nos que tanto o casamento como o trabalho prematuro significam um certo aniquilamento à condição de ser jovem. Para Wanderley (2007, p.22), as distinções entre casados e não casados está na base das representações sociais da juventude. A autora adverte que, embora a juventude corresponda a um momento do ciclo de vida, há que se relativizar, levando-se em conta os aspectos culturais que demarcam esta etapa de vida, que estão condicionados a fatores diversos, tais como: fim dos estudos, constituição de uma nova família, início na vida profissional, além de outros.

Na realidade, este dado reflete o perfil da maioria dos jovens residentes no meio rural brasileiro que, em virtude das circunstâncias estruturais e do *habitus* inerente ao meio, perdem essa condição em detrimento à dura realidade que enfrentam como alternativa de sobrevivência.¹⁴⁴

As casadas, por sua vez, (09, no total das entrevistadas) embora expressem que a juventude é o momento de liberdade e diversão, demonstram um grau de maturidade quando acenam perspectivas para o futuro, principalmente quando consideram os filhos. Ida, 19 anos assim se expressa:- “é importante, é uma fase que a gente tem que aprender mais e no futuro

¹⁴⁴ Observando atentamente a juventude no contexto brasileiro, percebemos o paradoxo presente na construção dessa categoria, tanto no aspecto social, quanto econômico. Ou seja, o acesso aos bens e serviços são definidos por condições específicas que dependem do espaço social que o jovem está inserido. Isso pode ser vislumbrado numa relação intrínseca entre os jovens de um mesmo contexto urbano, ou entre os urbanos e os rurais.

ensinar para nossos filhos um futuro melhor. Sentar e conversar “(Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Algumas, a exemplo de Carla ,18 anos, enfatiza que não se sente mais jovem , porque pensa como adulta.

Eu sou uma pessoa jovem, mas eu não uso minha cabeça como uma pessoa nova. Para mim jovem não é idade não. Jovem é responsabilidade, é saber o que deve fazer. Eu não ajo como uma pessoa jovem , mas como uma pessoa adulta já (Entrevista realizada em 26 de outubro de 2007).

Para Lucinara, 16 anos, o jovem deve ser uma pessoa que não trabalhe muito e consequentemente tenha mais tempo para estudar. Já Corina, 27 anos, revela que ser jovem é muito bom mas não desfruta mais dessa condição; “é tudo de bom, eu não me sinto jovem. A pessoa jovem pode estudar, e aproveitar a vida,”.desaba (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Esses depoimentos nos remetem a Velho(2006), quando afirma que há várias maneiras de “ser velho” como também de “ser jovem”, sempre atreladas a fenômenos sócio-culturais. “A permanente e complexa negociação da realidade que envolve variáveis dos mais diversos tipos, econômicos, políticos, de organização social e simbólica, vai estabelecer fronteiras e classificações etário-geracionais”(VELHO, 2006, p.194).

O referido autor reforça a concepção de que a juventude deve ser compreendida mediante uma pluralidade de interpretações: “Colocar juventude no plural, expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo-a como uma categoria complexa e heterogênea” (VELHO, 2006, p.192).¹⁴⁵

Mannheim (1968) também advoga nesse sentido. Para ele, a juventude deve ser compreendida como uma categoria de sujeitos ordenados a partir de interações sócio-geracionais. Defende a assertiva de que uma geração¹⁴⁶ abriga formas variadas de respostas, inclusive antagônicas, identificando diferentes grupos e contextos diversificados. Para este autor, esses grupos são as unidades de geração¹⁴⁷, caracterizadas por reconhecimento de

¹⁴⁵ Velho aponta ainda as dificuldades para uma compreensão acerca das diferenças de ordem cultural existentes nas diversas sociedades.

¹⁴⁶ Convém ressaltar que a compreensão que o referido autor adota sobre o termo geração é construída a partir da ótica da contemporaneidade e não da coetaneidade.(Entendemos como coetaneidade aquele que vive na mesma idade numa mesma época histórica. Enquanto contemporaneidade se determina através dos que vivem uma mesma época com idades diferentes.) Nesse sentido, há que se considerar as diferenças ambientais e sociais para se definir o que é geração e o que estará condicionado às experiências vivenciadas em cada grupo social.

¹⁴⁷ Geração: coetaneidade num período histórico específico. Embora esteja relacionada a um processo fluído, não é considerada uma identidade coletiva. Ou seja, geração são os jovens nascidos num determinado período.

reações afins, através dos modos que se relacionam com as experiências comuns. Dessa maneira, a acepção ao termo juventude não está apenas vinculada ao ser moço ou ao ser velho, mas também à forma de integração de grupos de jovens em determinados espaços sociais. Ou seja, a mocidade é percebida no nível das “reservas latentes” que se encontram em todas as sociedades. Entretanto, isso “dependerá das estruturas sociais (e quais delas, se houver) serem mobilizadas e integradas numa função” (MANNHEIM, 1968, p.77).

A compreensão deste autor é referendada pelos posicionamentos abaixo descritos:

Eu acho que ser jovem é você compartilhar as coisas, saber aproveitar a vida, não badernando, ter um espírito jovem, ser capaz de conquistar alguma coisa. É acreditar em você mesmo. Acho que por idade, ter filhos, nada disso não interfere de você conquistar alguma coisa” (MARIA DO CARMO, 25 anos. (Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007).

Eunice, 22 Anos, Afirma :

Sempre tento andar como os jovens, não quero ser uma garotinha, mas eu me sinto mais velha do que eles. Ser jovem para mim é se divertir, ter amizade, estar sempre junto dos jovens (Entrevista realizada em 30 de Outubro de 2007).

Diante dos depoimentos aqui apresentados, entendemos que não podemos engessar o conceito de juventude por critérios rígidos, fechados, mas buscando compreendê-lo num processo amplo, diversificado, marcado por particularidades que se sobressaem em diferentes contextos sociais.

Novaes (2006) adverte que o conceito de “ser jovem” passa por constantes mudanças circunscritas ao tempo e às distintas culturas nos espaços sociais. A autora questiona: quem e até quando pode ser jovem?

Jovens são aqueles nascidos há 14 ou 24 anos- seria uma resposta. No entanto, esses limites de idade também não são fixos. Para os que não têm direito a infância, a juventude começa cedo. [...] Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais (NOVAES, 2006, p.105).

Situando essa discussão no nosso campo empírico percebemos que as diferenças que demarcam esse categoria juvenil se consubstancializa de forma muito evidente pelas condições de vida daqueles sujeitos, aqui referenciadas a partir de sua trajetória de vida . Assim é oportuno problematizar que a delimitação de faixas etárias para definir o ser jovem é contraditória, na medida em que os grupos não se constituem de forma homogênea, já que cada sociedade define suas etapas de vida, atribuindo-lhes significados distintos. Ou seja, a

condição de ser jovem não está mais vinculada a uma idade que antes se norteava por etapas etárias, através de ritos de passagem entre juventude e vida adulta.

Bourdieu (1983) é um dos autores que integram essa corrente de pensamento, afirmando que as divisões entre idades são arbitrárias, pois a fronteira que separa a juventude da maturidade relaciona-se a um jogo de manipulações que se faz presente em todas as sociedades e, como tal, insere-se num processo de classificação no qual as fronteiras passam a ser socialmente construídas.

A reflexão sociológica que o autor oferece parte do pressuposto de que a fronteira entre a juventude e a velhice, na verdade, configura-se como um objeto de disputa encontrado em todas as sociedades. Nesse sentido, argumenta: “quando digo jovens-velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, P.113).

Ressalta ainda que as fronteiras estabelecidas entre o que se designa por velhice e juventude também são fatores usuais ao longo do tempo. Ou seja, tanto a juventude como a velhice são socialmente construídas, tornando, portanto, muito complexas as relações entre idade social e a idade biológica.

Utilizar o termo juventude para falar dos jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a unidade definida biologicamente, é uma manipulação evidente e um formidável abuso de linguagem “ (BOURDIEU, 1983, p.144).

De acordo com seu pensamento, cada campo¹⁴⁸ possui uma lei específica de funcionamento, com seus respectivos objetos de luta e as consequentes divisões operadas nesta direção. Sob tal ótica, “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável”. O autor fundamenta sua argumentação alegando que quando se menciona o termo jovem enquanto unidade social, um grupo constituído dotado de interesses comuns, definidos biologicamente, implica tendência semântica que sugere manipulação.

Nesse sentido sobressai a constatação do fato de que a “juventude é apenas uma palavra”, tendo em vista que não se pode utilizar o termo de forma genérica, diante das diferentes realidades. Assim, mais do que uma palavra, a juventude pode ser caracterizada por uma experiência de vida que é elaborada através de diversas formas de classificação, resultante das relações estabelecidas entre pessoas, classes sociais, relações familiares e

¹⁴⁸ Bourdieu (2004, p.20) conceitua o *campo* como “o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência.” Para ele, este universo configura-se como um mundo social igual aos outros, entretanto obedece a leis sociais.

relações de poder. Enfim, o conceito pode ser interpretado como inerente ao universo subjetivo que perpassa a realidade.

Os relatos acima descritos evidenciam que a condição juvenil se apresenta, nas suas mais variadas dimensões, como um processo que se define como projeto de vida, voltado, muitas vezes, para o estudo e o lazer. Entretanto, há que se levar em consideração que nem sempre estas disposições generalizadas se configuram em experiências vivenciadas. Embora sua condição social seja marcada por situações precárias de sobrevivência, limitada ao trabalho, ao estudo e ao lazer de forma bastante reduzida, a maioria desses jovens vislumbra outras experiências de vida, muitas vezes seduzida pelos atrativos oferecidos no meio urbano.

2.6- Perspectivas de Futuro: Em Busca dos Sonhos

Na realidade, os projetos para o futuro estão entre as principais perspectivas das categorias juvenis, sejam elas do meio urbano ou rural. Olhando de forma particular para os jovens rurais, estes, no sentido de concretizarem suas expectativas de vida, incorporam novos valores sociais, diferentemente de seus pais, na busca de novas alternativas, sendo uma delas a independência econômica, que se reflete num processo de migração.

Vale ressaltar que este processo tornou-se mais evidente a partir do desenvolvimento de atividades industriais no meio urbano, o que gerou a necessidade de deslocamentos, com os jovens experimentando novas formas de subsistência, através de empregos que, apesar da baixa remuneração garantiam o sustento, principalmente no âmbito do acesso à educação.¹⁴⁹ Nesse sentido, instaura-se uma mudança na composição familiar, prevalecendo os interesses individuais que são referendados pela autoridade paterna.

Sobre esta perspectiva, Carneiro (1998) comenta: “se no passado recente a saída significava uma necessidade que muitas vezes implicava em grandes esforços e mesmo períodos de privação, “sair” se coloca como uma opção estimulada pelos pais e favorecida pela diminuição do número de filhos” (CARNEIRO, 1998, P.16).

Não é demais lembrar que o novo contexto, marcado pelo estreitamento de vínculos entre o urbano e o rural, reforça algumas transformações, particularmente ao longo das décadas de 60 e 70, no interior da família, que começa a se constituir em grupos nucleares.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Embora esta seja uma situação contextual, os jovens rapazes trabalhavam em pequenas empresas, enquanto as moças em casas de famílias, desenvolvendo atividades domésticas.

¹⁵⁰ Antes as famílias eram extensas, abrigando até quatro gerações.

Com elas, novos estatutos ¹⁵¹ vão sendo criados com espaços de igualdade entre os filhos que já são concebidos em números reduzidos.

As mudanças introduzidas no mundo rural precisam ser consideradas, no entanto, a partir de projetos individuais e familiares que se apresentam em contextos sociais e econômicos diferenciados. Para Carneiro (1998) a questão principal não é apenas a de redefinir o que se denomina de rural ou urbano, mas buscar os significados e as práticas sociais que operacionalizam a interação entre esses dois contextos. Dessa forma, não podemos classificar a juventude rural através de parâmetros universais, mas considerar os critérios que, muitas vezes, se apresentam de forma ambígua. Ao mencionar os processos ambíguos que permeiam o mundo rural, é pensando, por exemplo, nos padrões de herança e de sucessão que têm mudado significativamente na sociedade contemporânea. Se antes, nas sociedades tradicionais, as famílias valorizavam a prática da sucessão com uma reprodução numerosa da sua prole, como meio de dar continuidade aos projetos voltados para a agricultura, e um esforço contínuo para a aquisição de novas terras que fossem suficientes para abrigar seus filhos, hoje, busca-se outras perspectivas de vida, que podem ser justificadas nos processos de migração. Esse panorama desencadeia uma nova situação, principalmente junto aos jovens (os do sexo masculino preferencialmente) ao serem excluídos do processo de sucessão tanto do pai como da unidade produtiva. De acordo ainda com Carneiro (1998), essas mudanças acarretaram consequências em torno do padrão de herança, tornando-se mais flexível o processo de atribuições sociais: “não há mais regra a seguir, fica em casa aquele que tiver mais aptidão para a agricultura e menor vocação para os estudos” (CARNEIRO, 1998, p.5). Há que se alertar, no entanto, que o processo de migração em algumas localidades é vivenciado com mais intensidade, em decorrência da ausência de condições básicas de subsistência vivenciadas no núcleo familiar. Entretanto, percebe-se um diferencial: para os filhos de proprietários de terra, a ida para a cidade ocorre pela necessidade de estudar, cursar uma faculdade. Já para os filhos de pequenos agricultores, o que se impõe é a necessidade de um emprego como forma de sobrevivência.

De acordo com estudos desenvolvidos sobre a realidade rural brasileira autores como WANDERLEY(2007); CARNEIRO(1998), STROPASOLAS(2005) indicam que as estratégias estabelecidas para os rapazes e as moças são diferenciadas, tanto no aspecto da educação, na relação do trabalho, independência pessoal, regras de herança, quanto no encaminhamento para o casamento, assim como no que concerne à tradição familiar, ou à reprodução do

¹⁵¹ Na tradição hierárquica as duas primeiras gerações existiam em torno de um esforço conjunto para a aquisição de novas terras que pudessem abrigar todos os filhos homens na agricultura.

estabelecimento desse núcleo social. Todos esses elementos foram perceptíveis junto ao locus da nossa pesquisa, na medida em que os jovens foram apresentando suas dimensões sociais. Conforme podemos atestar, a dependência econômica e moral em relação aos pais é um fator bastante evidente, e nesse sentido os jovens vislumbram um futuro que se diversifica nas seguintes dimensões: trabalhar, casar e constituir família. Vejamos como o cenário se desenha:

Para os rapazes solteiros (18), os projetos de futuro convergem para uma perspectiva de vida voltada ao trabalho, o casamento e por último os estudos. Antonio, 23 anos enfatiza: “meu sonho é ter uma casa aqui no assentamento. Na realidade é possuir bastante, mexer com equipamento sonoro. Terminar meus estudos e ter um emprego que eu mesmo seja o patrão”(Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Roberto, 25 anos, também compartilha da mesma posição “meu projeto, se tudo der certo, fazer minhas criações, me estabilizar, arrumar o que viver e garantir o futuro se eu conseguir crescer”(Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2007).

Jean, 26 anos, acrescenta: “trabalhar, estudar e arrumar uma pessoa para casar”(Entrevista realizada em 25 de Novembro de 2007).

Outros priorizam o estudo, embora em escala menor. Fernando, 17 anos, sonha em fazer engenharia elétrica, Gilberto, 21 anos terminar os estudos e arrumar um emprego, já Johns, 15 anos e Artur, 16 anos, almejam cursar Medicina.

Para os que já são casados, os planos também se relacionam a uma melhor condição de vida, mas seus objetivos convergem no sentido de dar continuidade ao projeto do pai, caracterizando um modelo de família tradicional, patriarcal, que planeja os rumos de sua descendência. Notamos, ainda, que, embora alguns esbocem o desejo de concluir um curso, não descartam, entretanto, a possibilidade de continuarem no meio rural. Percebemos, nesse sentido, a valorização do espaço afetivo “rural” mais do que a preservação de um território. Essa assertiva se legitima a partir destes depoimentos:

“Não trabalhar para os outros, e continuar morando aqui” (SIMÃO, 20 anos. Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

De acordo com Jovelino, 20 anos, seu projeto é “trabalhar, ter a minha família em paz, ter as coisas que eu sempre sonhei e pronto”(Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Alberto, 22 anos, encaminha suas perspectivas também atreladas ao trabalho

“trabalhar, para quando eu ficar velho não precisar de ninguém “(Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007).

É pertinente indagarmos: essas escolhas expressam a continuidade da atividade agrícola aliada aos laços familiares? Wanderley(2006) explica:

Estas dinâmicas das relações construídas no presente passado e no futuro com a reprodução do estabelecimento familiar se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura ou de continuidade do meio rural (WANDERLEY, 2006. P.23-24).

Os indícios acima reiteram, mais uma vez, que a compreensão de juventude é, ao mesmo tempo, um pressuposto social, mas também um tipo de representação, que será identificada de forma variada em diferentes sociedades e dados momentos históricos. Tais aspectos se concretizam por intermédio de condições sociais, culturais, de gênero contidas nas especificidades regionais, que podem ser nitidamente visualizados, sejam nos contextos rurais e urbanos, como dentro de um mesmo grupo social.

Isso se verifica, por exemplo, nas expectativas expressas pelas moças solteiras (09), que convergem para a conquista do primeiro emprego e melhorias nas condições de sobrevivência. Priorizam os estudos e consequentemente a oportunidade para um trabalho e por fim casar; Ana, 18 anos, afirma:“estou correndo atrás de um emprego que possa ter uma profissão, se não conseguir pego outro”. (Entrevista realizada em 05 de Novembro de 2007).

Kátia,18 anos, revela que pretende arrumar um emprego, casar e constituir família. Já Elba, 18 anos, direciona a sua perspectiva de futuro em prol de uma profissão, como o curso de assistência técnica industrial, e posteriormente, casar.

De acordo com Stropasolas (2005) este é um fator que começa a ser identificado em pesquisas no contexto brasileiro, que indicam que tais opções refletem o descontentamento das moças junto ao trabalho na agricultura, estimulando-as assim a almejem outras perspectivas de vida profissional.

As casadas, no entanto, traçam seus planos futuros priorizando seus filhos, almejando criá-los sob diferentes modos de existência, principalmente no que tange às condições estruturais dentro do assentamento. Corina, 27 anos, referenda essa assertiva quando almeja melhoras para o assentamento: [...]” tivesse água, oportunidade para quem quiser estudar fazer um curso”(Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Ruth, 25 anos, anuncia que seu maior sonho é ver suas filhas crescer e ter muita saúde.

As solteiras com filhos comungam do mesmo pensamento: “ter o meu próprio negócio para poder dar as minhas filhas, pretendo ajudar minha mãe , meus irmãos.(EUNICE, 20 anos. Entrevista realizada em 30 de Outubro de 2007).

Construir um futuro melhor para os filhos e poder ajudar o Movimento sempre que puder são as pretensões de Jandyra, 28 anos (Entrevista realizada em 27 de Outubro de 2007).

Carla, com 18 anos e já casada, no entanto, tem perspectivas mais ambiciosas:“eu quero terminar os meus estudos, seguir uma profissão. Eu queria ser professora aqui, eu não pretendo sair daqui”(Entrevista realizada em 26 de Outubro de 2007).

Diante do exposto, os projetos de vida na esfera individual oscilam entre o desejo de “melhorar o padrão de existência” e o sentimento de pertencimento à família e às raízes culturais. Por um lado, a falta de infraestrutura e meios de subsistência, além de poucas opções de lazer, instigam os jovens a buscarem seus objetivos no espaço urbano. Por outro, os sentimentos e os vínculos familiares os prendem ao meio rural, que correspondem às suas tradições e histórias. Outro trecho da música de Chico César, Desejo e necessidade, resume essa compreensão

“ai estou num estado tão alterado
na exata hora que vim fiquei partido, apartado
e a parte que eu vim ficou
acesa na que apagou
desejo e necessidade”

No entendimento de Wanderley (2007), os projetos de vida idealizados pelos jovens rurais deságuam em duas tensões: a primeira se relaciona ao que o jovem quer fazer ou ser, porque este também se pergunta onde quer ser e onde quer fazer, se no campo ou na cidade. A outra tensão, de acordo com a citada autora, refere-se aos laços de relação com a família . “Para muitos jovens do meio rural essa relação guarda uma singularidade porque a família é, ao mesmo tempo, a unidade produtora” (WANDERLEY, 2007, p.68).

Na verdade, esse processo é marcado por uma certa ambiguidade, pois os jovens tanto expressam o desejo de permanecerem em seus espaços de origem, em decorrência de seu apego à família, como são tentados a migrar, devido a falta de lazer e de perspectivas de trabalho. E , ressalte-se , estes elementos se tornam motivadores da evasão rural, uma vez que instigam a incorporação de estilos culturais “típicos” da zona urbana.Torna-se válido salientar que a mídia desempenha um papel significativo nesta conjuntura de incertezas e assimilações culturais que se constroem a partir do momento que adquirem laços de sociabilidade urbana,

incorporando novos sentidos culturais.

Como assevera Carneiro (1998), “inserir-se nesse universo simbólico é entrar em contato com a ‘modernidade’, quebrar laços de dependência e de proteção familiar”. (CARNEIRO, 1998, p. 15). Ou seja, valores tradicionais passam a ser negociados com seus projetos futuros, mas os jovens não se desatrelam do sentimento de pertencimento junto à família, recusando-se a “cortar” suas raízes.

Convém lembrar, entretanto, que embora a família seja para o jovem, o espaço de proteção, de conforto e afetividade, é também o meio onde as restrições são vivenciadas para a realização ou não de seus desejos. Nesse sentido, a tensão é manifestada devido à necessidade de continuidade da unidade de produção, em que o jovem, mesmo projetando perspectivas para o seu futuro, não se desatrela dos seus laços de solidariedade e de seu consequente compromisso perante a família. (CARNEIRO, 2007) .

Gilberto, 21 anos, almeja sair do assentamento em busca de melhores condições de vida, no entanto, o compromisso com a família e o fato de ser o único filho que ainda mora com os pais não permite que concretize seu ideal: “não vou dizer que gosto, mas não posso deixar meus pais sozinhos”, afirma (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007) .

Os relatos obtidos, até onde nos foi permitido observar, indicam que esse grupo juvenil, embora vislumbre mudanças, a maioria constrói seus planos para o futuro respeitando o “ethos” rural, preservando assim o seu local de moradia, mesmo que não sejam jovens originários daquele espaço.

Os fragmentos em destaque permitem esta compreensão:

Continuar meus estudos, fazer uma faculdade para Educação Física, e fazer um curso pelo movimento e continuar no movimento, assentada também, não aqui mas espero um dia ser assentada também (MARIA VITÓRIA, 14 anos. Entrevista realizada em 25 de Setembro de 2007).

Wilson , 20 anos; Igor, 23 anos compartilham dos mesmos planos: estudar, buscar mais informações e melhorar o assentamento; “Eu pretendo melhoras para o assentamento, “porque tudo aqui é difícil” (IGOR, 23 anos. Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

As pretensões aqui postuladas se concebem como uma negociação de sentidos em busca de articular caminhos para transformar as desigualdades que circundam o espaço rural.

Entre o desejo de sair ou ficar há também os que querem romper tanto com os laços de dependência familiar assim como com o ethos rural e principalmente com o Movimento em busca de novas alternativas de vida no meio urbano. Kátia, 18 anos, representa esta perspectiva:

sairia, não gosto de morar aqui, não tenho preferência de bairro e outros jovens, mas sairia; porque aqui é tudo “difícil”, transporte, educação. O movimento aqui não tem ética. (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Gilberto, 21 anos, igualmente vislumbra sair; “Sairia e deixava o Movimento” (Entrevista realizada em 09 de Novembro de 2007).

Rosalva, 20 anos, desabafa que deseja muito sair porque o assentamento é “muito desmoralizado, precisa de um posto médico, escola, clube de mães (Entrevista realizada em 13 de Novembro de 2007).

Essas declarações atestam que o elemento motivador do processo de migração está de fato muito atrelado às questões sociais e econômicas que permeiam o mudo rural e mais especificamente naquele assentamento, vindo em seguida, como fator importante, o descontentamento perante o Movimento. Nesse sentido, esse grupo juvenil se diferencia de outros em decorrência das precariedades que ali se instauram como a ausência de meios de educação e de trabalho.

Embora tenhamos ressaltado que nossa discussão não objetiva privilegiar a dicotomia entre a juventude rural e a urbana, torna-se útil destacar que, em alguns momentos, somos impelidas a mencionar os aspectos que demarcam as diferenças, tendo em vista que as fronteiras simbólicas existentes entre eles são marcadas por estereótipos que se estabelecem entre esses grupos juvenis.

No nível da subjetividade poderíamos apontar as estratégias de exclusão social que se verificam, por exemplo, nas tentativas de construção da cidadania que, nos espaços urbanos, podem ser mais fáceis de se elaborar em detrimento aos que residem no meio rural, que normalmente não dispõem de alternativas que lhes proporcionem uma educação e trabalho dignos. Diante disso, buscam uma integração aos valores da sociedade urbana, o que permite que os seus projetos individuais se construam, principalmente no que se refere à oferta de empregos, resultando dessa maneira numa “retração da atividade agrícola”.

Não é demais lembrar que a situação dos jovens rurais que migram para o meio urbano em busca de trabalho ainda se estabelece de forma precária. Em decorrência da falta de profissionalização, muitos que migram, por necessidades de sobrevivência, submetem-se a qualquer tipo de trabalho sem nenhuma especialidade. O que resultará em mais um processo de desigualdade social a permear essa categoria.

Um aspecto nos chamou particular atenção quanto aos projetos de vida dos jovens aqui pesquisados: o relacionado às questões sociais enfatizadas pelo MST. Como a maioria

dos depoentes declarou a condição de militantes do Movimento, esperávamos encontrar, entre seus argumentos, discursos que referendassem a bandeira de luta do MST. No entanto, essa perspectiva se torna mais evidente apenas nas falas dos jovens que estão diretamente engajados, (Sem Terra), quando elaboram com mais propriedade seus posicionamentos, frente às situações enfrentadas no meio rural, assim como no interior do MST. Para estes, o futuro deve ser planejado atrelado às mudanças sociais, como comprova o relato de Artur, 16 anos:

Eu gostaria que existisse igualdade social. - Eu poderia até ser médico, mas para trabalhar para o povo. Eu queria trabalhar sem muito receber e mais ajudando o povo, porque hoje em dia o que mais gosto de fazer é ajudar os outros (Entrevista realizada em 14 de Novembro de 2007)¹⁵².

Maria do Carmo, 25 anos, igualmente direciona seu discurso em prol das questões sociais: ficar cada vez melhor, lutar mais, tentar construir uma vida melhor com o Movimento e participar mais das coisas” (Entrevista realizada em 20 de outubro de 2007).

John, 15 anos, também militante, expressa seu desejo de ir para Cuba cursar Medicina, através de intercâmbio possibilitado pelo Movimento.

O empenho entusiástico em busca da concretização de seus projetos de vida, em detrimento às questões sociais, talvez seja um ponto de unidade entre os jovens rurais e urbanos que vale ser considerado. Como ressalta Durston (1998), os jovens rurais têm pelo menos, em alguns momentos e em certos aspectos, um pensamento e uma perspectiva estratégica que combinam seu uso do tempo presente com sua visão de como preparar o futuro, sem, necessariamente, estar vinculado às questões sociais. Nesse sentido a concepção de futuro do jovem militante do MST parece ser elaborada por alguém mais preparado para entender a problemática social que perpassa o tempo presente.

Conforme identificamos, há uma heterogeneidade entre o grupo pesquisado que se cria a partir das questões de gênero assim como da condição civil. Para os casados tanto do gênero masculino como feminino percebemos que os projetos estão muito direcionados para a preservação da tradição familiar e conseqüentemente da sua permanência naquele espaço social. Os jovens solteiros de ambos os sexos vislumbram outras alternativas de vida que se assemelham às de outras categorias juvenis, inclusive do meio urbano. O desejo da autonomia financeira vem associado ao estudo, o que refletirá conseqüentemente na construção de um sujeito independente que busca articular caminhos para transformar o contexto de desigualdade.

¹⁵² Este jovem é militante do Movimento e compõe-se no assentamento como a expressividade e liderança almejada para os demais jovens.

Diante destas constatações podemos enfatizar mais uma vez que a juventude é uma construção social, compondo cenários de indivíduos que vivem problemas de forma não homogênea. Nesse sentido, é insuficiente pensá-la numa dimensão singular, ou mesmo através de concepções que busquem classificar a etapa de vida, como estado de espírito, rebeldia¹⁵³, padrão de estética, faixa etária. Reconhecemos que todos esses itens integram o conceito de juventude e são experienciados nas suas mais diversificadas maneiras, embora não signifique uma síntese generalizante. Logo, definir os aspectos da condição juvenil requer um nível de discernimento elaborado tendo em vista os diferentes recortes temáticos estabelecidos, principalmente os relacionados à faixa etária.

Todo o trajeto até aqui percorrido, situando o enfoque dentro de um contexto sócio-espacial em busca de entender as subjetividades desse grupo juvenil, foram imprescindíveis para embasar os reais objetivos deste estudo que se destina a analisar como esses jovens constroem suas identidades culturais a partir da interface com a mídia.

Castells (1999) alerta para o fato de que, a partir do final do séc. XX, estaríamos vivendo uma transformação de nossa “cultura material” em decorrência de um novo paradigma que se organizaria em torno da tecnologia da informação, na qual a mídia enquanto matriz instituidora das relações sociais passa a exercer destacada influência na vida política, econômica e cultural da sociedade. Um ambiente em que são produzidas e disseminadas informações e entretenimentos, direcionados a um público potencialmente global, permitindo que as identidades culturais se construam através de um jogo de múltiplas interpretações decorrentes de fluxos de mensagens que são oferecidas diariamente.

A difusão das formas simbólicas através da mídia eletrônica (Rádio, Televisão, Internet) é operacionalizada para atingir todas as camadas sociais, sejam elas urbanas ou rurais. Nesse sentido, a transmissão da cultura pelo viés da mídia, tornou-se comum e, acima

¹⁵³ Situando a discussão num período histórico a literatura apresenta uma abordagem sobre a temática atestando que a visibilidade da juventude se constroem a partir do comportamento ‘anormal’ por parte de grupos de jovens delinquentes, excêntricos, ou contestadores, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes”.(ABRAMO, 1994) Numa análise pormenorizada a autora apresenta duas argumentações para explicar o momento de contraposição. A primeira está relacionada à questão da delinquência, na qual os grupos de jovens ocupam seu tempo fora dos espaços institucionais adequados, estimulando-se, assim, a criminalidade. A segunda discute as expressões juvenis sob a ótica de um condicionamento de rebeldia que visa buscar inovações na vida social. Nos anos 40 uma outra vertente discutida pela escola funcionalista norte-americana enfatiza uma análise sobre o processo de transição de idade, correspondente à adolescência, a ser observada pelo seu comportamento “normal”, a partir do espaço escolar. Essa fase de transição da infância para a maturidade gera a necessidade de um segundo processo de socialização, no qual os jovens constroem redes de relações particulares com indivíduos de igual idade e de instituição. A constituição desse novo grupo se desenvolve através de rituais, símbolos, moda e linguagem que são incorporadas como forma de marcar uma identidade distintiva de outros grupos da mesma faixa etária (ABRAMO, 1994).

de tudo, determinante na organização social, através da recepção das mensagens que recebemos cotidianamente.

Esse novo paradigma da comunicação nos instigou a olhar para os jovens desta pesquisa no sentido de identificarmos quais são os meios de comunicação de massa que mais utilizam e que sentidos dão às mensagens recebidas. É o que veremos nos próximos capítulos.



Capítulo III

Construindo Sentidos nas Ondas do Rádio



CAP III

CONSTRUINDO SENTIDOS NAS ONDAS DO RÁDIO

3.1- Os Jovens e sua Interface com a Mídia: Prenúncios de uma Nova Sociabilidade

As mudanças sociais decorrentes da contemporaneidade têm feito surgir novas dinâmicas na comunicação, na medida em que a mídia integra cada vez mais espaços de sociabilidade no cotidiano dos indivíduos. Nunca a comunicação esteve tão presente como hoje.

Para além dos processos capitalistas e dos avanços tecnológicos dos meios massivos no mundo hodierno, é incontestável o lugar cultural que a mídia ocupa na vida cotidiana dos indivíduos e dos grupos sociais. Não se pode reduzir as mutações culturais ao aspecto simplesmente da economia, da política e das mercadorias sociais. Isso seria não enxergar a dimensão das estruturas ideológicas das forças produtivas que permeiam a difusão de produtos culturais (SODRÉ, 2002).

A transmissão dos bens simbólicos instituídos pela mídia tem assumido um papel preponderante nas construções identitárias dos jovens. Hoje, os meios de comunicação de massa, através de um processo de mediação, são os mentores de uma nova conduta que viabiliza uma diferente realidade cultural da massa, desenvolvida num processo de imbricamento entre o uno e o múltiplo. Podemos observar, diariamente, o funcionamento de uma indústria da informação e da comunicação, oferecendo um número incalculável de novidades, atraindo crianças, jovens, adultos para um mundo fantástico de som e imagem muito mais confortável e sedutor do que os textos escritos ou impressos.

Desde os anos 50¹⁵⁴, os veículos de comunicação eletrônicos, rádio e televisão¹⁵⁵, constituíram-se nos principais meios de acesso aos bens culturais. Por intermédio de seus variados programas, diversas regiões de um mesmo país puderam ser reconhecidas, através de um processo de multiculturalidade, cujo aspecto é indissociável dos movimentos

¹⁵⁴ O Rádio brasileiro nos anos 50 vive seu apogeu com uma efetiva consolidação junto à sociedade.

¹⁵⁵ No Brasil as primeiras experiências radiofônicas ocorreram no dia 07 de setembro de 1922. Entretanto, a primeira emissora de rádio data de 20 de abril de 1923, denominada de Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, idealizada pelo antropólogo Edgar Roquete Pinto. Vale ressaltar: experiências anteriores apontam que a rádio clube de pernambuco se sobressai no pioneirismo. Já a televisão é inaugurada em 1950, TV tupi do Rio de Janeiro aqui trazida por Assis Chateaubriand e Bandeira de Melo.

globalizadores¹⁵⁶. No Brasil, por exemplo, tais meios, desde o seu surgimento, sempre foram utilizados para mediatizar o processo de organização dos relatos da identidade e do sentido de cidadania. Apesar da conexão oferecida pela internet, tais meios ainda mantêm seu forte impacto de penetração no ambiente social.

Num mundo globalizado, marcado pela influência das novas tecnologias da comunicação e de sua convergência, a televisão e o rádio ainda são os meios eletrônicos mais utilizados pela população brasileira .

Embora a televisão atinja cerca de 94% dos domicílios brasileiros, sejam rurais ou urbanos, o meio radiofônico também ocupa significativa relevância pela audiência entre os veículos mais modernos, fazendo-se presente em mais de 88% dos lares. Tal fato se justifica pela oralidade que o rádio exerce, crescendo em intimidade e credibilidade junto ao público-ouvinte jovem, além da mobilidade e baixo custo oferecidos pelo veículo.

Pesquisa desenvolvida pelo IBGE¹⁵⁷ mostra como se constitui o quadro de acesso à mídia televisiva e radiofônica no Brasil.

A projeção dos domicílios brasileiros que dispõem de aparelhos de rádio e televisão tem crescido sistematicamente ao longo dos anos. Em 2006 existiam mais domicílios com TV (91,4%) do que com rádio. No entanto, o rádio superava a TV em domicílios rurais (81,6%).

%	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Rádio	88,0	87,9	87,8	87,8	88,0	87,9	88,1
Televisão	89,0	90,0	90,1	90,3	91,4	93,0	94,5
Domicílios	46.507	48.036	49.712	51.753	53.114	54.610	56.344

Quadro V- Domicílios Brasileiros (%) com Rádio e TV

(Nota: Até 2003, não inclui a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Fonte: [PNAD \(IBGE\)](#)

Domicílios com Rádio

%	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Urbana	89,0	88,8	88,7	89,0	89,2	88,9	89,0
Rural	82,4	82,2	82,8	81,2	81,6	82,1	82,8
Total	88,0	87,9	87,8	87,8	88,0	87,9	88,1

Quadro VI- Domicílios Brasileiros com Rádio e TV – zona urbana e rural

Fonte: [PNAD \(IBGE\)](#)

¹⁵⁶ A globalização não pode ser considerada como um aspecto de homogeneização e sim de ordenamento das diferenças e desigualdades.

¹⁵⁷ Ver. site www.teleco.com.br/relatorioc.asp - acesso em 09 de julho de 2009.

A maioria dos domicílios possui TV a cores (88,7%). Apenas 2,7% possui TV preto e branco.

%	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Urbana	88,4%	89,9%	90,3%	91,5%	93,1%	94,8	96,3
Rural	52,0%	56,6%	59,5%	61,6%	64,8%	72,0	77,8
Total	83,0%	85,1%	85,9%	86,9%	88,7%	91,3	93,5

Quadro VII- Domicílios com Tv a Cores

Fonte: [PNAD \(IBGE\)](#)

%	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Urbana	4,9	3,8	3,3	2,6	2,0	1,3	0,7
Rural	12,7	11,1	9,0	7,5	6,1	3,8	2,3
Total	6,1	4,9	4,1	3,4	2,7	1,7	0,9

Quadro VIII- Domicílios com TV Preto e Branco

Fonte: [PNAD \(IBGE\)](#)

Pesquisas mais recentes desenvolvidas pelo grupo Mídia Dados Brasil apontam que nos anos de 2008 e 2009 há uma evolução nestes números. A televisão, por exemplo encontra-se presente em 94% dos domicílios brasileiros, e o rádio atinge o percentual dos 91,5%¹⁵⁸.

Tais estudos, no entanto, não revelam com mais precisão dados relacionados ao mundo rural, o que dificulta estabelecermos parâmetros de acesso à mídia junto aos que ali residem.

Com o objetivo de identificar os diferentes aspectos que permeiam a realidade dos jovens no contexto brasileiro, Helena Abramo e Pedro Paulo Branco (2005) organizaram uma pesquisa, na qual reuniram um conjunto de informações que debatem sobre as políticas de juventude. Os ensaios e artigos científicos apresentados na citada coletânea indicaram que, entre outros assuntos, a “cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros” está bastante vinculada aos meios de comunicação de massa eletrônicos.

De acordo com a pesquisa “retratos da Juventude Brasileira” (2005) assistir televisão e escutar rádio é um traço característico das culturas juvenis contemporâneas, atitudes entendidas como ocupações do tempo livre. 92% dos jovens residentes no meio urbano e 86% do meio rural utilizam a televisão como principal ocupação do tempo livre durante a semana.

¹⁵⁸ Ver Mídia dados Brasil 2009- Grupo de Mídia- São Paulo.

O rádio aparece em segunda opção com 91% dos jovens urbanos e 83% dos jovens rurais.¹⁵⁹ Nos finais de semana as práticas de sociabilidade perante a mídia também se repetem com 86% dos jovens do meio urbano e 89% dos rurais tendo acesso à televisão. O rádio mais uma vez mantém-se na segunda atividade privilegiada por eles, considerando a margem de 89% dos jovens residentes no meio urbano e 86% dos que habitam na zona rural.

Direcionando nossa atenção para os jovens rurais podemos perceber, através dos dados acima mencionados, que a cultura midiática (televisão e rádio) vivenciada por esta categoria não se distancia dos grupos de jovens do meio urbano, o que significa dizer que não há fronteiras para a inserção destas mídias nos espaços cotidianos dos jovens residentes no meio rural.

O quadro acima delineado nos suscita a olhar mais de perto as formas de sociabilidade desenvolvidas pela juventude residente em assentamentos rurais do MST, considerando os sujeitos receptores e analisando os processos de significação que imprimem em meio a uma cultura midiática que permeia o seu cotidiano.

As estratégias metodológicas para a realização deste estudo organizaram-se a partir de duas perspectivas: a primeira buscou mapear as escolhas midiáticas do grupo juvenil pesquisado. A segunda destinou-se a identificar que usos este grupo faz das mediações e seus possíveis efeitos de sentidos¹⁶⁰.

O conjunto das preferências midiáticas dos jovens desta pesquisa não difere da realidade brasileira¹⁶¹, embora apontando algumas especificidades que se delineiam no mundo simbólico de cada indivíduo.

Para os rapazes, a televisão desponta como meio preferencial. 52,3% indicam assistir mais televisão; 28,5% utilizam igualmente rádio e televisão; 14,2 % optam mais pelo rádio e 4,7 % afirmam ter pouca vinculação com esses meios de comunicação de massa.

¹⁵⁹ Estudos de natureza micro têm sido realizados por pesquisadores que se debruçam sobre o assunto. Com esta perspectiva realizamos uma pesquisa empírica com 60 jovens do meio urbano. O objetivo foi identificar a relação que os jovens estabeleciam com essa nova revolução da comunicação chamada Internet. Os resultados preliminares apontaram que embora a internet seja uma ferramenta utilizada pelos jovens, esse processo não ocorre de forma homogênea. Como recorte metodológico definimos os dois grupos a partir de faixas etárias, sendo o grupo-1 com a faixa etária variando de 14 a 29 anos, sendo todos universitários e o grupo-2 com idade inferior aos 18 anos, e estudantes de ensino fundamental da rede pública. O ponto de partida desta pesquisa foi detectar qual o meio de comunicação mais utilizado por esses jovens, tendo a televisão como preferência geral para ambos os grupos, havendo especificidades para as outras mídias. A segunda opção do grupo-1 foi pela internet (13%), enquanto a do grupo-2 foi o rádio (27%), vindo a internet em terceiro lugar com 17%. (Ver artigo O Rádio e as opções midiáticas dos jovens (FREITAS, 2007))

¹⁶⁰ Os dados apresentados, conforme explicitamos inicialmente, emergiram a partir de uma etnografia e da realização de entrevistas, aplicações de questionários, além da realização de oficinas focais. Os levantamentos surgem aqui através de percentuais entre os grupos dos rapazes e das moças.

¹⁶¹ Ver quadro anexo VIII da penetração de Rádio por faixa etária e gênero.

Para as moças, o meio preferencial também é a televisão, 52,3%, mas com uma pequena diferença sobre o rádio, 42,8% e 4,7% das pesquisadas afirmam que preferem os dois. Nesse caso, observamos que as formas de sociabilidade das moças construídas em relação ao rádio são mais intensas do que entre os rapazes.

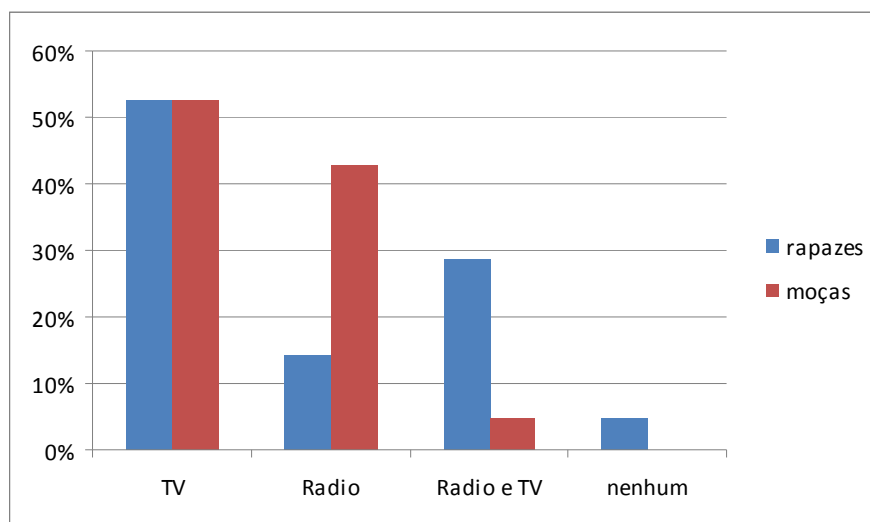


Gráfico VIII- Opções Midiáticas

Os jovens, na sua maioria, revelaram que não têm o hábito da leitura, e portanto não utilizam nenhum meio impresso, seja para a obtenção de informações ou mesmo para entretenimento. A leitura é reservada apenas para os aspectos pedagógicos, um dado concernente aos que estão estudando. Poucos afirmaram fazer uso de leituras de mídia impressa produzidas pelo MST¹⁶². Apenas 7% deles indicaram conhecer o “jornal dos Sem Terra”.

O acesso a internet é uma realidade que ainda não faz parte do universo cultural desses jovens. Nenhum deles dispõe de computador em suas residências e uma minoria utiliza-se dessa ferramenta, esporadicamente, quando se deslocam para o meio urbano em *lan house*, conforme depoimento desta jovem: “eu uso a internet quando tenho dinheiro, numa *lan house*”(ANA, 18,anos. Dados Questionário- I Aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Nem mesmo os espaços escolares oferecem alternativas para que esses jovens tenham acesso ao mundo virtual. Fato que decorre da ausência de uma política de inclusão digital mais efetiva que possibilite a inserção destas novas ferramentas da tecnologia nas escolas,

¹⁶² O MST na sua conjuntura, organiza-se também através de meios alternativos de comunicação com produção de boletins informativos e lutam especificamente pela implantação de rádios comunitárias nas áreas de assentamentos.

especialmente na rede pública de educação.

Os dados acima, portanto, revelam que o baixo índice de acesso desse grupo juvenil ao computador, e conseqüentemente à internet, é marcado por uma relação social estratificada, permeada por níveis de desigualdades sociais, principalmente se levarmos em consideração a ascensão das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC), que tem evoluído sistematicamente na sociedade contemporânea.¹⁶³

Este é um ponto significativo que merece reflexão aprofundada. Mesmo que a questão das novas tecnologias da informação e comunicação não seja o foco central das nossas discussões, cabe aqui uma análise para entendermos como se constitui essa nova cultura, que incide diretamente nas relações das sociabilidades hodiernas.

De acordo com Castells (1999), a produção, armazenagem e distribuição de informação por computador tem ocasionado uma revolução tecnológica; revolução que se constitui em um novo paradigma da comunicação humana, configurado através de uma rede de culturas globalizadas. Os mais entusiasmados, a exemplo de Pierre Lévy, arriscam a defender que depois da descoberta da escrita, a internet é a segunda grande revolução da história da comunicação humana, causando profundas e importantes transformações no âmbito sociocultural.

Para o sociólogo espanhol o surgimento da internet na sociedade gerou a possibilidade de uma cultura baseada na virtualidade real:

Não há separação entre 'realidade' e representação simbólica. Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. Portanto, o que é historicamente específico organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual (CASTELLS, 1999, p.459).

O ponto positivo dessa tendência é que permite uma certa autonomia do indivíduo diante dessa nova cultura midiática, que lhe possibilitará, com velocidade expressiva, adquirir mais poder e conhecimento em busca de uma produção de novas formas de cultura.

Esta nova realidade midiática, sem dúvida, converteu a internet em um importante instrumento de comunicação que está prioritariamente associado a um perfil de usuário mais novo. Tal aspecto se justifica porque é uma tendência do jovem se mobilizarem em torno de processos de mudança social na busca de conhecimento inovador e conseqüentemente impulsionador de conquistas significativas para a sua existência.

¹⁶³ Ver Anexo V- tabela das NTIC

Há um outro aspecto, no entanto, que deve ser levado em consideração. Embora o desenvolvimento e crescimento da rede mundial de computadores seja um fato incontestável, convém lembrar que a comunicação mediada por computador ainda não é uma realidade para a maioria da população. A difusão tecnológica no globo terrestre vem acontecendo de forma bastante seletiva, atuando tanto no âmbito do social quanto no funcional. Isto, indubitavelmente, representa uma fonte crucial de desigualdade que resulta numa crescente estratificação social entre os usuários.

Não apenas a opção multimídia ficará restrita àqueles com tempo e dinheiro para o acesso e aos países e regiões com o necessário mercado potencial, mas também as diferenças culturais/ educacionais serão decisivas no uso da interação para o proveito do usuário”(CASTELLS, 1999, p.393).

Acrescenta ainda o referido autor que o mundo virtual multimídia funcionará a partir de dois aspectos: aquele onde se pode selecionar os circuitos multidirecionais de comunicação e aquele que recebe um número restrito de opções pré-fabricadas. É pertinente lembrar que esses fatos são determinados pelas condições sociais de cada país e das condições culturais as quais as populações estão inseridas, tais como: raça, sexo, nível econômico.

Martin-Barbero (2001) nos chama a atenção para o fato de que a “comunicação está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se podem pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades- encruzilhadas, a meio caminho entre um subdesenvolvimento e uma modernização compulsiva” (MARTIN-BARBERO, 2001, P. 270).

No cenário da sociedade brasileira esta realidade é perceptível, quando verifica-se que a inserção dos jovens em contextos com determinadas tecnologias digitais ainda é bastante incipiente. Pesquisas apontam que acessar a internet já é um hábito cotidiano para uma parcela expressiva dos jovens brasileiros, mas os que integram posições mais abastadas na esfera econômica da sociedade.

De acordo com dados do IBGE o internauta brasileiro é jovem¹⁶⁴, entretanto é minoria entre a população. No ano de 2005, conforme pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNDA) divulgada pelo referido Instituto, a média de idade dos internautas brasileiros era de 28 anos, representando um percentual de 21% da população, o que demonstra que a maioria (79 %) da população brasileira ainda tem pouco acesso a essa nova tecnologia.

Os dados da pesquisa apontam que o acesso à internet ocorre com objetivos diversificados: os jovens da região sul e sudeste, de poder aquisitivo, utilizam a internet para fins de entretenimento, enquanto que os acessos da região norte e nordeste se voltam para fins

¹⁶⁴ Jovens entre 20/29 anos compõem o maior percentual de acesso com 21%.(Ver Mídia dados 2009)

educacionais, e com outro diferencial: são pessoas normalmente de baixa renda que acessam a internet da escola ou de *lan houses*.

O instituto Datafolha desenvolveu em 2008 um estudo¹⁶⁵ com jovens brasileiros do meio urbano, na faixa etária de 16 a 25 anos, mostrando como esses se relacionam com os meios massivos nesta nova era digital. Para os que integram um renda familiar de até dois salários mínimos por mês, a TV aberta atinge os 41%, e o rádio chega aos 22% das menções, os jornais alcançam os 20% e a internet 11%.

O quadro já não é o mesmo para os que têm renda familiar mensal acima de cinco salários mínimos. 33% dos jovens informam que utilizam a TV aberta como principal meio de comunicação, vindo em seguida a internet com 26%. Na sequência os jornais integram os 19%; o Rádio (16%); Revistas(3%) e TV por assinatura (2%).

Outra pesquisa realizada pela MTV¹⁶⁶ indica que entre os anos de 2005 e 2008 o acesso dos jovens a internet cresceu cerca de 20 por cento (de 66 subiu para 86 por cento)¹⁶⁷. Para os que estão incluídos nesse percentual o rádio configura-se como uma alternativa secundária, sendo utilizado pela maioria dos jovens apenas como espaço para opções musicais que são pautadas pelas emissoras rumo às paradas de sucesso¹⁶⁸. Já a televisão desponta como o meio de preferência de todos os grupos juvenis, funcionando como alternativa indispensável primeiro para o entretenimento e em seguida para o jornalismo.

Decisivamente, os avanços das tecnologias da comunicação, hoje globalizadas, proporcionaram a mundialização da cultura, contribuindo, dessa forma, para a articulação dos sentidos culturais dos jovens e de suas construções identitárias. É necessário, contudo, cuidado para não produzirmos determinismos, enquadrando os processos identitários pelo viés da mídia como instrumentos generalizantes.

As citadas pesquisas não mostram, por exemplo, a inclusão digital no meio rural, mas sem dúvida esta é uma realidade que não incorpora grande parte dos que ali habitam. “O Brasil convive com gerações de jovens que se distanciam do acesso a instrumentos e linguagens de importância radical na vida contemporânea, hoje tão importante quanto o acesso e o domínio da leitura e da escrita”(CARRANO; DAYRELL; BRENNER,2005, p.197).

¹⁶⁵ Foram entrevistados 1.541 jovens, em 168 municípios de 24 Unidades da Federação e no Distrito Federal, nos dias 1 e 2 de abril de 2008.

¹⁶⁶ Ver dossiê Universo Jovem MTV.

¹⁶⁷ Esse crescimento se justifica pela expansão das ofertas tanto pagas quanto gratuitas para acessar a internet em ambientes fora de casa.

¹⁶⁸ estudo realizado pelo pesquisador Marcelo Kischinhevsky (2009), sobre hábitos e consumo de conteúdos radiofônicos dos estudantes de Jornalismo da PUC-Rio, indica que 91 de 118 jovens entrevistados de estratos sociais diferentes escutam o FM. 28 preferem o AM e 22 indicam que não escutam o rádio de forma alguma. (Ver anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009).

Parece que vivemos uma política de exclusão cultural. Basta levarmos em consideração os dados percentuais apresentados pelos institutos de pesquisa que demonstram a desigualdade da socialização da Internet entre as regiões do nosso país. O Nordeste, por exemplo, atinge apenas 5, 7% da fatia dos que têm acesso a essa tecnologia.

Este talvez seja o principal ‘hiato’ que separa os consumidores dessas inovações tecnológicas, pois a ferramenta tecnológica concentra-se tradicionalmente entre os que detêm um melhor poder aquisitivo e possuem maior escolaridade.

Se por um lado as novas tecnologias da comunicação atuam numa perspectiva de integração vinculadas a padrões modernos, por outro também acirram as tensões sociais entre os que estão inseridos em outras posições. Como enfatiza Lopes (1988), a comunicação de massa se caracteriza por um movimento pendular: de um lado funciona como sistema integrador e por outro como excludente:

A comunicação de massa opera basicamente no sentido do aguçamento das tensões sociais, produzindo o confronto entre as necessidades sentidas ou aspiradas e as necessidades realizadas (LOPES, 1988, p.93).

Diante destes aspectos é possível compreendermos o acesso dos jovens à mídia a partir de um sistema amplo que compõe um mundo objetivo, formatando uma sociedade que funciona através de uma interiorização de normas, valores, estruturas cognitivas e conhecimentos práticos.

Olhando a juventude pelo viés da mídia identificamos o quanto essa categoria se diversifica já que os contornos das suas construções identitárias são definidos por diferentes realidades, cujos grupos vivenciam práticas culturais de formas diversificadas, diretamente relacionadas a contextos específicos.

Tem razão Mannheim (1968) quando afirma que a similaridade entre os jovens não é dada somente pela contemporaneidade, mas pela possibilidade de partilhar as mesmas experiências suscitadas por circunstâncias históricas e sociais comuns, que podem significar a vinculação a uma mesma região geográfica e cultural, embora esta similaridade seja etária. Assim, a participação em uma mesma circunstância social adquire um significado peculiar para um determinado grupo etário, porque a experimentação dos acontecimentos incide sobre uma consciência similarmente estratificada. Por isso, cada um em um momento diferente do seu ciclo vital experimenta os mesmos acontecimentos de forma diferenciada.

Levando em consideração os argumentos expostos retomamos aqui a questão de fundo desta tese, que é verificar como a mídia integra os espaços sociais de um grupo juvenil que se encontra inserido em um contexto social marcado por características específicas.

Conforme ressaltamos anteriormente, o fluxo comunicacional dos jovens desta pesquisa junto à televisão e ao rádio são intensos, e se caracterizam como elementos definidores para a construção de bens simbólicos através de suas práticas culturais. Nesse sentido, dividiremos nossa reflexão em dois momentos: o primeiro se destina a analisar como a presença do rádio se atravessa cotidianamente na vida desses sujeitos e ainda perceber quais os processos de significação que imprimem por intermédio da ofertas radiofônicas que a eles se direcionam, identificando os sentidos gerados e o que se produz a partir delas. O segundo momento se direciona a entender os efeitos de sentidos que criam a partir da televisão.

3.2- O Rádio e os Sentidos Culturais dos Jovens

Diante do processo de efervescência social no qual estão inseridos os meios de comunicação de massa e mais especificamente os eletrônicos, o rádio configura-se como um veículo de grandes potencialidades, transmissor de valores culturais, promovendo dessa maneira uma intensa influência na formação cultural do indivíduo.¹⁶⁹

Na sociedade atual, que ainda guarda uma forte tendência à oralidade, a força do rádio se institui como um meio expressivo diante de sua aceitação que cresce na intimidade e na credibilidade que mantém com o público-ouvinte. A permanência do rádio está ligada a sua capacidade de suscitar efeitos junto aos receptores, fato que se traduz no seu poder de mobilização, uma vez que se mantém em qualquer parte do mundo como um dos meios mais intimistas e de maior mobilidade. Na realidade brasileira, é um dos mais utilizados, pois fala a linguagem tanto do analfabeto como do letrado, atingindo dessa forma todas as camadas sociais.

Mesmo com o advento das novas tecnologias da comunicação, o rádio, por suas características próprias, continua sendo um veículo de comunicação de massa bastante privilegiado em termos de potencialidade. Seja através do microfone de última geração ou por transmissão digital de qualidade sonora impecável, continua considerado mágico, emotivo e sensitivo¹⁷⁰.

Embora a nova geração dos jovens coloque o rádio em posições secundárias diante de outras ofertas midiáticas, a relação que os sujeitos desta pesquisa estabelecem com o meio

¹⁶⁹ O Brasil conta atualmente com mais de seis mil emissoras de rádio operando em FM e AM. Distribuídas entre emissoras comerciais, comunitárias e educativas. No mundo, só perde para os Estados Unidos. (Dados do Instituto Marplan)

¹⁷⁰ O rádio brasileiro vive dois momentos distintos atualmente: o primeiro é a sua adequação ao sistema digital que se encontra em fase de teste; o segundo, é a sua nova configuração dentro de um sistema de rádio on line .

radiofônico é bastante significativa: 100% dos rapazes afirmam escutar¹⁷¹ o rádio FM¹⁷², já as moças integram os 80%. 4,7% delas apontam que escutam tanto o AM como o FM¹⁷³.

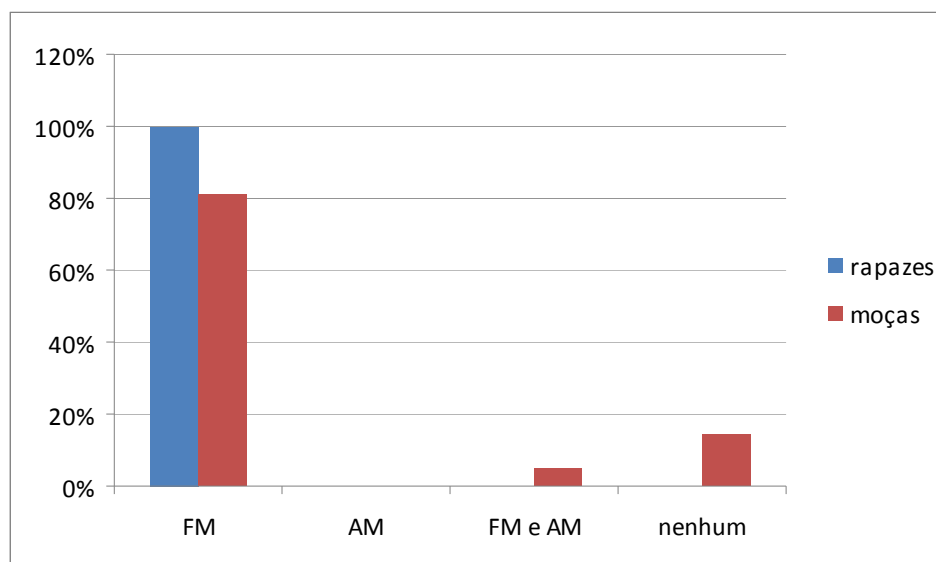


Gráfico IX – Audiência do rádio

Diferentemente dos rapazes, 15, 3% das moças declararam que não escutam rádio. Elas Justificam: “nunca escuto, só quando ligam” (JUSSARA, 16 anos. Dados questionário I aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Esta outra jovem é mais incisiva quando afirma :“não gosto de rádio”(CARLA,18 anos. Dados questionário I aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Outro posicionamento indica que escutar o rádio está muito associado à música, entretanto esse ato não ocorre diretamente através do veículo, mas por outros mecanismos. “É difícil a gente ouvir rádio, escuto mais CD”(ELBA, 20 anos. Dados questionário I aplicado em 07 de Novembro de 2007) .

Embora esses depoentes indiquem que a audiência radiofônica não seja uma prática convencionalmente utilizada, há que se considerar que se eles optam por ouvir música via CD, estas opções advém direta ou indiretamente do que o rádio oferece. O que significa dizer que mesmo de forma subliminar, o consumo cultural desses sujeitos no que se refere à música é decorrente do que o rádio evidencia. Assim, a difusão musical passa a integrar um

¹⁷¹ Optamos pelo termo “escutar” supondo que este ato configura-se numa atitude ativa.

¹⁷² FM- transmissão de sinais pela modulação da frequência de ondas que variam de 87,5 a 108MHz. Alcança um raio de até 150 Km; AM- transmissão de sinais através de modulação da amplitude de ondas, sua frequência varia de 525 a 1.720Khz.(FERRARETO, 2000)

¹⁷³ No Brasil 1.707 emissoras de rádio (comerciais) operam em Ondas Médias e 2.281 em Frequência Modulada, perfazendo um total de 3988.(Ver. Anexo VI).

dos mais relevantes produtos da indústria do entretenimento, seduzindo cada vez mais seus consumidores. Na realidade, configura-se como o principal cardápio das programações das FMs que se utilizam do processo de segmentação pautado pelos hits ou paradas de sucesso, popularizando diversos gêneros musicais em diferentes espaços sociais.

A opção dos jovens pelo Rádio FM não é uma peculiaridade apenas dos interlocutores desta pesquisa. Trata-se de um cenário macro entre as tendências juvenis no Brasil, no que concerne ao acesso a este meio. Basta observarmos a penetração do FM por faixa etária e verificamos que a audiência juvenil se estabelece com percentuais bastante significativos¹⁷⁴ Por estes dados, podemos inferir que as diferenças sócio-comunitárias existentes entre os grupos juvenis não demarcam uma diferenciação no que tange às opções dos jovens junto ao Rádio FM. E há uma explicação para tal que se justifica através dos objetivos que marcaram a sua implantação.

3.2.1- Caracterização Social do Rádio

Durante a sua trajetória, o veículo sempre esteve presente na formação cultural do povo brasileiro, mas sofreu processos de decadência com a consolidação da televisão nos anos 50, o que resultou numa queda significativa de suas verbas publicitárias.

O rádio volta a consolidar-se a partir da chegada da FM nos anos 60, sendo a Rádio Imprensa do Rio de Janeiro a primeira a operar nesta frequência com dois canais: um comercial e outro para difusão de músicas. As primeiras emissoras em FM fornecem música ambiente para assinantes interessados em ter um background. O novo estilo radiofônico veio mesmo a propagar-se nos idos de 70 e 80 com uma programação predominantemente musical, uma linguagem informal e um público segmentado, muito direcionado a categoria dos jovens.

O poder das estações em AM passou a ser seriamente comprometido¹⁷⁵, devido ao surgimento das emissoras de rádio em Frequência Modulada que, logo de início, liquidaram com as emissoras de Ondas Tropicais-OT¹⁷⁶. O FM nasce com a pretensão de atingir a camadas sociais de poder aquisitivo alto, alcançando uma audiência duplicada do AM. É salutar ressaltar que a implantação do FM além de representar um significativo avanço na área

¹⁷⁴ Ver anexos VII e VIII

¹⁷⁵ O Rádio para chegar ao que é hoje sofreu várias transformações. Quando o sistema FM surgiu, por exemplo, os mais pessimistas preconizavam que o AM acabaria, o resultado foi a segmentação do meio, cada um procurando alternativas na sua grade de programação que pudessem atrair seus ouvintes e, conseqüentemente, os seus anunciantes.

¹⁷⁶ As emissoras em Ondas Tropicais era uma opção de programação diferenciada da AM.

da tecnologia, pela qualidade de som, também foi uma importante alternativa de sedução de um público jovem, que até então não apresentava uma empatia em relação ao AM, devido ao tipo de programação.

Nas décadas de 80 e 90 o acesso ao rádio ocorria de forma distinta, marcada por condições de estratificação social. Enquanto o AM, com seus variados gêneros de mensagens, direcionava-se a um público popular, o rádio FM com sua programação eminentemente musical destinava sua audiência a setores médios e altos da sociedade.

Mais do que uma novidade tecnológica, a frequência modulada revolucionou o rádio brasileiro pela qualidade sonora e o novo estilo de programação musical que conquistou o público jovem afastado do meio. Dessa forma, as FMs conseguiram abocanhar 80% das verbas publicitárias destinadas ao segmento. O rápido crescimento do FM no Brasil pode ser facilmente compreendido porque à sua pureza de som somam-se ainda as vantagens e custos para sua instalação e consequente manutenção.

Nos últimos anos, as emissoras em FM têm sido responsáveis por uma ebulição no meio, atuando na maioria das vezes com uma programação segmentada¹⁷⁷, atendendo a diferentes faixas de público. Enquanto as AMs direcionam sua programação à informação (notícias, esportes, radiojornais), as FMs estão mais atreladas ao entretenimento, oferecendo música, humor, curiosidades. Nas grandes cidades muitas optam por uma programação eminentemente seletiva, direcionando-se à segmentação de estilos musicais, enquanto outras atuam no âmbito do jornalismo.

Por essas características, hoje o FM é o meio preferencial da juventude, independentemente de condição social e econômica. Utilizando-se de uma linguagem versátil e muito voltada para o público jovem, tal modalidade atinge dessa forma todos os grupos, seja do meio urbano ou rural, popularizando os estilos e unificando sua linguagem para além das diferenças regionais. De diferentes modos, todos escutam rádio.

Ocupando uma posição privilegiada no tocante a sua operacionalização, o rádio é o veículo de comunicação que tem maior público diurno, atendendo preferencialmente a pessoas de estratos sociais mais baixos, com uma popularidade ressaltada pela cultura simbólica das grandes cidade.

Este é um elemento identificado junto aos nossos pesquisados que apontam escutar o rádio preferencialmente no turno da manhã. 76% dos rapazes e 80,9% das moças afirmam

¹⁷⁷ A segmentação se justifica pela diversidade de programas que oferece. A sobrevivência econômica das rádios se dá através da segmentação em que esta permite classificar o gênero que cada emissora pretende adotar (Ortriwano, 1995).

escutar rádio nesse período. Outros, ocupam seu tempo de audiência em horários diversificados, de acordo com suas disponibilidades e preferências. Algumas moças indicam que escutam o rádio à noite em busca dos atrativos musicais oferecidos pelo programa *By night*¹⁷⁸. Os rapazes fazem a mesma opção. Antonio, 20 anos, por exemplo, prefere escutar o rádio à noite, porque é mais estimulante, “pela oferta musical que o meio oferece naquele horário”. (ANTONIO, 20 anos. Dados questionário-I, aplicado em 07 de Novembro de 2008).

Isso significa dizer que o tempo de exposição desses jovens à mídia, no horário noturno, é dividido entre a televisão e o rádio. Esta é uma característica pouco convencional adotada pela maioria de outras categorias juvenis, já que a televisão ocupa de forma muito incisiva os espaços de rotina da maioria dos lares brasileiros, sejam estes do meio urbano ou rural.

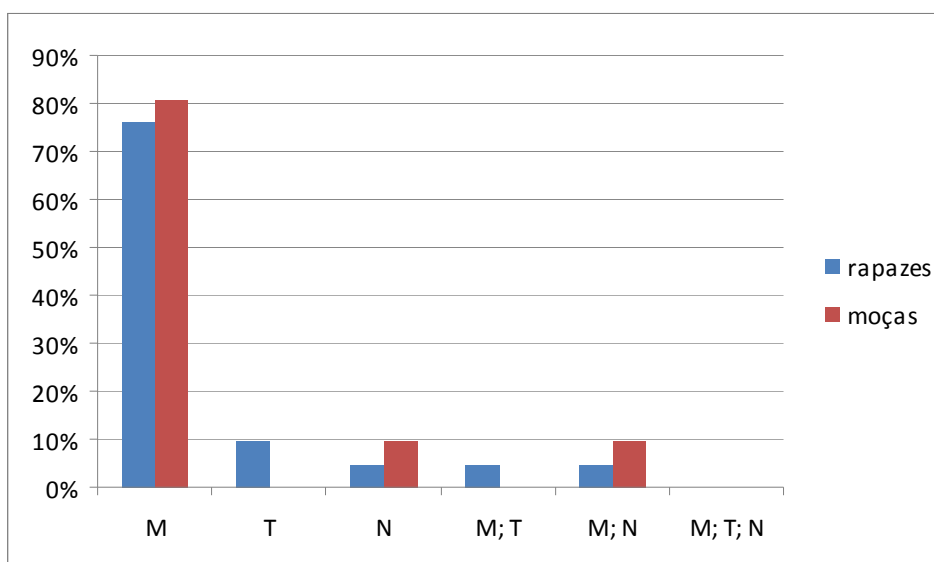


Gráfico X- Horários da audiência radiofônica.

No caso específico desta pesquisa percebemos que dois elementos motivadores podem justificar a audiência desses jovens: o primeiro é que a maioria dos que estudam concentram-se no período da tarde ou da noite e por isso o horário matinal constitui-se como o de maior audiência. O outro e mais importante aspecto observado é que o rádio é meio aglutinador da família nas primeiras horas do dia quando as tarefas diárias começam a ser executadas através de uma divisão sexual do trabalho.

No caso das moças, tanto solteiras como casadas, as tarefas domésticas são

¹⁷⁸ *By night* é um programa romântico produzido pela Rádio Campina Grande FM.

normalmente acompanhadas pela presença do rádio ligado e este passa a integrar o seu cotidiano, resultando num tempo de audiência maior do que a alcançada entre os rapazes.

Elas escutam rádio em média de 3 a 4 horas diárias, enquanto os rapazes variam entre 1 a 3 horas diárias.

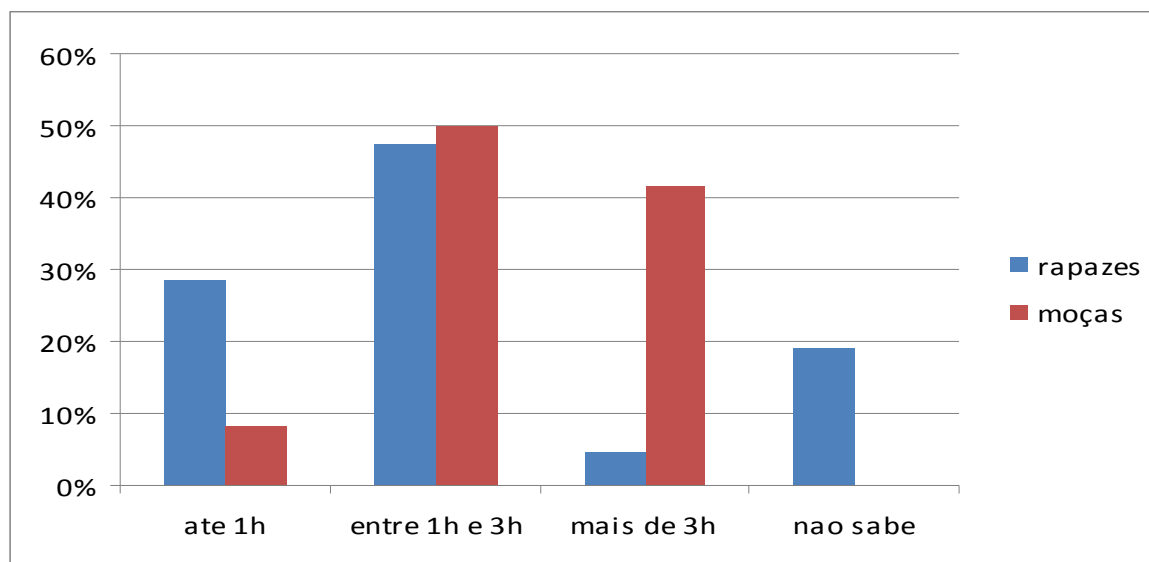


Gráfico XI- Tempo de audiência

A frequência e o tempo que estes jovens ocupam escutando rádio indica que o referido meio adquire uma centralidade na vida das pessoas e isto se transforma numa prática cotidiana “naturalizada”. A maioria dos pesquisados apontou que o processo da audiência radiofônica ocorre diariamente.

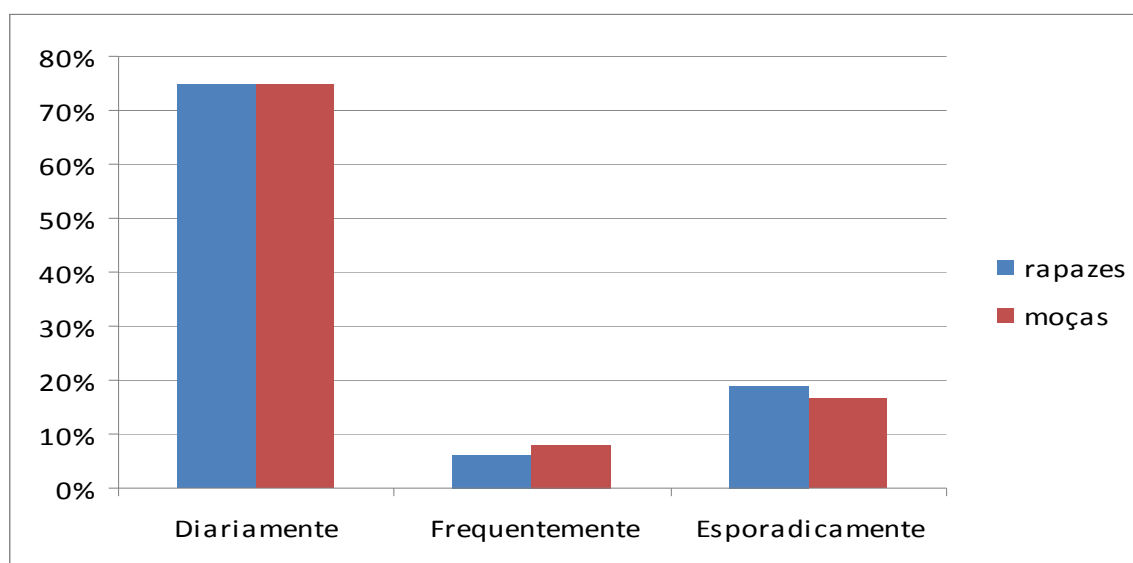


Gráfico XII- Periodicidade da audiência radiofônica

Conforme o gráfico demonstra há uma similaridade no percentual de escuta diária entre os rapazes e as moças. Diríamos que a presença do rádio no cotidiano desses sujeitos constitui-se num *habitus* (Bourdieu) enquanto princípio gerador das práticas de audiência, já que acompanha as ações corriqueiras que compõem sua rotina diária.

O espaço social de mediação desses jovens junto ao rádio é o de suas próprias casas. Majoritariamente indicam que o processo da audiência ocorre através do aparelho microsister. Apenas dois apontaram o acesso ao veículo através do aparelho transistorizado, o famoso rádio de pilha e um através do celular.

As circunstâncias relatadas pelos interlocutores apontam uma escuta coletiva, pois ao ligarem o aparelho ele vai estar disponível a todos que ali estejam presentes, sobretudo quando indicam que a audição ocorre em suas residências e pelo microsister. Dessa maneira, o rádio torna-se um meio cristalizado no espaço social doméstico daquelas famílias, atuando como meio de interação e favorecendo a aproximação deste público rural com outras realidades.

O testemunho de John, 15 anos, referenda essa nossa constatação: “aqui o povo tem uma norma de quando acordar ligar o rádio”. (JOHN, 15 anos. Dados questionário-I, aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Este outro depoimento também legitima tal assertiva: “todo dia cedinho, a gente escuta o jornal, música” (JOMAR, 18, anos. Dados questionário-I, aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Se a divisão social do trabalho, no meio rural, organiza-se em torno do núcleo familiar, parece-nos que o rádio também figura nesta perspectiva, atuando como um elemento mediador das formas de sociabilidades desse grupo pesquisado. Esse dado demonstra de forma nítida que a nova cultura midiática decorrente das novas tecnologias da comunicação ainda não se exerce em todos os contextos sociais, o que de certa maneira desconstrói previsões entusiásticas que apontam o aniquilamento deste meio diante do cenário tecnológico decorrente da modernidade.

O que encontramos no nosso campo empírico mostra uma outra realidade. Se no âmbito tecnológico o rádio se direciona para uma outra perspectiva, é preciso olhar também as implicações sociais a que se submete, principalmente quando se trata de uma realidade rural envolta em sérios problemas de ordem estrutural.

Um dado revelador diante desta cultura de audiência coletiva aponta que há uma

integração maior entre as moças. 47,6 % delas indicam escutar o rádio junto com os seus familiares. Já os rapazes atingem os 33%.

Duas observações podem ser aqui consideradas: a primeira indica para as diferenças sociocomunitárias de gênero, atestando mais uma vez que as moças estão mais circunscritas aos espaços domésticos do que os rapazes, já que estes (42,8%) preferem escutar rádio individualmente. A outra é que a prática da audiência coletiva não significa dizer que tais públicos não criem suas próprias representações diante dos conteúdos que optam ouvir.

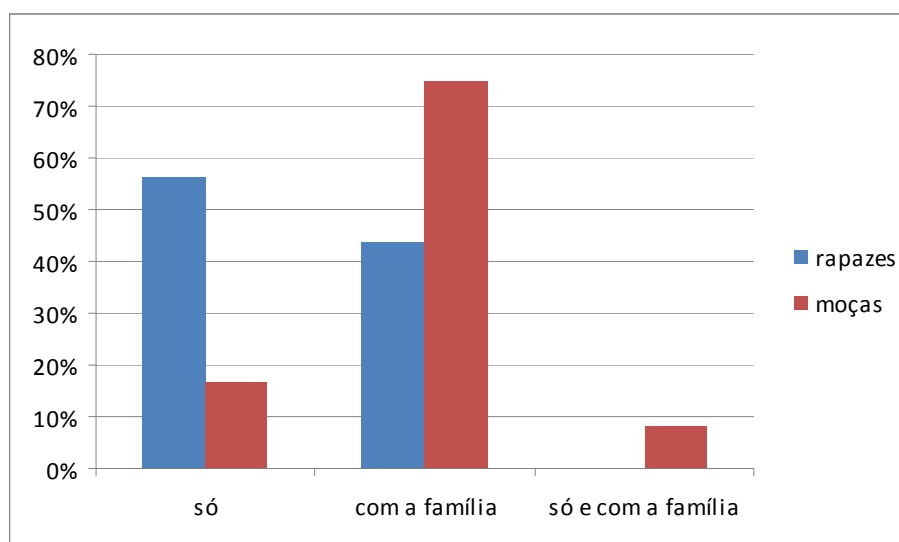


Gráfico XIII- Formas da audiência radiofônica

Há um outro elemento nos dados acima mencionados que merece ser melhor elucidado: o que trata das formas de sociabilidades dos jovens junto aos meios de comunicação de massa eletrônicos na atualidade.

À medida que os avanços tecnológicos vão surgindo, com ele novas formas de acesso ao meio também vão aparecendo, diferenciando-se das anteriores, num processo de adequação. Tem sido assim desde o surgimento dos primeiros meios massivos de comunicação.

No mundo contemporâneo, as modalidades da recepção midiática estão bastante diversificadas. As novas tecnologias da comunicação e informação (NTIC) têm contribuído para a construção de uma nova cultura entre os jovens de acesso à mídia, na medida em que estes desenvolvem novas formas de utilização dos veículos de comunicação de massa, especificamente do rádio. Ou seja, nessa nova conjuntura que muitos denominam de

convergência das mídias¹⁷⁹ os jovens apresentam processos de empatia junto ao meio radiofônico, mas, diferentemente daqueles oriundos ainda dos anos 50, contexto em que o rádio, materializado, era o centro de atenção da sala de estar.

Hoje, diferentemente, os ouvintes buscam o rádio, criando um processo de individualidade interativa graças a esses avanços tecnológicos. Primeiro, com os rádios a pilhas (anos 60), depois, a febre dos walkman e atualmente através dos aparelhos celulares (sonho de consumo de todos os jovens) ou ainda via on line, quando costumam navegar na net escutando concomitantemente o rádio. Percebe-se, nesta nova dinâmica, que o processo de audiência ocorre dentro de uma individualidade.

Para os que detêm poder aquisitivo, se olharmos com mais atenção, verificaremos esses procedimentos quando, por exemplo, os jovens circulam em espaços públicos com seus fones de ouvidos conectados aos mais avançados aparelhos, seja através dos tocadores de Mp4,5,6,7¹⁸⁰ ... ou de celulares. Na realidade, esta é uma faceta que faz parte do visual dos jovens do meio urbano de poder aquisitivo. Eles se conectam a um mundo virtual, cada vez mais móvel e aberto a múltiplas possibilidades seletivas.

Kischinhevsky (2008) ressalta que a crescente popularização dos tocadores multimídia e a disseminação da telefonia móvel são indícios de um novo fenômeno que o autor denomina de cultura da portabilidade, que advém dos antigos aparelhos transistorizados e dos walkman.¹⁸¹

As novas tendências de audição do rádio indicam, portanto, cada vez mais que este meio se legitima pela intimidade que exerce junto aos seus ouvintes, assim como pela individualidade que se estabelece no momento da recepção através das novas ferramentas mencionadas acima. Há que se ressaltar, no entanto, que esta nova cultura não é um traço característico em todos os grupos juvenis. No caso dos jovens pesquisados, eles estão distantes desta realidade, já que a cultura da portabilidade instituída no meio radiofônico não integra as suas práticas de recepção. Não porque esses jovens não a conheçam, até porque a própria mídia se encarrega de inseri-los neste mundo simbólico, mas pelas suas condições sociais e econômicas que não permitem a adoção de tais recursos.

¹⁷⁹ A internet e a transmissão digital via satélite têm apresentado uma nova configuração aos meios de comunicação de massa na medida em que texto, áudio e vídeo se integram simultaneamente através de uma rede de computadores. Diante destas alternativas os jovens assumem novas posturas no processo de escuta.

¹⁸⁰ Estes tocadores se caracterizam como opções para armazenagem de arquivos digitais de músicas que em grande parte são baixados pela internet ou rádios on line.

¹⁸¹ Marcelo Kischinhevsky, Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. Intercom 2008.

Sob esta compreensão, é a posição social do sujeito-receptor que vai, de fato, determinar as suas formas de apropriação e de identificação junto as suas mediações. Assim, os pertencimentos culturais não são comuns a todos, dependendo do lugar no qual o sujeito está inserido e da posição que ocupa naquele campo social.

O que se verifica, por outro lado, é que a presença da mídia e de suas inovações tecnológicas resultam em novos processos de interação, que se exercem tanto de forma objetiva quanto no âmbito da subjetividade. Durante a nossa pesquisa presenciamos uma cena rara: dois jovens dividindo um fone de ouvido pelo aparelho celular, o que apesar de não ser uma característica corriqueira para aqueles sujeitos, significa dizer que também estão antenados com as novas práticas culturais de recepção da mídia. Na verdade, naquele momento eles mergulhavam num mundo simbólico das práticas midiáticas. O que significa dizer que as diferenças compreendidas nos níveis sociais, culturais e econômicas dos indivíduos não os impede de elaborarem seus pertencimentos junto aos bens culturais. Esta acepção se legitima com o depoimento desse jovem; “eu gosto muito de escutar rádio ou música pelo celular, quando pego emprestado um fone de ouvido eu escuto assim. Quando eu puder vou comprar um” (ANTONIO, 20 anos .Fala espontânea em momentos de conversas informais).

Sob este paradigma, as identidades desses jovens se constroem através de enfrentamentos de diferenças que se verificam na dinâmica da comunicação. Como enfatiza Canclini(2000): “uma teoria das identidades e da cidadania deve levar em conta os modos diversos com que estas se recompõem nos desiguais circuitos de produção , comunicação e apropriação da cultura” (CANCLINI, 2000, p. 173).

Outra característica peculiar ao meio radiofônico em decorrência da sua mobilidade é a possibilidade de escutá-lo concomitantemente a realização de outras atividades. Embora não tendo acesso a essas novas ferramentas da comunicação, os nossos interlocutores indicaram que adotam tal procedimento: as moças, na sua totalidade, escutam rádio ao mesmo tempo em que desenvolvem as atividades domésticas ou estudam¹⁸². Já os rapazes apontaram outras tarefas, tais como: cortar palma, tirar ração para o gado, tirar leite. Apenas 4,7% tanto dos rapazes quanto das moças indicaram estudar e outros 4,7% atestaram não desenvolver outras atividades no momento da recepção.

Na realidade, o indivíduo ao receber uma mensagem radiofônica pode fazê-lo

¹⁸² Quando das nossas primeiras visitas ao assentamento, tentando aproximação junto aos jovens ali residentes, observamos em várias oportunidades essa situação. Em algumas casas tanto o rádio como a televisão estavam ligados no mesmo momento.

adotando atitudes diversas. Ferrareto (2000) assinala quatro formas distintas para o ato da escuta. Escuta ambiental (pode ser caracterizada quando o ouvinte busca no rádio um fundo musical ou de palavras); escuta em si (quando a atenção é interrompida por uma atividade paralela); atenção concentrada (permite a concentração do ouvinte, que muitas vezes é percebida com o aumento do volume de som do receptor) e por fim escuta por seleção (O programa é intencionalmente sintonizado).

Embora os jovens apontem o FM como meio preferencial, o acesso a essa mídia ocorre de forma diversificada. Ou seja, eles não se direcionam a apenas uma emissora, transitam no *dial* entre as principais instaladas na cidade de Campina Grande, através de um processo de distinção simbólica entre as ofertas culturais sugeridas pelo meio. Por isso que ressaltamos que embora a audiência ocorra coletivamente, eles não perdem sua autonomia para escolher o que de fato preferem escutar.

A emissora que eles apresentaram maior empatia foi a Panorâmica. As opções se constituem da seguinte maneira: para os rapazes, a Rádio Panorâmica desponta na preferência com 61,9%, vindo em seguida a rádio Correio 19% e na sequência, as Campina Grande FM com 9,5% ; Jovem Pan (4,7%) e Serra Branca Fm (4,7%).

Para as moças, a Panorâmica também alcança a preferência majoritariamente, atingindo o percentual de 66,6%. Na segunda opção desponta a Campina Grande FM, com 23,8% e, por último, a Correio com 9,5% da audiência.

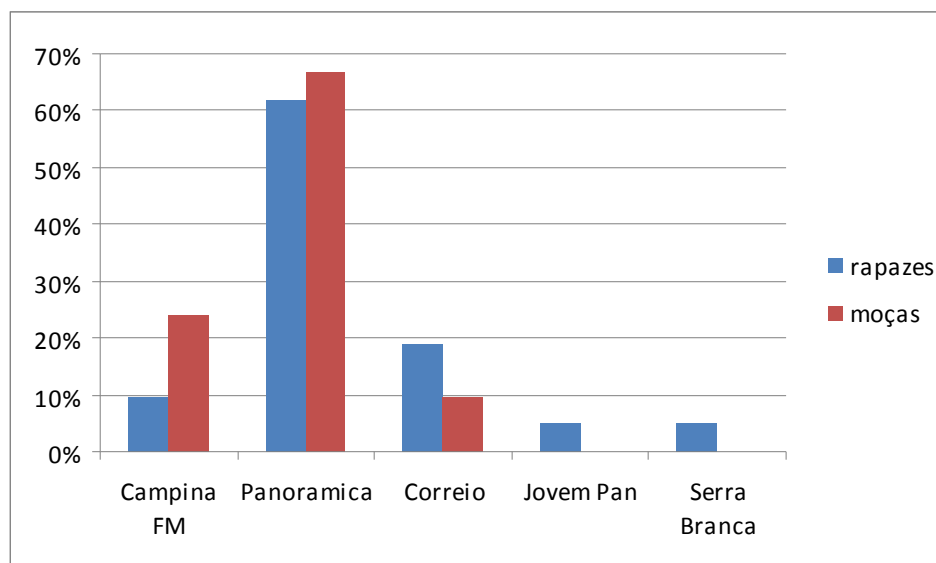


Gráfico XIV- Emissoras de rádio mais escutadas

Os dados acima atestam que embora os sujeitos da pesquisa estejam inseridos numa mesma condição social, eles exercem seus processos identitários de forma particular, que se estrutura mediante uma relação verificada entre o campo da emissão e o da recepção. Relação esta que se estabelece no parâmetro da fidelidade, na medida em que constroem uma situação de empatia que se reflete no ato da audiência, adquirindo permanência no cotidiano daqueles sujeitos.

Mas, o que, de fato, estimula esse jovens a realizarem tais escolhas? Para entendermos essa diversidade que constitui as opções radiofônicas desse grupo, é pertinente contextualizarmos os aspectos sócio-históricos que caracterizam o rádio em Campina Grande.

3.2.2- Aspectos Sócio-Históricos do Rádio em Campina Grande

A cidade de Campina Grande dispõe de 08 emissoras de rádio sendo 06 comerciais e duas comunitárias (Ariús e Lagar). Das comerciais, três operam em Amplitude Modulada (Rádios Borborema, hoje Rádio Clube; Caturité e Cariri) e outras três em Frequência Modulada (Campina Grande FM; Correio FM e Panorâmica).

As três FMs atuam basicamente numa mesma linha de programação, constituindo-se através de um conjunto eclético de opções que variam entre o jornalismo e o entretenimento. Esta é uma realidade inerente às emissoras de rádio de cidades de portes econômicos inferiores, ou seja, segmentar a programação por horário.

O que de fato observamos nas programações oferecidas pelas emissoras FMs locais é uma similaridade de alternativas que se direcionam a um público segmentado. O período da manhã se divide entre os programas jornalísticos e de entretenimento, com uma interação significativa entre os ouvintes e os comunicadores, tanto em busca de prestação de serviços, como para solicitação de músicas. Esta, na realidade, é uma estratégia para atrair o público, que se mostra estimulado por tais atrativos.

Nesse formato, no horário das 06:00 às 08:00 da manhã, as emissões são direcionadas aos aspectos informacionais mesclados às inserções comerciais. Na sequência, a programação é preenchida por comunicadores populares que interagem com seus ouvintes, atendendo à solicitação de músicas. Vale ressaltar que esses espaços de interatividade, principalmente durante os programas de entretenimento, são ocupados na sua maioria por uma parcela

considerável do público jovem, com prioridade para o feminino.¹⁸³ No caso específico da Panorâmica, no horário das 8h50 às 11h30, o programa intitulado “Voz do Coração” preenche aquele espaço matinal com quadros que se distribuem entre ofertas musicais, prestação de serviços e assistência aos ouvintes. A rádio configura-se com características assistencialistas, principalmente quando da exibição do quadro “mão amiga”, espaço reservado para atender aos apelos da população carente.

O jornal vespertino também integra a programação das três emissoras com emissões informativas e opinativas sobre aspectos factuais, que se direcionam muito para o “campo” político. Em seguida, os programas de entretenimento, que se mantêm no ar numa intrínseca relação com o ouvinte jovem, oferecendo premiações, dicas culturais e músicas de ritmos diversificados. À noite as emissoras investem numa programação eminentemente musical. A Campina FM, por exemplo, mantém no ar o programa By Night, constituindo-se como espaço para a música romântica. Igualmente, a Correio FM atua com o programa Planeta Love. As sextas-feiras à noite, a Correio FM diversifica a sua programação com a produção dos programas Rock Sport, criado para atender ao público segmentado deste gênero e ainda o 98 Disc Club, que atende a outra demanda de público, com dance music e informações variadas sobre o mundo da música eletrônica.

Cada uma das emissoras carregam ideologias próprias que são empregadas simbolicamente dentro de sua programação. Sob este ângulo, é salutar traçar as suas trajetórias históricas e como se constituíram socialmente perante seus ouvintes.

A evolução e a modernidade sempre acompanharam Campina Grande. Primeira cidade do interior nordestino, ostenta o título de pioneira também no Estado a implantar uma emissora de Rádio em FM.¹⁸⁴

Idealizada pelo “espírito empreendedor” de Hilton Mota¹⁸⁵, a primeira FM local foi inaugurada no dia 21 de outubro de 1978 com o nome fantasia de Campina Grande FM. A emissora já nasceu grande como o seu próprio nome indica, funcionando já com um transmissor de 20 KW de potência, atuando na frequência de 93.1 MHz.

Desde o seu início prima por uma programação bastante eclética, o que a difere das demais FMs localizadas em centros maiores, que atuam com uma programação segmentada

¹⁸³ A interação dos ouvintes com o rádio se verifica preferencialmente pelo telefone, embora alguns programas já estabeleçam relações de interação através de torpedos ou de e-mail.

¹⁸⁴ A primeira emissora em FM do Nordeste foi a Transamérica do Recife, surgida em julho de 1978. Logo em seguida, inaugura-se a Campina Grande FM.

¹⁸⁵ Hilton Mota foi um dos principais expoentes do rádio em Campina Grande. Pioneiro nos microfones da então Rádio Borborema nos anos 50. (FREITAS, 2006)

direcionada por público, calcada na difusão musical /jornalística.

A fim de atender aos anseios da sociedade, leva aos seus ouvintes o que se tem de mais diversificado em jornalismo e programas musicais dos mais variados estilos , transitando por um hibridismo cultural que se diversifica do clássico ao regional. A Campina FM foi a primeira emissora local a se instalar no parque do povo, quando da realização do maior São João do Mundo, com uma rádio caipira, buscando sempre difundir a cultura popular, atingindo dessa forma todos os segmentos da sociedade campinense.

Embora acompanhando as tendências musicais instituídas pela indústria fonográfica¹⁸⁶, a Campina Grande FM não estimula a divulgação de músicas que despertam o apelo do duplo sentido.

Lidera a audiência entre os públicos ABC, na faixa etária que varia dos 17 aos 45 anos. De acordo com pesquisa realizada pela própria emissora,¹⁸⁷ esta desponta na maioria da preferência dos seus ouvintes de poder econômico médio e alto (segundo grau completo ou nível superior) com 33%, vindo em seguida a Panorâmica com 23% e a Correio com 21%. Atua na cobertura dos grandes eventos da cidade como Micarande, São João, Festival de Inverno, entre outros.

No início da década de 80, Campina Grande, apesar de já ser nacionalmente conhecida pela sua forma vocacionada para o crescimento, só contava com uma emissora em FM. Nessa carência de alternativas, o Sistema Correio de Comunicação decidiu investir no público da Rainha da Borborema e para cá trouxe a Rádio Correio FM. Inaugurada em junho de 1983, a 98 FM tornou-se mais do que uma opção para os ouvintes campinenses, passou a ser um veículo a mais na propagação da informação e do entretenimento, ampliando, dessa forma, o mercado publicitário e aumentando ainda o campo profissional na área.

10 anos depois reestruturou sua programação ainda voltada para o protótipo norte-americano de FM, difundindo muito pop- rock e pouco MPB, configurando-se numa mudança radical, porém estratégica, já que antecipou tendências culturais no âmbito da música. Influenciada pela indústria fonográfica. Foi a primeira a difundir na cidade os gêneros Axé, pagode, lambada, funk, brega, tornando-se uma emissora antenada com as tendências musicais contemporâneas. O seu sinal é transmitido para mais de 30 cidades no estado da Paraíba e algumas de Pernambuco e Rio Grande do Norte.

¹⁸⁶ A produção fonográfica integra o sexto lugar, no mundo, na vitalização dos mercados dos bens simbólicos (Ronsini, 2002)

¹⁸⁷ Dados site da Campina Grande FM

O perfil do ouvinte da 98 FM de Campina Grande igualmente direciona-se ao público ABC. Configura-se como uma rádio eclética, priorizando a música nacional e a informação, sem perder, contudo, a sintonia com as tendências mundiais nem os espaços destinados à promoção¹⁸⁸.

Possui como estratégia a cobertura de grandes eventos populares, destacando-se O Encontro para a Nova Consciência, O Maior São João do Mundo, Festival de Inverno, Vaquejadas, além da transmissão de jogos esportivos.¹⁸⁹ No radiojornalismo integra uma cadeia de rádios na Paraíba (Correio Sat) com mais de 20 afiliadas.

A mais nova emissora de rádio FM comercial da cidade é a Panorâmica, do sistema Rainha de Comunicação. Idealizada pelo médico Damião Feliciano teve sua primeira emissão em agosto de 1991, operando em caráter experimental com o prefixo 104.5- ZVC 987 (às 12:30 h do dia 08 de Agosto entrou em caráter experimental com a música A montanha, de Roberto Carlos), passando a atuar definitivamente no mês seguinte. Desde os primórdios a emissora quis fazer o diferencial e procurou atingir um público eminentemente jovem, através de uma programação totalmente musical, adotando o estilo da Transamérica¹⁹⁰.

Utilizando transmissores, antenas e outros equipamentos bastante modernos para a época, de imediato conseguiu atingir 80 municípios da Paraíba, além de parte do Rio Grande do Norte e Pernambuco, tendo seus estúdios localizados no bairro do Alto Branco onde até hoje permanecem.

Em 23 de junho de 1995 a Rádio muda sua frequência de 104.5 para 97.3, e inclui na sua grade de programação outros estilos de programas voltados à participação popular. Lançando, por exemplo, o projeto Show nos bairros, que consistia em apresentar ao vivo um trio elétrico, bandas do circuito local, além de farta distribuição de prêmios nos bairros mais populares da cidade. A proposta era divulgar o máximo possível a recém-chegada emissora e com isso conquistar a credibilidade perante os ouvintes campinenses.

Hoje, a Panorâmica busca, através do apelo massificado a sua máxima audiência. A matriz social de sua produção se direciona a um público popular, através de uma linha

¹⁸⁸ Os espaços destinados à promoção tornam-se um dos elementos que mais potencializam a audiência em qualquer emissora de rádio

¹⁸⁹ FREITAS, 2007. O Rádio em Campina Grande: Uma História da Mídia Regional

¹⁹⁰ A Transamérica integra uma rede brasileira de rádio FM. Faz parte do grupo Alfa e atua dentro de três vertentes: Pop, hits, Light (MPB e flash backs). A Transamérica nasceu no dia 22 de agosto de 1973, voltada para ouvintes das classes A e B com mais de 25 anos. Via satélite transmite simultaneamente programações diferenciadas permitindo que cada emissora franqueada escolha o tipo de programação mais apropriado para a sua região.

assistencialista”¹⁹¹, atraindo com isso grande parcela das camadas populares. Os programas “A voz do Coração” e “Programa do Mução”,¹⁹² são os destaques da emissora.

A Panorâmica FM abrange 150 municípios da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. De acordo com a sua direção, lidera a preferência dos ouvintes campinenses com uma audiência diária de cerca de 70%.¹⁹³ O seu público ouvinte é constituído por pessoas de todas as camadas sociais e diversificadas faixas etárias. Denomina-se como uma emissora popular.

Tais características favorecem, entre os jovens pesquisados, uma interação que se estabelece através de um reconhecimento das estratégias discursivas instituídos pela referida emissora. Na verdade, a posição social dos nossos entrevistados pode justificar a opção desses sujeitos quando indicam a Panorâmica como a emissora de sua preferência. Eles, certamente, transportam a sua cultura para um encontro com aquela emissora, na medida em que ela atende às aspirações simbólicas por eles criadas. Dessa maneira, institui-se um processo receptivo que atua numa interação de reciprocidade entre o sujeito-receptor e aquele meio radiofônico. E aqui nos apoiamos em Martin-Barbero (2001) quando alerta que provavelmente “o que faz a força da indústria cultural e o que dá sentido a essas narrativas não se encontra apenas na ideologia, mas também na cultura, na dinâmica profunda da memória e do imaginário” (MARTIN- BARBERO, 2001, p.319).

Uma outra questão merece ser aqui ressaltada: diante da similaridade de programas que as emissoras por eles citadas oferecem, quais são de fato as escolhas dos integrantes desta pesquisa? O que os estimulam a escutar o rádio? Como se exerce a produção simbólica desses sujeitos-receptores? Será que os jovens ao receber os imperativos culturais ,via rádio, atuam como sujeitos ativos no processo da recepção?

3.3- O Lugar do Sujeito Frente aos Efeitos Midiáticos: Mediações e Usos dos Conteúdos Radiofônicos

As modalidades sociais da recepção radiofônica desses jovens, diante das emissoras por eles apontadas, contextualizam formas simbólicas que se estruturam através da música, configurando-se como o elemento motivador das mediações, tanto para os rapazes como para

¹⁹¹ Transforma-se num interessante capital político para o seu proprietário, deputado federal Damião Feliciano.

¹⁹² O programa do Mução é uma produção da estação Sat do Recife, distribuída para 100 emissoras de rádio, dentre elas a Panorâmica FM. O programa vai ao ar das 16 às 18 horas de segunda à sábado.

¹⁹³ De acordo com pesquisa realizada pela empresa de pesquisas sociais Opinião, a panorâmica FM detém a preferência com 23, 5%, em relação à segunda colocada, 21, 3% e a terceira 20%.

as moças, vindo em seguida as informações. Estabelecendo um comparativo com outros perfis juvenis apontados em pesquisas desenvolvidas em outros espaços sociais, pudemos identificar que esta é uma característica inerente ao público jovem no que diz respeito à suas preferências da mídia radiofônica:

O quadro assim se constitui:

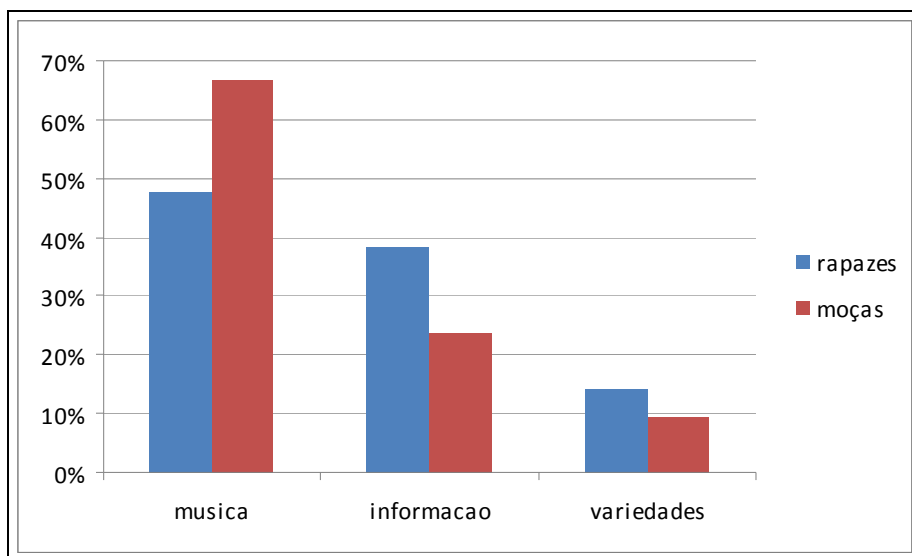


Gráfico XV– Mediações radiofônicas

Embora as opções musicais sejam os principais componentes estimuladores da audiência desse grupo juvenil, as moças se sobressaem na recepção do meio com um percentual maior. Tal aspecto se justifica também pelo tempo de exposição aos conteúdos que, conforme identificamos anteriormente, é maior entre elas do que entre os rapazes.

Ana, 18 anos, afirma que escuta o FM só por causa das músicas, já que as informações pelo rádio não a interessa. (ANA, 18 anos. Dados Questionário-I, aplicado em 06 de Novembro de 2007).

Regina, 15 anos, segue a mesma linha: “escuto o Rádio FM porque o AM só passa jornal”. (REGINA, 15 anos. Dados Questionário- I, aplicado em 06 de Novembro de 2007).

Lucinara, 18 anos, também apresenta a mesma justificativa. “Eu gosto mais da FM por causa das músicas”. (LUCINARA, 18 anos. Dados Questionário-I, aplicado em 06 de Novembro de 2007).

Tais depoimentos só vêm ratificar a assertiva de que o FM é de fato o meio estimulador da audiência juvenil em decorrência da sua segmentação musical.

As preferências musicais por eles indicadas se diversificam em razão de uma heterogeneidade de gostos, derivados dos diversos estilos musicais que lhes são “oferecidos” diariamente pelo conjunto de programas que integram as emissoras por eles apontadas.

O estilo musical de maior preferência tanto para os rapazes como para as moças é o forró, com mais de 50%. Mas, ressalta-se, o público juvenil destaca o forró praticado nos estilos das bandas, denominado de forró eletrônico, forró universitário, forró de plástico, que se encontram em plena ascensão junto à indústria fonográfica e é difundido pela mídia, tanto radiofônica quanto televisiva, de modo incisivo.

Na região nordestina especialmente, o forró –banda encontra forte ressonância junto às emissoras de rádio, que operam numa dinâmica da interatividade produção-recepção, na medida em que este estilo atende às solicitações dos seus ouvintes. Com isso, o rádio contribui decisivamente para a propagação de uma “febre musical”, que atrai um vasto grupo de ouvintes –jovens adeptos de tal estilo. Em outras regiões, no entanto, outros estilos musicais ocupam esses espaços. No sul, sudeste, por exemplo, a opção pela música sertaneja é mais presente. Trata-se de questões culturais e como o rádio atrela-se a estas questões, operacionaliza a programação em consonância com o público-ouvinte, desenvolvendo seus padrões de interatividade.

O fato de o forró ser o estilo musical prioritário, não significa dizer, contudo, que os jovens se limitem a escutar apenas esse ritmo. Nossos depoentes apontam outras alternativas musicais como o *rock*; *rap*; *funk*; pagode, romântica, forró pé de serra, sertaneja, brega, internacional, axé, samba, *hip hop*, entre outros estilos.

Por essas referências, o repertório de sentidos construídos por esses jovens junto às mediações radiofônicas aponta um quadro heterogêneo de reações/influências diante do que lhes é “ofertado”. Não poderia ser diferente, pois num contexto de um mundo globalizado os sujeitos são conduzidos a responder criativamente junto às difusões culturais, adotando múltiplos posicionamentos, que se constroem numa imbricada rede de relações que interconectam o local à cultura global. Sob este argumento não há como desvincular a construção das identidades culturais do processo de globalização que gera um efeito de multiplicidade sobre as mesmas, produzindo uma série de alternativas e novas posições de identificações.

Nessa nova conjuntura, as identidades coletivas se dissolvem em formas plurais e diversificadas, deixam de ser unitárias e essenciais, para se tornarem fluídas e mutáveis,

assumindo, portanto, formas múltiplas e negociáveis, a partir de sua inerente capacidade de manipulação. Proclama-se, assim, a política da diferença.

Sob este paradigma podemos dizer que as referências sobre as quais as identidades eram tradicionalmente construídas, fragilizam-se a partir desta pluralidade de participações via mídia, que permeiam o cotidiano dos nossos interlocutores, proporcionando assim a construção de suas identidades culturais através de um processo híbrido e heterogêneo. Tal fato se justifica tendo em vista que o processo de globalização embora impulse uma convergência de culturas e estilos de vida, também produz diferentes resultados de identidades, ocasionando tanto o surgimento de novas posições de identidades, quanto uma resistência que pode aparecer como forma de reafirmar certas identidades nacionais e locais. Tais aspectos, como constatamos, se refletem nas escolhas destes jovens e apontam seus pertencimentos sociais.

O depoimento de Angelina, 22 anos, legitima o poder das escolhas: ela afirma que escuta o rádio o dia todo, mas não se prende a um estilo musical: “Gosto de forró, música lenta, tudo” (Dados Questionário-I, aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Fernando, 17 anos, também compartilha desta mesma posição: “gosto de toda música do rock a MPB”. (Dados Questionário-I, aplicado em 06 de Novembro de 2007).

Pelo contexto investigado, o que observamos entre os jovens é que eles mantêm uma relação intrínseca junto às ofertas musicais difundidas pelas emissoras, num processo de interação cultural que se constrói no interior do seu contexto social. Nesse caso, o rádio se estabelece como um elemento mediador das ações sociais desses indivíduos, na medida em que desenvolve junto aos mesmos, processos de representações da cultura, mediadas através da música e seu consequente consumo cultural.

Quando nos referimos a “consumo cultural”, estamos referendando a compreensão de Canclini (1993), ressaltando que o consumo cultural está vinculado a uma dimensão simbólica que prevalece sobre os valores de uso ou de troca, convencionalmente vinculado ao termo “consumo”. Nessa perspectiva, o consumo é reconhecido como “espaço de criatividade” do sujeito e a sua consequente interação junto aos meios massivos. Dessa maneira, o consumo simbólico desatrela-se da ideia de consumo enquanto forma de “compulsão”, tal como se compreende na esfera do senso comum.

Essa compreensão encontra respaldo quando, por exemplo, os jovens indicam o nome de pelo menos três cantores que conheceram através do rádio. Eles não titubearam, em seu imaginário, apontando de pronto suas preferências, numa íntima relação com os cantores

quando indicaram seus nomes, até mesmo citando aqueles que integram as bandas. O quadro descrito delineia com precisão este aspecto.

As preferências musicais são comuns perante os interlocutores desta pesquisa, entretanto entre as moças alguns cantores se sobressaem, tais como Tayrone Cigano, Banda Calypso, Roupas Nova e KLB.

Pop	Forró-banda	Brega	Sertaneja	Artistas da terra	Rock nacional	MPB	Axé
Roupa Nova	Calypso	Tayrone Cigano	Bruno e Marrone	Tom Oliveira	Skank	Gilberto Gil	Ivete Sangalo
Renato Russo	Banda Afrodite	Reginaldo Rossi	Zezé de Carmargo e Luciano	Flávio José	J. Quest	Djavan	
	Saia Rodada	Leonardo	Daniel	Amazan	Roupa Nova	Zé Ramalho	
	Calcinha Preta				KLB	Fábio Junior	
	Desejo de Menina				Renato Russo	Cazuza	
	Felipão					Raul Seixas	
	Marujo do Forró						

Quadro IX- Opções musicais

É importante ressaltar também que alguns cantores por eles apontados não integram atualmente o circuito da indústria fonográfica, o que significa dizer que nem sempre as opções culturais desses sujeitos, via música, estão necessariamente atreladas aos apelos musicais do momento. Sob o fio deste raciocínio, as matrizes culturais desses jovens se constroem numa multiplicidade cultural a partir de fluxos intercambiados por diversos modelos de cultura que se ampliam num contexto global (CANCLINI, 2000). Esta é uma questão fecunda que pode ser analisada a partir de dois parâmetros: o da produção e o da recepção.

O primeiro, sob a ótica da produção, indica que esta lança seus bens culturais projetados numa racionalidade técnica atrelada a uma lógica da cultura de massa¹⁹⁴, que se configura cada vez mais por meio de um conjunto de trocas estabelecidas e viabilizadas pela indústria e pelo mercado cultural.

¹⁹⁴ Quando nos referimos aqui à cultura de massa nos associamos a corrente teórica da Escola Progressista Evolucionista (como Alan Swingewood, Edward Shils, Daniel Bell e L. Writh) que reconhece a cultura de massa como sendo democrática e pluralista, denominando-a de teoria do pluralismo. A Escola Progressista ressalta a cultura de massa através de uma democracia pluralista em que a sociedade pós-industrial possibilitaria mais espaço para o desenvolvimento do homem. Assim, a democracia seria fortalecida com a ampliação do pluralismo político e dos bens sociais. Ou seja, na sociedade pluralista todo cidadão, indistintamente, teria acesso aos valores culturais independentemente da classe social a que pertence. Assim, através da cultura de massa, haveria a real participação e integração do homem na sociedade.

O rádio é um meio bastante forte para ressaltar estas características. São frequentes as divulgações de âmbito “artístico” e que já se destacam com forte influência pela indústria, antes mesmo de ser apresentado por ela, uma vez que o meio se encarrega de injetá-lo na sociedade como um bem cultural, travestido em forma de produção na qual a quantificação sobrepõe à qualidade .

Tal fato ocorre de modo recorrente na indústria fonográfica, que utiliza o meio para lançar seus produtos-musicais cujo comércio de divulgação é frequente. Ou seja, a produção musical não é lançada só pelo seu nível cultural, mas principalmente pelo poder mercantilista que carrega. Nos países capitalistas esta é uma tendência imanente no rádio, onde a maioria das emissoras funciona sob a égide comercial, numa prática bastante utilizada, principalmente nos programas de entretenimentos dito “culturais”, fazendo persistir formas de consumo através de “sucessos musicais” oferecidos pelo mercado fonográfico, estabelecendo, assim, tendências e características no âmbito da música que refletem nos que aderem a tais estilos. Nesse caso os jovens se configuram como o público alvo prioritário.

Dessa forma, é através deste meio que a cultura de massa encontra um forte aliado, penetrando em todas as esferas sociais com um falso imperativo através da difusão de suas mensagens.

Este, talvez, seja o principal motivo que justifica as opções musicais dos nossos interlocutores, que se sobressaem para os ritmos das bandas de forró, conforme identificamos no quadro acima.

A oferta midiática, atrelada ao efeito mercantilista difundido pelos programas musicais, produzidos numa intrínseca relação com o mercado produtor, coloca esses jovens dentro de um processo de exclusão cultural pela ausência de uma produção qualitativa. Nessa dinâmica os jovens acabam conduzidos por esses apelos que passam a fazer parte do seu “universo cultural”. Eles se associam ao que é mais tocado, à banda mais divulgada. Como pontua Martin-Barbero (1995) são os modos de deslegitimação e de desqualificação do que poderia se denominar de gosto popular.

Na realidade, esta se mostra uma questão eminentemente estrutural que se criou em torno dos meios de comunicação massa comerciais, e mais especificamente do rádio e da televisão, que se apresentam mais atrelados aos efeitos mercantilistas do que a uma programação de qualidade, o que resulta numa espécie de “sujeição” dos indivíduos perante o que lhes é ofertado. Não que eles não tenham discernimento para suas escolhas, mas é justificável que grande parcela da juventude seja impelida a optar pelas tendências musicais

que estão mais em evidência, associando-se a estilos culturais momentâneos. Este é o caso dos sujeitos desta pesquisa, que demonstram suas aspirações culturais no contexto delineado.

3.3.1- As Construções Culturais e suas Formas Simbólicas

Mesmo reconhecendo que a esfera midiática está atrelada às imposições feitas pelo mercado capitalista, impulsionado pela indústria e pelo comércio, na medida em que os meios de comunicação sugerem modelos culturais, não podemos considerar que esses retirem dos sujeitos a sua capacidade crítico-reflexiva. Como vimos, tais sujeitos se anunciam como agentes produtores de sentidos culturais, capazes de resistir a determinados modelos produzidos pela indústria fonográfica. Ou seja, ainda que aderindo a certos “modismos”, eles não necessariamente integram o seu capital cultural aos contextos midiáticos pois a adesão é momentânea, já que os processos culturais funcionam numa circularidade, modificando-se constantemente. Sob este argumento, embora a mídia se utilize de um certo totalitarismo quando comanda idéias, formatando-as unidirecionalmente¹⁹⁵, esta relação de poder possivelmente “imposta” permite estratégias de mudanças, nas quais são evidenciadas as novas condições de constituição das identidades sociais, através de um processo no qual os diferentes grupos sociais, sob as mais diversas formas, buscam, junto à sociedade, amplos significados.

Num contexto de um mundo globalizado os sujeitos são conduzidos a responder criativamente junto às difusões culturais, adotando múltiplos posicionamentos que se constroem numa complexa rede de relações que interconectam o local à cultura global.

Observando as construções culturais desses jovens no que concerne às múltiplas ofertas mediadas pelo rádio, sobretudo as musicais, verificamos o quanto estas são diversificadas e transitam por um hibridismo cultural. Com isso nos associamos à corrente teórica latino-americana (Martin-Barbero e Canclini) quando defende a concepção de que é no processo da recepção onde ocorrem a negociação e, conseqüentemente, a produção de sentido dos indivíduos e o que dela(recepção) fazem uso. Nesta perspectiva, a partir do momento em que a comunicação é negociada, conseqüentemente o sentido passa a ser também espaço de negociação (MARTIN- BARBERO, 2001).

Sob este paradigma a recepção não pode ser pensada como um processo de

¹⁹⁵ Nesse sentido a comunicação passa a ser utilizada como um poderoso artefato junto à opinião pública, oferecendo modelos de identidades e definições de grupos sociais.

homogeneização, já que é um espaço relacional de articulações e negociações, o que resulta na constituição de um sujeito – receptor ativo, capaz de negociar e produzir sentidos de várias maneiras. É neste processo que a construção de identidades se constitui através da diferença, aqui considerada como uma fonte de diversidade,¹⁹⁶ de heterogeneidade e de hibridismo, e não como um processo de exclusão, isso se considerarmos que essas identidades são produzidas de modo relacional.

Há que se ponderar, no entanto, que tal aspecto só é possível se reconhecermos o processo de imbricamento existente entre cultura e identidade, funcionando dentro de um sistema fluído e móvel, resultante de invenções e reinvenções.¹⁹⁷

Como acentua Canclini (1999): “a cultura é um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível das partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão, de qualquer país, religião ou ideologia pode ler e utilizar” (CANCLINI, 1999, p 142).

Diante desta compreensão podemos dizer que as construções das identidades culturais desses jovens são implementadas através de interconexões que se arquitetam na diversidade por meio de fluxos culturais imersos em sua pluralidade.

Mergulhando um pouco mais no universo simbólico desses jovens na sua interação com o rádio também identificamos a sua relação com outros formatos de programas, a exemplo dos informativos. Nesse sentido, além da música, as informações veiculadas no meio radiofônico também se constituem como elemento motivador do processo de audiência de grande parte dos jovens pesquisados, que atestam escutar o rádio nas primeiras horas da manhã em busca de informações.

John, 16 anos, declara que liga o rádio “só pra acordar e ficar informado logo cedo” (JOHN, 16 anos. Dados Questionário- I , aplicado em 07 de Novembro de 2007). Esta outra atesta sua fidelidade ao veículo quando afirma ser ela própria quem liga o rádio: “sou eu quem ligo. Escuto o jornal, o programa de Dra. Lígia. Escuto das 6:00h às 11:00h” (LUCINARA, 18 anos. Dados Questionário- I , aplicado em 07 de Novembro de 2007).

A posição de autonomia que exercem ao declararem que escutam rádio por opção própria, não se coaduna com a realidade de outros grupos juvenis que estão aderindo a outras alternativas comunicacionais em decorrência de novas possibilidades provenientes das novas tecnologias da comunicação. Nos Estados Unidos, considerados um dos principais centros da radiofonia no mundo, verifica-se uma significativa queda no processo de audição dos jovens

¹⁹⁶ Como acentua Ribeiro (2000) esse jogo de diversidade não significa necessariamente, desigualdade.

¹⁹⁷ O sentido empregado aqui a tais categorias implica enfrentar o desafio posto pelos desdobramentos socioculturais inerentes a um mundo globalizado.

perante o rádio diante de outros meios eletrônicos mais sedutores e com programações menos unidirecionais.

Algumas pesquisas de natureza micro realizadas aqui no Brasil indicam que o rádio está entre uma das últimas opções dos jovens, pois os grupos juvenis de poder aquisitivo e formação cultural, principalmente os do meio urbano, buscam mecanismos de informação e entretenimento pela televisão, vindo em seguida a internet, ficando portanto o jornal impresso e o rádio como últimas opções¹⁹⁸.

Esses dados, contudo, não podem ser vistos como fatos generalizantes. Há que se relativizar levando-se em consideração os aspectos sociais tanto de ordem econômica quanto cultural que permeiam a vida desses grupos juvenis, principalmente os que residem no meio rural e é isso que aponta a nossa pesquisa.

No caso específico dos nossos pesquisados, estes integram outra realidade já que o rádio se configura como parte integrante do seu cotidiano, atuando como meio legitimador de suas construções culturais, tanto por intermédio da música como da informação. Isso porque as novas ferramentas tecnológicas ainda são pouco disponibilizadas no meio rural.

Para identificar quais os assuntos que lhes despertaram maior interesse, solicitamos que citassem pelo menos três fatos marcantes que escutaram pelo rádio. A reação não foi tão imediata quanto com a música. Muitos não souberam responder. Mas isso é justificável porque no rádio os sons se apresentam de forma clara e mais “real”. Através da alta definição de sua programação são fornecidos inúmeros dados ao receptor sem exigir do mesmo um esforço para entendimento. A maioria das mensagens está atrelada ao factual, o que contribui para uma efetiva falta de interpretação que estimule o senso crítico dos sujeitos. Assim, determinados assuntos, quando em pauta, chegam ao universo simbólico desses jovens de forma, podemos dizer naturalizada, não despertando nenhum estímulo, o que repercute numa ausência mais crítica sobre o seu repertório de conhecimentos. Aliado a isso, o rádio divide com outras atividades a atenção do ouvinte e isso minimiza a apreensão dos conteúdos.

Dentro de suas subjetividades os filtros que criaram junto aos fatos se compuseram de forma bastante diversificada, através dos elementos aqui descritos na ordem de preferências: os temas catastróficos; assuntos relacionados à política; questões sociais

¹⁹⁸ Ver KISCHINHEVSKY, Marcelo. Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2009.

(educação, saúde) e por fim, divulgação de eventos culturais que aqui denominamos de realização de desejos.

O processo psicológico que envolve os programas radiofônicos, em geral, recorre ao apelo imediato através de várias formas: sentimentalismo, agressividade, fetichismo, sensacionalismo, grotesco, e outros. Sob essa lógica, o setor da informação faz triunfar no imaginário dos indivíduos temas sensacionalistas quando aborda fatos que transitam por toda a esfera do cotidiano, indo desde o mais elementar até o mais profundo. Informações romanescas, sensacionalistas e vedetizadas são aspectos que fornecem uma matéria real, mas que afeta o imaginário, fazendo o indivíduo projetar-se naquele mundo, identificando-se com as mais variadas situações, através dos modelos culturais por ela sugeridos. Nesse aspecto, as formas como esses indivíduos deram sentidos às informações variaram através de um conjunto de símbolos a que estão vinculados. Dessa forma, eles se aproximam de conteúdos que representam a realidade do seu cotidiano.

Para os rapazes que se inserem na categoria de militantes o tema mais apontado foi o relacionado à política; Roberto, 25 anos, por exemplo, citou os escândalos mais recentes dentro do cenário político tanto local como nacional como: o caso Cunha Lima; o desvio de verbas do administrador de Catolé de Boa Vista e ainda o escândalo denominado de Sangue Suga, no qual se envolveu o então senador Ney Suassuna.

Para Artur, 16 anos, a sua atenção se direcionou para aspectos que envolvem mais diretamente o MST. Ele apontou a reforma agrária; ocupações do Movimento e também a notícia da adulteração do leite (ARTUR, 16 anos. Dados Questionário –I, aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Jomar, 18 anos, percorre a mesma racionalidade na medida em que assinala igualmente a questão de reforma agrária, a cassação do governo Cássio e por fim a investigação sobre o Pronaf (Dados Questionário-I, aplicado em 07 Novembro de 2007).

Maria Vitória, 14 anos, também se pronuncia:

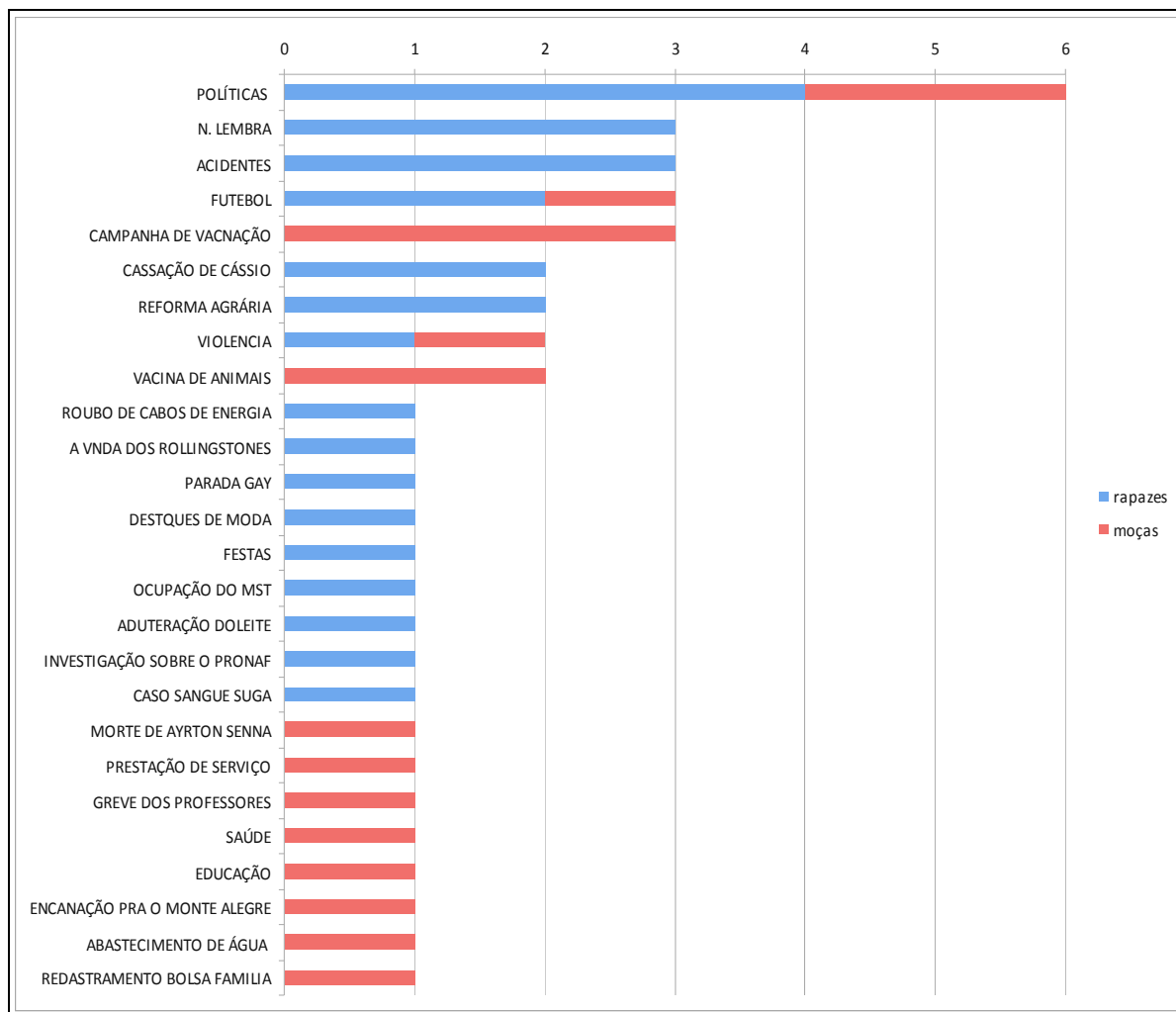
“Escuto, bem cedo, rádio FM. Escuto rádio mais pela informação, porque logo cedo as informações passam mais” (Dados Questionário-I, aplicado em 11 de Novembro de 2008).

De acordo com Maria Vitória, os fatos que mais chamam sua atenção são os direcionados à questões políticas. No caso específico destes jovens que se inserem como militantes efetivos, as questões de ordem política são latentes o que demonstra que suas construções identitárias, dentro deste campo, estão bastante arraigadas a um fazer político, independentemente de este tratar ou não de MST.

Outros, no entanto, apresentaram os fatos inseridos dentro de uma racionalidade integrativa, a exemplo do futebol. Jean, 26 anos, destacou como tema mais importante o fato de seu time ter saído da zona de rebaixamento (Dados Questionário-I, aplicado em 11 de Novembro de 2007).

As moças, no âmbito geral, direcionaram seu foco de observação para temas relacionados à saúde e educação. Regina, 14 anos, cita a campanha de vacinação contra a hepatite. Já Amélia, 16 anos menciona a greve dos professores; Ana, 18 anos, faz referência ao cadastro do bolsa-família. (Dados Questionário-I, aplicado em 12 de Novembro de 2007).

Já as casadas, apontam interesses pelos assuntos ligados aos aspectos locais e estruturais do seu cotidiano. Fátima, 26 anos destaca as dificuldades existentes na zona rural e como temas importantes relacionados cita: abastecimento de água pelo exército; encanação de água para o Monte Alegre e por fim o recadastramento do bolsa- família.



Quadro X– Temas de interesse dos jovens

Diante dos temas apresentados, percebemos que os mecanismos de retenção das informações que a eles são destinadas, são construídos através das suas práticas cotidianas e

de suas necessidades individuais. E aqui evocamos Morin (2000), quando atenta para o fato de que há uma relativa elasticidade entre os efeitos ditos narcotizantes da "indústria cultural", pontuando que apesar da lei fundamental que a rege ser a do mercado de consumo, mesmo nos sistemas mais estatizados, nada é obrigatório. Ou seja, o indivíduo pode ou não optar por ouvir rádio, ir ao cinema, ler jornais.

Como acentua Dubet (1996), os atores e as instituições não são mais redutíveis a uma lógica única, a um papel e a uma programação cultural de condutas, tal como a socialização na sociedade industrial era pensada. Nesse novo contexto ocorre uma heterogeneidade de princípios culturais e sociais que organizam as condutas, possibilitando aos atores a adoção simultânea de vários pontos de vista.

As produções de sentidos aqui apresentadas, sejam de ordem política, de questões estruturais, ou da ordem de atendimento de suas necessidades, inserem-se numa posição negociada, podendo igualmente ser reconhecida como forma de resistência diante de determinados fatos. Essa negociação representa, por sua vez, um modo particular de intervenção na sociedade global, a partir do seu local de pertencimento.

Podemos então considerar que a recepção é um fato social, mas também é uma medida comum localizada entre reações particulares de cada sujeito que reage individualmente a cada emissão, selecionando aquilo que lhe interessa, em razão da sua liberdade de ação no contexto comunicativo.

Os sujeitos desta pesquisa demonstraram essa característica na medida em que apontaram sua capacidade de apropriar-se ou não de determinados produtos midiáticos,¹⁹⁹ reconstruindo-os dentro de um universo simbólico que tanto pode ser particular quanto universal.

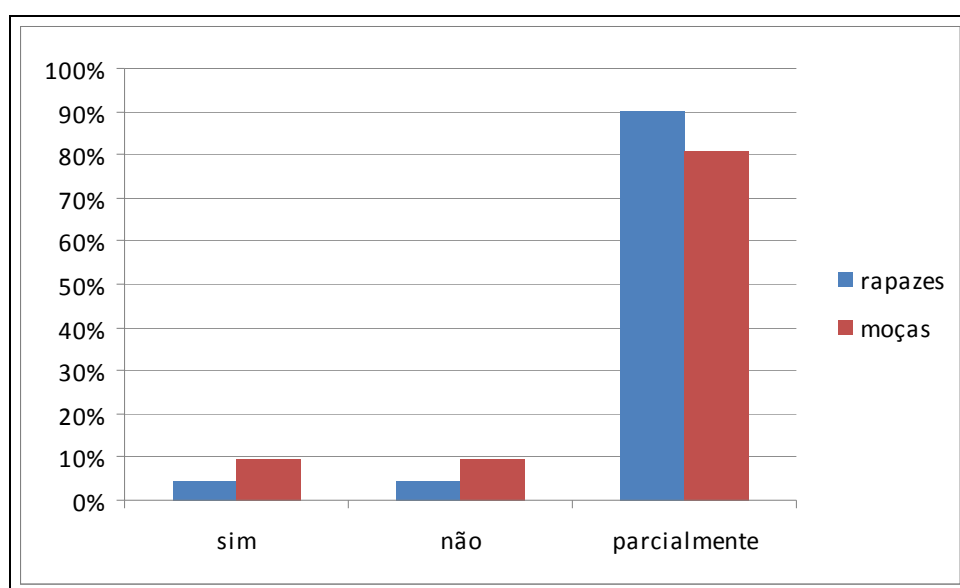
Há um outro aspecto que deve ser ressaltado: o que de fato eles fazem com as mensagens recebidas? De que forma estas interferem na composição de seus hábitos e atitudes? Estabelecendo uma conexão entre os ciclos de conversas apontados anteriormente por esses sujeitos, dentro de seus espaços de sociabilidade, seja com outros jovens ou mesmo nos espaços de reuniões familiares, observamos que a maioria dos fatos difundidos pela mídia, e que eles indicaram como os que mais chamaram a atenção, não necessariamente integram o universo narrativo desses sujeitos. Embora os fatos sensacionalistas, vedetizados, sejam temas por eles apontados, os jovens não perdem a noção do real. Isso significa dizer que embora estejam conectados ao mundo midiático, muito do que ali advém é descartado em

¹⁹⁹ Os produtos midiáticos podem ser identificados tanto por um gênero ficcional como real.

decorrência de um certo distanciamento que criam entre o campo da oferta e o modo de apropriação. Dessa forma, podemos considerar que embora a mídia radiofônica e televisiva seja parte constitutiva da vida daqueles sujeitos, não necessariamente esses meios se consagram como elementos eminentemente reguladores da vida social desses, no que tange às suas produções de sentidos, já que outras fontes discursivas integram suas construções culturais, a exemplo dos assuntos que estão mais direcionados ao seu cotidiano ou mesmo das formas de sociabilidades que se exercem no interior do assentamento, seja no ambiente familiar ou pelas ações empreendidas em prol do Movimento.

Esta reflexão nos remete a uma outra inquietação: levando-se em consideração as formas como negociam as mediações culturais, que tipo de credibilidade eles imputam a mídia (Rádio e televisão)? Em que medida acreditam nas informações por ela veiculadas?

As respostas dos nossos interlocutores indicam uma total falta de confiabilidade. O grupo pesquisado, na sua maioria afirma não acreditar em tudo relacionado à mídia.



GráficoXVI - Credibilidade perante a mídia

Antonio, 23 anos, justifica sua posição alegando que “acredita em algumas coisas, porque a mídia como sempre distorce os fatos” (Dados Questionário-I, aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Joaquim, 17 anos, segue essa mesma linha de raciocínio: “acho que tem muita mentira”. (Dados Questionário-I, aplicado em 11 de Novembro de 2007).

Simão, 20 anos, direciona sua crítica para o sensacionalismo que muitas vezes a mídia

se utiliza para difundir determinados fatos. (Dados Questionário-I, aplicado em 06 de Novembro de 2007).

Outros, no entanto, transparecem um certo grau de credibilidade apenas aos jornais falados tanto no âmbito do rádio como da televisão: tanto para Raquel, 14 anos, como para Regina, 14 anos “o que é mais verdadeiro mesmo é o jornal”. (Dados Questionário- I , aplicado em 06 de Novembro de 2007).

A crença de se tomar o jornal como sendo a verdade abre um espaço significativo para que esses jovens possam estabelecer critérios de reflexividade na medida em que comentam sobre os assuntos abordados, considerando-os legítimos ou não. Isso se verifica no momento em que discutem a licitude das mensagens por eles absorvidas.

Para Thompson (2000) não há dúvida de que as faculdades intelectuais dos indivíduos integrados à ordem social não estejam totalmente reprimidas a tal ponto que não possam ter um pensamento crítico e independente, sendo, portanto incapazes de pensar criticamente e de querer lutar por uma ordem social alternativa.

No nosso campo empírico, quando os jovens apresentam seu total descrédito ao âmbito da política já demonstram que são capazes de pensar criticamente. A maioria apontou que a política é o palco principal de suas desconfianças perante o que é difundido pela mídia. Esta depoente assim se expressa:

“Tem coisa que eles aumentam, nem sempre é o que parece ser. Esse negócio de política, principalmente quando está perto das eleições que prometem tudo”. (EUNICE, 20 anos. Dados Questionário-I, aplicado em 11 de Novembro de 2007).

Para Kátia, 18 anos, “a maioria é propaganda enganosa”. (Dados Questionário-I, aplicado em 06 de Novembro de 2007).

Esta outra jovem se posiciona de maneira incisiva: “coisa de política é cada um roubando mais que o outro”.(LU CINARA, 16 anos. Dados Questionário-I, aplicado em 11 de Novembro de 2007).

Os rapazes também corroboram desta mesma posição: Getúlio, 25 anos expressa-se dizendo que na política o que há “é muita enrolação”. (GETÚLIO, 23 anos. Dados Questionário-I, aplicado em 12 de Novembro de 2007).

Igor, 20 anos, assim se posiciona: “Tem muitas coisas em rádio em que uns falam a verdade, outros não. É mais na área da política”(Dados Questionário-I, aplicado em 12 de Novembro de 2007).

A concepção negativa que empregam ao campo político não se circunscreve apenas ao

cenário nacional, eles se direcionam também muito enfaticamente para os aspectos da política local, sobretudo no que se refere às políticas públicas:

Aqui em Campina dizem que está tudo bem, mas quando você vai atrás, não é verdade. Aqui mesmo a gente vê, quando a gente vai fazer uma consulta é lá na Queimada na Ema. O daqui a gente não vê nem falar. (MARIA DO CARMO, 25 anos. Dados Questionário-I, aplicado em 11 de Novembro de 2007).

Quando apontam desconfiança sobre o cenário político, de certa forma estão rompendo com determinados preceitos que dizem que o jovem atualmente não se interessa por política, são apáticos. Se, atualmente, esses jovens não promovem experiências provocadoras a exemplo dos movimentos estudantis da década de 60, ou do movimento *punk/rock* dos anos 80, ou mesmo os *rap* dos anos 90, não significa dizer, contudo, que estejam alheios ao cenário político do nosso país e que não tenham uma consciência social, mesmo que não seja demonstrada através de atos mais radicais. No caso específico dos interlocutores desta pesquisa podemos destacar que eles apresentaram seu senso crítico na medida em que foram instigados a falar sobre política. Nesse sentido, suas identidades são afetadas diretamente pelas informações que recebem, ampliando seus repertórios.

Naquele momento revelaram seus posicionamentos com propriedade de quem sabe o que está dizendo, oferecendo-nos opiniões bastante coerentes no que concerne ao papel que a mídia desempenha junto à sociedade. Desprenderam-se daquela inibição inicial que detectávamos quando dos nossos primeiros contatos e assumiram seus referenciais identitários com muita autonomia. Para além de uma avaliação sobre a ideologia midiática; se esta é ou não confiável, demonstraram em suas reflexões como determinadas informações contribuem para despertar suas consciências.

A concepção desses jovens frente aos conteúdos difundidos pela mídia torna-se mais visível quando o assunto é MST.

Para Artur, 16 anos, muito do que a mídia apresenta são montagens que não expressam a realidade; “se eu fosse acreditar, eu acreditaria quando diz que o movimento é baderneiro”. (Dados Questionário-I, aplicado em 07 de Novembro de 2007).

Jandyra, 28 anos, reage com a seguinte constatação:

Eu acho que a mídia aumenta muito. Sobre o movimento mesmo, nem tudo que falam sobre o movimento é verdade. Um grupo de mulheres que se uniram um projeto que falava sobre eucalipto a mídia inventou que destruíram 20 anos de um projeto, mas não sabem por quê. Aí eles aumentaram, só mostraram o lado deles. Mas não mostraram o prejuízo que aquela plantação ia trazer para o Brasil, para os pobres só traz prejuízos

tanto ambiental quanto financeiro (Dados Questionário –I, aplicado em 12 de Novembro de 2007).

Este conjunto de depoimentos indica que esses jovens embora estejam submetidos a um enquadramento, seja da ordem organizacional ou mesmo ideológica, é perceptível a criticidade que apresentam em relação aos conteúdos midiáticos, já que não concordam com os espaços construídos e pré-fabricados a que estão submetidos. Neste caso, na medida em que expressam seu descrédito junto ao que é veiculado pela mídia, no que se relaciona ao MST, por exemplo, eles criam uma identidade de resistência, contrapondo-se aos fluxos das informações, assumindo, desta maneira uma condição defensiva já que a imagem negativa que a mídia apresenta sobre o Movimento e, conseqüentemente de seus jovens, interfere decisivamente na percepção que a sociedade faz sobre os seus integrantes.

As relações de poder que permeiam a mídia não passam despercebidas aos olhos desses sujeitos. Os jovens militantes detentores de um “capital cultural”, com lucidez, apresentam uma visão bastante crítica, sobretudo quando esta se relaciona às questões econômicas do nosso país. Na percepção de Wilson, 20 anos, a mídia só mostra o que ela quer. Ele assim se expressa:

A mídia tem vez que mostra as coisas que não é, ela mostra o que quer, porque ela quer sempre botar o que ta bem. Ela passa que ta tudo bem, mas o Brasil está com dívidas. Hoje em dia a melhor forma de se investir em dinheiro é comprar a dívida do Brasil (Dados Questionário –I, aplicado em 12 de Novembro de 2007).

Tanto Jomar, 18 anos, como Walter, 18 anos, compactuam dessa mesma reflexão, eles acusam que a mídia não mostra a realidade, “ é um papel que estão cumprindo, estão falando só por falar” (Dados Questionário- I, aplicado em 07 de Novembro de 2007) .

Nesse caso, podemos considerar que as construções identitárias desse grupo juvenil se constituem por ações performativas, tendo em vista que seus posicionamentos são colocados em prática sob o signo de uma subjetividade permeada por múltiplos processos, que se constroem por uma certa independência, o que permite compreender que esses jovens não apresentam uma sujeição pacífica aos conteúdos midiáticos, reinventando suas identidades, elaborando novos sentidos acerca do mundo.

Sob esta lógica podemos considerar que o argumento de algumas correntes teóricas²⁰⁰ sobre o poder uniformizador e alienante que a mídia exerce perante o receptor-consumidor, tornando-os sujeitos “reificados”, deslegitima-se na medida em que os jovens expressaram

²⁰⁰ Os funcionalistas e frankfurtianos .

sua capacidade reflexiva perante o processo de mediação, já que apresentaram suas restrições aos enunciados das mensagens por eles absorvidas, através de reelaborações simbólicas que se constituíram por meio de representações heterogêneas. Ou seja, mesmo considerando que a mídia institui padrões hegemônicos, estes podem ser negociados, aceitos ou não com resistência, em decorrência da construção de sentidos de cada sujeito.

Para Certeau (1994) “*receber é trabalhar*”, ou seja, apropriar-se de algo tanto no aspecto da emissão como da recepção do discurso passa pela instância de se retrabalhar aquilo que se recebe. Dessa forma é necessária uma interação entre a emissão e recepção.

É por este caminho que desenvolvemos o tópico a seguir, descrito e analisado dentro de uma realidade palpável, vivenciada no momento da realização da oficina focal em rádio e que, conseqüentemente, motivou a elaboração de um programa radiofônico com a juventude estudada.

3.4- Na Contramão dos Sentidos: Experiências de uma Produção Radiofônica

A realização da oficina focal em rádio foi permeada por momentos extremamente significativos que nos conduziram para além do que inicialmente havíamos planejado. Ou seja, perceber os sentidos culturais desses sujeitos não mais a partir dos espaços de suas mediações, mas como produtores da ação. O procedimento nos permitiu observarmos as facetas desses sujeitos através de várias dimensões verificadas em situações concretas que eles iam exibindo no momento daquela experiência.

Durante o trajeto que os transportava até o curso de Comunicação social, local onde foi realizado o primeiro dia da oficina, observamos, por exemplo, a integração do grupo. Além da vontade expressa de vivenciar aquele momento inusitado, carregavam também na sua bagagem outros elementos que demarcavam seus referenciais identitários. Conduziam instrumentos musicais que foram utilizados para animar o ambiente durante todo o percurso da viagem. O repertório musical ali constituído em meio ao batuque se inseria dentro do quadro de suas opções musicais anteriormente anunciadas, mas era também permeado por cânticos entoados com paródias sobre o MST, o que, aliás, já havíamos verificado em outros momentos de sociabilidades desses sujeitos²⁰¹. Tais procedimentos iam referendando cada vez mais os nossos argumentos aqui apresentados, de que suas matrizes culturais no âmbito

²⁰¹ As paródias nada mais são do que uma maneira de politizar. Elas expressam anseios, fala das dificuldades do meio rural e ainda apresentam críticas ao sistema político vigente do país.

da música não necessariamente estão vinculadas aos sucessos do momento. Eles constroem seus repertórios dentro de mesclas culturais que evidentemente advêm das suas mediações radiofônicas, mas não necessariamente se mostram atreladas aos ditos da indústria fonográfica. Percebíamos, assim, que o repertório musical por eles constituído era uma mistura de composições atreladas a processos culturais não advindos necessariamente dos espaços midiáticos, sobretudo quando faziam apologias ao Movimento.

A chegada ao curso de comunicação, por volta das 09 horas da manhã, também foi triunfante, e eles não escondiam o seu contentamento. De imediato procuraram se agrupar e mais uma vez criaram momentos de descontração antes de iniciarmos os trabalhos da oficina. A música entra novamente em evidência com o repertório respaldado diante de suas preferências anteriormente citadas.

Essa, na verdade, foi uma importante ocasião para que pudéssemos observar as formas de sociabilidades dos nossos pesquisados fora do seu contexto social. Na realidade criamos uma falsa expectativa: como se tratava de jovens “integrantes do MST”, imaginávamos que, ali chegando, eles se apresentariam com uma “fachada” de jovens “militantes”, carregando seus símbolos de identificação. Entretanto, foram poucos os que assim se conduziram: apenas dois usavam o boné com o símbolo do Movimento. É provável que naquela ocasião, não sentiam a necessidade de demarcar uma identidade de membros do MST, e que, portanto, seriam outros os seus pontos diacríticos. Os rapazes se apresentaram com gel no cabelo; as moças bem vestidas dentro de suas possibilidades.²⁰²



Ilustração VII- Momentos de descontração – Oficina de Rádio

²⁰² Na verdade não esperávamos que elas se vestissem de outra maneira.

A oficina foi conduzida a partir de dois eixos: o primeiro debateu o papel do rádio na sociedade, o outro se realizou através de uma experiência prática. Sob esta perspectiva sincronizamos nossa análise considerando os dois pólos da comunicação “produção-recepção”. Com essa estratégia, passamos a observar as posturas dos nossos interlocutores não mais através dos espaços de suas mediações, mas por intermédio da produção, colocando-os como agentes da comunicação. Queríamos de fato confrontar em que medida as aspirações simbólicas desses sujeitos diante de suas mediações junto ao rádio se coadunam ou não com o que ali seria construído. As postulações, portanto, levantam-se e se encaminham para entender o que esses jovens buscam necessariamente junto àquele meio de comunicação? Que papel o rádio poderia desempenhar perante os anseios daquele grupo?

Tentando encontrar respostas para estas e outras indagações, organizamos a oficina de rádio, e aqui passaremos a analisar os resultados que dela pudemos extrair. Vale ressaltar que a observação participante²⁰³ foi fundamental para que elaborássemos nossa compreensão aqui apresentada, já que esta nos proporcionou uma interação com a questão a ser investigada.

Inicialmente, provocamos um momento de reflexão sobre o papel do rádio na sociedade atual, oferecendo a oportunidade para que aqueles jovens expressassem seus posicionamentos. Aos poucos foram adentrando na discussão e se posicionando sobre os conteúdos oferecidos pelo veículo, considerando-o como importante meio para a difusão de informações e entretenimento. A maioria reivindicava espaços de mediação que pudessem tratar mais especificamente de assuntos voltados para a realidade local, atendendo às suas necessidades enquanto cidadãos rurais.



Ilustração VIII- Reflexões sobre o papel do rádio

²⁰³ Ver Peruzzo, 2005.

Um questionamento aqui se sobressai: se a maioria indicou que o rádio é um meio que contribui para a difusão de informações, porque não a colocam como elemento centralizador das suas mediações, já que apontaram a música como prioridade das suas escolhas? Eles admitem que o rádio abre espaços para a comunidade mas ainda de forma muito restrita e sob uma visão muito direcionada. Sob este argumento os fluxos informacionais advindos dali parecem não atingir a totalidade dos anseios daquele grupo, sobretudo quando a tônica é o MST.

Diante de tais posicionamentos solicitamos então que apresentassem um “modelo ideal” de como o rádio deveria construir sua programação. Uma diversidade de temas foi proposto naquele momento mas todos direcionados à construção de assuntos que se relacionavam a aspectos do seu cotidiano, muitos deles voltados para a ausência de políticas públicas no meio rural.

Essa assertiva se legitima neste depoimento: “as rádios falam de outras localidades e não da nossa” (WALTER, 14 anos. Fala espontânea, oficina de rádio, realizada em 06 de Dezembro de 2007).

A afirmativa deste jovem nos remete de imediato ao quadro “Mão Amiga”, do Programa “a voz do Coração”, produzido e exibido pela Rádio Panorâmica e que eles apontaram como uma de suas preferências. De fato, aquele programa, mesmo relacionado a uma linha “assistencialista”, direciona sua comunicação voltada para as necessidades básicas das comunidades mais carentes, socialmente falando.

Para Artur, 16 anos, o rádio deveria ser utilizado na formação cidadã das pessoas, mostrando para a sociedade “quem somos nós do MST, ajudando a nos ver com outros olhos e conhecer e ver que o MST tem capacidade para muitas coisas”. (ARTUR, 16 anos. Fala espontânea, oficina de rádio, realizada em 06 de Dezembro de 2007).

Promovendo uma ligação dos fluxos informacionais apontados por eles anteriormente e o que gostariam de escutar, verificamos que as opiniões se coadunam numa perspectiva de identificar o meio radiofônico como o porta-voz de suas necessidades, devendo este interferir na solução dos seus problemas. Com isso almejam no rádio uma programação que de fato se direcione a sua localidade. Buscam um espaço de participação-cidadã, que realmente possa oferecer oportunidades de expressão para que todos possam pensar livremente, ter gostos e aspirações distintas e se envolvam decisivamente no processo impulsionador de uma democracia.

Observando a programação local das emissoras de rádio as quais nossos jovens têm acesso, verificamos que o conteúdo aborda informações romanescas, dicas de lazer e muita música. Programas que tratam de temáticas sociais direcionadas a um público jovem raramente são veiculados e quando abordados se direcionam especificamente aos jovens do meio urbano, não atendendo dessa forma, às aspirações dos jovens rurais. Observa-se, assim uma total ausência de programas que tratem da realidade social daquele meio, principalmente no que se relaciona a políticas públicas. Na verdade, esta é mais uma cortina divisória que se constrói em torno dos jovens rurais .

Este fato não passa despercebido pelos nossos pesquisados, embora interajam com os assuntos que a eles são direcionados. Por outro lado, cobram também a presença de assuntos socialmente relevantes. Eles acenam para a construção de uma programação salutar, focada em temáticas educativas, de prevenção às drogas, de orientação sexual, assim como programas que possam ressaltar os projetos sociais que movem o MST, como por exemplo, a garantia de escolas públicas dentro do assentamento. Subjetivamente, almejam com esse tipo de programa externar para a sociedade as suas práticas sociais numa tentativa de integração social. No entanto, sabemos que a caracterização comercial das nossas emissoras de rádio impede a produção de programas exclusivamente voltados para este desejo de esclarecimento comunitário.

Eles estão no caminho certo, pois temas como a sexualidade, educação, atualidade, movimentos sociais, certamente os ajudarão a compreender com mais lucidez a realidade social. A mídia radiofônica pode ser um canal eficaz de interlocução dessa juventude, oferecendo oportunidade de expressão para que possam se envolver decisivamente no processo de uma democracia.²⁰⁴

As aspirações aqui anunciadas pelos sujeitos pesquisados demonstram uma capacidade crítica em relação aos conteúdos produzidos pelo meio radiofônico. O que representa dizer que embora sejam ouvintes assíduos e pouco discutam sobre tais mediações, constroem seus sentidos a partir de uma dinâmica reflexiva. Não nos interessa abordar a perspectiva de um rádio “ideal”, mas apontar que apesar dos aspectos capitalistas que pontuam o veículo, ainda assim suas mensagens são criticamente interpretadas: tanto no meio urbano como no rural.

²⁰⁴ Teoricamente os meios de comunicação social deveriam cumprir sua função social baseado nestes preceitos, promovendo a divulgação de conteúdos voltados para a ampliação dos direitos e deveres de cidadania, abrindo dessa forma um canal para participação efetiva da população.

É essa constatação que deve também ser levada em consideração à programação produzida no rádio: A realidade político-social, na qual estão inseridos os meios de comunicação de massa, especialmente no Brasil, atesta que estes estão concentrados nas mãos de pequenos grupos que monopolizam o processo da comunicação, desvirtuando totalmente o seu papel social, pela dependência de um sistema tanto político quanto mercantilista. Nesse sentido, os preceitos que movem os fluxos comunicacionais dos meios massivos, jornal, rádio ou televisão, estão basicamente voltados a atender uma dinâmica do consumo, consumo este direcionado a jovens que detêm poder aquisitivo, deixando para segundo plano os temas voltados para a relevância social que possam de fato contribuir para uma formação cultural de qualidade para os nossos jovens.

Os espaços reservados à juventude geralmente estão atrelados ao entretenimento e em alguns casos ao jornalismo de comportamento. Basta examinarmos, por exemplo, as seções dos periódicos e verificaremos que normalmente os suplementos que se direcionam a esse público são os menos importantes, já que não atendem aos apelos mercantilistas. Temas como lazer e entretenimento, moda e beleza, comportamento são mais abordados do que mesmo os considerados de relevância social, como educação, cultura, saúde, trabalho, dentre outros.

As experiências nessa direção são bastante tímidas. A MTV, por exemplo, apresentou duas propostas de programas como esse objetivo. Uma em 2002, “Tome conta do Brasil”. Um programa de diversão com toque de humor e política. Em 2003 investiu noutra tentativa criando um programa que abordava temas ligados à violência, sexo, drogas, além de outros. Encaixava assim na sua programação campanhas de conscientização do público.

Há que se considerar, no entanto, que o acesso a esse canal de comunicação é restrito, só está disponível em sinal aberto de televisão através da antena parabólica, o que representa o direcionamento a um público segmentado socialmente falando.

No âmbito da produção impressa, no período de 2002 a 2004, houve um pequeno aumento em número de publicações com uma média de 26 suplementos de jornais produzidos e 5 revistas voltadas ao público jovem²⁰⁵.

A alternativa para a difusão de uma programação voltada aos moldes acima relacionados pode ser encontrada nas rádios universitárias, entretanto são poucas as cidades que dispõem de emissoras de rádio que atuam nesta perspectiva²⁰⁶. A expectativa se direciona

²⁰⁵ V. relatório a mídia dos jovens

²⁰⁶ As rádios universitárias são geridas por instituições federais, estaduais ou municipais. Até 2004 funcionavam no Brasil aproximadamente 52 emissoras de rádio universitárias, operando no AM ou FM. Sua principal diretriz está direcionada à difusão da cultura (grifo nosso)

então para as rádios comunitárias, consideradas como o principal canal de comunicação da sociedade local, porta-voz das reivindicações da comunidade e principal meio de difusão da cultura popular ²⁰⁷. Há que se levar em consideração, no entanto, que as comunitárias atuam com um alcance limitado atingindo apenas a 1 km em raio a partir de sua antena transmissora. Com isso, não abrange com extensão o meio rural. O assentamento, *locus* da nossa pesquisa, por exemplo, não recebe o sinal das duas rádios comunitárias que atuam na cidade de Campina Grande.

Sem querer entrar no mérito da discussão convém ressaltar ainda que a maioria das rádios comunitárias não cumpre o verdadeiro papel pelo qual foram criadas, estando a serviço muito mais de grupos políticos do que mesmo da própria comunidade.

No âmbito da música, embora esta seja considerada o elemento motivador das audições da juventude, a crítica foi que o rádio não abre espaço para a difusão da cultura regional²⁰⁸. Eles cobram a divulgação dos produtos musicais dos artistas da terra que normalmente são mais difundidas no mês de junho quando a cidade de Campina Grande vive a efervescência do São João.

O que apuramos é que a todo momento as construções da identidade juvenil, vão se constituindo através de um processo de reinvenção, aberto a múltiplas possibilidades. Isso se justifica pela conjuntura de um mundo globalizado no qual as relações sociais são promovidas através de fluxos culturais intercambiados. No caso específico dos sujeitos desta pesquisa podemos considerar que exercem suas construções identitárias dentro de um hibridismo cultural (CANCLINI, 2000) através de matrizes culturais plurais, que se aplica, neste caso, por intermédio da música.

Uma vez identificadas às aspirações do grupo junto ao meio radiofônico, prosseguimos na condução do processo e tratamos de elaborar as pautas que deveriam atender às reais aspirações desses sujeitos no que tange a construção de um programa calcado nos moldes que eles haviam indicado. Dividimos então o grupo em três e cada um se encarregou de construir a proposta com tais perspectivas norteadoras.

²⁰⁷ As rádios comunitárias foram criadas com o objetivo de proporcionar informações, cultura e entretenimento a pequenas comunidades. A sua programação deve conter informações, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo aquilo que possa contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais.

²⁰⁸ Não se pode delinear com precisão as especificidades culturais de uma determinada região já que o processo de globalização oferece uma espécie de “nova roupagem” à própria idéia de cultura nacional, pois ao mesmo tempo em que incita à localização, ainda opera com traços e símbolos dessa cultura como artefatos de mercado.

3.4.1- Construindo o Programa

Os caminhos que geram a produção de um programa radiofônico suscitam várias etapas, desde a elaboração de pauta até a apresentação final. E, foi nesse sentido, que organizamos a referida oficina. Inicialmente tratamos de pensar as pautas que buscaram atender as temáticas por eles sugeridas. A produção de sentidos²⁰⁹ daqueles sujeitos se representou através de posicionamentos diversificados, expressando-se pelo conjunto de ideias organizadas em torno de aspectos tanto sociais quanto culturais.

Definidas as pautas, tratamos então de dar uma configuração técnica ao programa. Primeiro estabelecendo o seu tempo que resultou em 01h20 minutos. A partir daí, dividimos o espaço em 3 blocos assim constituídos: Bloco I-Informativo (entrevistas sobre a Brigada Quebra Quilos; Organização do assentamento; Clube de mães e Posto de saúde). Na sequência o Bloco II - Educação (enfoques sobre o projeto da Ciranda Juvenil e entrevista sobre os processos de educação vivenciados no assentamento). O Bloco III priorizou as potencialidades culturais dos jovens ali residentes (entrevista com grupos de jovens que integram um trio musical).

PROGRAMA REDE VIVA
TÉCNICA – abertura do Programa com a música Homem da Terra (Luiz Gonzaga) LOCUTOR- apresentação inicial e chamada para o I bloco
TÉCNICA- intervalo musical (Esperando na janela-interpretação Gilberto Gil)
LOCUTOR- Chamada para o II bloco
TÉCNICA- Intervalo musical (Girassol- Cidade Negra)
LOCUTOR- Chamada para o III bloco
TÉCNICA- Intervalo musical(Desejo de Menina(forró eletrônico)
LOCUTOR- Considerações finais e ficha técnica
TECNICA- Música de encerramento (MST)

Quadro XI- Espelho do programa

O sentido atribuído à produção do programa buscou uma aproximação com a realidade social daqueles sujeitos,direcionando-se para a difusão de aspectos atrelados ao seu cotidiano.²¹⁰ Primeiro, eles sentiram a necessidade de expressar o que é o MST, tentando

²⁰⁹ A produção de sentidos pode ser reconhecida através da fala, do comportamento e de posicionamentos que encontram ressonância a partir da formação social do indivíduo.

²¹⁰ “A mídia é do cotidiano e ao mesmo tempo uma alternativa a ele” (SILVERSTONE, 2002, p.25)

desmistificar o que a grande mídia evidencia em seus noticiosos. Aquele espaço configurou-se assim como um meio esclarecedor para suas ações, que são tão criticadas e denegridas perante a sociedade. A sensação que tivemos é que eles estavam amordaçados e precisavam se libertar das amarras e dos estereótipos criados em torno dos mesmos, já que integram a condição de jovens residentes em assentamentos do MST. Assim, as identidades dos nossos informantes iam se revelando na medida em que produziam as pautas, o que se transformou num exercício preliminar de cidadania, protagonizada naquele processo comunicacional.

A primeira investida intenciona reconstruir o processo histórico do assentamento e, conseqüentemente, da Brigada que o mesmo se insere. Assim, convidaram o coordenador da Brigada Quebra-Quilos, José Barbosa, para uma entrevista. À medida que a sua história ia sendo restaurada com as conquistas que trouxe para o assentamento, atravessada por momentos de lutas e conflitos, esses jovens iam validando as ações do MST, que vem crescendo em várias regiões do Brasil. Com isso, iam também marcando seu processo de reconhecimento junto ao Movimento através de uma “identidade legitimadora” (CASTELLS, 1999).

Ressaltar as lutas empreendidas pelo Movimento constituiu-se não só num exercício de cidadania que aqueles jovens expressaram com entusiasmo, mas um procedimento de resistência e oposição contra a cobertura discriminatória que a mídia (principalmente a televisiva) evidencia em torno do MST e, conseqüentemente, dos seus jovens. Aquelas vozes ressonantes tentaram neutralizar as construções midiáticas tão estereotipadas em torno dos mesmos. Conscientes de sua situação social, indiretamente eles refletiam sobre a condição de opressão a que são conduzidos. Ou seja, quando falam de suas práticas cotidianas, subjetivamente estão tratando das desigualdades sociais em que estão submetidos.

Como o MST se constitui pela sua capacidade de mobilização e organização, os processos de sociabilidade que marcam o cotidiano daqueles jovens dentro do assentamento também foi assunto em destaque no programa. Assim, eles enfatizaram os mecanismos de organização que funcionam naquele espaço, ressaltando as divisões de atividades que ali desempenham. Naquele momento, mais do que uma descrição do seu cotidiano, eles exerceram processos de militância que, de forma naturalizada, permearam as ações por eles empreendidas no assentamento, com destaque para a dinâmica da coletividade. Salientaram o sentido de união e do coletivo, aspectos tão importantes que o Movimento defende.

O protagonismo das mulheres (casadas ou solteiras) assentadas foi outro tema abordado, quando enfatizaram a importância do funcionamento do Clube de Mães ali

instalado. Na oportunidade destacaram a realização de cursos a serem oferecidos, conclamando a participação do público feminino.

O que pudemos apurar do fluxo das informações que se instituíram durante a apresentação do programa é que o mesmo se caracterizou por um “fazer” político, observado tanto no momento em que tentam construir uma imagem positiva daquele “*campo*”, como também pela prática da militância, na medida em que buscam arregimentar mais pessoas para se engajar às ações que desenvolvem em prol do Movimento.

O programa também serviu de espaço para discussão de assuntos relacionados à saúde e educação, considerados como os principais problemas enfrentados por eles. Naquele momento, o uso social que fizeram do rádio foi atribuir ao veículo um papel de porta-voz para a manifestação de seus direitos enquanto cidadãos. No âmbito da educação, não só trataram da falta de infraestrutura que permita condições básicas para o funcionamento da escola, como também abriram espaços de reflexão para propor um ensino voltado para a realidade do meio rural.

Ao discutir sobre educação esses jovens evidenciam a situação de exclusão social a que estão submetidos. Na verdade, trata-se de um tema que abordam com muita convicção. Observamos também em outros momentos que esta questão é vital, sobretudo quando relataram suas dificuldades para estudar e também criticaram o método de ensino usual, propondo uma outra pedagogia, que pudesse ser promovida dentro de um processo dialógico, considerando sua realidade social.

No que se refere à saúde, igualmente apresentaram suas reivindicações, sobretudo as relacionadas à implantação de um posto para atendimento. Numa entrevista com o coordenador de saúde do assentamento, Sr. Francisco Jorge, buscaram explicações convincentes sobre a real possibilidade de instalação daquele posto e de seu efetivo funcionamento.

As ações construídas por aqueles jovens naquele momento, a partir de seus pronunciamentos, indicavam que a juventude ali presente articulava suas práticas em matrizes culturais, direcionadas numa dinâmica situacional, verificada pelas reações e intenções ali esboçadas de forma muito particular. Ou seja, a maneira como deram sentido às informações foi constituída através de um conjunto de símbolos a que estão vinculados, numa relação direta com o seu cotidiano, diferente das relações de poder que perpassam as estruturas das emissoras de rádio, principalmente comerciais.

As “competências culturais” ²¹¹ apresentadas naquela experiência radiofônica impulsionavam aqueles jovens a expressar realizações de suas construções culturais empreendidas aos demais jovens assentados. Nesse sentido, o destaque foi para o projeto da Ciranda Juvenil que, conforme relatamos anteriormente, trata-se de uma proposta de aglutinação da juventude na valorização dos espaços rurais. Observamos assim o senso de pertencimento ao contexto sociocultural que estão inseridos, ampliando dessa forma suas expressões culturais. Nesta perspectiva, trataram também de explorar as potencialidades culturais dos demais jovens, divulgando os seus dons artísticos, divididos entre a música e a dança. Esta é uma característica inerente a vários grupos juvenis que, simbolicamente, buscam suas formas de expressão através da arte.

No assentamento, três jovens se unem num mesmo destino: o gosto e a paixão pela música. Através da organização de um trio musical que se fundamenta em vários ritmos. Além de cantar repertórios de artistas consagrados, eles também estão compondo e cantando suas próprias músicas.

Eles afirmam que não se prendem a um único gênero musical, cantando do forró à seresta. Para estes, o grande sonho será a consagração da carreira com a gravação de um CD com suas próprias canções. Durante a apresentação do programa, eles cantaram algumas músicas, mas o repertório selecionado se limitou apenas às sertanejas.

No campo simbólico, eles reafirmavam um discurso popular bastante evidenciado por esse gênero musical, que versa, basicamente, sobre aspectos sentimentais cujo pano de fundo é a vida do campo. Nesse caso, os significados produzidos pelas suas representações deram sentido às suas experiências e àquilo que são.

Como referenda Woodward (2000), o processo de representação estabelece identidades tanto individuais, como coletivas, que estão baseadas em sistemas simbólicos, variáveis de acordo com os contextos sociais, movendo-se em processos de adaptação e de negociação que passam a ser construídos a partir dos lugares cujos indivíduos estão inseridos.

Insistindo um pouco mais ainda nesta questão das opções musicais desse grupo juvenil, pudemos também observar que a seleção musical escolhida para compor o programa se diversificou por vários estilos. Tanto expressaram uma característica voltada para as raízes da música e cultura regionais, como integraram o circuito da indústria fonográfica. Isso significa dizer que a estruturação dos significados que dão as suas escolhas culturais, no caso específico das músicas, ocorre através de um processo de negociação, que se

²¹¹ Para Martin-Barbero (1995) as competências culturais são identificadas através das formas de pensar, sentir, agir, valorizar e representar.

consubstancializa pelas identificações que apresentam em torno desses bens culturais. Embora sejam submetidos aos efeitos da cultura de massa, também são capazes de exercer suas escolhas, apesar das influências dos contextos midiáticos.

No arranjo de suas preferências musicais, ora se associam a uma lógica mercantilizada, ora negociam com outros aspectos culturais. Dessa forma, as suas identidades vão se construindo por “reações e desejos”, alternando diversas significações e olhares de mundo.

Sob esta compreensão podemos considerar que as identidades culturais daqueles jovens se constroem via multiplicidade de fluxos culturais, que se misturam através de movimentos sincréticos e híbridos. Esta assertiva se legitima se considerarmos, por exemplo, as composições que selecionaram para integrar os blocos musicais do referido programa: *Esperando na Janela*, interpretada por Gilberto Gil²¹²; *Desejo de Menina*²¹³; *Girassol (Cidade Negra)*²¹⁴, *Homem da terra* (Luis Gonzaga) e *Educação no Campo* (Gilvan Santos).

O repertório musical indicado acima demonstra que não há uma similaridade entre as opções musicais apresentadas inicialmente, nas quais o forró eletrônico se sobressaiu. O fato de incorporarem modelos pré-fabricados e respaldados pela indústria fonográfica, não significa dizer, contudo, que não deixem também de fabricar seus bens simbólicos quando apontam outros elementos culturais. Ora, se as preferências musicais desses sujeitos se direcionam para o forró –eletrônico, por que então tais músicas não compuseram o quadro do programa nem tão pouco foram cantadas pelo trio de jovens que realizou uma apresentação ao vivo? Pelo menos duas deduções podem ser aqui destacadas: a primeira demonstra que a capacidade de articulação dos sujeitos diante de suas escolhas culturais se exerce de forma híbrida, numa mesclagem que se diversifica por vários estilos. Ou seja, a uniformização dos padrões culturais por eles selecionados não ocorre em um único sentido, o que nos autoriza a dizer que os sistemas culturais não podem ser vistos como um fenômeno isolado, estabelecendo-se por intermédio de um universo cultural próprio, mas também pluralista. Esse processo ocorre através de um cruzamento sócio-cultural entre o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial, o local e o global.

²¹² *Esperando na Janela*, gravada por Gilberto Gil para a trilha do filme *Eu, Tu, Eles*, de Andrucha Waddington, estrelado por Regina Casé. Composição de Tarjino Gondim em parceria com Manuca e Raimundinho do Acordeon foi presença garantida nos mais diversos forrós (universitários, principalmente). Pesquisa site. www.cliquemusica.com.br. Acesso em 24 de setembro de 2009.

²¹³ Toca música de forró romântico. Banda Nordestina surgida em Petrolina - Pe. Faz uma média de 25 a 30 shows por mês tanto na região nordeste como no eixo Rio-São Paulo. Com 5 cds e 2 dvds já vendeu mais de 600 mil cópias.

²¹⁴ O grupo Cidade Negra é uma banda de *reggae* (formada na baixada fluminense) com influência também no *pop-rock*. Suas composições falam de amor e problemas sociais.

É pertinente ressaltar que os jovens também exerceram seu livre arbítrio para construir a seleção musical daquele programa. Na realidade, esta foi mais uma das nossas estratégias de observação, pois sugerimos que levassem para o momento da oficina os Cds que dispunham. O que queríamos mesmo era confrontar as escolhas musicais daqueles jovens quando das suas mediações junto ao rádio com o que de fato costumam escutar em outros momentos. O resultado foi que eles articulam as suas formações discursivas, no caso aqui as preferências musicais.

A outra indica que os sentidos que apresentam junto aos efeitos hegemônicos da mídia não são por eles tomados de forma pacífica. Eles apresentam outros referenciais que não necessariamente estão vinculados ao que a indústria fonográfica difunde. Isso demonstra o caráter híbrido de suas identidades pois ao mesmo tempo que consomem tais produtos, também apontam outros elementos igualmente significativos.

Sob esta compreensão o processo de recepção não pode ser considerado de forma alguma como um procedimento passivo de assimilação, mas “como um método criativo de interpretação e avaliação no qual o significado das formas simbólicas é ativamente constituído e reconstituído” (THOMPSON, 1995, p.201).

Tal constatação demonstra que a mídia não tem esse caráter tão exclusivo e monolítico como normalmente se atribui. Os sujeitos apresentam referências múltiplas e estratégias para compor seus sentidos culturais.

Das músicas tocadas no decorrer do programa duas nos chamaram particular atenção: a primeira foi a música característica (BG²¹⁵) que elegeram para compor o programa, interpretada por Luiz Gonzaga,(ícone da cultura nordestina) intitulada “ O Homem da terra” (composta por Walter Santos e Tereza Souza ,em 1979)²¹⁶.

“O Homem da terra” apresenta a seguinte composição:

<i>Aonde está o homem,</i>	<i>Ou desejando sol</i>
<i>O homem da terra</i>	<i>No grito do aboio</i>
<i>que trabalha o chão?</i>	<i>No ronco do trator/</i>
<i>É ele o herói sem nome</i>	<i>No canto da colheita</i>
<i>que cultiva a terra</i>	<i>Em tudo o seu amor</i>

²¹⁵ BG (*back ground*) é um termo técnico utilizado na linguagem radiofônica que denota fundo musical.

²¹⁶ Arquivo radialista José Lira.

<i>que nos dá o pão</i>	<i>Trabalhando a terra</i>
<i>Olhando para o tempo</i>	<i>Ele está feliz</i>
<i>Ta pedindo chuva</i>	<i>Ele é a força deste país.</i>

Os sistemas simbólicos criados pelos nossos interlocutores, ao incluírem esta composição no roteiro musical do programa, podem ser visivelmente identificados através da referida letra que retrata o mundo rural de forma poética. Numa apologia ao homem do campo, mostra que a grandeza heróica desse personagem reside no fato de lutar para trabalhar a terra. As suas representações naquele momento se relacionavam, de forma muito nítida, à situação socioeconômica a que estão condicionados, identificando-se como protagonistas daquela realidade cotidiana.

A outra canção intitulada “Educação no Campo”, de autoria de Gilvan Santos, ressalta também as raízes culturais do homem do campo, mas numa conotação ideológica muito voltada para o viés político que o MST defende:

*Educação do campo, do povo agricultor, precisa de uma
enxada de um lápis, de um trator, precisa do trator pra trocar
conhecimento o maior ensinamento é a vida seu valor.*

*Nessa história nós somos o sujeito, lutamos pela vida , pelo
que é de direito. As nossas marcas se espalham pelo chão, a
nossa escola ela vem do coração. (refrão)*

*Se a humanidade produziu tanto saber, o rádio e a ciência é a
cartilha do saber, mas falta empreender a solidariedade,
soletrar essa verdade está faltando acontecer.*

(Educação do campo ,Gilvan Santos).

Naquele momento os jovens expressaram seus referenciais num processo de identificação com os seus iguais, tentando legitimar sua posição social, enaltecendo a importância do homem do campo no exercício do seu trabalho. Fizeram valer seu *habitus*, na medida em que lançaram mão de um universo simbólico tradicional, aqui representado primeiro pela música de Luis Gonzaga, depois pela educação que o homem do campo deve ter

através da solidariedade. Sobressai desses discursos a necessidade de “transformação e de partilha” que o Movimento defende, mensagem assimilada por seus integrantes.

Essa compreensão adquire sentido e visibilidade se considerarmos, por exemplo, que a cultura oferece uma gama variada de possibilidades numa realidade que se (re) constrói e se amplia sob um imaginário permeado por inúmeras representações discursivas. Representações estas que foram identificadas aqui através dos gêneros musicais que, mais do que um espaço para o entretenimento configurou-se como meio de expressão da realidade sociocultural dos sujeitos pesquisados. Como enfatiza Jacks (2005), as trocas mentais de projeção e identificação dos indivíduos são estruturadas por elementos culturais, polarizados pelos símbolos, mitos e imagens da cultura que são encarnados através de valores reais ou míticos.

Estabelecida toda a composição do Programa, partimos então para a sua segunda etapa, a da apresentação. Vivenciamos igualmente uma situação inusitada, desta feita no próprio assentamento. Para lá nos dirigimos no dia seguinte (07 de dezembro de 2008), transportando também em nossa bagagem, além de todo o equipamento necessário para a concretização da experiência radiofônica, muita expectativa pontuada de otimismo para que de fato a rádio-difusora funcionasse conforme planejamos. A primeira providência foi à instalação dos equipamentos.



Ilustração IX- Instalação de alto-falante

A rotina do assentamento foi quebrada sistematicamente, tamanha era a movimentação, tanto por parte da nossa equipe como dos jovens participantes da pesquisa. Além, é claro, dos ouvintes de todas as faixas etárias que se acomodavam nas precárias instalações, esperando o sinal vermelho indicativo de que a rádio estaria no ar. A mídia

televisiva, através das TVs Paraíba e Itararé, também se fizeram presentes para a cobertura jornalística daquele evento que se ressaltou, foi pioneiro em assentamentos do MST na Paraíba.

O cenário montado para aquele momento não era o que habitualmente estávamos acostumadas a ver durante o período em que ali transitamos. Os jovens assentados, acompanhados de lideranças do assentamento, também trataram de criar as condições possíveis para a experiência, mas com um detalhe: construíram uma ambiência que demarcava com muita ênfase aquele espaço, ressaltado por simbologias, como a bandeira do MST; exposição de fotografias sobre ações do Movimento; apresentação de equipamentos para o projeto da Ciranda além de outros signos imagéticos que remetiam o contexto do Movimento. Ali eles exerceram a sua militância em toda plenitude, afinal de contas apesar de ser “sem terra”, o espaço era deles.

A dinâmica que adotamos para a condução do programa foi montada com a participação da maioria dos jovens ali presentes. Uns na condição de entrevistadores, outros na de entrevistados. À medida que a ação ia se desenvolvendo as identidades daqueles jovens iam se revelando de forma articulada. Adquiriam sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos e sociais ali representados, marcadas pela diferença expressada em torno do que abordavam. Naquele instante, eles exerceram e “narraram” o seu pertencimento ao campo e ao Movimento.



Ilustração X- Apresentação do programa

No ato da apresentação eles revelaram seu potencial cultural, na medida em que iam interagindo com a programação. Os que exerceram a função de apresentador e/ou entrevistador conduziram o microfone com bastante segurança e, para nossa surpresa, criaram

momentos de interatividade junto aos que ali os escutavam. Estabeleceram um vínculo de audiência, enviando recados, oferecendo músicas, fornecendo avisos. Demarcava-se, pois não uma “intenção interativa”, mas um encontro alegre de interação real e coletiva.

Esta é uma característica inerente do rádio em Campina Grande, comum aos demais Brasil afora, ao conduzir sua programação, seja nos programas jornalísticos ou seja de variedades/musicais, atrelada a uma interatividade com o seu público- ouvinte, efetivada pela sua participação através do telefone²¹⁷. Evidentemente que esta realidade não é vivenciada por esse grupo juvenil, já que sua posição socioeconômica não favorece meios para tal prática. No entanto, simbolicamente eles constroem esse sentido de interatividade, na medida em que se reconhecem nos conteúdos difundidos. Principalmente por intermédio das ofertas musicais que afirmam consumir diariamente, e ainda quando sentem a necessidade de criar espaços de interlocução com os que estão envolvidos no processo comunicacional, no caso específico daquela oficina. Como enfatiza Canclini,(2000) “a comunicação não é eficaz se não inclui também a interação de colaboração e transação entre uns e outros” (CANCLINI, 2000, p. 76).

A experiência prática que vivenciamos com a oficina focal nos permitiu identificar quais de fato são os usos e mediações dos nossos interlocutores junto ao meio radiofônico: 1) A seleção de temas abordados se coaduna com suas práticas de identificação, necessariamente vinculadas às suas condições sociais; 2) A identidade de jovem Sem Terra se apresenta em todos os momentos do programa, seja nos seus discursos, seja na indicação de algumas músicas; 3) As construções culturais pelo viés do rádio ocorrem por um processo de negociação mediado entre o local e o global; 4) Os jovens atribuem ao rádio a função de importante meio para difusão de suas matrizes culturais; 5) As mediações radiofônicas registradas não correspondem necessariamente a uma atividade do tempo livre desses jovens, mas adquirem outros sentidos, na medida em que apresentam a necessidade de acesso à informações vinculadas a aspectos locais. 6) Por fim, o nível de absorção daqueles sujeitos frente as suas mediações estrutura-se por meio de um relação entre o campo da emissão e o da recepção, no qual, ao rádio é conferido, mesmo que simbolicamente, o valor de extensão das relações sociais e integrativas daquelas famílias.

A forma como conduziram aquela experiência radiofônica se caracterizou como uma manifestação comprometida socialmente com a comunicação local. Isso ocorreu na medida em que desenvolveram aptidões associativas e solidárias, num exercício pleno de cidadania,

²¹⁷ Hoje, as novas tecnologias da comunicação oferecem outras alternativas de comunicação que se viabiliza pela internet, ou por torpedos enviados pelo aparelho celular, fato que não se verifica naquele contexto rural.

que se verificou através de uma prática social. Esta mostrou-se direcionada a uma interação de interesses coletivos que diretamente relacionados ao seu cotidiano rural, porém permeado de interferências urbanas.

Na realidade, aquele ato se traduziu numa perspectiva de uma comunicação participativa, na medida em que abriu espaços para uma nova produção, permitindo aos seus ouvintes uma recepção crítica das mensagens transmitidas. Somente por tal resultado, a experiência já poderia ser considerada ativa, plena de significados.

Como enfatiza Peruzzo (2000), as pessoas, ao participarem de uma práxis cotidiana voltada para os interesses e as necessidades dos próprios grupos a que pertencem, ou de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos, acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração e re-elaboração das culturas populares e a formação da cidadania.

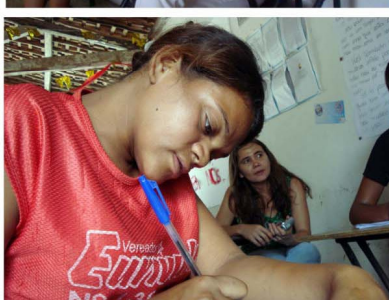
Diante dos dados aqui descritos, podemos dizer que o rádio, naquele contexto social, exerce uma importância inquestionável perante os seus jovens ouvintes, sendo reconhecido tanto pelo fascínio que aquele meio de comunicação proporciona, como pelo canal de comunicação propício para a difusão das manifestações locais, enfatizadas através de um campo diversificado, no qual os processos culturais daqueles sujeitos se constroem a partir de suas aspirações e dos bens simbólicos que criam em torno das suas mediações.

No desdobramento desta investigação, a nossa perspectiva se encaminhou no sentido de identificar quais os usos e mediações desses sujeitos perante a mídia televisiva, tema de nosso próximo capítulo.



Capítulo IV

A televisão: Vozes e Histórias de Interações



CAP IV

A TELEVISÃO: VOZES E HISTÓRIAS DE INTERAÇÕES

A televisão tanto constrói como destrói e muitas vezes a gente não tem condição de enxergar isso. A televisão para muitos por ser encarada como diversão se torna um vício. E muitos ver o mundo pelo que a televisão mostra. A gente bate em cima dos sem terra porque a globo é miserável, ela detona mesmo a gente. É difícil mostrar o lado bom, sempre são os vândalos, invadindo. Nós somos considerados um terrorista pela rede globo²¹⁸

Considerando a centralidade que a televisão ocupa no seio da sociedade brasileira contemporânea, despontando como o meio de comunicação de massa mais utilizado, independentemente de posição social, gênero, idade, etnia, a nossa perspectiva aqui se direciona a compreender como os nossos sujeitos se associam aos produtos culturais sugeridos por tal meio e que efeitos de sentido elaboram a partir dos seus conteúdos.

O que, de fato, faz da televisão o meio de comunicação centralizador desse grupo juvenil? Quais os gêneros televisivos que estes incorporam no seu cotidiano a partir das mediações culturais que se estabelecem durante o processo receptivo?

Para responder a estas e outras indagações dividiremos as discussões aqui em dois momentos: inicialmente traçaremos um mapeamento do uso da televisão pelo grupo pesquisado e, no desdobramento, analisaremos os efeitos de sentidos que apresentam em relação às mediações do Programa Malhação, exibido pela Rede globo.

4.1- O Mapa da Recepção Televisiva: Negociação de Sentidos

As evidências empíricas indicam que 100% dos nossos interlocutores assistem à televisão diariamente, numa média de exposição de pelo menos três horas, chegando até 08 horas diárias. É importante ressaltar que não há diferenciação de gênero quanto ao tempo empreendido no ato da recepção.

²¹⁸ Este é um fragmento de um depoimento apresentado por um dos nossos pesquisados quando falávamos sobre televisão.

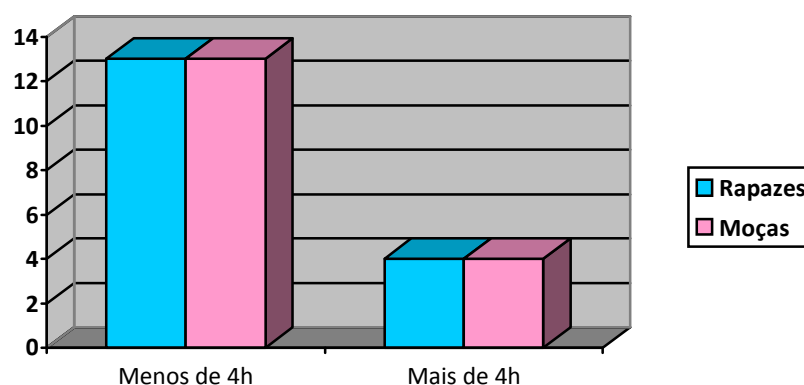


Gráfico XVII- Tempo empreendido na recepção televisiva

Para todos os jovens pesquisados as mediações televisivas ocorrem durante todo o dia com preferência para o horário noturno.²¹⁹ Para os que desenvolvem atividades laborais, sejam dentro ou fora do assentamento, ao chegarem em casa a televisão torna-se o primeiro atrativo. Alberto, 22 anos, por exemplo, diz que ao chegar em casa por volta das 10:00 h da manhã gosta de assistir aos desenhos animados (Dados questionário-II, aplicado em 25 de Março de 2008).

Tibério, 17 anos, estabelece um *habitus* de audiência com horários pré- estabelecidos. Diz ele: “assisto televisão às 6:00h da manhã, às 10:30h e às 5:00 h da tarde”.(Dados questionário –II, aplicado em 25 de Março de 2008).

Eunice, 22 anos, também constitui seus espaços de mediações em horários previamente determinados. Estas ocorrem normalmente no período da manhã, mas especificamente às 11:00 horas e às 18:00 horas. Sob esses argumentos podemos considerar que a televisão atua no cotidiano desses sujeitos a partir de horários pré-definidos. Como acentua Travancas (2007), a televisão em muitos casos funciona como “ relógio social”, organizando as rotinas das famílias que se estruturam em torno da programação televisiva.

O tempo que destinam com as mediações televisivas se justifica pela total ausência, naquele espaço, de alternativas culturais para que estes jovens ocupem o seu tempo livre, restando à televisão como opção, quase que exclusiva, para tal prática. Se aqueles jovens dispusessem de outras alternativas para exercerem práticas de sociabilidade é provável que tal meio de comunicação não figurasse com tanta veemência no cotidiano desses sujeitos a ponto de destinarem grande parte do seu tempo em frente da “ telinha”.

²¹⁹ De acordo com pesquisa Mídia dados Brasil 2009 a Globo desponta em audiência junto a outras redes de televisão. No horário noturno, por exemplo, atinge a média dos 48,57%. Ver anexo (XI) participação da audiência das redes.

O *habitus* adquirido por esses sujeitos em torno das suas mediações televisivas não significa dizer, contudo, que são passivos perante o conteúdo do meio. Embora estejam condicionados a práticas de audiência, estas se exercem a partir de escolhas que estes próprios sujeitos adotam, dependendo de suas necessidades individuais e singularidades que, a nosso ver, constituem-se como uma marca de diferenciação.

Hegemonicamente a rede Globo de televisão desponta na preferência desses jovens, com 99%, vindo em seguida o SBT.²²⁰

Ainda que a Globo seja a líder de audiência junto à sociedade brasileira, tanto rural como urbana, no caso específico do nosso campo empírico, tal fato se verifica também em decorrência de ser o sinal de televisão melhor sintonizado.

Na verdade, esta é uma questão que necessita ser melhor abordada. Embora não pretendamos aqui traçar o percurso que permeia a história da televisão no Brasil, até porque há uma significativa produção acadêmica neste sentido²²¹, é perceptível a luta pela audiência que outros grupos de poder da mídia televisiva vem desenvolvendo na tentativa de alcançar maiores picos e, conseqüentemente, superar a audiência da rede Globo de televisão.

Basta examinarmos o quadro das redes nacionais de televisão comercial no Brasil e verificaremos que a Globo desponta em número quantitativo com suas geradoras e retransmissoras²²².

REDES	SEDE	GERADORAS	GERAD. +RETRANSM.
REDE GLOBO	Rio de Janeiro	121	121
SBT	São Paulo	102	112
REDE RECORD	São Paulo	81	105
REDE BANDEIRANTES	São Paulo	44	68
REDE TV!	São Paulo	40	ND
CNT	Curitiba	6	55
TV GAZETA	São Paulo	1	27
MTV	São Paulo	8	43
Total	-	403	487

Quadro XII- Principais Redes Nacionais Comerciais de TV Aberta.

Fonte: *Mídia Dados 2009*

²²⁰ Esta mesma constatação também foi verificada pela pesquisadora Sara Alves Feitosa em sua dissertação de mestrado (2007) junto aos jovens residentes no assentamento do MST (Capela, RS).

²²¹ Ver (Bocci (1987); Caparelli (1986) e FEDERICO (1982).

²²² Os grandes impérios da comunicação estão concentrados em mãos de grupos empresariais que detêm um forte capital político e econômico, como a Time Warner (Estados Unidos), a Televisa (México) e a Rede Globo(Brasil).

REDE	MUNICÍPIOS		DOMICÍLIOS COM TV	
	NA	%	NA	%
GLOBO	5.478	98,4	53.177	99,6
SBT	4.796	86,2	50.978	95,5
BANDEIRANTES	3.263	58,6	46.925	87,9
RECORD	4.278	76,9	49.744	93,2
REDE TV!	3.194	57,4	43.158	80,8
CNT	232	4,2	19.013	35,6
GAZETA	307	5,5	13.804	25,9
MTV	157*	2,8	32.303**	60,5
Total	5.565	100,0	53.384	100,0

Quadro XIII- Cobertura geográfica de televisão

Fonte / Soucer²²³

Sem querer entrar no mérito da discussão da hegemonia da rede Globo é preciso, contudo, que se ressalte: desde o seu surgimento, em 1965 a Globo se lança no mercado imprimindo um novo conceito de qualidade que outras emissoras de televisão da época não dispunham, sobressaiu-se com pioneirismo, por exemplo, nas transmissões internacionais, como a copa do mundo de futebol na Inglaterra em 1966; transmissão via satélite em 1968, do lançamento da nave espacial Apollo XI e ainda com a operacionalização em rede do Jornal Nacional, em 1969.

Ao longo de seus 44 anos de existência consolidou-se como a principal emissora de TV do país, cobrindo, hoje 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros através das suas 121 emissoras geradoras e afiliadas.²²⁴

A sua central de produção (Projac) é considerada a maior da América Latina com uma área que abriga estúdios, galpões de acervos e módulos de produção, sendo avaliada como a maior produtora do mundo no que tange à produção de programas próprios como: novelas, minisséries, especiais, humorísticos e jornalismo.

Cerca de 15 mil pessoas integram o quadro de funcionários da Globo, incluindo entre eles aproximadamente 500 atores e autores.

Há que se levar em consideração, no entanto, que a forma como a rede Globo entra no

²²³ Domicílios com TV: Ibope Mídia 2009

Participação das rede no total de domicílios com TV: informações vigentes em maio/09, informadas pelas emissoras/redes e processadas pelo software – Cobertura Geográfica das Redes – Atlas Jovem 2009

Ibope / Media Workstation – Período: 2008

Target Universo PNT: 55.811.400

MTV:

* Exclui os municípios com sinais disponível apenas em Banda C (parabólica).

** inclui domicílios com parabólica/Banda C (estimativa com base na 1ª Pesquisa Nacional de Telecomunicações).

²²⁴ Fonte Site rede Globo. Acesso em 21 de outubro de 2009.

circuito midiático brasileiro não foi das mais lícitas, principalmente com o acordo que estabeleceu com a Time-Life²²⁵. A emissora assinou um contrato de colaboração com esse grupo, contrariando a legislação brasileira vigente na época, que não permitia a participação de capital estrangeiro junto a empresas de comunicação brasileiras. O “acordo financeiro” com o citado grupo de comunicação proporcionou a injeção de cerca de 6 milhões de dólares utilizados para a implantação da sua infraestrutura, investidos em seu aparato técnico e profissional.²²⁶

Diante deste fato, a Globo conseguiu a liderança de audiência, dominando totalmente o mercado da comunicação não só no Brasil, mas também na América Latina.²²⁷ Não é demais lembrar que para chegar ao que é hoje, a Globo, representada por Roberto Marinho desde o seu surgimento, manteve relações estreitas com grupos de poder político, estando sempre aliada ao governo. Mesmo no período da ditadura militar, no qual os meios de comunicação sofreram momentos de censuras nas suas mais variadas formas, a emissora, direta ou indiretamente, defendeu aspectos do regime militar, seja omitindo determinados fatos ou referendando certas ações governistas.

Os aspectos acima ressaltados justificam de certa forma o por quê dos nossos jovens indicarem a Globo como a emissora de televisão que mais têm acesso.

Retomando os dados empíricos desta pesquisa, verificamos que o processo de recepção desses jovens junto à televisão ocorre geralmente em família, tendo em vista que a maioria das suas casas dispõem apenas de um aparelho de TV²²⁸.

Entre os rapazes, tanto solteiros como casados, apenas 4 atestam ver televisão sozinhos. Já as moças na sua totalidade exercem o processo receptivo de forma coletiva junto aos seus familiares. Esses dados ratificam mais uma vez a assertiva de que o cotidiano desses jovens está literalmente vinculado ao ambiente familiar seja através da mídia ou pela divisão sexual do trabalho.

Olhando sob este ângulo, podemos considerar que a televisão, assim como o rádio, se configura como um meio aglutinador da família nuclear daqueles jovens, diferentemente de outros grupos juvenis que, inseridos em outros contextos socioeconômicos, se colocam em posições de isolamento. Na sociedade economicamente ativa, cada um dispõe de meios eletrônicos, criando assim seus “territórios”, operando numa dinâmica privada em busca de

²²⁵ Dois anos depois o contrato é desfeito e Roberto Marinho assume a total liderança da empresa.

²²⁶ A TV Tupi investiu na época cerca de 300 mil dólares

²²⁷ Ver FERREIRA (1991).

²²⁸ Dos 42 jovens pesquisados apenas 3 indicaram dispor de dois aparelhos de TV em suas casas, sendo que um deles é ainda em preto e branco.

escolhas particulares. Nesse caso, a condição juvenil se verifica muito mais pela posição que o indivíduo ocupa no estrato social, do que mesmo pelas escolhas culturais que realiza através dos meios de comunicação massivos.

Se neste grupo juvenil as mediações televisivas ocorrem a partir da interação coletiva estabelecida em família, como os sujeitos constroem suas escolhas já que tem que dividir os espaços de mediações com outros membros?

Pelas evidências empíricas parece-nos que este não é um problema. Mesmo que as formas de recepção sejam conduzidas coletivamente, não significa dizer que enquanto indivíduos não estabeleçam critérios de escolhas. As suas concepções são socialmente construídas pelos simbolismos por eles empregados. Na realidade, apresentam um total domínio sobre a programação televisiva a que têm acesso. Essa constatação se verifica pelo repertório de programas que anunciam assistir sem titubear e, ressalte-se, não são poucos.

Caracterizada por sua natureza múltipla, a televisão “oferece” um conjunto variado de programas que os jovens selecionam de acordo com seus gostos e necessidades, apresentando-se através de uma variável de gêneros sejam ficcionais ou reais. Aqui os identificamos através de duas categorias chaves: Entretenimento e Jornalístico.

As aspirações simbólicas desses jovens se coadunam com o que mais lhes interessam. Nesse sentido, o gênero ficcional novela se sobressai, vindo em seguida os programas de cunho jornalístico, mais especificamente os telejornais.

Para os rapazes solteiros ou casados as novelas, dentre elas *Malhação*, constituem-se entre as principais mediações, vindo em seguida o jornalismo com prioridade para o *Jornal Nacional*²²⁹ e o *JPB* (Jornal local).

Na categoria entretenimento, outras opções se diversificam com os programas: *Zorra Total*, *Fantástico*, *Faustão*, *Vídeo Show*, *Caldeirão do Huck*, *BBB* (quando em evidência) além dos desenhos animados e filmes.

As moças, na sua maioria, também seguem esta mesma tendência com as novelas, incluindo *Malhação*. Elas apontam ainda o programa *Ana Maria Braga*; *Vídeo Show* e *BBB*. Em segundo plano destacam os programas de cunho jornalístico. Nesse caso citam o *Jornal Nacional*, *Jornal Hoje*, *Globo esporte* e o *JPB*.

Outras, no entanto, indicam um certo distanciamento. Rose, 22 anos, por exemplo, afirma que assiste pouco à televisão, as vezes ao jornal. Já Maria do Carmo, 25 anos, diz não

²²⁹ Alcançando uma média de 30 milhões de espectadores o *Jornal Nacional* é considerado o principal programa noticioso da televisão brasileira. Está ininterruptamente no ar desde o dia 1 de outubro de 1969 (Ver Bucci, 2007; Travancas, 2007).

ter preferências e numa reação crítica expressa: “sabe que não, a Globo está tão repetitiva”(Dados Questionário –II, aplicado em 25 de Março de 2008).

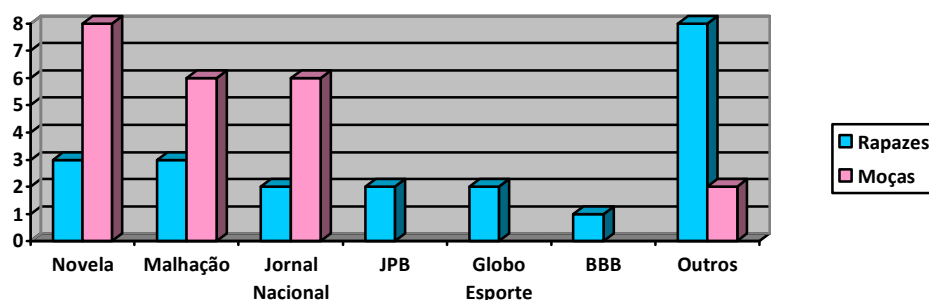


Gráfico XVIII- Mediações televisivas

Esse repertório apontado de programas nos direciona a algumas constatações: a primeira indica que nenhum deles citou, por exemplo, o “Globo Rural” veiculado aos domingos, que trata das questões concernentes ao meio rural. Presumia-se que se tratando de jovens rurais, as questões atinentes a essa realidade poderiam despertar maior interesse, no entanto esta não é uma prática midiática empreendida pelo grupo em estudo. Pelas mediações por eles aqui apresentadas, percebemos que as suas aspirações simbólicas convergem para outros fins relacionados ao contexto global.

Essa assertiva ganha sentido se considerarmos que no âmbito de uma sociedade globalizada alguns padrões e valores culturais, sejam locais, regionais e nacionais, até então sedimentados, perdem a sua vigência ou redefinem-se em outras direções, proporcionando ao indivíduo diferentes modelos promovidos pelos fluxos culturais que se ampliam de diversas formas.

Há que se levar em consideração também que a grade de programação das emissoras de TVs comerciais, e mais especificamente da Globo, pouco direcionam suas atrações para questões atinentes ao meio rural, seja de ordem social ou cultural, o que resulta numa falta de incentivo para que esses sujeitos busquem suas aspirações simbólicas diante da sua realidade. Ao contrário, são cada vez mais estimulados a penetrar num mundo simbólico que não condiz com sua realidade social.

A segunda constatação se verifica no sentido de que os rapazes apontam as novelas como uma das mediações prioritárias. Isso significa, de certa forma, uma quebra de paradigma, já que algumas pesquisas indicam que as mediações televisivas se diversificam através de variáveis como gênero, idade, profissão. Na variável, aqui estudada o público

feminino se direciona mais às telenovelas enquanto o masculino opta por outros formatos de programas, a exemplo dos esportivos.

No caso dos nossos pesquisados, acreditamos que a seleção da programação por eles apontada se dá a partir das suas referências, dos seus desejos e necessidades. Isso implica dizer que a racionalização dos padrões culturais evidenciados pela mídia atinge o indivíduo na sua essência, independentemente de condição sociocultural, gênero, grupo, etnia ou ainda época e/ou lugar.

Como acentua Jacks (2006), embora os modos e hábitos de ver televisão, e seus gêneros, sejam tributários de aspectos etários e sexuais, outros aspectos identitários podem ultrapassar estas condições e articular a audiência televisiva, consequentemente, criando uma identidade cultural.

Mais um fator que devemos levar em consideração é que o gênero ficcional da novela²³⁰ integra boa parte da grade de programação da rede Globo no horário noturno²³¹. Isso lhe consagra como um dos principais elementos geradores de audiência, desenvolvendo na sociedade um *habitus* de ver televisão, o que resulta numa forma de normatização no cotidiano das pessoas, na medida em que estabelecem horários para outras práticas, a exemplo do horário do jantar ou de encontros.

No âmbito das produções novelescas, observamos as estratégias de sedução que a TV brasileira e mais especificamente a Globo adotam na construção de seus enredos, expondo uma discursividade na qual o real e o ficcional se imbricam. Basta olharmos com mais atenção e verificaremos que muitas questões sociais entram nas tramas com características de uma realidade social. Isso permite que os sujeitos se reconheçam numa auto-imagem produzida pelo ficcional. Estes argumentos podem justificar a preferência dos nossos interlocutores pelas telenovelas, independentemente das condições de gênero e do seu estado civil.

Como pontua Bucci (2004), o repertório da vida privada brasileira torna-se sistematizado através das telenovelas numa efetiva permuta entre o real e a ficção. Se em outros países o cinema e a imprensa escrita assumiram essa prerrogativa, aqui no Brasil é a televisão que exerce esse papel com muita preponderância, tematizando assuntos que se

²³⁰ Com as novelas inicia-se a supremacia da televisão. As novelas que até então faziam do rádio o meio mais sedutor migram para a televisão e ganham a preferência dos telespectadores. A Tupi foi quem introduziu a novela na televisão sendo o “Direito de Nascer” a que imprime um novo padrão de programação na televisão.

²³¹ A Globo apresenta três formatos de novelas que se distribuem entre as 18 horas com as novelas de época; às 19 horas com as voltadas ao humor e às 21 horas com temas mais sociais. Não citamos aqui o *Malhação* porque este se insere num outro gênero conforme discutiremos posteriormente.

confundem entre o factual e o ficcional. Assim, a televisão cria seus programas: de um lado, o telejornal com pitadas emocionais e portanto melodramáticas, e do outro, as novelas atuando como forma de integração nacional (BUCCI, 2004).

Outra constatação se verifica no sentido de que nenhum dos nossos interlocutores apontou programas veiculados pelo SBT, já que é a segunda emissora que indicam ter acesso. Tal comprovação só ratifica a supremacia que a Rede Globo exerce em relação a outros canais de televisão e, conseqüentemente, junto aos seus telespectadores e aqui especificamente perante os nossos informantes.

Dividindo seus espaços de mediações entre o entretenimento e o espaço jornalístico eles afirmam que são as informações os principais aspectos que mais chamam sua atenção nos programas mencionados. As suas escolhas se direcionam para os temas comportamentais e de variedades. 16,8% dos rapazes garantem que as informações sobre atualidades são as mais importantes, com uma primazia para as músicas, cantores, e dicas de lazer. Em seguida mencionam as prestações de serviço e, por fim, a publicidade.

As moças, 10,5 % igualmente seguem esta tendência, estabelecendo suas prioridades no âmbito da cultura, tanto no que se relaciona à música como a opções de lazer. Para algumas, temas relacionados à educação integram ao mesmo tempo as suas mediações.

Quando solicitamos que elencassem o que mais os atrai nos programas por eles indicados, na verdade não estabeleceram diferenciação entre o que realmente consideram notícia²³² e informação. No seu imaginário, os fatos ali abordados se interligam no que mais lhes desperta interesse. Ressaltamos que esse aspecto deriva-se do mundo simbólico, fantasioso e especulativo da vida privada dos artistas “globais” ou do que a televisão cria em termos de opções de lazer. Ou seja, o contínuo de imagens que recebem durante suas mediações se mistura e neste a notícia se confunde com o anúncio publicitário ou com cenas de telenovelas, uma vez que as sequências de imagens promovidas nos diversificados formatos de programas pouco se diferenciam.

Para eles atualidade significa estar ‘antenado’ com o que há de mais novo seja em termos de lançamentos musicais ou mesmo informações romanescas de seus principais ídolos.

Esta comprovação toma sentido quando apontam com primazia nomes de artistas que conheceram através da televisão. No seu universo simbólico, eles (os rapazes) direcionam suas preferências tanto para os que atuam na teledramaturgia como para os cantores e apresentadores. Entre os cantores citam, por exemplo: Reginaldo Rossi; Dominginhos, Elba

²³² A notícia é um produto de complexas interações que constituem a vida social (TRAVANCAS, 2007, P.53).

Ramalho, Zé Ramalho, Bruno e Marrone, NXO e Banda Afrodite. Em âmbito local o destaque é para o cantor regional Tom Oliveira.

Os atores por eles mencionados integram o elenco da rede Globo de televisão. São eles: Débora Secco; Reynaldo Gianecchini, Miguel Falabella e outros.

As moças também seguem esta mesma tendência. Elas apontam os cantores: Tayrone Cigano, Roberto Carlos, Ivete Sangalo, Giliardi, além das bandas Desejo de Menina e Afrodite. E ainda Madonna. No caso dos atores as suas preferências direcionam-se igualmente aos que atuam na Globo, com destaque para os que imprimem um padrão de beleza como Reynaldo Gianecchini, Fábio Assunção, Malu Mader.

Quanto aos apresentadores citam: Ana Maria Braga, André Marques e Luciano Huck.

Os sentidos que esses sujeitos constroem em torno de suas mediações, verificadas tanto pelo rádio como pela televisão, ratificam os argumentos anteriormente apresentados quando ressaltamos a sua capacidade reflexiva ao selecionar determinados produtos midiáticos ou ao se identificarem com certos atores, cantores ou personagens. O processo de identificação passa pela instância do simbólico que se operacionaliza a partir de uma multiplicidade de escolhas.

Os traços culturais que esses sujeitos apontam, através de suas elaborações simbólicas construídas pela mediação televisiva, nos autorizam a argumentar que a cultura se depara com a emergência e o apelo da pluralidade das expressões. Nesse caso, o processo de suas construções identitárias volta-se para o aspecto da subjetividade e da diferença.

No campo da notícia, do factual, embora com menor centralidade, os rapazes se direcionam para os temas atrelados à política e também para os temas policiais. O sentido que apresentam em torno da circulação social das notícias se constitui a partir de fatos apresentados ou como “espetáculos” ou ainda os “banalizados”, tão evidenciados pela televisão e que igualmente detectamos no meio radiofônico.

Eles citam catástrofes como crimes, drogas, violência, nas suas mais variadas esferas, dentre elas as domésticas. As elaborações retidas no imaginário desses sujeitos se direcionam a fatos como: ataque às torres gêmeas, desastres de aviões, poluição tóxica; ocupações do MST, envolvimento do cantor Belo com drogas, escândalo do mensalão, privatização do vale do Rio Doce, Onde nasce e onde termina o Rio São Francisco, além de outros.

Alguns confessam não se lembrar de nenhum fato²³³ que tenha lhes chamado particular atenção. Isso é justificável se considerarmos o excesso de informações, muitas delas

²³³ Esta constatação também foi encontrada junto às mediações desses sujeitos perante o meio radiofônico.

voláteis, a que são submetidos. Nesse caso, tais informações não se materializam perante a realidade desses sujeitos, já que escapam de sua mente como elementos descartáveis e, portanto, sem nenhum significado.

A sociedade globalizada instituiu um caráter de urgência e velocidade à informação, diminuindo o mundo e encurtando as distâncias. As redes de notícias via satélite transmitem informações instantaneamente para numerosos países e isso traz visíveis consequências para a conformação das percepções, mentalidades e comportamentos dos indivíduos, principalmente dos jovens em todo o mundo.

As moças acrescentam outras temáticas de interesse, como: rompimento da barragem de acauã; informações sobre milho transgênico, roubos na creche do mutirão. Três entrevistadas também indicam não se lembrar de nenhum fato que tenha despertado maior atenção, admitindo, no entanto que os temas que mais as estimulam são os relacionados a namoro, saúde e educação.

Dois pontos básicos podem ser aqui considerados: o primeiro é que os princípios que regem os conteúdos dos programas televisivos se constituem através de um conjunto de linguagens específicas de acordo com seus gêneros (formatos), resultando num excesso de informações, não permitindo, em muitos casos, que os sujeitos parem para pensar. Nesse caso, o que lhes é proposto enquanto fato social e histórico muitas vezes é esquecido.

A maneira como os telejornais “constroem” suas notícias incide de certa forma na definição de uma memória. Nesse sentido, os jovens se associam aos fatos de maior impacto, como escândalos no cenário político, tragédias, já que estes são assuntos que normalmente entram na pauta de discussão jornalística e, dependendo do seu grau de importância, permanecem nas manchetes dos telejornais por vários dias.

Há um detalhe, entretanto que deve igualmente ser levado em consideração: as identificações desses sujeitos perante tais fatos, seja pelo viés do rádio ou pela televisão, ocorreram por filtros criados dentro de um critério de seletividade compatível com as aspirações simbólicas individuais. Assim, mesmo que um fato esteja em exposição diária através da mídia, não significa necessariamente dizer que tal procedimento seja incorporado por todos indistintamente, já que a forma como articulam os conteúdos se constrói por intermédio de um processo de consciência que transita entre a indiferenciação e o interesse. Por isso, é justificável que muitos deles não consigam lembrar de fatos e/ou temas que assistiram pela televisão. Como pontua Napolitano (2001): os interesses que ficam retidos na consciência se estruturam através de “uma memória social dinâmica”.

Estudos relacionados à compreensão e à retenção da memória junto a programas noticiosos televisivos (PORTO, 2003) indicam a existência de uma “recepção pobre”, tendo em vista os baixos índices de compreensão e fixação de conteúdos de notícias veiculadas, já que as pessoas não conseguem recuperar detalhes de determinadas informações.

Um outro aspecto aqui também deve ser considerado. Estudos sobre a audiência televisiva têm demonstrado que a forma como assistimos aos programas televisivos são por vezes dispersas, fragmentadas e sem concentração. Através do efeito “zapping”²³⁴, o telespectador muda de canal (graças ao controle remoto) ao primeiro sinal de desinteresse. O resultado é a fragmentação e a consequente descontinuidade do ato de ver determinados programas.

Machado (2000) nos chama a atenção para o fato de que o efeito zapping é dotado de uma certa ambiguidade. Se por um lado, atua como um processo de resistência do telespectador, em suas palavras “uma espécie de rolo compressor da mediocridade que lhe é imposta” (MACHADO, 2000, p.205), por outro lado o sistema para atender a tais reações incorpora em sua linguagem efeitos e recursos do zapping, que acaba acionado involuntariamente pelos seus espectadores, que condicionam o ato de ver televisão a uma forma fragmentada.

Em relação aos sujeitos pesquisados, a ação de mudar de canal não é verificada, já que, conforme acentuamos anteriormente, assistem prioritariamente à Globo. Por outro lado, isso não os impede de exercer outras tarefas concomitantemente ao assistir televisão, o que resulta também num processo de audiência fragmentado.

Parece paradoxal já que o ato de ver televisão requer o sentido da visão e, consequentemente, nos remete a uma posição estática. No entanto, admitem que realizam outras atividades quando estão diante da TV. A maioria das moças indica que desenvolvem tarefas paralelas, como trabalhos domésticos, estudar ou mesmo a orientação dos filhos. Mas, alertam, “só nos intervalos comerciais”.

Os rapazes igualmente adotam tal prática priorizando suas atenções para o que realmente lhes desperta interesse. O depoimento deste jovem legitima tal constatação: “às vezes, mas fico atento quando chega à reportagem que me chama a atenção”. (GILBERTO, 21 anos. Dados Questionário-II, aplicado em 25 de Março de 2008).

Nesse caso, podemos considerar que apresentam sentidos específicos às mensagens

²³⁴ O telespectador não se fixa em determinado canal nem em programas específicos. Na primeira falta de motivação, muda de canal. Vale ressaltar que o controle remoto é o instrumento facilitador para tal prática. Ver Machado (2000).

que recebem, assimilando-as de acordo com suas necessidades individuais. Na realidade, esta nada mais é do que a produção de sentidos que os sujeitos apresentam ao interagir com os fluxos de informações que se desenvolvem de formas variadas e complexas. Tal aspecto certamente poderá estar relacionado ao da construção de identidades que se estabelece nesse complexo mundo simbólico da audiência.

Vale ressaltar que as mediações desses jovens junto à televisão condiciona-se ao que esta “oferece”, e este aspecto atrela-se a uma racionalidade econômica que seus produtores utilizam através das estratégias de mercado. Ou seja, a mídia e no caso específico a televisão, funciona dentro e através do domínio do discursivo, não podendo ser vista fora do contexto das relações de poder, o que equivale a dizer que os ‘*media*’ por serem meios de comunicação ideológicos, operam no campo da construção social do sentido com origens centradas para as estruturas sociais (HALL, 1997).

No entanto, é necessário chamarmos a atenção para o fato de que embora essa racionalidade econômica atue através de uma visão unidimensional, os sujeitos estabelecem seus filtros a partir de uma racionalidade simbólica (Bourdieu) com modos diferenciados de usos e apropriações desses “bens culturais”. Ou seja, as suas elaborações narrativas alcançam contextos distintos regidos pela posição que ocupam no espaço social, criando assim suas identidades.

Aprofundando a argumentação defendida por Thompson (2002) podemos dizer que apesar de os indivíduos terem pouco controle sobre os conteúdos simbólicos que lhes são oferecidos pelo viés da mídia, ainda assim podem usá-los, trabalhando e reelaborando seus sentidos, de acordo com suas necessidades específicas e seus contextos sócio-históricos.

Mesmo que não tenham o poder de intervir diretamente na qualidade da programação que lhes é “oferecida” de forma verticalizada, ainda assim têm o livre arbítrio de assistir ou não determinado programa; de concordar ou não com o que ali é abordado. Logo, nem sempre as condições objetivas dos produtores são absorvidas pelos sujeitos, já que estes as reelaboram. No entender de Thompson (2002), esta é uma “atividade situada”.

Dessa forma, podemos considerar que a recepção midiática ocorre a partir de uma estruturação de transmissões simbólicas, através da qual os sujeitos receptores intervêm no processo comunicativo. O autor oferece pistas significativas à compreensão desta dinâmica, argumentando.

A recepção dos produtos da mídia é fundamentalmente um processo de hermenêutica. Os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação através do qual “esses produtos adquirem sentido” (THOMPSON, 2002, p.44).

Assim, ao prestar atenção a uma determinada oferta midiática, o indivíduo desenvolve uma interpretação, resultando numa nova atividade de conteúdo simbólico, através do produto inicialmente oferecido. Apropria-se do conteúdo, reelaborando novos significados. Tal constatação se legitima se considerarmos, por exemplo, que o ato da recepção não se limita apenas àquele momento, já que alguns temas são frutos de comentários da coletividade o que resulta num processo de reflexão, mesmo que de modo indireto.

Observando estes aspectos junto aos nossos interlocutores verificamos que a maioria estabelece momentos de discussão em relação aos conteúdos por eles absorvidos, confessaram que comentam com outras pessoas aspectos interessantes de suas mediações televisivas. Dos rapazes, apenas 1 admitiu que não promove tal prática. Os comentários gravitam em torno do que mais assistem e as cenas de novelas se destacam com 14,7 % entre os nossos jovens. Assuntos como esporte, política e conteúdo policial também figuram na pauta de discussão desses sujeitos. Com menor proporção, outros citam informações atreladas ao MST.

As moças entram neste mesmo circuito, direcionando suas temáticas para as cenas de novelas, dentre elas *Malhação*, do *BBB*, e em menor proporção apontam as questões relacionadas à política, à violência e à saúde.

A preferência por cenas de novelas como tema centralizador de suas discussões não é peculiaridade apenas desse grupo juvenil. No contexto da sociedade brasileira, e porque não dizer Latino Americana, a novela tem adquirido dimensões de fato nacional. A ficção televisiva consegue mobilizar as pessoas, promovendo o debate numa aura de “simulacro de participação”, na qual os sujeitos vivenciam determinadas cenas como se reais estas fossem. Nesse caso, a novela promove entre os sujeitos a manifestação de suas representações, como se estes se inserissem numa “comunidade nacional imaginária”. Sobretudo, se considerarmos que, mesmo em proporções bastante reduzidas, as novelas têm aberto espaços para retratar aspectos do cotidiano, pautando discussões sobre problemas sociais, o que provoca a identificação e reconhecimento por parte do público.

As características que regem as estruturas sociais são constitutivas tanto da produção de formas simbólicas como também dos modos pelos quais os indivíduos em seus contextos sócio-históricos específicos a recebem. Sob este prisma, o processo de recepção não pode ser considerado de forma alguma como um procedimento passivo de assimilação, mas “como um método criativo de interpretação e avaliação no qual o significado das formas simbólicas é ativamente constituído e reconstituído” (THOMPSON, 1995, p.201).

Mesmo que o entretenimento esteja entre as mediações prioritárias desses sujeitos, eles também consideram que o telejornal é um espaço importante para as suas construções identitárias, principalmente porque muitos jovens se informam apenas por este meio.

Regina, 14 anos, atesta que a melhor maneira de se informar é pela televisão, assistindo ao jornal, pela Globo. Nota-se que a preferência pela emissora confirma sua hegemonia da audiência, fenômeno que transcende os espaços urbanos com grande evidência.

Wilson, 20 anos, corrobora deste mesmo pensamento; “gosto de assistir para saber das notícias”. (Dados Questionário-II, aplicado em 25 de Março de 2008). Além do viés informativo, os meios de comunicação, e especialmente a TV, ocupam um lugar cultural na vida das pessoas e dos grupos sociais.

No que diz respeito ao item informação a maioria conduz seus sentidos para aspectos educativos que a televisão em alguns momentos evidencia. Admitem que muitas informações veiculadas já os beneficiaram de alguma maneira: seja através da prestação de serviços como alistamento militar, realização de cursos e eventos culturais ou mesmo com campanhas de orientações, principalmente as relacionadas a drogas e sexo que, na opinião desses jovens, são úteis para sua formação e funcionam como meios coletivos de conscientização. Percebe-se, nesse viés, a atuação desses sujeitos como agentes de sua trajetória social, capazes de articular novos significados para o estar no mundo.

John, 16 anos, argumenta que “tem gente que pensa que a pessoa falando sobre prevenção pensa que é influencia negativa, mas acho educativo” (Dados Questionário-II, aplicado em 18 de Março de 2008).

Fernando, 17 anos, também defende que este é um meio de conscientizar as pessoas. “Tem jovens que não estão nem aí, pelo menos na televisão mostra isso (Dados Questionário II, aplicado em 18 de Março de 2008).

As moças igualmente compartilham desta mesma compreensão. Lucinara, 15 anos, assim se coloca: “eu acho que é importante, muita gente se perdendo cedo, muita gente usando droga, ajuda mais as pessoas” (Dados Questionário-II, aplicado em 25 de Março de 2008).

De forma mais incisiva Jucélia, 27 anos, se pronuncia: “está mostrando as pessoas como são as coisas. Cada qual segue o que quer”(Dados Questionário-II, aplicado em 18 de Março de 2008).

O relato de um jovem indica que muitas das campanhas empreendidas pela televisão o faz lembrar de problemas sociais que já vivenciou quando estava na marginalidade, cometendo delitos e usando drogas. Para ele essas orientações são muito importantes, pois faz

o jovem refletir sobre determinados procedimentos (Dados Questionário-II, aplicado em 18 de Março de 2008).

Esta outra²³⁵ cita sua experiência própria: “Acho que sim, pois eu engravidei com 15 anos”(Dados Questionário-II, aplicado em 18 de Março de 2008).

Diante de tais depoimentos podemos considerar que boa parte das mediações empreendidas por esses sujeitos atua em suas vidas de acordo com suas necessidades individuais. Tal aspecto só ratifica nossa compreensão quando aqui enfatizamos que o processo de recepção diante das ofertas midiáticas ocorre de forma negociada, ora por aproximação, ora por rejeição. Nesse sentido, as mediações apresentam relações imediatas com situações concretas vivenciadas por esses sujeitos.

Quando o assunto é política, a tônica é outra, pois conduzem suas falas com um grau de criticidade. Artur, 16 anos, declara que gosta de assistir ao jornal porque “é onde mostra os nossos representantes dando mal exemplo, os deputados”(Dados Questionário-II, aplicado em 18 de Março de 2008).

Grande parte da matéria-prima do jornalismo direciona seu foco ao *campo* político que, ressalte-se, tem sido periodicamente marcado por escândalos com dependência total de cobertura midiática, muitas vezes apresentada na forma da espetacularização, mantendo a população numa sujeição emocional permanente. Tais fatos são, portanto, estimuladores para que a opinião pública vincule suas mediações a atos de julgamentos perante os fatos dessa natureza que integram diariamente a pauta dos telejornais. É o que ocorre com os nossos informantes. Suas produções simbólicas baseiam-se em pressupostos que operam dentro de uma realidade social na qual eles apresentam reações, muitas delas adversas, o que demonstra que o sistema das mediações por eles empreendidos no ato recepção não atua sob a esfera da dominação.

Nessa ótica, não se aplicam aqui as teses da “recepção passiva”, pois o processo de mediação lida diretamente, conforme observamos, com a fragmentação da vida social e de suas inquietações, produzindo reações e interpretações diversas.

Ao longo deste percurso, no qual tentamos compreender como nossos pesquisados constroem seus sentidos frente aos efeitos midiáticos, percebemos que estes, através de suas mediações, passam a conviver com um conjunto de processos sociais fragmentados e fluídos que flexibilizam as suas construções identitárias.

Para oxigenarmos melhor esta discussão, pela matriz do meio televisão, tomaremos

²³⁵ Optamos mais uma vez em não apresentar esses sujeitos.

como estudo de caso o Programa Malhação, apontado pelos sujeitos integrantes desta pesquisa como uma das suas principais mediações no âmbito da comunicação.

4.2- O Programa Malhação: Eixo de Matrizes Interacionais e Simbólicas

Desde o início da nossa pesquisa de campo, quando detectamos as preferências midiáticas desses sujeitos, uma questão em particular nos instigava a prosseguir no processo de investigação. Queríamos entender dentro do mundo simbólico desses sujeitos o que de fato os estimulava a assistir ao Malhação. Embora o programa se direcione a um público especificamente jovem, o que motivava nossos interlocutores a adentrar em um mundo que não se coaduna com a sua realidade social? Por que assistir a um programa que retrata uma suposta realidade de jovens inseridos em estratos sociais do meio urbano, da região sudeste do país? Que sentidos eles constroem a partir dos conteúdos ali difundidos e o que incorporam ao seu estilo de vida?

Antes de adentrarmos no mundo simbólico desses sujeitos é salutar traçarmos os aspectos técnicos que marcam o Programa Malhação.

4.2.1- Características Técnicas

O Malhação surge no ano de 1995, com uma proposta de atender a uma demanda de público jovem, numa faixa etária de 14 a 18 anos, sendo exibido no horário da tarde, das 17:30 às 18:00 horas, contabilizando 30 minutos de duração.

Trata-se da primeira produção brasileira no formato “*soap opera*”²³⁶, programas melodramáticos caracterizados por uma formatação na qual não há uma versão final, nem tampouco uma fixação de temas ou personagens. Essa rotatividade de gentes e histórias parece acompanhar o estilo imediatista das novas gerações de receptores, uma vez que as narrações estão “em processo”, vivenciadas de modo imprevisível.

Malhação foi idealizado baseado em seriados norte-americanos que alcançaram sucesso nos Estados Unidos, nos anos 90, a exemplo da série “Beverly Hills”²³⁷, transmitida pela FOX, TV americana, por quase 10 anos, direcionada ao mundo jovem com abordagens de assuntos como: drogas, sexo, gravidez na adolescência, conflitos familiares dentre outros

²³⁶ Uma das suas características é o término indefinido. Ou seja, a história continua apesar de haver uma finalização na trama.

²³⁷ Tratava de temas do cotidiano de um grupo de jovens moradores de uma área elitizada em Beverly Hills, Califórnia.

temas. Aqui no Brasil a versão similar de tal série intitulada “Barrados no Baile” foi retransmitida com sucesso.

Outro seriado americano que igualmente ajudou na composição do Malhação foi o “Melrose Place” que também nos anos 90 fez grande sucesso na programação televisiva norte-americana, apresentando enredos que envolviam os jovens e seus conflitos. Essa série esteve no ar por sete anos e aqui no Brasil foi exibida inicialmente pela rede Globo, sendo posteriormente retransmitida pela Bandeirantes como o nome de “Melrose”.

Há controvérsias sobre o real formato do Malhação²³⁸. Ao longo de sua trajetória histórica já passou por diversas adaptações estruturais. Em um primeiro momento apresentava-se com características de seriado, posteriormente como novela²³⁹, chegando a desenvolver aspectos ficcionais e reais simultaneamente. Na fase atual, apresenta características de telenovela com nuances de *soap opera*.²⁴⁰

A composição do programa se desenvolve inicialmente nos estúdios da Cinédia, instalado em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, estruturado em torno de temporadas. Ao longo dos seus 14 anos de existência já vivenciou 16 dessas, alternando os temas retratados, de acordo com princípios circunstanciais..

Circunda uma pluralidade de ideais, já que se constitui dentro de um processo de criação coletiva, no qual não há um único autor. Ou seja, a cada fase constitui-se uma nova produção, não havendo, portanto, um único estilo autoral. Nesse sentido, a cada temporada uma temática é abordada representando aspectos de domínio do mundo jovem, enfocando cenas do cotidiano dos jovens da sociedade carioca de poder aquisitivo alto.

A trama ressalta histórias vivenciadas no cotidiano dos jovens, a partir de seus espaços de sociabilidades, como família, escola, academia, amigos. As relações amorosas permeiam todos os enredos, buscando reproduzir os desejos romanceados da juventude, a partir de suas complexidades interacionais.

Por se tratar de uma produção voltada para este público os seus principais personagens são vivenciados também por jovens atores que normalmente estão iniciando carreira profissional no mundo da dramaturgia. A cada temporada um casal assume o protagonismo, ocupando o núcleo de toda história. Ressalte-se que após essa experiência,

²³⁸ Ver Fernandes (1997); Alencar(2002); Borelli(2002) e Paiva (2001).

²³⁹ Enquanto uma novela tradicional dura em média seis meses com aproximadamente 150 capítulos, um soap opera pode atingir até 10 mil episódios. O mais longo da história da TV é uma produção na Inglaterra que durou 44 anos. Era conhecido como “Coromations Street” lançado no ano de 1961.

²⁴⁰ Como há controvérsias em relação ao real formato de Malhação aqui o identificaremos como um programa de entretenimento.

muitos migram para outros horários, ocupando outros papéis na grade de programação da emissora globo.

Ao longo de sua trajetória histórica o programa já passou por diversas adaptações na tentativa de se adequar ao perfil do seu público alvo, sempre com a preocupação de manter preservado o seu foco temático, na relação com tal público.

O primeiro tema a ser abordado (1995) foi “Está no ar”, que marca a estréia do programa, sob a direção de Flávio Colatrello e Lenadro Néri, com texto de Andréa Maltaroli, Patrícia Moretzsohn, Mercia Prates e Emanuel Jacobina. O cenário inicial acontece numa academia de ginástica, local de encontros da “galera jovem”. A cada semana apresentava-se um tema que era protagonizado pelos personagens entre as aulas de aeróbica e musculação.²⁴¹

No ano seguinte, uma nova versão é apresentada com o tema “Luiza e Dado”, com texto dos autores Gloria Barreto e Felipe Miguez, juntamente com os da temporada anterior. Já em 1997, o tema explorado foi “Romantismo”, com autoria de Carlos Lombardi, Patrícia Moretzsohn, Andréia Maltaroli e Emanuel Jacobina, também sob a direção de Fábio Colatrello.

Perdendo audiência nessa fase, mudanças começam a ser implementadas na estrutura do Programa e, de forma experimental, institui-se o *Malhação Férias*, que se constitui como a primeira renovação no formato anterior.

Em 1998, o programa apresenta mudanças significativas com uma equipe de 6 redatores e um redator final imprimindo um novo perfil. Um segundo título *Malhação Aventura* é instituído, abrindo espaço para temáticas como drogas, violência e campeonatos de automobilismo. Busca-se “sugerir” autonomia para a juventude com o tratamento dessas questões de cunho conscientizador!.

Buscando alcançar espaços de audiência ainda neste mesmo ano, estreia uma nova fase com o *Malhação. Com.* O tema “interatividade”, com textos de Patrícia Moretzsohn, Maria Mariana, Emanuel Jacobina, Andrea Maltaroli e Ricardo Hofstetter, buscava a participação do público através da internet. Com seu novo formato, o Programa passa a ser apresentado ao vivo em cenário único montado em um quarto “Muquifo do Mocotó.”²⁴² Por e-mail ou telefone enviados à produção, o público interagia indicando cenas de produções anteriores a serem reapresentadas.

²⁴¹ No seu primeiro ano o Programa chegou a atingir a média de 34 pontos no horário (Dados site malhação.com).

²⁴² O protagonista chamava-se Mocotó interpretado pelo ator André Marques, um dos apresentadores do Vídeo Show atualmente.

O *Malhação.com* pode ter sido considerada uma fase relâmpago do programa, pois não alcançou o êxito desejado, permanecendo no ar com esse formato até outubro de 1999. A partir daí, novas mudanças são implementadas,²⁴³ a academia volta a ser enfatizada com mais aventuras entre os personagens. Entretanto, essa também foi uma fase rápida durando apenas 3 meses. Em meio a várias adaptações surge ainda neste ano o “*Malhação Múltipla Escolha*”. No local onde funcionava a academia Malhação instala-se uma filial de um dos melhores colégios da cidade. A escola passa a ser o cenário principal do programa, constituindo um espaço onde os jovens centralizam e vivenciam suas experiências. Inicia-se assim, a terceira geração do Programa que se estende até o ano de 2007.

As temporadas subsequentes vão ter como cenário principal o citado colégio. Em 2000, *Emoções em dose dupla* trata do tema preconceito vivenciado por um casal portador do vírus HIV; a oitava temporada (2001) versa sobre a *corrupção*. No ano seguinte (2002), nona temporada, a abordagem se direciona para o *erro médico*, já em 2003, na sua décima temporada, o tema veiculado é *Destinos cruzados*. Em 2004, décima primeira temporada, o programa explora o potencial artístico dos jovens através de uma banda de pop rock intitulada *Vagabanda*, tema da citada temporada. A temática da gravidez, “*Grávida Eu?*” é o foco abordado na versão 2005,²⁴⁴ décima segunda temporada. Em 2006, o foco se direciona à instituição família, “*Famílias modernas*”, que consagra a décima terceira temporada vivenciada pelo Malhação. Outra temática, no ano seguinte, décima quarta temporada, abre espaço para a educação “*a importância dos pais na educação dos filhos*.”

A partir de 2006, o Programa vem sofrendo baixas na audiência. Em 2007, por exemplo, teve sua temporada reduzida. A duração, que deveria se estender até janeiro de 2008, foi finalizada em outubro. As mudanças de cenários não foram suficientes para atrair maior audiência, somando-se ainda à repetição de temas sem variações no seu contexto principal²⁴⁵.

A décima quinta temporada (2007-2008) institui novas mudanças²⁴⁶, constituindo-se como a quarta geração do Programa. O Colégio Múltipla Escolha se funde com o colégio Ernesto Ribeiro. O tema central *Amor proibido* é explorado em várias dimensões: numa

²⁴³ O Programa passa a ser dirigido por Ricardo Waddington.

²⁴⁴ Em 2005, ao completar 10 anos de produção, 500 atores, mais de 35 autores e diretores já haviam atuado no Malhação.

²⁴⁵ Uma das piores médias de audiência verifica-se em 2008 chegando a atingir 12 pontos. Isso devido ao horário de verão. Após seu término, o programa volta a cravar a média de até 24 pontos. Para o horário do Programa a meta de audiência é de 25 pontos. (ver Site Uol)

²⁴⁶ 80 por cento do elenco foi modificado.

primeira fase trata sobre a *Diversidade entre os indivíduos*²⁴⁷; *Virgindade e gravidez precoce*; *A sua prisão é você quem escolhe*; *Entre a razão e o coração* e *Pequenas grandes decisões* foram os temas transversais que marcaram a citada temporada.

O tema *Adolescência* caracteriza a estreia da décima sexta temporada (2009) e demarca a quinta geração do programa. O palco das encenações, além do colégio, funde-se com o de um shopping, explorando ainda cenários de academia, restaurante, livraria, quiosque de cosméticos e *loft do Peralta*.

Ao longo de sua trajetória, o Programa criou várias aberturas com efeitos dos mais diversificados: Academia I e II (1995-1998); Radical (1998) Interativa (1998-1999); Fotografias (1999-2003); Efeitos Alaranjados (2003-2006); Skate (2006-2007) ;Objetos tridimensionais (2007-2009) e Animação em terceira dimensão (a partir de 2009).

Um outro aspecto explorado pela produção é o relacionado aos temas musicais que ilustram o programa nas cenas de abertura. Até a sua décima sexta temporada inseriu em sua programação 6 trilhas musicais interpretadas por cantores como: Lulu Santos (Assim caminha a humanidade - 1995-1999); Charlie Brown Jr (Lutar pelo que é meu- 2006-2007); Strike (Paraíso Proibido-2007-2008) e ainda Nx Zero com as músicas *Daqui pra frente* e *Bem ou Mal*.²⁴⁸

Como forma de interagir com seu público-alvo o Site do Malhação criou espaços na internet com blogs dos personagens *Blog da Domingas*, *Quadribanda*, *Yasmin* e *blog da Banda auto-sustentável*.

Apresentada a composição técnica do Malhação, que figura numa proposta de sedução junto ao seu público- alvo, nos destinamos agora a traçar o mapa da recepção dos nossos pesquisados, no intuito de melhor compreendermos suas construções identitárias, a partir da interação com o referido programa.

4.3- O Mapa da Recepção

O Malhação integra boa parte das mediações dos nossos jovens, sujeitos que atestam assistir ao programa com assiduidade. 50% dos rapazes admite assisti-lo pelo menos 3 vezes por semana. (10% diariamente; 20% esporadicamente; 20% raramente; 50% frequentemente²⁴⁹).

²⁴⁷ Este é o tema central das oficinas temáticas realizadas com os interlocutores dessa pesquisa.

²⁴⁸No período de 1996-97 os cantores internacionais Alanis Morissette e Jon Bon Jovi fizeram uma participação especial em dois episódios do Programa.

²⁴⁹Frequentemente corresponde a pelo menos 3 vezes por semana.

As moças apresentam maior fidelidade de audiência: 70% delas assistem ao programa diariamente, 20% esporadicamente e 10% frequentemente.

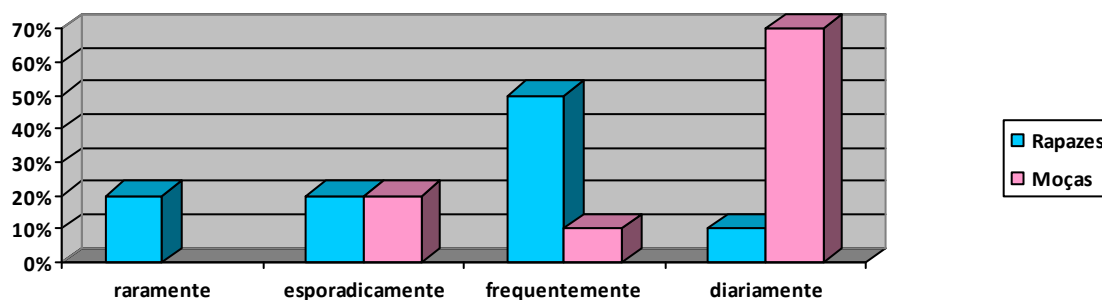


Gráfico XIX- Audiência do programa Malhação

A fidelidade que apresentam junto ao processo de audiência do Programa não ocorre apenas nos dias que reservam para assisti-lo, mas também em relação ao tempo que acompanham Malhação nas suas várias temporadas. Tanto os rapazes como as moças indicam que há pelos menos 3 anos são telespectadores assíduos.

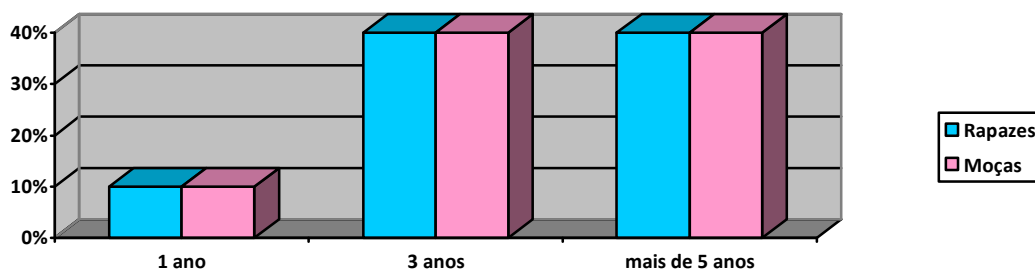


Gráfico XX- Tempo de audiência do programa Malhação

Embora o programa apresente a peculiaridade de ser voltado ao público jovem , as mediações dos nossos interlocutores junto ao mesmo ocorrem também com a presença de outros membros da família. 70 % dos rapazes e 90% das moças compartilham sua audiência com os irmãos, os pais ou amigos. As moças casadas, por exemplo, indicam assistir acompanhadas dos filhos.²⁵⁰

²⁵⁰ Mais uma vez apresentam indícios de que o processo da audiência televisiva ocorre em espaço coletivos e compartilhados, para além das definições de faixa etária ou de posição social.

Diante da assiduidade perante o citado Programa, que leitura eles fazem do mesmo a partir de seus conteúdos? Que filtros estabelecem no que concerne ao que ali é abordado? E o que dali transportam para suas vidas em nível de valores, de representações, do que é ser exatamente jovem?

As reflexões que apresentaremos a partir de agora são oriundas das experiências vivenciadas quando da realização das oficinas focais.

4.4- Tecendo os Fios dos Sentidos

Os momentos vivenciados durante a realização das oficinas temáticas nos permitiu adentrarmos mais ainda na observação das subjetividades desses sujeitos, a partir de suas produções de sentido acerca do que haviam abstraído e dos filtros estabelecidos em suas mediações.

Na oportunidade da primeira oficina junto aos jovens que integram os grupos I e II (Logradouro e Bonfim) nos deparamos com gratas surpresas. Antes de qualquer intervenção nossa, apresentaram uma mística de forma teatralizada, na qual incorporaram a performance de alguns personagens e ressignificaram cenas anteriormente assistidas. Ali eles abriam pistas para nossas investigações na medida em que indicavam suas leituras sobre o programa, a partir de sinais bastante evidentes:

A gente sempre começa nossos encontros com uma mística e como hoje iamos falar sobre a televisão e em especial Malhação ai veio esta ideia da gente criar uma cena usando os próprios jovens. A gente se divertiu fazendo. Algumas coisas foi a gente assistindo esta semana, a gente tirou algumas cenas e envolveu na mística. As falas fomos nós que criamos em equipe com a ajuda de um, de outro. Ontem à noite me reuni com mainha e montamos o esqueleto e depois trouxemos para os colegas, discutimos e fizemos.(MARIA VITÓRIA, 14 anos. Fala espontânea - Oficina focal realizada em 15 de Março de 2008).

As cenas por eles interpretadas falavam sobre a exclusão social que os jovens, sobretudo do meio rural, são submetidos, demonstrando assim, na ótica do grupo, aspectos negativos que perpassam o contexto do programa. Havia frases de desabafos nítidos em cartazes como: “Eu não me sinto representado”; “E Nós porque não somos notados? “E nós que somos excluídos, qual a nossa oportunidade”? Naquele momento aqueles sujeitos demonstraram a capacidade crítico -reflexiva diante das questões sociais que permeiam seus espaços e que são evidenciadas no campo da ficção.

Antônio, 23 anos, justifica aquele ato:

de certo modo nas novelas os negros sempre são apresentados com preconceito. As classes mais pobres. As novelas sempre colocam os negros os jovens negros nas classes mais baixas (Fala espontânea- Oficina focal realizada em 15 de Março de 2008)

Para John, 16 anos, falar sobre os excluídos é importante, “porque a gente se sente acertando na conjuntura dos jovens. Vale a pena a gente fazer isso, se inspirar mais ainda, porque está na nossa vida diária. Não como está na televisão e com tudo que aparenta ser”. (Fala espontânea- Oficina focal realizada em 15 de Março de 2008).

Ainda com a frase “temos que ter cuidado, por traz disso há muitas mentiras”, eles anteciparam suas primeiras reflexões sobre o programa, indicando de antemão que o mesmo não representa a realidade tanto dos jovens da periferia como do meio rural.

Na nossa compreensão, aquele ato se configurou de forma muito evidente como um fazer político apregoado por aqueles sujeitos numa dimensão reflexiva diante das questões sociais que circundam suas vidas. Atuaram como atores ativos e críticos, que se posicionam perante a realidade.

O pensamento de Maria Vitória, 14 anos, sintetiza o dos demais jovens.

Além de não mostrarem a realidade de nós jovens do campo e que fazemos parte de um movimento social, o que eles mostram é uma vida diferente. Eu acho que boa parte dos jovens não se sentem representados pelo programa, porque é uma coisa que pra gente não tem muita lógica, porque não mostra a nossa realidade, como a gente vive. E quando mostra alguma coisa que tem a ver com o campo é uma coisa totalmente diferente que a gente olha assim e diz: não tem nada a ver (Fala espontânea - Oficina focal realizada em 15 de Março de 2008).



Ilustração XI- Mística

Mesmo compreendendo que aquela mística representava uma das mais legítimas formas de expressão daqueles sujeitos, precisávamos ainda compartilhar outras experiências, pois como todo investigador cuidadoso não podíamos nos render às primeiras impressões que se apresentavam naquele campo. Nesse sentido, estabelecemos, inicialmente, uma dinâmica de recontar episódios de programas anteriormente assistidos. Era uma estratégia que nos proporcionaria elementos para entendermos as aspirações simbólicas daqueles sujeitos a partir do que abstraíram das suas mediações, sem nenhuma intervenção que possivelmente pudesse induzir os seus posicionamentos. Isso também representou uma tentativa de estimular pontos de reflexão sobre elementos que por ventura tenham aguçado os seus sentidos.

Aquele foi mais um momento de expectativa que vivenciamos, pois a metodologia proposta só alcançaria resultado se eles de fato tivessem assistido ao programa durante a semana. Para nossa felicidade, fizeram o “exercício de casa”, ratificando, portanto, o que haviam declarado anteriormente com relação ao processo de audiência que estabelecem perante o referido programa.

Durante a realização das oficinas, as mediações empreendidas junto ao programa foram discutidas entre os participantes que forneceram comentários através de estruturas narrativas nas quais elaboraram discursivamente seus pontos de vista, reconstituindo episódios. Esse momento se constituiu precioso para a nossa análise, pois a autonomia da narração de suas escolhas ajuda a pensar o ambiente social onde se inserem, compondo o mundo de suas fantasias, desejos, reivindicações, sentimentos de exclusão. A ficção, assim, estabelece espaços para negociações e interpretações.

Jandyra, 28 anos, apresentou uma sinopse do que havia assistido, relatando cenas que para ela foram significativas. A primeira, sobre um concurso de teatro no qual os jovens participaram e venceram; a outra direcionou-se a valores morais. A cena tratava de atos de chantagem²⁵¹, que na opinião desta depoente, corroborada pelos demais jovens, não deveria ser um ato evidenciado, pois transmite uma mensagem totalmente negativa, fazendo crer que “o dinheiro paga tudo. Pode comprar o ser humano”.

Eu acho que essa cena não deveria passar, principalmente no horário que é o Malhação, muito cedo, todo jovem assiste. O jovem que já é mais ou menos, o boyzinho, acha que estando com dinheiro está

²⁵¹ O personagem Felix Rios se dispunha a pagar pela cirurgia que a protagonista Angelina deveria submeter-se, vítima que foi de um acidente quando participava juntamente com outros jovens de um passeio ecológico, caso seu namorado, Gustavo, assumisse o namoro com a sua filha, Débora, a vilã.

acima de tudo, acima de todas as leis. Acha que pode comprar tudo (Fala espontânea-Oficina focal realizada em 08 de Março de 2008).

Kátia, 18 anos, direcionou seu foco de atenção para uma outra abordagem que tratou sobre a temática da adoção²⁵². Segundo seu pensamento, este foi um aspecto positivo transmitido, pois no seu entender “pai é aquele que cria, não o que faz”. (Fala espontânea-oficina focal realizada em 08 de Março de 2008).

Eles se posicionam geralmente na perspectiva de negação e, portanto, crítica frente à conduta de alguns personagens, destacando as questões que agregam os valores morais, pautados por intrigas, traições, mal caráter, falsidades, atitudes negativas, o que pode “deseducar” a audiência.

Fazendo uma relação de tais temas com seu cotidiano, indicam que alguns aspectos ficcionais são de fato por eles vivenciados, principalmente os que se relacionam aos valores morais, de experiências galgadas para alcançar determinadas conquistas, e os que tratam das relações sociais com os que ali habitam. Apontam pelo menos três exemplos: falsidade, falta de solidariedade e infidelidade²⁵³.

Jandyra, 28 anos, com cuidado anuncia: “aqui dentro tem um pouco de tudo: inveja, fofoca, ciúme, querer ser mais do que o outro (Fala espontânea-Oficina focal realizada em 08 de Março de 2008).

Gilberto, 21 anos, segue o mesmo posicionamento: “a questão da falsidade tem a ver um pouco com a nossa vida” só quem vive aqui dentro é quem sabe”. (Fala espontânea-Oficina focal realizada em 08 de Março de 2008). Como se percebe, a ligação entre o individual e o social, o popular, a cultura e os estratos sociais, pano de fundo dos episódios da ficção, abre um leque de questões para que esses jovens repensem seu lugar no mundo e a sua condição na sociedade.

Décio, 15 anos, cita o exemplo de um amigo que gosta de tocar e, para fazer parte de uma banda teve que se submeter a testes.” É do mesmo jeito que passa na Televisão”, pontua. (Fala espontânea- Oficina focal realizada em 08 de Março de 2008).

O que observamos diante destes posicionamentos é que a produção de sentidos que apresentam sobre tais questões são ressignificadas dentro das representações sociais daqueles sujeitos, incorporando-as sempre ao seu espaço cotidiano. Nesse caso o nível de compreensão

²⁵² Esta é uma situação vivenciada por um jovem da ficção que não aceita a sua condição de ter sido adotado.

²⁵³ Estabelecendo um paralelo entre o que anteriormente haviam anunciado (cap I) sobre a rede de solidariedade que o Movimento defende dentro dos assentamentos e que asseveram por em prática, encontramos aqui uma certa contradição.

que esboçam acena para o fortalecimento dos costumes concernentes às especificidades vivenciadas no seu mundo. Em estreito contato com a realidade mediatizada, eles repensam sua própria realidade, atribuindo sentidos ao que são e como agem.

No desdobramento das oficinas, novas questões surgiam e nos inquietavam sistematicamente. Estabelecemos então alguns pontos de observação: na visão deles como o programa fabrica a realidade? Quais exemplos ressaltados podem ser encontrados no cotidiano daqueles jovens? Como eles percebem e expressam as questões de interesse social que perpassam o programa?

Conversando com nossos interlocutores indagamos inicialmente aos mesmos de que realmente trata o programa. Na verdade, queríamos entender as subjetividades desses sujeitos, a partir dos espaços mediados e o que de fato eles retinham em suas memórias, já que como ressaltamos anteriormente, o processo de retenção de memória das mediações televisivas ocorre de modo fragmentado.

Apenas 2% deles afirmaram não se lembrar ou não saber expressar o que de fato o programa aborda. Para esses, certamente, os fluxos informacionais ali veiculados não se coadunam com as suas aspirações simbólicas. Eles próprios admitem assistir ao programa por “falta de opção”. Nesse caso, muito mais do que um espaço de entretenimento, o *Malhação* configura-se apenas como uma mera ocupação do tempo livre desses sujeitos. Se o espaço social que ocupam não lhes oferece meios para o exercício do lazer, a alternativa é a televisão.

A maioria, no entanto, foi categórica em suas respostas: o *Malhação* trata de questões atinentes ao mundo dos jovens, ressaltadas pelas formas de relacionamentos (amizade, solidariedade) e seus comportamentos (drogas, educação e violência). Para alguns, nas suas entrelinhas, aborda questões sociais, observadas através das diferenças econômicas e étnicas. Mais uma vez o racismo é mencionado.

Tais posicionamentos configuraram-se como os primeiros indícios de que a circulação dos bens simbólicos desses sujeitos diante das suas mediações²⁵⁴ em relação ao programa ocorrem através de um fluxo cultural, que se apresenta de forma fluída diante das expressões de sentidos que eles previamente anunciaram.

Boa parte dos integrantes da pesquisa indica que o comportamento de determinados personagens, como os vilões, principalmente, é o item que mais desperta suas atenções. Na visão daqueles sujeitos, os atos de preconceito são abomináveis e não se coadunam com as suas posturas. Eles rechaçam, sobretudo, as cenas que tratam das diferenças sociais nas quais

²⁵⁴ Martin- Barbero(1998) considera a mediação como um processo comunicativo que se move para o espaço da experiência do sujeito a partir da interação entre produção e recepção.

os “pobres são apresentados de forma discriminada”. Aliás, esta foi a primeira manifestação que esboçaram quando da mística por eles apresentada e já comentada anteriormente.

As leituras que apresentam são coerentes com a mensagem da ficção. O programa, nas suas entrelinhas, referenda valores que permeiam o termo preconceito, localizados não só pela questão socioeconômica, mas pela cor, pelos padrões de beleza. Este foi o foco central que unanimemente os jovens pesquisados destacaram.

Fátima, 26 anos, assim se posiciona:

Essas cenas são negativas porque vai criar em nossos filhos e nos jovens de um modo geral uma imagem de que quem é pobre não é ninguém. Esses temas não deveriam ser explorados pelo público-alvo que o programa atinge. (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

Gilberto, 21 anos, também apresenta sua reação contrária, argumentando que a pessoa por ser pobre também tem o seu valor.

Percebemos, neste caso, que embora submetidos a um enquadramento, seja de ordem organizacional ou mesmo ideológica, é possível que ocorra um certo distanciamento junto ao que se anuncia, podendo haver concordância ou não com os espaços simbólicos construídos e pré-fabricados.

No campo de suas subjetividades, ao mesmo tempo que refletem sobre as desigualdades sociais também apresentam uma leitura crítica sobre a mídia quando a mesma aborda os aspectos sócio-culturais de forma estereotipada e discriminatória. Isso demonstra, sobretudo, que as maneiras de ler e ver o que a ficção nos mostra, aponta o papel que as subjetividades possuem na construção do auto conhecimento dos sujeitos.

Um procedimento adotado na realização das oficinas focais foi considerar o momento das falas dos participantes, o que é denominado pela antropologia como “evento de fala”. Aqui retratamos um desses momentos férteis, quando comentaram uma cena que tratava de discriminação, em que um dos personagens representando o jovem rico, desdenhava da condição financeira de um outro jovem.²⁵⁵

Décio, 15 anos, saiu em defesa e assim se colocou:

O rico pensa que o dinheiro leva ele para a altura, que ele é mais do que os outros. E tem rico que não gosta de pobre. Mas isso é besteira, um pobre pode conseguir isso também. Um amigo meu o sonho dele era possuir um MP3, não é negócio de rico. Ele trabalhou, trabalhou, e olha aí, arrumou, MP3, celular, pronto. Esse negócio de rico é usar tudo do bom e do melhor, mas a gente tem que lidar com o que a gente tem. Quer dizer que porque é rico, com casa, com empregado, quando a gente chega lá é escarrado? Você não pode entrar aqui porque você é pobre. Como também a questão da cor,

²⁵⁵ O programa passa uma imagem do pobre ou da forma estereotipada ou como sendo sempre o bonzinho.

não, nós somos tudo do jeito só, quando morre vai tudo para o mesmo canto. Se um rico falar mal de um pobre na minha frente, ele pode ser meu melhor amigo, ele está me magoando, porque eu sou pobre, eu não tenho nada (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

Jandyra, 28 anos, também esboça a mesma reação.”Eu acho que acima do dinheiro a gente tem que dar valor ao ser humano. Eu só sou rica numa coisa: saúde e força para trabalhar” (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

As formas simbólicas requerem uma visualização através das relações com os contextos sociais estruturados onde se produzem e se recebem os bens simbólicos. Nesse caso os jovens pesquisados reafirmam suas identidades na medida em que se reconhecem naquele contexto que os coloca em posição de exclusão frente a estrutura social, já que os jovens do Malhação refletem as características de uma posição hierárquica na escala social. O programa tornou-se espaço para confrontação de argumentos, ao mesmo tempo em que permitiu novos canais de simbolização no encontro desses jovens com suas interioridades.

O programa oferece modelos de identidades na medida em que certos contornos de suas imagens são construídos tanto pela maneira do ser, como do agir dos personagens que se caracterizam por determinados comportamentos demonstrados por papéis sociais diferenciados.

Embora os personagens que compõem os enredos sejam representados por jovens de poder aquisitivo, normalmente abrem espaço para a participação de personagens oriundos de outro meio social que passam a conviver uma suposta realidade, sendo muitas vezes discriminados, seja pela questão racial ou pela condição econômica. E isso é percebido ativamente por nossos interlocutores, que encontram nessas situações elos que os ligam às suas expectativas sociais.

A temporada de 2008, por exemplo, foi protagonizada por uma jovem “pobre”²⁵⁶, bolsista, que por representar o “bem” acaba sofrendo discriminação, já que vivencia uma relação amorosa com um personagem de poder aquisitivo²⁵⁷.

Essas diferenças aguçam os sentidos dos nossos interlocutores quando se associam à postura de alguns personagens, seja pela condição social que ali representam, seja pelos valores morais que defendem. Observando as falas reconstituídas por eles, percebemos que

²⁵⁶ A atriz Sofhie Charlotte protagoniza o papel da mocinha pobre (Angelina), adotada por uma cozinheira interpretada por uma negra.

²⁵⁷ O casal protagonista geralmente enfrenta conflitos gerados pelos antagonistas que normalmente integram o papel de vilões.

apresentam empatia com os que compõem sempre o núcleo do “bem”²⁵⁸, assim como aqueles que desenvolvem aptidões para o campo da música.

Dentro de suas representações anunciam uma familiaridade junto aos personagens, na medida em que os identificam por seus nomes e os papéis que representam.

Os rapazes se identificam ora com “Pedro”, que representa o núcleo dos jovens pobres ora com “Gustavo”²⁵⁹, o mocinho rico e do bem. Eles justificam suas identificações com tais personagens pela sinceridade que transmitem e pela maneira humilde como conduzem determinadas situações.

Walter, 18 anos, afirma se identificar com Gustavo porque ele não discrimina ninguém. Vemos pois, que a mediação televisiva opera no âmbito do “reconhecimento” e não apenas na difusão de valores.

Antônio, 23 anos, vai mais além: “não tem os simpatizantes com o Movimento? Ele é um rico simpatizante dos pobres” (Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

As moças, igualmente, adotam a mesma postura: a maioria delas se associa ao personagem de Angelina. Nesse caso, colocam sua posição frente à estrutura social que integram, na medida em que se reconhecem em determinados discursos operacionalizados pelos atores-personagens.

Para Regina, 14 anos, o jeito de falar e de vestir da personagem é o que mais lhe chama a atenção. Jandyrá, 28 anos, indica que a personagem de Angelina é a sua preferida pela boa índole que expressa.

Ao se identificarem com certos personagens estão refletindo sobre si próprios e consequentemente sobre as diferenças que se exercem nos níveis sócio-culturais, associando as histórias à realidade na qual estão inseridos. Assim, as expressões de sentidos que constroem para sua vida se elaboram a partir dessas diferenças: do reconhecimento e da reflexão em torno delas, pensando nos seus significados. Por isso, para Martin-Barbero, emissor e receptor se situam (...) não tanto com relação a um canal, a um meio, porém com relação a necessidades e problemas.

É por meio dos significados produzidos e por essas representações que damos sentido às nossas experiências e àquilo que somos. Dessa maneira, o processo de representação estabelece identidades tanto individuais como coletivas, que estão baseadas em sistemas

²⁵⁸ O núcleo do bem é constituído por personagens de integridade moral que não mentem, são solidários, e amigos.

²⁵⁹ Protagonizam o casal romântico.

simbólicos, variáveis de acordo com os contextos sociais, movendo-se em processos de adaptação e de negociação que passam a ser construídos a partir dos lugares cujos indivíduos estão inseridos. (WOORDWARD, 2000).

Os jovens do meio rural convivem com os efeitos de uma cultura midiática que cotidianamente constrói os valores da juventude, através de um padrão de vida tipicamente urbano, constituído socialmente em torno da diversão e do consumo exacerbado, instigado pela “cultura de massa”.

Acompanhando esta tendência, o Malhação oferece uma gama variada de atrativos no qual os nossos interlocutores anunciam formas de identificação que se verificam através da vestimenta, da música²⁶⁰ ou da forma de expressão de alguns atores, e ainda pelos anúncios publicitários²⁶¹ ali evidenciados. Amélia, 15 anos, afirma que gosta de tudo, da abertura, de alguns personagens, do jeito deles agirem. Já Kátia, 18 anos, diz que gosta da diversão dos jovens, do namoro. Fátima, 26 anos, confessa se sentir seduzida “pela vida dos jovens que é muito diferente da nossa” (Fala espontânea- Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

Ao indicar suas preferências, subjetivamente estão criando uma representação sobre juventude, associando-a a indicadores de liberdade, autonomia, diversão, entre outros. Se concretamente não dispõem desses mecanismos para exercerem a plenitude de ser jovem dentro destes parâmetros, simbolicamente constroem suas aspirações respaldadas em práticas de desejos.

E aqui recuperamos a advertência de Santos (2002): “as identidades não são essências desencarnadas, mas teias complexas de relações, materiais e desejos. A tarefa mais difícil para cada pessoa é integrar as suas diferentes subjetividades incorporadas” (SANTOS, 2002, p.523).

As práticas de consumo ressaltadas dentro do Malhação se estendem como se todos os grupos juvenis assim procedessem. O efeito-imagem passa a ser regido por códigos que se criam pelo anseio dos produtos ali anunciados, sob a ótica da circulação de mercadorias. Esta por sua vez, funciona a partir de uma lógica de um discurso supostamente compartilhado por todos, o que de fato não se coaduna com a realidade de determinados grupos juvenis. Estes jovens podem desenvolver sentimentos de inadequação ou de inferioridade, como se vivessem num plano secundário, já que os valores culturais dos jovens urbanos são enaltecidos

²⁶⁰ O gosto pela música se constitui como o principal meio integrativo entre os sujeitos da pesquisa e os da ficção. O que é uma característica peculiar entre os jovens, respeitando as diferenças de gosto e capital cultural.

²⁶¹ Os anúncios publicitários verificados nos intervalos do programa direcionam suas campanhas para o CCAA, Boticário, *Mac Donald*, coca-cola zero, planos de saúde, além de outros.

hegemonicamente pelo viés da mídia. Porém, até mesmo por essa razão, o consumo não é apenas espaço da distinção social; é também lugar de circulação de sentidos. Apesar de não se sentirem contemplados nos enredos, os jovens rurais tanto podem “desejar” a inclusão, como fortalecer seus laços de pertencimento à realidade rural. Portanto, existem negociações e interpretações identitárias.

Apresentando uma leitura inicial sobre a abertura²⁶² do programa, os jovens confessam que se sentem seduzidos pelos atrativos ali oferecidos. Kátia, 18 anos, indica que a maquiagem é um incentivo à beleza. Décio, 15 anos, acha que a guitarra estimula à música.



Ilustração XII- Abertura do programa Malhação

Fernando, 17 anos, posiciona-se com bastante lucidez. Para ele Malhação é a própria moda.

Se o jovem de Malhação tem por que eu não vou ter? então vamos cobrar dos pais. Eu quero ter um igualzinho aquele da televisão. Se hoje você tem um tênis que ta na moda, amanhã ele já ta ultrapassado, e o cara quer outro (Fala espontânea. Oficina realizada em 15 de Março de 2008).

Jandyra, 28 anos, é incisiva no seu posicionamento

A gente vê que pela abertura é tudo coisa de rico. Uma bolsa toda informada, a gente vê mesmo que é bolsa de rico. Bem preenchida. A maquiagem. Então eu acho que a discriminação já começa daí, da abertura.(Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

No que se relaciona aos comerciais, eles igualmente apresentam suas aspirações simbólicas, mas, ressalte-se, todas dentro de uma racionalidade crítica. Fernando, 17 anos, por exemplo, cita o comercial da *mc donalds*, advertindo que o mesmo é um incentivo exacerbado

²⁶² A abertura do programa se constitui com a apresentação de símbolos direcionados ao consumo dos jovens, caracterizados pelo *skate*, maquiagens, boné, mochila e efeitos visuais de um mundo moderno e totalmente urbano.

ao consumo. Antonio, 23 anos, apresenta uma leitura sobre o comercial do boticário que, segundo ele mostra uma realidade diferente. “Tudo você pode conseguir e não é exatamente isso” (Fala espontânea Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Sob o ponto de vista da circulação de mercadorias, tais mensagens agem sob a lógica de um discurso que é compartilhado por todos, mas por outro lado percebemos que também reflete a marca da diferença. Um questionamento aqui se sobressai: como os nossos interlocutores convivem com essa situação entre o desejo de ter e não poder adquirir?

Fátima, 26 anos, admite o seu interesse por determinados produtos, mas reconhece as suas limitações.

Joaquim, 16 anos, assume esta mesma postura: “Vontade eu tenho muito, mas sem poder”. (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

Amélia, 15 anos, reflete sobre a situação e afirma também se sentir seduzida.

Na minha visão quando a gente vê uma coisa, a gente sente vontade de possuir. Eu peço a minha mãe, ela nunca disse: eu não vou comprar. Ela diz, vamos esperar, daqui um tempo se a gente desapertar a gente compra. Então eu espero. Eu tenho muita vontade de aprender a tocar bateria, mas não posso comprar, então só resta esperar. Mas nem todo mundo pensa assim. Nem todo jovem espera e entende que o pai um dia tenha condição, porque tem muito jovem que quando quer uma coisa, quer e pronto (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

Nesse caso, eles passam a conviver com experiências que se interligam entre o simbólico e o real, pois sabem e reconhecem os seus limites. O consumo torna-se espaço para novas leituras de sua condição no processo social.

Antônio, 23 anos, confessa: “Acho que influencia bastante, fica o desejo da gente querer comprar, a gente fica ansioso, a gente fica querendo comprar mas a gente sabe que são bastante caras”. (Fala espontânea. Oficina realizada em realizada em 26 de Abril de 2008).

Este outro jovem argumenta que as cenas evidenciadas no Programa retrata a burguesia²⁶³ em si.

Pra falar a verdade a gente quase não usa esses produtos, mas todo mundo vai quer usar e, podendo ou não a gente sente vontade. [...] Mexe muito com a gente. Influencia com a vida particular da gente, que a gente tende a fazer também. Acho que não é muito positivo, mas a gente sente. (JOHN, 15 anos. Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Embora apontem com clareza as suas limitações para adquirir algum produto por eles desejado, já que suas aspirações simbólicas não se coadunam com a realidade socioeconômica

²⁶³ Ao pronunciar o termo burguesia esta involuntariamente referendado o discurso apregoado pelos que militam no Movimento.

a que estão submetidos, isso não os impede de construírem seus significados sociais, respaldados em práticas de desejos, o que não significa dizer que se reverta numa visão irracional, como algumas teorias do consumo apregoam, associando o ato de consumir a uma racionalidade econômica que é determinada pelo ciclo da produção. Esse desejo que sentem, no entanto, é racionalizado pela identidade que possuem: não querem por querer; desejam na expectativa de avançar na sociedade.

Para além da relação trabalho-consumo, ou o consumo sendo o resultado do trabalho, ele toma outro sentido, que é o do consumo simbólico. Não é o consumo como meramente satisfação de necessidades e nem tão pouco como um simples fetichismo da mercadoria, pois se assim o considerássemos estaríamos referendando aquela ideia de que as pessoas consumiriam os bens como forma de alienação. O consumo, no nosso entendimento, faz visível a construção identitária, porque também se torna lugar de assimetrias, analogias, pactos de leitura. Enfim, reconstrói os sujeitos de algum modo.

Jean, 26 anos, pronuncia-se a respeito e admite que sente muita vontade de se vestir conforme os personagens se apresentam, e defende como normal essa questão de se querer imitar o que é do outro. Segundo ele, tanto o boné quanto a mochila é um incentivo ao consumo e confessa que, embora não tenha condições para comprar um daquele, adquire um mais simples. “Como diz o ditado, a gente só faz o que pode”, argumenta (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Março de 2008).

Para Martin-Barbero (2005) o ato de consumir se configura como elemento constitutivo da relação desejante que se estabelece entre os sujeitos. Nesse sentido o consumo pode ser reconhecido como lugar de integração e comunicação de sentidos, mas também como espaço de objetivação de desejo.²⁶⁴

O debate torna-se caloroso quando Fernando, 17 anos, chama a atenção para o fato de que nem tudo que é apresentado no programa, e mais especificamente na sua abertura, os jovens do meio rural têm acesso.

Maria Vitória, 14 anos, integra o circuito do debate e atenta para o fato de que muitos daqueles objetos eles possuem; “uma mochila todo mundo aqui tem. Música até com um atabaque a gente faz um show aqui e todo mundo se diverte” (Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de abril de 2008).

Duas reflexões aqui se sobressaem diante das posições desses sujeitos; a primeira se direciona mais uma vez para a questão do consumo simbólico que pode ser reconhecido pela

²⁶⁴ Ver. Sousa (2005).

representação que oferecem quando falam, por exemplo, sobre a mochila ou o boné²⁶⁵. Mesmo não sendo da marca oferecida, de acordo com a representação daquela jovem, adquirindo uma mochila similar o efeito é o mesmo. Dessa forma, mesmo não fazendo parte daquele "mundo", procuram meios de adequação e não de distanciamento. Nesse caso, a dimensão é muito mais simbólica do que material, pois embora tenha clareza que nada do que ali apresentado se coaduna com a sua realidade, as formas de sedução se constroem através dos mecanismos do desejo.

Na realidade, toda escolha, seja ela material ou simbólica, pressupõe uma dimensão de reflexibilidade e de subjetividade. Quando o sujeito busca hábitos de consumo, seja através do alimento, da vestimenta, ou em outros elementos culturais, isso não necessariamente significa dizer que seja um ato de alienação, mas muito mais a busca de um estilo de vida, de uma estética, e conseqüentemente, de uma identificação com determinado estilo. Trata-se de uma construção identitária, a partir de elementos exteriores sugeridos como valores legítimos.

Ao adentrar neste universo de desejos, é porque este jovem se identifica com determinado produto, não é simplesmente pelo fato de consumir. É a sua representação diante daquele objeto. Ou seja, o consumo é socialmente diferenciado, não é qualquer coisa que consumimos, não é um apelo tão somente do mercado, já que este é múltiplo e oferece uma gama variada de opções. Sob estes argumentos, podemos então considerar que o consumidor não pode ser qualificado de acordo com os produtos jornalísticos ou comerciais que absorve, pois existe um certo distanciamento entre o que lhes é imposto e o uso que se faz deles. Não é tudo que se consome. Consumimos alguns bens, algumas ideias de diferentes maneiras.

Tal compreensão se justifica se verificarmos por exemplo, a ambiência dos cenários que constituem o Programa. Seja com respeito aos espaços da escola, seja com as residências dos personagens, ou no figurino por eles utilizados, percebemos que as aspirações dos nossos interlocutores se encaminham decisivamente para o campo do simbólico, já que os aspectos ali representados estão distantes da realidade social daqueles sujeitos. Ou seja, a relação que estabelecem passa pela aproximação e lógica do imaginário, lógica muitas vezes decorrente da produção do desejo enquanto objeto de satisfação.

Aqueles cenários ativam o imaginário e indicam os modos de como satisfazê-lo, remetendo, dessa maneira, esses jovens a um sistema simbólico totalmente incompatível, ou contrário, ao seu mundo real. Nesse caso, passam a negociar simbolicamente com esses dois

²⁶⁵ A Mochila, o boné e outros objetos que compõem o cenário de abertura do Programa são bens simbólicos que se classificam dentro de uma cultura que os jovens criam através dos sentidos e significados que atribuem a tais objetos.

mundos: de um lado o desejo simbólico, do outro a sua consciência transportando-o para o real. Se no seu imaginário, constroem uma interação de compartilhamento, concretamente isso se torna inacessível devido, às barreiras sociais que circundam suas vidas. Nesse caso, mecanismos de ambiguidade permeiam as aspirações simbólicas dos discursos, que oscilam entre o reconhecimento de sentido adequado e o seu deslocamento (Lopes, 1988).

Não poderia ser diferente, pois o discurso imagético, aquele mais utilizado pelo programa, é estruturado pela lei da realização do desejo que se converte em uma forma de consumo. Consumo este aqui entendido como um processo que consiste em dar sentido a uma ordem social que se manifesta através dos desejos individuais ou grupais (Canclini, 1997).

No nosso campo empírico, constatamos tal assertiva, por exemplo, quando da aquisição de objetos. Entre os rapazes, tanto solteiros como casados as suas aspirações se direcionam para o consumo de motos, carros, óculos, aparelhos de CD, além de roupas e calçados. As moças, na sua maioria, optam por roupas, calçados, aparelhos eletrônicos, como computador, celular; DVDs, além de produtos de beleza.

Vinculado a questão da construção de identidades ao âmbito do consumo, podemos perceber que esta ocorre a partir de escolhas de objetos que os sujeitos selecionam de forma plural e diversificada, com ênfase nas práticas e desejos que se estruturam individualmente junto ao seu mundo simbólico. Sob esta compreensão, devemos pensar o consumo como expressão de subjetividade, ao invés de concebê-lo enquanto processo de massificação e homogeneização²⁶⁶.

A outra reflexão se encaminha para a relação do rural com o urbano, reconhecida nas falas dos nossos interlocutores, quando estes anunciam a proximidade que estabelecem com o meio urbano, constituindo assim um vínculo estreito entre esses dois espaços. Esta assertiva se justifica na fala desta jovem:

Se a gente vai comprar uma mochila onde é que a gente vai? É na cidade. Aqui a gente não encontra. Se a gente quer uma maquiagem, é na cidade. Direta ou indiretamente nós estamos ligados a zona urbana”. (MARIA VITÓRIA, 14 anos. Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Tal afirmativa comprova as vinculações entre os espaços urbanos e rurais, sobretudo quando se percebe a influência midiática, que difunde valores e propaga concepções, ampliando as expressões culturais e promovendo novas construções identitárias, já que nesse ir e vir os jovens passam a negociar suas identidades tanto no espaço urbano como no rural.

²⁶⁶ Ver Certeau (1999).

Há que se ressaltar, no entanto, que esta relação de proximidade urbano-rural, para além dos limites geográficos, não minimiza as diferenças sociais entre esses dois contextos, nem tão pouco elimina as particularidades inerentes a cada um desses espaços. Assim, poderíamos dizer que os jovens rurais vivem num “continuum” com o urbano, na medida em que buscam acesso a serviços e bens de consumo que estão disponibilizados neste meio.

Esse vínculo resulta em uma elaboração de um novo sistema cultural e, consequentemente, na construção de novas identidades sociais. Mas, como alerta Carneiro (1998), esse processo de mobilidade, que ocorre tanto no âmbito material como simbólico, pode também originar determinados conflitos e tensões, que influenciam o senso de pertencimento a determinado contexto sociocultural. Nesse sentido, passam a negociar suas identidades culturais, através de momentos que se especificam, muitas vezes, de forma tênue.

Como defende Carneiro (1998), o contato com os valores culturais urbanos tanto ocasiona o surgimento de novos laços identitários, como pode servir para legitimar os laços originais, na medida em que rechaçam os valores culturais típicos da cidade. Reforça a autora: “essa modalidade simbólica que permite sentir-se pertencente a uma e a outra cultura, supõe uma margem de negociação entre níveis distintos da realidade”(CARNEIRO, 1998, p.13).

Associando tal assertiva ao campo empírico podemos observar o quanto os jovens negociam suas identidades culturais, seja através de uma opção musical, da maneira de vestir ou perante determinadas posturas de comportamento evidenciadas na ficção.

Uma das cenas selecionadas e comentadas por eles aponta evidências explícitas. Um dos episódios retrata dois contextos diferentes: O primeiro, os jovens participando de um concurso de bandas de rock e o outro retrata o ambiente de um concurso de dança de forró. Na ambiência desses cenários, eles afirmam se identificar com o segundo grupo, referendando dessa maneira suas raízes culturais às suas condições de pertencimento dentro de uma permanência identitária.

Na percepção de Antônio, 23 anos, aquela encenação correspondia a aspectos culturais que eles igualmente vivenciam.”A gente se sente representado pelo grupo de forró”.(Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Esta jovem também corrobora o mesmo pensamento: “forró pé de serra é bom demais, a gente dança até o suor pingar” (JANDYRA, 28 anos. Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Ao apresentar uma adesão ao estilo do forró pé de serra, na verdade estão demonstrando uma permanência identitária. Ou seja, os sujeitos através do que consomem e de como imprimem significados dizem o que são.

As formas de identificação desses sujeitos diante dos temas transversais do programa se aproximam de temáticas sobre relação pais-filhos ou entre casais, e ainda pelos meios de sociabilidade na escola. Eles relacionam as cenas ali interpretadas ao seu cotidiano.

No caso específico da relação pais-filhos, unanimemente criticam determinados procedimentos alegando que “não tem nada a ver”. Apontam dentro desta temática que a ficção não explora a relação dos pais incentivando os filhos ao estudo, e também não evidencia a convivência familiar. Para Maria Vitória, 14 anos, a relação é bem diferente, “eles são mais distantes e a gente tá ali no cotidiano, todos os dias” (Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Walter, 14 anos, também compactua desta mesma posição: “a gente tá sempre perto da família da gente e muitos daqueles jovens moram em república. Quando a gente vem do colégio vem para casa e fica junto da família, e eles não” (Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Uma das cenas remontadas por eles ressalta o mau exemplo que um pai empresta ao filho, estimulando-o a mentir. Jandyra, 28 anos de pronto assim se posiciona: “eu procuro educar diferente. Eu crio minha filha como minha mãe me criou, respeitando os mais velhos, não mentindo” (Fala espontânea-Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

A maneira como esses sujeitos reagem se justifica pela forma integrativa que eles vivenciam junto aos seus familiares, conforme anunciamos anteriormente, verificada pela divisão social do trabalho, pelos espaços de sociabilidades, dentre elas a recepção midiática. Contudo, não podemos considerar estes fatores como generalizantes, pois seria incorrer em pré-noções, como se o núcleo familiar constituído em outros espaços sociais, principalmente no meio urbano, não desenvolvessem ações integrativas entre os seus integrantes. Os modelos culturais são distintos e são permeados por experiências e situações diversas, que envolvem questões de natureza etária, cultural, de sociabilidade e, sobretudo, de âmbito familiar.

Esta compreensão pode ser melhor iluminada se considerarmos que é através do fluxo da ação social que as formas culturais se articulam por intermédio de uma variedade de artefatos, assim como por vários estados de consciência (GEERTZ, 1989).

No desdobramento destas reflexões, os pesquisados direcionam suas atenções para a forma como os jovens do meio urbano e de poder aquisitivo, representados pelo programa

cometem determinados atos julgados como impensados, não valorizando muitas vezes os bens materiais que adquirem. Na concepção dos nossos sujeitos, eles assim agem porque não suaram para adquirir e por isso não dão a mínima para o que possuem. Antônio, 23 anos, argumenta:

A gente vê que os jovens da classe oprimida²⁶⁷ têm mais consciência do que os jovens da rua, A gente vai suar para comprar uma moto, um carrinho, e se vai para um bar gastar o dinheiro que tem, aí se lasca.(Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Raquel, 14 anos, complementa:

Quando a gente não tem uma condição financeira melhor a gente passa a ter mais responsabilidade e valorizar o que a gente consegue, porque a gente sabe o quanto é difícil a gente alcançar uma coisa. Isso faz a gente se tornar adulto mais responsável. (Fala espontânea- Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Walter, 14 anos, enfatiza um dado importante. Atenta para o fato de que se eles dispusessem igualmente das mesmas condições de outros jovens talvez não pensassem e agissem dessa forma. John, 15 anos, pondera: “Isso vai depender muito da educação que os pais passam para os filhos”. (Fala espontânea-Oficina realizada em 26 de abril de 2008).

Recorrendo à trajetória de vida desses sujeitos e à condição socioeconômica a que estão submetidos, é evidente que eles não poderiam se expressar de forma diferente, mas devemos levar em consideração que tais percepções são compatíveis com os modelos de educação adquiridos dentro do seu contexto social, na sua socialização primária. Assim, embora o seu imaginário esteja mediado cotidianamente pelos atrativos oferecidos, neste caso pela televisão, eles não abandonam a ordem social a que estão vinculados. Sob esta compreensão, os contratos de leitura que esboçam frente a determinados conteúdos não correspondem necessariamente ao que o campo da produção muitas vezes pretende alcançar, já que os sujeitos elaboram seus próprios posicionamentos de acordo com o campo social ao qual pertencem, e neste a construção cultural da realidade passa a ser definida a partir de um processo intencional do comportamento humano, estabelecido por intermédio de concepções culturais particulares / individuais.

Dessa forma podemos deduzir que a televisão não exerce esse poder incontrollável perante seus telespectadores. Como acentua Bucci (2004) “a televisão não manda ninguém fazer o que faz” (BUCCI, 2004, P. 19). Ou seja, ela legitima práticas que são instituídas pela

²⁶⁷ Na nossa percepção, ao se utilizar do termo oprimido este jovem está referendando a sua posição no todo social: ou por ser jovem rural, ou por ser jovem do MST.

sociedade. Isso nos autoriza a inferir que as construções culturais desses sujeitos se constituem em meio a um campo de relações concretas, efetivas, de intenções e reações, com características e dimensões ativas e móveis, uma vez que seus espaços se modificam e eles se modificam de acordo com um as condições múltiplas dos contextos contemporâneos.

Ao longo dos episódios assistidos durante as oficinas focais, algumas cenas foram particularmente destacadas pelos integrantes da pesquisa, que as associavam ao seu mundo simbólico, e conseqüentemente, revelavam os processos identitários daqueles sujeitos, principalmente as que enfocam relacionamentos entre os jovens.

Uma das cenas levanta o questionamento se beijar é normal. Foi uma festa, todos queriam falar ao mesmo tempo. “Beijar é normal, pode crer”. Naquele momento, eles se desvincularam de qualquer forma de inibição e apresentaram seus posicionamentos, transportando aquelas situações para o seu mundo, associando-se assim à realidade de outros grupos juvenis com expectativas semelhantes.

Quando o assunto é namoro muitos deles confessam que vivenciam igualmente determinadas experiências. “Aqui acontece demais. Chega dia da gente tá ficando ou namorando e chega uma colega por trás e inventa uma mentira”, confessa Maria Vitória, 14 anos (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

A temática levantada desencadeou outra discussão que se direcionou para as questões de gênero. Fernando, 17 anos, argumenta que “os jovens representados pelo contexto do programa podem ficar com várias meninas e não tem nada demais, é pegador. Aqui, leva o nome de galinha”(Fala espontânea.. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Maria Vitória, 14 anos, pondera. Para ela, a discriminação não ocorre por fatores de ordem social, mas por aspectos eminentemente culturais “Hoje se uma menina ficar com outros, ela leva o nome de rapariga, de quenga. E se for o menino ele leva o nome de pegador,. não é questão de classe, de burguesia não” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

O debate torna-se mais inflamado quando Walter, 14 anos, se pronuncia defendendo que para os homens isso é normal: “o homem pode ter a sua puberdade declarada para todos e a mulher não pode”(Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Mais uma vez Maria Vitória, 14 anos, sai em defesa: “por que não pode? Por que a mulher não pode ter o mesmo direito que o homem? Se a gente luta pela igualdade dos direitos, qual a diferença? Isso é uma forma de preconceito” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Tais posicionamentos nos fazem evocar Bourdieu (1999) quando sugere que em todos os campos sociais a divisão entre os sexos se apresenta como forma dominante da prática masculina. Para este autor a divisão entre os sexos ocorre em todo o mundo social e em estado incorporado nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, pensamento e ação²⁶⁸.

Aproveitando o calor da discussão recuperamos uma cena do programa na qual um jovem apresenta seus conflitos por ser bailarino. Instigamos, então, que nossos sujeitos se posicionassem sobre a questão. Naquela oportunidade apresentaram pontos de vista diferenciados. Alguns rapazes admitem que não veem nenhuma forma de preconceito e trazem como exemplo de ressignificação os movimentos contemporâneos²⁶⁹ inseridos na dança e incorporados por grupos que compõem o cenário de shows de muitos artistas.

Eu acho normal, hoje, por exemplo tem os bailarinos de banda. Eu mesmo tenho um amigo que é bailarino de banda, e só porque eles dançam com aquelas roupas tem gente que diz que ele é gay. Isso não tem nada a ver não, se é a profissão da pessoa, a pessoa tem que seguir né? Isso é normal, isso é da vida.(DÉCIO, 15 anos. Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Outros, no entanto, se posicionam contrários e de certa forma até satirizam com expressões desse tipo: “ Totalmente afrodísíaco.”; o cara dançar na pontinha do dedo?

Aquele momento de discussão revelou com expressividade os valores morais que os jovens interiorizam a partir dos padrões culturais que lhes são impostos, principalmente no que tange a questões de gênero, onde os papéis e identidades sexuais são construções sociais elaboradas diferentemente em cada cultura²⁷⁰.

Analisando o conteúdo da fala desses sujeitos, somos conduzidas a duas deduções: a primeira indica que, embora cada cultura tenha institucionalizado de alguma forma os papéis do homem e da mulher, isso não pode ser levado para os termos da dominação e da submissão.

²⁶⁸ Ver Bourdieu, Dominação Masculina (1999).

²⁶⁹ Chamamos aqui de movimentos contemporâneos da dança as posturas e as evoluções aéreas feitas pelos dançarinos de bandas de forró.

²⁷⁰ Ver Simone de Beauvoir (*O Segundo Sexo*) e Margaret Mead (*Macho e Fêmea*). Em suas obras romperam com determinados padrões impostos pelas ideologias de gênero. À sua maneira, cada uma dessas autoras apresentaram abordagens acerca das mulheres de sua época. Simone trouxe através de seus escritos uma mensagem libertadora, destacando-se como uma das principais autoras feministas, assim como Margaret Mead foi a responsável pela propagação da ‘mística feminina’. Tanto a obra de Margaret quanto a de Simone foram alvo de severas críticas tanto nos Estados Unidos como na França. Não se pode negar, entretanto, que ambas abriram perspectivas de análise sobre a construção social das diferenças entre sexos, possibilitando dessa forma um entendimento sobre o conceito de gênero, e ainda promovendo uma reflexão sobre a construção do ‘ser mulher’ na sociedade contemporânea (UM DIÁLOGO COM SIMONE DE BEAUVOIR (org.) Alda Brito da Motta, Cecília Sardenberg e Márcia Gomes. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. In: Heleieth Saffioti)

A segunda sugere que as concepções desse grupo juvenil estão muito mais atreladas às normas pré-estabelecidas dentro do espaço social em que vivem, do que mesmo pelos padrões culturais evidenciados pela mídia. Isso significa dizer que nem sempre o que a mídia veicula o indivíduo absorve indiscriminadamente.

E aqui nos apoiamos em Thompson (1999), quando denomina de “falácia do internalismo”, aquela tentativa de pressupor que os produtos culturais ao serem internalizados pelos indivíduos que os adquirem não causarão nenhum efeito crítico. O autor elucida:

recepção e apropriação dos produtos culturais é um processo social complexo que envolve uma atividade contínua de interpretação e assimilação do conteúdo significativo pelas características de um passado socialmente estruturado de indivíduos e grupos particulares. (THOMPSON, 1995, p.139).

Outra cena que encontrou ressonância diante dos contratos de leitura dos jovens pesquisados foi a de uma encenação teatral apresentada de forma discursiva: “Eu não vou me calar nunca, eu não fiz nada, eu não sou igual, ninguém é”. O processo de circulação social do discurso ali apresentado permitiu condições de reconhecimento que anunciaram ser compatíveis com o que desenvolvem junto ao MST. Naquele momento acionaram sua identidade de Sem Terra através de um sentimento de pertencimento diante daquele contexto. “A gente que trabalha na questão política do Movimento também se vê presente no momento daquela peça”, pontua Jomar, 18 anos. (Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de abril de 2008).

Nesse momento, eles constroem uma representação em torno de si próprio, pelas ações que praticam no exercício de sua militância, respaldada em princípios que estão atrelados a um sistema de pertencimento, no caso específico, junto ao MST.

As interlocuções estabelecidas nos diálogos dos personagens de Malhação são muitas vezes permeadas por formas de expressão que se caracterizam como uma marca da juventude, através de termos que passam a ser incorporados no vocabulário dessa categoria. Nossos interlocutores também admitem que assim procedem, citando, por exemplo, as expressões: Aí meu; Tá irado; Fala aí *brother*; senti firmeza, tá ligado, entre outras.

Aqui apresentam uma relação de proximidade que se estabelece não só junto aos jovens da ficção e portanto de forma simbólica, mas no interior de seus espaços de sociabilidade compartilhados com outros grupos juvenis. Nesse caso, expressam suas identidades “dentro do jogo da inclusão”.

Não é demais lembrar que essas formas simbólicas criadas pelo uso desses termos, ou por outros elementos, como a vestimenta, por exemplo, são passageiras e frutos de modismos instituídos pela sociedade, referendados pela mídia. A adesão só tem validade enquanto estiver em evidência. Na verdade, esta é uma característica da sociedade contemporânea que vive a instabilidade gerada pelo contínuo progresso alimentado pela modernidade, o que faz com que a cultura se depare com a emergência e ao apelo da pluralidade construída através de fluxos. Dessa maneira, as identidades desses sujeitos se constroem de forma mutável, na medida em que suas expressões são suscetíveis às influências do mundo, revelando um caráter híbrido e sincrético nas interpretações e apropriações de sentidos.

Outro dado significativo que encontramos no percurso desta pesquisa diz respeito às formas de sociabilidade que eles associam ter igualmente aos jovens da ficção no espaço da escola. Maria Vitória, 14 anos, faz um apanhado bastante cuidadoso:

Em termos de estrutura não há como se comparar em nada, embora a gente tenha uma equipe de professores muito dedicada. O que se assemelha é a conversa entre os alunos, em sala de aula, porque muitas vezes tem gente que fica bagunçando e chama logo a atenção. Mas, mostra a conversa dos jovens, os sonhos, isso a gente vê no colégio e também formas de preconceito das meninas que as vezes olha a gente atravessado, porque a gente é daqui do assentamento. Em Malhação a gente vê algumas meninas também sendo discriminadas (Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Os rapazes igualmente expressam o mesmo sentimento. Embora o contexto social seja outro, também vivenciam determinadas situações. Fernando, 17 anos, cita por exemplo a relação alunos X professores; a conversa em sala de aula. John, 15 anos, por sua vez ressalta a convivência entre os casais. “O que passa também muito é o fica”. É sempre um querendo derrubar o outro. É um moído danado”, enfatiza (Fala espontânea. Oficina realizada em 26 de Abril de 2008).

Ao indicar as formas de sociabilidades que se desenvolvem no espaço da escola estão subjetivamente ressaltando as marcas da juventude vivenciadas pela categoria, a partir de uma criação simbólica que instituem para indicar a condição de ser jovem. Tornam-se evidentes a disposição de estar juntos, de se divertir, fazer amizades. Sob estes aspectos, ainda que a juventude viva dimensões diferenciadas em relação ao espaço social, estes indicadores aparecem como elementos centrais diante da juventude, independentemente da natureza deste contexto.

Outra atitude que os nossos pesquisados igualmente adotam é a do uso do celular em sala de aula. Na verdade, esta é uma característica inerente aos jovens atualmente. O celular

institui-se como um símbolo característico da juventude, independentemente de que estrato social integre. No universo dos jovens desta pesquisa, essa prática funciona muito mais dentro do campo simbólico do que pela necessidade de comunicação, já que eles próprios admitem que no espaço geográfico das suas escolas não há sinal de conexão para a telefonia móvel. Nesse caso, a aquisição do celular funciona no nível das representações simbólicas desses sujeitos como um artefato de integração aos padrões vigentes na contemporaneidade.

Encontramos em Barbosa (2006) uma explicação plausível quando argumenta que todos os objetos, bens ou serviços, são partes integrantes de sistemas e práticas de representações que os tornam “significativos” e, portanto, reais para determinados grupos ou indivíduos.

No desdobramento das oficinas focais um outro momento de reflexão extremamente relevante empreendido junto aos nossos pesquisados foi quando discutimos sobre os conteúdos que permeiam as letras das músicas que compõem a trilha sonora do programa. Seleccionamos duas delas para instituir um quadro de leitura interpretado por esses sujeitos. A primeira de Charlie Brown Jr. Intitulada “Não é sério”, que aqui reproduzimos na íntegra e Strik, com a música “Paraíso Proibido”.

Charlie Brown Jr - Não é Sério

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério O jovem no Brasil nunca é levado a sério Sempre quis falar Nunca tive chance Tudo que eu queria Estava fora do meu alcance Sim, já Já faz um tempo Mas eu gosto de lembrar Cada um, cada um Cada lugar, um lugar Eu sei como é difícil Eu sei como é difícil acreditar Mas essa porra um dia vai mudar Se não mudar, prá onde vou...

Não cansado de tentar de novo
Passa a bola, eu jogo o jogo
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
A polícia diz que já causei muito distúrbio
O repórter quer saber porque eu me drogo
O que é que eu uso
Eu também senti a dor
E disso tudo eu fiz a rima
Agora tô por conta
Pode crer que eu tô no clima
Eu tô no clima.... segue a rima
Revolução na sua mente você pode você faz
Quem sabe mesmo é quem sabe mais
Revolução na sua vida você pode você faz
Quem sabe mesmo é quem sabe mais
Revolução na sua mente você pode você faz
Quem sabe mesmo é quem sabe mais
Também sou rimador, também sou da banca
Aperta muito forte que fica tudo a pampa
Eu to no clima! Eu to no clima! Eu to no clima
Segue a Rima!
Sempre quis falar....
O que eu consigo ver é só um terço do problema
É o Sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar
Se não não muda
A Juventude tem que estar a fim
Tem que se unir
O abuso do trabalho infantil, a ignorância
Só faz destruir a esperança
Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
Deixa ele viver. É o que Liga"

A dinâmica utilizada foi ouvir inicialmente as músicas acompanhando-as com a letra impressa. Em seguida abrimos espaço para que eles colocassem posicionamentos acerca do que haviam compreendido. A intenção era perceber como aqueles sujeitos assimilavam os conteúdos da música e que mensagem de fato poderiam extrair das canções.

A primeira constatação nos indicava que todos os participantes conheciam as músicas e conseqüentemente seus intérpretes, embora estes estilos não tenham figurado na lista de suas preferências, não sendo citadas.

Estabelecendo um paralelo entre a letra da música e os posicionamentos apresentados, percebemos que durante todo o processo de análise, os sujeitos criaram contratos de leitura significativos, na medida em que refletiam sobre as mensagens, ressignificando-as numa produção de sentidos, direcionada sempre para o contexto social do qual fazem parte.

Percebemos, nesse sentido, que modelos, padrões, modismos, linguagens são elementos constitutivos e provocadores de qualquer cultura. Desse modo, as influências da mídia transcendem os espaços urbanos ou rurais, despertando posicionamentos e mobilizando consciências.

Fátima, 26 anos, apresentou um apanhado geral do conteúdo destacando que a música reflete a história de todos os jovens, seja retratado como agressor, ou como um jovem que busca mudanças.

Maria Vitória, 14 anos, complementa argumentando:

Eu acho que a letra fala diretamente de todos os jovens, não só os de classe média. Que não são levados a sério. Os jovens muitas vezes são ignorados, não se entende o lado de uma pessoa, principalmente quando é jovem. Hoje em dia cada pessoa tem sua opinião e ela com certeza vai querer seguir sua própria opinião. E, muitas vezes não é compreendido (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

A intervenção desta jovem reflete nitidamente as discussões que permeiam o tema juventude, expresso nas suas diversas e diferentes dimensões, sendo esta normalmente reconhecida pelo seu lado lúdico, infantil, ou mesmo romântico para não dizer sem credibilidade. A bem da verdade, a grande crítica apresentada sobre as pesquisas que enfocam os jovens é que tais estudos não refletem necessariamente um processo histórico, constituindo-se mais no nível de diagnósticos, retratos de situações problemáticas no campo social, experiências de violências e/ou vertentes que tratam a juventude potencializada na forma da transgressão. Em outras palavras, os jovens são identificados por simbologias

relacionadas a atos de inconsequência e agressividade e, nesse sentido, a mídia funciona como um dos instrumentos que instituem e reforçam tal imagem.

O debate fluiu em torno dos recortes que nossos jovens estabeleceram perante determinados trechos da música. O primeiro deles apresenta a seguinte frase: “eu vejo na TV que o que eles falam sobre o jovem não é sério. O jovem do Brasil nunca é levado a sério” (trecho da música “Não é Sério”).

Regina, 14anos, posiciona-se alegando que “se o jovem de lá não é levado a sério, imagine a gente da zona rural que não é levado a sério mesmo”. (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

Antônio, 23 anos, também apresenta o seu ponto de vista; “se nós já somos castigadas por ser da zona rural imagine sendo do MST, aí é como vulgarmente se diz, lascou-se” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

Jomar, 18 anos, complementa: “para estes que fazem esta crítica nós não valem nada”(Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

A auto-representação que criam é reflexo dos estigmas a que são submetidos quando a sociedade estabelece formas de classificação, relacionando a categoria juventude a indicadores sociais. Nesse caso, os sentidos aqui apresentados se encaminham para uma compreensão que se agrava quando se trata de um jovem que carrega duas especificidades: ser rural e residente em assentamento do MST, que, aliás, é uma marca que está introjetada nas subjetividades desses sujeitos. Isso é perceptível, pois em todos os momentos que aqui discutimos sobre a posição do jovem na sociedade, eles não perdem a oportunidade de ressaltar os estigmas que lhes são imputados.

A música reflete,na realidade, a maneira como a sociedade e, conseqüentemente, a mídia encara os jovens, mostrando as diversas formas de abuso aos quais são submetidos. A polícia o encarando como desordeiro, e a mídia, neste caso específico a televisão, reforçando a concepção de um jovem sem credibilidade.

Walter, 14 anos, refuta esta visão: “não é sério porque eles retratam a vida dos jovens como se eles fossem irresponsáveis, não tivesse opinião”(Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Raquel, 14 anos, complementa; “e quando mostra o jovem é como baderneiro, porque tentou reivindicar alguma coisa, como traficante de droga. Nunca mostram uma coisa boa que o jovem fez” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

Com autonomia de quem sabe o que está dizendo Antônio, 23 anos, chama a atenção para a capacidade de atuação dos jovens enquanto sujeitos políticos capazes de elaborar diversas formulações inspiradoras de novos projetos sociais.

Hoje em dia o jovem já pode se expressar através dos movimentos dos estudantes, dos movimentos do campo. A gente tá se expressando melhor“. Tem o exemplo da ocupação recente de um grupo de universitários na reitoria de uma universidade Federal (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Tais arguições nos remetem às histórias de lutas empreendidas pelos jovens quando buscavam mudanças sociais. Na América Latina, por exemplo, os movimentos estudantis lutavam por melhores condições da sociedade²⁷¹.

Fernando, 17 anos, também se posiciona: “o negócio é ir sempre à frente, não parar, porque se parar neguinho passa por cima” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

O conteúdo da frase aqui empregada, incluindo a expressão “Neguinho”, (provavelmente reconhecido como o “sistema”) denota a capacidade crítica desse jovem diante das questões sociais e políticas do nosso país. Ou seja: não há traços de passividade no seu posicionamento, pois sua fala aponta a necessidade de propor mudanças e seguir adiante, sem desistir das suas metas.

Ainda no processo de análise da referida música, outro trecho recortado foi: “eu sempre quis falar nunca tive chance, tudo que eu queria estava fora do meu alcance”.

Fernando, 17 anos, se sobressai com um discurso politizado:

A opinião daqui não é tida como a do filhinho de papai. Você é dono de uma empresa, você vai preferir um que mora na zona rural ou um filho de um advogado? Eu sou bem realista, a gente que tá nesta luta do MST, o sistema impera Me diga quando vai mudar? Nunca. A gente tá na luta, seguindo em frente mas vendo que é uma utopia, não tem como mudar a gente vai em frente. A gente só muda a consciência, mas a sociedade continua a mesma. (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

John, 15 anos, lamenta que não sejam escutados “porque o jovem é o futuro, e se o mundo tem que mudar é por a gente” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

As interpretações descritas questionam os modelos sociologicamente construídos em torno dos jovens, que não encontram espaços para atuar enquanto sujeitos inseridos no todo social. A intervenção crítico-reflexiva dos nossos depoentes reflete as desigualdades

²⁷¹ Ver Abramo, 1994.

enfrentadas pela juventude rural, colocando-a sempre em posição diferenciada, em decorrência das divisões implementadas pela estrutura social. Esse cenário excludente afeta os jovens do meio rural, que não encontram visibilidade no contexto sociocultural globalizado.

Os depoimentos desses sujeitos, impulsionados através dessa música, corroboram as discussões que a academia vem levantando sobre a acepção do termo juventude, e mais especificamente juventude rural, que, se constitui na noção que tentamos apresentar no corpo deste texto.

A outra música do grupo Strick, “Paraíso Proibido” reflete mais uma vez as diferenças sociais, e nas suas entrelinhas apresenta o estereótipo do “pobre”.

Paraíso Proibido (Marcelo Mancini; André Maini e Fábio Perez)
--

Agora que estou Tenho que me esconder Tua mãe quer me matar e teu pai me prender Eu tenho aquele estilo que te deixa preocupada, colada Desleixado na bike invocado Mas não venha me dizer o que é melhor para mim A vida vai mostrando que sempre foi assim da escola eu fugi, na rua formei pronto pra te fazer com a malícia que eu herdei O que ela quer, que eu deixe tua filha em paz E o que ela quer, que você não se preocupe mais Eu não tenho classe, eu não sou ninguém Eu não tenho herança que te convém Mas eu sou quem te faz bem Diz que eu vou te perverter e já mandou me deter Ela sonha que você é uma ingênua criança Mas eu te deixei esperta, atirada e mente aberta Junta tua mesada e vem pagar minha fiança Porque eu não sou o modelinho que você sonhou Nem sei dirigir, eu nunca fui doutor Diploma nem vi, status nem tem

Na febre de vencer e provar quem é quem
O que ela quer, que eu deixe tua filha em paz
E o que ela quer, que você não se procure mais
Eu não tenho classe, eu não sou ninguém
Eu não tenho herança que te convém
Mas eu sou quem te faz bem

A leitura inicial que apresentaram do conteúdo desta música se direcionou mais uma vez para as diferenças sociais. “Eu não tenho classe eu não sou ninguém, eu não tenho herança que te convém”. (Trecho da música Paraíso Proibido).

A questão do estereótipo do pobre é assunto recorrente em vários dos posicionamentos assumidos pelos sujeitos pesquisados. Novamente revelam a diferenciação social a que são submetidos, associando a frase ao contexto da ficção (núcleo de Pedro), mas transportando-a também para o seu mundo real.

Décio, 15 anos, desabafa:

No real isso acontece muito. A gente só vale pelo que tem. A música fala da realidade do pobre, mostrando sempre o lado ruim. O pobre não presta para nada, mas não é assim, o pobre muitas vezes não é como esta letra mostra não” (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Os sentidos que apresentam ao conteúdo da música é o de que quem detém uma posição no estrato social é uma pessoa considerada boa e quem não tem, deve ser excluído, execrado. Associa o “pobre” a tudo que há de ruim, como se os valores morais prescindissem da condição financeira.

Amélia, 15 anos, declara: “só porque é pobre e o outro é rico não tem diferença nenhuma, não vai mudar em nada. Não ser a questão financeira” (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

No caso específico desses jovens, notamos que resistem a esse modelo, porque falam diretamente de sua condição social, retratada na canção em análise de forma extremamente estereotipada. Com isso, passam a vivenciar processos de tensões.

Outro trecho selecionado fala sobre o ato da proibição, elemento muitas vezes contestado pelos jovens. “O teu erro foi ter proibido” (Trecho da música Paraíso Proibido).

Kátia, 18 anos, expõe sua opinião:

Eu acho que as coisas sempre escondida são mais gostosas de fazer. Quando uma pessoa vai ficar escondida com uma pessoa acho que fica melhor, do

que fazer na frente de todo mundo (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Gilberto, 21 anos ,também compactua do mesmo pensamento:

Eu acho que quanto mais proíbe mas dá vontade de fazer. A pessoa já tá com vontade de fazer uma coisa, aí é proibido aí a gente quer saber porque não pode fazer (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Aqui revelam uma outra faceta do jovem, admitindo que o proibido muitas vezes deságua em reações contrárias, fato que demonstra a necessidade de reconfigurar padrões para impor um pensamento próprio da juventude, seja urbana ou rural.

“Da escola fugi, na rua me formei”. Este outro recorte, dentro do não dito, fala das imposições de normas e sanções estabelecidas na escola, que retiram muitas vezes do jovem a condição de liberdade tão defendida pela categoria, impedindo-os de se constituir como sujeitos autônomos, conforme gostariam de ser reconhecidos.

Fernando, 17 anos, chama a atenção para o fato de que se a escola não o quis, o mundo vai querer. Indagamos, então, quem ensina melhor; a escola ou o mundo? Ele assim se revelou: “em linhas gerais o mundo ensina melhor, porque a pessoa só segue o caminho do errado se ela quiser. Você não é obrigado a nada” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Ainda se referindo aos contratos de leituras empreendidos perante tais conteúdos, admitem que, de alguma forma aquelas composições podem ser utilizadas como meios estimuladores para conquistas. Neste trecho “O melhor presente Deus me deu /A vida me dá oportunidade de Lutar pelo que é meu”, encontram elementos discursivos que podem ser considerados como positivos.

Regina, 14 anos, apresenta sua interpretação:

A gente critica que o programa não apresenta o nosso contexto social, jovem da zona rural do MST, mas sempre tem alguma coisa que a gente pode aproveitar e tomar como exemplo pra gente, como no caso lutar pelo que é meu (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Dentro de suas representações, vinculam a expressão “lutar pelo que é meu” ao MST e mais especificamente a conquista da terra. Para Artur, 16 anos “A reforma agrária engloba todo esse contexto” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

Fred 17 anos, assim se expressa: “lutar pelo que é meu aqui na zona rural seria terra, casa e conseguir uma renda para ir se mantendo, e a família também”(Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

Sob esta perspectiva, o que é ideal para eles dentro da zona rural é uma pessoa que tenha uma terra, uma renda e possa sustentar a família. Através do estereótipo que expressam, sobressai a necessidade de se impor no contexto ao qual pertencem e isso se traduz nas lutas que tentam empreender em busca de transformações.

Eles incorporam a sua tradição na tradução da música (Hall) apropriam-se da mensagem e a ressignificam dentro do seu contexto. Quando falam de revolução, associam de imediato à reforma agrária e, conseqüentemente, ao MST, o que configura uma tradição. Nesse caso as suas aspirações simbólicas não se coadunam com a tradição de uma sociedade capitalista urbana e da região sudeste refletida nas cenas do programa. Este fato traduz o desejo de uma outra realidade, pautada por outros objetivos.

Os momentos de discussões empreendidos a partir das letras analisadas desencadearam também outras reflexões que se direcionaram para uma abordagem atrelada às opções musicais constituídas pelos jovens de uma maneira geral.

Apresentaram críticas que merecem serem destacadas: apontaram, por exemplo, que boa parte dos grupos juvenis não reflete sobre os conteúdos difundidos pela música em decorrência de que muitas delas não trazem mensagem nenhuma.” Geralmente o que a maioria dos jovens escuta são essas musiquinhas que não tem letra nenhuma, por mais que você tente ver alguma coisa ,na música você não encontra nada”. Argumenta Maria Vitória, 14 anos (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Mesmo admitindo que também se sentem induzidos aos apelos da indústria fonográfica, como verificamos quando de suas escolhas musicais, a posição que assumem aponta que não recebem tais produtos de forma inadvertida. Jomar, 18 anos, cita como exemplo a dança-música do “creu²⁷²” que não apresenta conteúdo nenhum. “A pessoa assiste para ver aquela mulher dançando, mostrando o corpo. Não quer saber do fundamento da música e sim as mulheres ali dançando, isso é uma má influencia”,argumenta (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Fernando, 17 anos, vai mais além, direcionando sua crítica à “música”²⁷³ da “Lacraia”²⁷⁴: “O que mostra a lacraia? A galera só ligada no batidão e olhando ele se

²⁷² A dança faz alusão ao ato sexual promíscuo, usando a mulher como símbolo.

²⁷³ Não sabemos de fato que denominação podemos apresentar, se esta pode ser considerada como música.

²⁷⁴ A Lacraia é um personagem travestido que representa a homossexualidade estereotipada

remexendo lá, e em cima disso faturando. Porque música de momento é isso mesmo” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Walter, 14 anos, complementa: “muitas dessas músicas é só no momento, depois ninguém quer saber mais delas, diferente de outras que passa anos e a pessoa ainda se lembra dela” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

O argumento aqui apresentado só vem referendar o que anteriormente já havíamos chamado a atenção, quando tratamos sobre as escolhas musicais dos sujeitos pesquisados. O que nos autoriza mais uma vez a defender a assertiva de que as aspirações simbólicas decorrentes das mediações empreendidas tanto pelo rádio como pela televisão, não necessariamente, caracterizam-se como prioritárias no conjunto de elaborações culturais desses sujeitos, pois suas aspirações simbólicas expõem a lógica de um processo de reelaboração que passa pelo aspecto da criticidade.

Fazendo uma reflexão sobre as intervenções desses sujeitos perante o conteúdo do programa *Malhação* observamos que eles direcionam suas leituras mais para os aspectos negativos que perpassam as cenas. Entendemos desse modo que tais cenas geram conflitos e tensões, próprios de sujeitos que pensam criticamente, reagindo às mensagens que lhes são direcionadas.

Embora o programa exerça um fascínio que se constrói dentro do campo do simbólico, não consegue retirar dos sujeitos a sua capacidade crítico-reflexiva. Eles esboçam pontos de criticidade principalmente no que se refere a questões sócio-econômicas. Reconhecem que o programa não representa a realidade da maioria dos jovens brasileiros. Antonio, 23 anos, argumenta; “Só mostra o jovem de classe média e que sempre alcança o que deseja. A realidade de outros jovens é muito raro, principalmente o do campo” (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

Segundo eles, a falsa realidade que o programa transmite, atrelada ao conjunto de “valores” que enaltece, faz com que de certa forma transmita mensagens negativas que precisam ser interpretadas, a partir das discriminações ali ressaltadas, tanto pelo preconceito social como por valores distorcidos por atos de maldade, inveja, traição e brigas cotidianas.

Para Jomar, 18 anos, boa parte das cenas interpretadas, nas suas entrelinhas, valorizam bens materiais que só fazem enaltecer as diferenças sociais, na qual as pessoas são julgadas muito mais pelo que possuem materialmente falando do que por suas condutas enquanto seres humanos.

Esta percepção é corroborada por grande parte desse grupo juvenil que critica a ausência de temas dentro do programa que trate da realidade social vivenciada pelos jovens rurais. Para eles as questões que permeiam tanto o meio rural como a periferia urbana deveriam figurar como temas a serem abordados, porém não da forma depreciativa que muitas vezes é repassada, mas mostrando uma aproximação com os que ali estão inseridos.

Ao apresentarem essas intervenções, estão refletindo sobre os traços culturais que permeiam a sociedade contemporânea, marcada por relações de poder e por estratégias de consumo tão difundidos pela mídia .

Tanto para Jandyra, 28 anos, como para Fernando, 17 anos, quando o assunto entra em pauta é sob a forma da discriminação seja pelo aspecto racial, econômico ou mesmo cultural. “A única hora que me sinto representada é quando apresenta a discriminação com quem é pobre”, desabafa Jandyra, 28 anos (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Tal afirmativa toma sentido se considerarmos a maneira como a mídia televisiva principalmente, mostra o jovem rural, apresentando-o como um sujeito portador de hábitos de certo modo incompatíveis com os estabelecidos no meio urbano.

Esta assertiva alcança legitimidade quando reconstituíram uma cena na qual dois personagens que interpretam os jovens do campo se apresentam de forma estereotipada pela maneira de falar, tendo como fundo musical um jumento relinchando.

Wilson, 20 anos, foi incisivo em seu posicionamento: “a cena mostra a gente, o nordestino, o jovem do campo como sendo aquilo, e nós não somos assim. A gente fala como manda o lugar” (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Abril de 2008).

Aquele episódio de fala permitiu que outros jovens também se posicionassem e refletissem sobre a sua condição juvenil diante dos olhos que a sociedade imputa aos mesmos.

John, 15 anos, desabafa:

O ambiente provoca isso, em relação a cidade digamos para eles a gente é um povo matuto e a gente se sente acanhado, sem jeito e isso obriga a gente a querer ser igual aos outros (Fala espontânea. Oficina realizada em 13 de Abril de 2008).

Amélia, 16 anos, apresenta uma leitura precisa;

Quando aparece o núcleo de Montanhas, Caju, Isidoro, eles representam um pouco os nordestinos, pelo jeito de falar; pelo homem trabalhador, forrozeiro. Mas também explora de forma preconceituosa, pegando formas erradas de se expressar. Você não vê mostrando um rico falando errado. Eu discordo, se vai falar sobre o nordeste deve mostra as coisas boas, não mostrando que o nordestino não sabe se expressar, se comunicar. Isso

prejudica até a região que a gente mora mesmo (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Quando assim se posicionam, na realidade estão subjetivamente tratando das desigualdades sociais a que são submetidos, desigualdades estas que são evidenciadas dentro do programa, reforçando as diferenças sociais que os jovens do mundo real vivenciam. Estão também construindo uma consciência crítica sobre os processos sociais que movem o seu cotidiano, revelando seus desejos de inclusão e de reconhecimento identitário.

Uma questão se levanta: será que o programa não transmite nenhum dado que na visão daqueles sujeitos seja convertido em pontos positivos e que de fato possam orientá-los?

Para alguns, determinados assuntos ali abordados os fazem refletir e, conseqüentemente, os influenciam positivamente, principalmente no que se relaciona aos assuntos atrelados a comportamento. Segundos eles, em temporadas passadas, alguns temas foram condutores de uma boa orientação, e como exemplo disso citam as campanhas de prevenção à Aids, e do não uso de drogas.

Admitem que de alguma forma as cenas ali vivenciadas pela ficção igualmente servem de reflexão para que não cometam determinados atos, estimulando-os a estudar, orientando-os sobre sexo e conseqüentemente para evitar a gravidez na adolescência. Fernando, 17 anos, assim se pronuncia:

O programa me estimula a vontade de estudar mais, seguir alguma profissão que me agrade. Influencia como devemos agir, ou seja, não errando, mas sim ver e ter a certeza que mentiras e brigas dentre outras coisas negativas não leva a gente a lugar algum”(Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Jandyra, 28 anos, também corrobora da mesma compreensão: “a parte que fala sobre os ricos, passa a mensagem para não se discriminar ninguém, independente de cor, de raça, acho que influi positivamente. (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Sob estes argumentos, podemos considerar que as construções identitárias desses sujeitos se constituem por processos de negação, rejeição mas também de aceitação. A bem da verdade, este jogo dialético deve ser reconhecido como um dos elementos mais importantes para a instituição do pertencimento identitário.

Oliveira (1976) nos põe de sobreaviso advertindo que esta concepção só poderá ser operacionalizada se levarmos em consideração que as relações de identidades são construídas a partir do que o autor denomina de “identidades complementares” ou “cambiadas” ou mesmo “identidades contrastivas”. Para este autor, os “contrastes entre “nós” e “eles” são os

marcadores do jogo de exclusão e inclusão que expressa a natureza da identidade contrastiva²⁷⁵” (OLIVEIRA, 1976, p.104).

Aproveitando os espaços de intervenções pronunciadas espontaneamente pelos jovens durante a realização das oficinas, no momento de encerramento das mesmas sugerimos que apresentassem um comentário final sobre o papel da televisão no contexto da sociedade contemporânea. Mais uma vez eles nos surpreenderam. Maria Vitória, 14 anos, antecipou-se e apresentou a leitura de um texto que reflete sobre a temática proposta.

*A televisão*²⁷⁶:

Seu boletim meteorológico indica aqui, agora que chove ou faz sol, para que ir lá fora?

A comida succulenta que põe a minha frente coma toda com os olhos;

Nos dramalhões que encena ide tamanho poder e vida que eu próprio nem me canso de viver

Guerra, sexo , é forte

Me dá, todo, tudo

Vou pregar minha porta, já não preciso do mundo.

A interpretação ali elaborada se construiu dentro de uma concepção que imputa à televisão como um espaço estruturado de posições, que exerce um poder de influência junto à opinião pública, através de um processo industrializado de produção e distribuição de mensagens culturais de domínio coletivo. Trata-se de um conjunto de mensagens veiculado ao público como tentativa de informar, educar e, principalmente, persuadir.

O depoimento de Maria Vitória revela essa leitura:

A televisão é isso para nós, muitas vezes passa cenas que não entendemos o que é. Seja em Malhação ou em qualquer outro programa ou em outro meio de comunicação, mostra as coisas acontecendo. O que a gente vê muito é isso, sempre mostra coisas de forma negativa e te deixa sem noção (MARIA VITÓRIA, 14 anos. Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de abril de 2008).

Outros definem que a televisão é uma “balança”. “Tem coisa ruim e coisa boa também mas , geralmente, encobre as boas e mostra as ruins”. (SIMÃO, 20 anos. Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Antônio, 23 anos, acompanha o raciocínio:

um balanço da vida em si. Falam muito do movimento em si, a gente ocupa uma terra e eles dizem que a gente ta invadindo. A televisão sempre encobre algumas coisas que são verdades (Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

²⁷⁵ Esta afirmação do “eu”(nós) diante do(s) “outro(s)” é denominada por Oliveira (2006) de identidade contrastiva.

²⁷⁶ Eles não souberam precisar de quem é a autoria. Nós também não conseguimos identificar.

Para Jandyra, 28 anos, a televisão atua dentro de um processo de seleção e de ordenação de fatos:

A gente sabe que a televisão é uma forma de comércio, por isso que muitas coisas não é mostrado. Depende do ponto de vista, ela não é imparcial, ela mostra o que ela quer.[...] Mostra belas imagens, mas não mostra o que está por trás (Fala espontânea. Oficina realizada em 06 de Abril de 2008).

Usando as palavras de Bourdieu (1997), “a televisão tende a tornar-se dominante tanto econômica como simbolicamente no campo jornalístico”. Isso acontece a partir do conjunto de princípios que ela utiliza para nortear a visão do mundo. A rede globo de televisão é um exemplo concreto, ao ser dotada de um grande capital simbólico, que define sua posição neste campo através das mais diversificadas estratégias (políticas, econômicas), calcadas em determinadas estruturas sociais já estabelecidas e aceitas por consenso.

Este outro jovem apresenta seu posicionamento tomando como exemplo a relação mídia-MST.

A televisão tanto constrói como destrói e muitas vezes a gente não tem condição de enxergar isso. A televisão para muitos por ser encarada como diversão se torna um vício. E muitos vê o mundo pelo que a televisão mostra. A gente bate em cima dos sem terra porque a globo é miserável, ela detona mesmo a gente²⁷⁷. É difícil mostrar o lado bom, sempre são os vândalos, invadindo. Nós somos considerados um terrorista pela rede globo (ARTUR, 16 anos. Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

As reflexões que empreendiam naquela ocasião foram acompanhadas por alguns pais, que pediram espaço para também apresentarem suas leituras. Eles assim se pronunciaram:

Quando a gente retrata a mídia como um todo temos que pensar na elite, porque quem faz a mídia é a elite e ela só retrata o que ela quer. A mídia se utiliza de assuntos espetaculares (caso Isabella) para distrair a atenção das pessoas para outros assuntos, como a fome, questões de epidemia como a dengue que está sem controle. A televisão traz isso e quem não se comove? Porque é preciso tirar a visão de outras coisas mais sérias, de uma calamidade pública. Então é isso, a televisão vai mostrar o que interessa a elite e não ao povão. É uma balança que muitas vezes pesa mais para o lado do pequeno (JOSÉ BARBOSA. Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Esta mãe entrevistou alertando que o fato de assistir a televisão não pode se converter em um ato passivo:

Precisamos entender a televisão não como um eletrodoméstico, mas como o maior meio de comunicação onde estamos interligados ao mundo todo. E a gente tem que saber fazer uso disso, em ser crítico, em saber fazer uso

²⁷⁷ Esse “a gente” reforça o sentimento de pertencimento junto ao MST e portanto as identidades desses sujeitos.

disso, não como uma forma de sentar e ficar dominado. Temos que sentar na frente da TV para analisar aquilo que passa, determinada manchete e por que aquilo funciona daquela forma (Suzy.Fala espontânea. Oficina realizada em 29 de Abril de 2008).

Pelos depoimentos apresentados podemos considerar que os contratos de leitura que os sujeitos pesquisados apresentam em torno de suas mediações, e conseqüentemente do poder de instrumentalização que a mídia oferece, conduzem para uma visão crítica que estes constroem. A discursividade elaborada emerge a partir de concepções que são construídas no campo de suas singularidades, mas também respaldadas pela capacidade crítica de alguns pais, principalmente militantes.

As elaborações simbólicas que constroem em torno do programa Malhação apontam que a forma como articulam as suas construções identitárias se dinamizam, na medida em que se associam a determinadas posições culturais, mesmo que não se coadunem com a realidade a que estão submetidos. Isso significa que não se desagregam do seu contexto social e nem tão pouco desatrelam-se das suas estruturas culturais. Assim, passam a viver uma relação de interconhecimento dentro de um processo cultural oscilatório, não implicando, necessariamente, num *habitus* adquirido.

As compreensões que podemos retirar dos posicionamentos aqui apresentados indicam que as suas construções identitárias são formadas por processos sociais²⁷⁸, numa dialética que se institui entre esses sujeitos e a mídia, construída por espaços de negociações nos quais vivenciam relações diferenciadas.

Nesse mundo de interações midiáticas, os jovens criam espaços de organizações e relações interativas e têm acesso a várias referências culturais, constituindo assim, um conjunto heterogêneo de redes de significados. Desse modo, a sua construção social emerge através desses múltiplos processos de pertencimento, nos quais as ações cotidianas adquirem sentidos mediante as suas escolhas culturais.

Como defende Oliven, (1992): “à medida em que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um intenso processo de construção de identidades” (OLIVEN, 1992, p.135).

²⁷⁸ Os processos sociais são determinados pelas estruturas sociais (Oliveira, 1976).

COMPREENSÕES DE UMA OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA

**Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
Sempre quis falar
Nunca tive chance**

(trecho da musica ' Não é Sério' - Charlie Brown Jr)

A nossa perspectiva, nessa tese, propôs uma discussão sobre juventudes através de uma abordagem sócio-antropológica que coloca em perspectiva a interdisciplinaridade, através de um processo de conexão múltipla entre as categorias: juventudes, identidades e mídia, a partir de uma investigação de caráter etnográfico..

Olhar para os jovens através da mídia e compreender suas subjetividades foi um desafio que nos propomos encarar, tendo em vista que o campo empírico que escolhemos analisar suscita polêmicas e detém especificidades que precisavam ser articuladas. Se as imprecisões que se apresentam sobre a acepção da juventude são tênues, imaginem quando se trata de jovens residentes em assentamentos rurais do MST.

Assim, os momentos de incertezas e inseguranças afluíam a cada obstáculo que surgia, seja de ordem prática ou pela complexidade teórica, pois quanto mais nos aproximávamos do nosso foco de estudo (os jovens e suas identidades culturais), descobríamos o quanto seria difícil penetrarmos no mundo simbólico daqueles sujeitos, que revelavam seus referenciais identitários de forma fluída e diversificada. Decorre dessa constatação, a ideia de que o sujeito e objeto, na pesquisa etnográfica, estabelece um cruzamento inevitável e necessário.

Compreendendo que não podíamos estabelecer determinismos perante a temática , até porque a juventude se situa por intermédio de um processo que está sempre em movimento e se constitui de forma diferenciada com particularidades relativas tanto ao seu modo de vida como de suas construções identitárias, decidimos seguir em frente, encarar os desafios, e tentar desvendar os mecanismos de subjetividades que aqueles jovens desenvolvem a partir de sua interface com a mídia, diante de suas práticas e matrizes culturais.

Fomos confrontados de pronto com outra situação. Como anunciaram que seus espaços de mediações ocorrem simultaneamente perante o rádio e a televisão, por qual desses dois meios deveríamos optar para demarcar um eixo metodológico? Na condição de

pesquisadora na área do rádio, não poderíamos nem deveríamos desperdiçar aquela oportunidade. Por outro lado, nos sentíamos também instigadas a compreender os mecanismos de sedução que a TV, via programa *Malhação*, exerce perante aqueles sujeitos e que dimensões interpretativas criam em torno da noção de juventude ,mostrada na ficção. Assim, correndo todos os riscos, decidimos estudar as suas relações diante desses dois meios de comunicação. Este foi, portanto, o caminho escolhido para compreendermos as várias dimensões que gravitam em torno dos estudos voltados para a temática da juventude.

Durante toda a trajetória da pesquisa de campo estabelecemos uma meta: conceder alternativas de voz aos nossos interlocutores e através deles construirmos uma análise sobre a categoria juventudes. Se os jovens não encontram espaços para colocar seus posicionamentos em outras esferas sociais, como a mídia, através da academia tentamos oportunizar esse diálogo que, a nosso ver, configurou-se numa das mais legítimas formas de compreensão que pudemos obter, considerando-se o processo de inter-relação organizado em torno da tríade juventudes- identidades –mídia.

O mergulho que fizemos pelas sendas das subjetividades dos nossos interlocutores nos permitiu desconstruir certos paradigmas que se criam em torno dos jovens, e mais especificamente dos rurais e do MST, como também erigir as particularidades concernentes ao seu modo de vida e, conseqüentemente, às suas construções identitárias.

As questões discutidas neste estudo, inicialmente, moveram-se no sentido de compreendermos quem são esses sujeitos identificados como jovens sem terra; jovens rurais. As investigações sobre a relação desses com a mídia só ganhariam sentido se articuladas às suas experiências locais, ao seu estilo de vida. Assim, abrimos um espaço de discussão sobre a relação desses jovens junto ao MST. As primeiras impressões que criamos diante de suas posturas perante o Movimento indicavam um certo distanciamento, já que não sabiam expressar, por exemplo, as reais causas que o Movimento defende. Mas foram apenas impressões que, no desdobramento da pesquisa, foram desfeitas ou mesmo desmistificadas. Aos poucos, iam revelando suas identificações perante o MST, que se consubstancializavam pelas formas de sociabilidades vivenciadas dentro do assentamento ou mesmo fora dele.

O sentimento de pertencimento junto ao MST aflorava em cada circunstância na qual se sentiam atingidos, seja através da mídia, quando esta expõe de forma depreciativa as ações empreendidas pelo MST e os seus integrantes, dentre eles os jovens, são apresentados por estereótipos que denigrem a sua imagem; ou em outros espaços de sociabilidade, como na própria escola e ainda no meio urbano. Ali eles acionavam as suas identidades de Sem Terra,

independentemente de que nível de militância atuem, defendendo seus iguais, assumindo uma condição de contraposição às ideias preconcebidas pelo aparato midiático.

Os estigmas a que são submetidos não passam despercebidos diante desses sujeitos, que se sobressaem advogando em sua defesa e do próprio Movimento. Isso significa dizer que embora muitos deles não saibam expressar as convicções ideológicas que o MST defende, nutrem sentimentos de pertencimento, que se ativam diante de determinadas situações. Desse modo, (re) inventam assim, uma identidade de resistência, na medida em que se contrapõem a forma como são identificados no contexto social. Tentam romper com as fronteiras simbólicas que se constroem sobre os mesmos através desses estereótipos. Na verdade estão mesmo referendando a assertiva de que as identidades se constroem a partir da alteridade.

Os depoimentos foram indícios comprobatórios de que as identidades desses jovens são constituídas dentro de um processo cambiante e movediço, atreladas a um contexto social marcado por influências sóciopolíticas. O fato de residirem em um assentamento rural do MST, e de integrarem direta ou indiretamente as suas ações, aponta uma intenção democrática pelo controle social, contribuindo de forma sistemática para que esses jovens ampliem sua capacidade crítica. Este talvez seja um dos aspectos que marcam a alteridade desse grupo juvenil em relação aos que integram outras esferas sociais, inclusive do meio rural. Se as diferenças se acirram pelos estereótipos de serem rurais e do MST, por outro lado essa alteridade também se exerce pela sua capacidade crítica, embasada pelos preceitos ideológicos que o Movimento defende, os quais acabam absorvendo.

Durante os oito meses que convivemos com esses jovens, seja na ocasião das entrevistas, das realizações das oficinas ou ainda quando os acompanhamos em momentos de lazer ou em marchas, a cada intervenção que nos apresentavam, iam revelando as diferentes facetas da sua juventude. De forma bastante articulada, ora se identificavam como jovens sem terra (ou Sem Terra), ora como jovens rurais, ora simplesmente como “jovens”. A autonomia para falar sobre certas temáticas, a predisposição para galgarem determinados objetivos são sinais evidentes de uma auto-identificação. Inadvertidamente, isso nos ajudou a entender que a juventude se constitui através de dimensões diversificadas, não sendo portanto possível compreendê-la através de uma definição precisa e estável.

Os modos de apropriação desses sujeitos perante a mídia (radiofônica e televisiva) integram quase que totalmente os espaços do seu cotidiano em decorrência do tempo que destinam a esses meios. As suas mediações se operacionalizam pelas preferências que constroem de forma muito peculiar, conforme pudemos expor na observação etnográfica.

O rádio, por exemplo, integra o seu cotidiano de forma bastante efetiva , configurando-se através de um *habitus* adquirido, na medida em que estabelecem um processo de audiência diária. A música se constitui como a principal modalidade de recepção desses sujeitos, e em segundo plano surgem as informações. O rádio atua simbolicamente como extensão das relações sociais daqueles sujeitos que, juntamente com sua família, dividem os espaços de mediações, estabelecendo assim um sentido de integração que se constitui tanto pelo ato da audiência empreendida de forma coletiva, como pelo poder que atribuem ao mesmo, enquanto meio eficaz e legitimador da cultural local, na sua função de porta-voz das problemáticas da comunidade.

As formas de sociabilidades desses sujeitos perante o meio radiofônico se aproximam das vivenciadas por outros grupos juvenis, apenas no que se relaciona à adesão aos produtos musicais, já que a maioria dos jovens brasileiros pauta suas mediações ,no rádio, para este aspecto.

As preferências musicais dos interlocutores desta pesquisa se constituem dentro de um quadro heterogêneo, fluído. Eles se associam de forma intensa perante tais conteúdos, mas não se desvinculam de outras formas culturais. Ou seja, estabelecem uma relação intercambiada pela adesão desses conteúdos e outras tradições por eles incorporadas.

No que se relaciona ao modo como escutam o rádio , eles ainda não puderam aderir às novas práticas de audição, instituídas por uma portabilidade pautada por tecnologias de ponta, nas quais o processo de audiência formata uma dinâmica individual e, conseqüentemente, móvel. Não porque desconheçam tais tecnologias, mas por total falta de condição financeira para adquiri-las. Dessa forma, podemos dizer que os usos e mediações das novas tecnologias da comunicação ocorrem de maneira diversificada, decorrente de uma segmentação social que resulta muitas vezes em processos de exclusão, provenientes de fatores conjunturais de ordem cultural e econômica.

À luz de tal raciocínio, as dimensões culturais vividas pelos jovens rurais são visivelmente diferentes dos urbanos, mas no que tange ao acesso aos bens simbólicos dos conteúdos midiáticos esta dicotomia se dilui. No caso da televisão, as evidências empíricas denunciam que as relações culturais dos sujeitos pesquisados transitam entre os espaços locais e o global, mediante os estímulos do modelo de cultura hegemônica que, na maioria das vezes, não se coaduna com a sua realidade. Esse fator promove uma zona de conflitos que se cria tanto no campo simbólico como no real.

O primeiro campo pode ser reconhecido pelas significações apresentadas diante de suas práticas culturais que se movem por uma estrutura tanto temporal como espacial. Elas podem ser localizadas ,por exemplo, no repertório musical que compõe o universo desses sujeitos,oriundo do rádio e estruturado por uma matriz cultural direcionada a uma programação popular e atrelada a uma lógica mercantilizada da indústria fonográfica.

Acompanhando certas tendências, eles se associam a determinados costumes culturais, vestem-se, mesmo que modestamente, segundo os padrões imperativos da “indústria cultural”; elegem os mesmos estilos musicais e incorporam formas de expressão que a mídia frequentemente institui na padronização cultural que difunde. Ou seja, identificam-se com certos modelos de cultura difundidos pela mídia, que, ressalte-se estão distantes de refletir a realidade social por eles vivenciada. Nesse caso, as tensões e conflitos pessoais se acirram diante dos choques de valores a que são submetidos,. “A gente não quer assumir a influência mas no íntimo termina incorporando alguns aspectos”.

Devemos considerar, no entanto, que tais escolhas não tornam esses sujeitos “prisioneiros dessa ordem social”, na medida em que admitem que tais opções são passageiras, reconhecendo que muitas delas, como as músicas, não têm valor cultural nenhum. Eles se juntam aos apelos das mensagens musicais , mas buscam outros elementos culturais na imersão neste campo. Ou seja, mesmo se associando a determinados produtos não se desvinculam daquilo que são e nem de onde estão. Nesse sentido, a aquisição cultural desses jovens perante tais conteúdos ocorre através de um processo móvel e com dimensões ativas, estabelecidas por concepções particulares, diversificadas e permeadas por múltiplas interpretações.

As mensagens, embora massificadas,sejam na forma da música ou da informação, são recebidas e compreendidas de várias maneiras, conforme as especificidades de cada sujeito.Em relação a tais mensagens, esses jovens se inscrevem num processo de interação em busca do que realmente lhes desperte interesse. Convém ressaltar, no entanto, que o processo de subjetividade caminha tanto pelo espaço do individual assim como pelo social. Mergulham no mundo simbólico, mas negociam estratégias identitárias de forma circunstancial, tentando, na maioria das vezes, se integrar às condições sociais que se atravessam no seu cotidiano pelos efeitos midiáticos.

O campo real assim se define pelas formas concretas de sua existência na sociedade: morar em um assentamento rural do MST; ser fruto de exclusão social. Basta olharmos, sem muito esforço, para as suas trajetórias de vida e seu cotidiano, e verificaremos as diversidades

que se criam em torno dos mesmos devido a estas condições. Dadas essas circunstâncias, eles passam a valorizar mais as suas aquisições materiais que são conquistadas a duras penas. É por isso que o conjunto de aspirações que esses sujeitos constroem em torno de suas pretensões para o futuro se encaminham na perspectiva de buscar melhores alternativas de vida e com isso desvincular-se de um processo de hierarquização social relacionado aos padrões do meio urbano.

Embora os espaços sociais desses sujeitos sejam permeados cotidianamente pela influência midiática, através de um discurso que se “oferece” de maneira generalizada, não implica dizer que o aceitem de forma indiscriminada. Os efeitos de sentidos que produzem, diante das suas mediações, variam e oscilam num processo social ora de apropriação, ora de rejeição, ou até mesmo de indiferenciação. Constituem-se assim por um conjunto heterogêneo de redes de significados, que permite a sua construção social através desses múltiplos processos de pertencimento, organizados a partir da fusão de ideias e por uma variedade de princípios, que os caracterizam na condição de jovens.

Olhando detidamente para suas construções identitárias pelo viés do programa Malhação podemos dizer que eles constituem suas identidades através de um processo negociado. Se de um lado o programa oferece novos contornos de identidades, eles as negociam, a partir de um conjunto de ideias atreladas a sistemas de pertencimentos baseados na multiplicidade. Nesse caso, eles se colocam como sujeitos reflexivos e ativos perante o que propõe o programa, principalmente quando apontam como negativas determinadas situações vivenciadas nas histórias, mesmo que de forma ficcional.

Exercitando sua capacidade de (re)elaboração e negociação, estabelecem filtros e articulam conteúdos, a partir do que lhes interessa, diante de uma prática social constituída por meio da diferenciação. Dessa maneira, a sua produção de sentido constitui-se através de um processo de negociação que se estabelece junto às significações e os sentidos que dão a sua vida cotidianamente, já que a sua realidade passa a ser constituída por padrões culturais socialmente arquetizados.

Assim como a mídia estabelece filtros para veicular suas informações, os sujeitos receptores também produzem os seus, constituindo suas escolhas, que se processam de acordo com o referencial individual que possuem atrelado às suas condições socioculturais. Dessa forma, constroem suas identidades através de espaços de organização e relações interativas.

É preciso se questionar a aceitação de alguns estudos que defendem a internalização dos valores do consumo midiático como meio de passividade. Mesmo reconhecendo a influência

que a mídia exerce com as suas produções culturais, aquela visão idealizada de que a televisão iria proporcionar uma homogeneização perante seus telespectadores não se sustenta, se considerarmos as reações e resistências que os indivíduos apresentam ao que lhes é oferecido. Como pontua Bourdieu (1997) seria subestimar a capacidade de resistência dos seus telespectadores.

Aqui, recorremos mais uma vez à ênfase de que os indivíduos se servem dos bens simbólicos e materiais que a eles são destinados de forma seletiva, “hermeneuticamente”, falando. As opções de acesso junto ao rádio ou à televisão estão disponíveis para todos os grupos juvenis, independentemente de que contexto social estejam inseridos. Cabe a cada um desses promover suas escolhas diante do que lhes interessa, como compete a sujeitos ativos que questionam sua realidade.

Durante a trajetória desta pesquisa percebemos também que as intervenções crítico-reflexivas sobre as mediações dos “nossos” jovens, perante a televisão, se encaminham de forma muito aparente para as questões que envolvem as relações sociais da juventude associada a valores que não necessariamente condizem com o seu modo de viver, principalmente quando se trata das práticas de lazer e padrões de comportamentos. As suas posturas, em alguns casos, contrariam determinados “modelos” de conduta que são instituídos a outros grupos juvenis. O Programa Malhação reflete essa compreensão que, aliás, foi o aspecto bastante discutido pelos nossos interlocutores quando julgavam a conduta de determinados personagens. Na realidade, ao estabelecerem essa postura crítica e de negação perante certos procedimentos, ao mesmo tempo em que revelavam uma visão de diferenciação social, estavam também referendando as suas próprias condutas, em outras palavras se autoafirmando. Isso nos faz lembrar Campbell(2006), quando assevera que é monitorando nossas reações, observando do que gostamos e do que não gostamos que começamos a descobrir quem realmente somos.

Partindo do pressuposto de que o processo de recepção implica, necessariamente, interpretação, inferência, interação, significação e conseqüentemente produção de sentidos, a chave analítica que aqui utilizamos para compreender os usos sociais das mediações dos sujeitos pesquisados, indica que o processo de recepção das mensagens midiáticas está fortemente condicionado a fatores estruturais e conjunturais que funcionam através de uma organização social, espacial e temporal, na qual os sentidos que atribuem aos produtos culturais variam de acordo com a condição e a posição social de cada sujeito.

A circulação dos bens simbólicos desses sujeitos diante das suas mediações perante o rádio e a televisão ocorrem através de um fluxo cultural que se apresenta de forma fluída. As concepções desse grupo juvenil estão muito mais atreladas às normas pré-estabelecidas dentro do espaço social em que vivem, do que mesmo pelos padrões culturais evidenciados pela mídia. Isso significa dizer que nem sempre o que a mídia veicula necessariamente o indivíduo absorve indiscriminadamente. Embora o seu imaginário esteja mediado cotidianamente pelos atrativos oferecidos, neste caso pela televisão, eles não abandonam a ordem social a que estão vinculados. A posição que assumem implica percepções compatíveis com os seus modelos culturais adquiridos, dentro do seu contexto social vinculados principalmente à sua socialização primária calcada em valores e princípios que orientam as suas vidas.

As práticas sociais midiáticas, que se atravessam no universo simbólico desses jovens, ainda que permeadas por uma racionalidade econômica e ancorada pelos princípios ideológicos que movem os seus conteúdos, permite que suas escolhas sejam pronunciadas a partir da dispersão e da multiplicidade. Nas palavras de Geertz (1989), estas se articulam por intermédio de vários estados de consciência.

Assim, mesmo não estando imunes aos apelos midiáticos e, convivendo com esferas culturais diferentes das suas, podemos inferir que as identidades culturais dos nossos interlocutores não se constituem necessariamente do que absorvem através da mídia. Seus valores culturais não se perdem em decorrência do que ali “recebem”, já que não se afastam de outros referenciais.

Com isso, defendemos a tese de que embora a mídia exerça uma centralidade junto as formas de sociabilidade desses sujeitos, ela não é totalizante nem tão pouco generalizante. As suas identidades culturais se constroem a partir de um ciclo social que funciona mediante um processo interativo (mídia, família, movimentos sociais, escola, além de outros) no qual estes jovens se posicionam, de acordo com demandas e interações diversificadas. Isto reflete uma multiplicidade cultural estruturada de várias maneiras, atreladas a valores anteriormente construídos e consequentemente internalizados. Logo, este empoderamento que se atribui à mídia se fragiliza, na medida em que esta não atua necessariamente como o único meio legitimador das ações sociais daqueles jovens.

Estes argumentos comprovam a hipótese inicial que aqui lançamos, indicando que as representações sociais dos indivíduos, através dos produtos culturais oferecidos pela mídia, não são neutras nem tão pouco passivas, mas ativas e permeadas por múltiplos significados. Nesta perspectiva, as construções das formas simbólicas estão condicionadas a um contexto

social e variam de acordo com o repertório das tradições culturais e influências sociopolíticas, por intermédio de um processo movediço.

As sensações e descrições que desvelamos das identidades desses jovens, plenas de pertencimentos e pontuadas de esperanças, nos autorizam a afirmar que suas construções identitárias se renovam e se transformam a partir de uma simultaneidade de relações traçadas nas organizações sociais. Assim, cabe-nos atentar para o fato de que a diversidade e a pluralidade cultural parecem ser condição para o entendimento não só da concepção de juventude e da cultura, mas de suas ramificações, transformações e exacerbações na esfera das diferenças identitárias dos sujeitos, criadas no contexto de uma sociedade contemporânea.

As articulações etnográficas entre juventudes, identidades e mídia, observadas e vivenciadas no campo empírico, a partir de situações de vidas concretas, proporcionaram uma base sólida para refletirmos sobre a categoria juventude. Sem nenhuma pretensão de criar um “tipo ideal” de tal conceito e sem determinismos, podemos considerar que esta é de fato uma categoria “socialmente construída”, portadora de uma heterogeneidade, assumindo características específicas a partir de cada campo e, conseqüentemente, da posição interpretativa que os sujeitos integrantes deste campo assumem. Nesse sentido, a percepção de mundo é realizada através do resultado das construções culturais dos próprios indivíduos que, relacionando-as às funções simbólicas e expressivas da cultura, produzem sentido e negociações através do que lhes é oferecido no espaço social.

Assim, nos propomos a pensar as dimensões da categoria juvenil para além da padronização e dos processos de homogeneização, percebendo a diversidade e as diferentes demandas que se oferecem ao jovem em múltiplas dimensões. Quando nos referimos ao termo diversidade, não estamos apenas nos reportando ao jovem rural, porém relacionando-o à categoria juvenil, seja urbana ou rural. Nesse sentido, nosso argumento se constrói a partir de uma compreensão da juventude, levando-se em consideração as especificidades de cada grupo social e, não defendendo a existência de um padrão único. Compreendemos que a juventude é atravessada por uma realidade social inegável, como todos os fenômenos que se inserem num processo coletivo, influenciados por relações que se transformam na dinâmica social. Ou seja, o termo juventude assume assim características específicas, a partir de cada campo e, conseqüentemente, da posição interpretativa que lhe é favorável.

A representação do ser jovem que os nossos pesquisados apresentaram durante todo o processo da pesquisa se encaminhou de forma decisiva para considerar a juventude a partir da alteridade. Embora existam traços comuns entre os jovens, cada sujeito, em seu contexto

social, vive suas especificidades. que se caracterizam através das mais variadas formas de ser, sentir, pensar e agir.

As lições que pudemos tirar da convivência com esses sujeitos associadas à literatura estudada nos autorizam a afirmar que a juventude não pode ser compreendida enquanto categoria universal e única. Ela não é a mesma em lugar nenhum, pois embora seja analisada como um fenômeno histórico e social, não existe do mesmo modo em todas as épocas históricas e surge permeada por diversidades internas. Portanto, é apropriado pensar a temática juvenil a partir de aportes que se inter-relacionam, percebendo sua pluralidade, pois não há um jovem, mas categorias de jovens que ressignificam, o tempo inteiro, as suas experiências e visões de mundo. É pertinente nos referir não à juventude, mas a juventudes, pois há uma diversidade de pensamentos, experiências, etapas socioculturais que revelam sua multiplicidade interpretativa. Como diz a letra desta música ‘Cada rosto é um espelho, é um desejo de ser, de ter’.

Falar sobre juventude, e mais especificamente sobre jovens rurais e residentes em assentamentos do MST, é construir paradigmas, é quebrar preconceitos. Almejamos que as reflexões aqui apresentadas possam suscitar o interesse para que outros pesquisadores igualmente se destinem a estudar essa temática, ampliando sua compreensão nas mais variadas dimensões. Lançamos aqui o desafio para novas caminhadas, oferecendo estas palavras como ponto de partida:

A juventude não se mede pela idade.

Juventude é estado de espírito que se baseia no querer.

Juventude é disposição para fantasiar, a ponto de transformar a realidade em fantasia.

Juventude é a vitória da disposição contra a acomodação.

Ninguém envelhece simplesmente porque viveu determinado número de anos.

Envelhece aquele que abdica dos seus ideais.

Assim como o passar dos anos se reflete no organismo, a falta de empolgação se reflete na alma.

O medo, a dúvida, a falta de segurança, a fuga e a desconfiança se constituem em anos que dobram a cabeça e levam à morte o espírito.

Ser jovem quer dizer ter 60 ou 70 anos e conservar a admiração pelo belo, a admiração pelo fantástico, pelas idéias brilhantes, pela fé nos acontecimentos, o desejo insaciável da criança por tudo o que é novo, o instinto pelo que é agradável e pelo lado feliz da vida.

Você será jovem enquanto sua alma conservar a percepção da mensagem pelo belo, do simples e a disposição de viver.

*Você será jovem, enquanto conservar a mensagem da grandeza e da força, que nos é dada
pelo mundo, Por um ser humano ou pelo infinito.*

*Você só será velho se tiver a alma dilacerada, se for dominado pelo pessimismo ou pelo
cinismo.*

Neste caso, que Deus tenha piedade de sua alma.

(Inscrição em pedra de granito que se encontra no Parco Giardino, em Verona - Itália)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Ed. Página aberta Ltda., 1994.

ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

ABRAMO, Helena Wendel. & BRANCO, P. P. Martoni.(org.) *Retratos da juventude brasileira. A análise da uma pesquisa social*. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2005.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de/ EUGÊNIO, Fernanda (org.) *Culturas Jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ANGELINA, Peralva. *O jovem como modelo cultural*. In; Revista Brasileira de Educação, nºs 5, 6, 1997.

ARAÚJO, Helyenay Souza. *Etnografia da Recepção: Que Contribuição esse Recurso Pode Dar aos Estudos Sobre a Recepção*. Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) Curitiba, 2009.

ALTHUSSER, Louís. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARIÉS, Phillippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: editora L.T.C, 2ª edição, 1978.

ASA, Briggs/ BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro,: Jorge Zahar, Ed. 2004.

BARBOSA, Livia/ CAMPBELL, Colin.(org) *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, Antônio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A elaboração da pesquisa*. IN: BARROS, Jorge; DUARTE, Antônio (orgs.). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

BOGO, Ademar, *A Mística, Razão da Persistência*. IN: *A Luta pela Reforma Agrária e por Mudanças Sociais no Brasil – Documento Básico*. São Paulo: MST, 2005.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____ *Cultura brasileira. Tradição contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre, *A Miséria do Mundo*. In CHAMPAGNE, Patrick – *A visão Midiática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco zero Ltda, 1983.
- _____. *A Juventude é apenas uma palavra*. In Bourideu, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Ltda., 1983.
- _____. *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BRUMER, Anita. & PINEIRO, Diego.(org) *Agricultura latino americana. Novos arranjos e velhas questões*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo; Ed. Boitempo, 1996.
- BUCCI, Eugênio& KEHL, M^a Rita. In; *Videologias: Ensaio sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos; Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- _____. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CAPARELLI, Sergio . *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.
- CANEVACCI, Massimo. *Comunicação & política*, n.s, v1 n^a 3 pp, 195-206.sd.
- CARNEIRO, Maria José/ GUARANÁ, Elisa (org) *Juventude Rural em Perspectivas*. RJ: Maudx, 2007.
- CARNEIRO, Maria José. *O Ideal Rurbano: a relação campo-cidade no imaginário dos jovens rurais*. XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1998.
- _____. *Juventude Rural, projetos e valores*. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude Brasileira*. Análise de uma pesquisa nacional. Editora: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania: São Paulo, 2005. p. 243-262.
- CASTELO BRANCO, Maria Teresa. *Jovens Sem Terra: Identidades em Movimento*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2003.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. *Juventude Rural: “apenas uma palavra ou mais que uma palavra”*. 2005 Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS. (GT. Ruralidade na Sociedade Contemporânea: desafios e perspectivas), Caxambu,(MG), 2005.

_____. *Os jovens estão indo embora?: Juventude Rural e Reforma Agrária*, IN.Revista. Proposta nº 107/108 DEZ 2005/MAR 2006.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência. Aspectos da Cultura Popular no Brasil*: Editora Brasiliense, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CLIFFORD, J. *Sobre a Autoridade Etnográfica*: IN; A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no Século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COSTA, Sérgio Roberto.; FREITAS, M^a V. de (org.). *Juventude e adolescência no Brasil*: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

CUNHA, Magda Rodrigues da. *Os Jovens e o Consumo de Mídias: Surge um Novo Ouvinte*. AnaisXXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) Curitiba, 2009.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. *O jovem como sujeito social*. Rev.Bras. Educação, nº 24, RJ-set/dez, 2003.

DELIBERADOR, Luzia M. Yamashita/ VIEIRA, Ana Carolina Rampazzo. *A Mídia e os Jovens do MST: Consumo da Mídia por parte dos jovens do Assentamento Copavi*. . AnaisXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) , 2006.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas: Papirus, 2001.

DIZARD, Jr. Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

DUBET, François. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DURSTON, John. *La situación de La juventude rural en america Latina: invisibilidad y estereótipos*. Santiago: CEPAL, 1996.

_____. *Juventud y desarrollo rural: Marco Conceitual y contextual*. Naciones Unidas. Comisión económica para America latina y el Caribe. Santiago do Chile, 1998.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de janeiro: Zahar, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Uma questão de cultura*. In. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 18, 1995.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D./ JACKS, Nilda. *Política de Identidades e os Estudos de Recepção: Relatos de Jovens e Mulheres*. Anais XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) Belo Horizonte, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio & PINTO, Milton José. *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda., 1996.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita *História da Comunicação Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio: O veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

FERREIRA, Delson. *Manual de Sociologia: dos clássicos à sociedade da informação*. São Paulo: Atlas, 2001.

FERREIRA, Argemiro. "As redes de TV e os senhores da aldeia global". IN: Rede Imaginária de Televisão e democracia. (Org) NOVAES, Adauto. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. *História da Mídia Regional: O rádio em Campina Grande*. Campina Grande: Edufmg/Edufpe, 2006.

_____. *O Rádio e os Sentidos Culturais dos Jovens*. Anais XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) RN, 2008.

_____. *A Mídia e os Sentidos Culturais dos Jovens do MST: O Caso do Assentamento José Antonio Eufrosino- PB*. Anais 3º Encontro da Rede de Estudos Rurais. Campina Grande, 2008.

GEERTZ, C. *Os usos da Diversidade*. In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC- livros Técnicos e Científicos Editora S.A . 1989.

_____. *O saber local: novos rumos em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, A. *Admirável mundo novo: o novo contexto da política*. 2001. In *Em defesa da Sociologia*. São Paulo: Edunesp.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. *O jogo das diferenças: O multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação & poder*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A. (org.). *Comunicação & controle social*. Petrópolis: Vozes, 1991.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOMES, Itania Maria Mota Gomes. *Televisão, Telejornalismo e Recepção: O que a Investigação sobre Recepção pode ganhar no Diálogo com os cultural studies e a Semiótica*. Anais XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) Bahia, 2002.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIGOU J. *Problemas de uma sociologia da juventude rural*. IN: *Sociologia da Juventude II*, RJ: Zahar Editores, 1968, pp.73-88.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997/2000.
_____. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1994.

HOHLFELDT Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilizações brasileiras, 1995.

JACKS, Nilda./ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, Nilda. *Estudos de Recepção e Identidade Cultural: Abordagens Brasileiras na Década de 1990*. UNIREVISTA- vol I nº 3, (ISSN 1809-4651) 2006.

JESUS, de Paulo/ PATRIOTA, Nara Silvana Albuquerque. *Telenovela Malhação e Cotidiano de Prováveis Extensionistas Rurais em Formação: Um Estudo de Recepção Junto a Estudantes em São Lourenço da Mata- Pernambuco*. Intercom- Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v30, n.I, Janeiro/junho 2007.

JODELET, Denise. *Representações Sociais: um domínio em expansão*. IN: JODELET, Denise (org.). *As Representações Sociais*. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JUREMIR, Machado da Silva. *A miséria do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2000.
KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo: EDUSC, 2001.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Cultura da Portabilidade- Novos Usos do Rádio e Sociabilidades em Mídia Sonora*. Anais XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) RN, 2008.

_____. *Como Jovens Jornalistas Ouvem Rádio*. Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) Curitiba, 2009.

KUPER, A. *Cultura: a Visão dos Antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002

LASSANCE, Antônio. Brasil: *jovens de norte a sul*. IN: ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni(orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LEAL, O. F. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, M^a Immacolata V. *O rádio dos pobres: Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo: Loyola, 1988.

LOPES, M. A; BORELLI, S.; RESENDE, V. Vivendo com a telenovela, mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levado a sério*. São Paulo: SENAC, 2000.

MACLUHAN Marshall. *O meio é a mensagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Objeto, Método e Alcance desta Pesquisa*. IN: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril, 1978.

MANNHEIM, Karl. *O problema da juventude na sociedade moderna*. In sociologia da Juventude. Org. de Sulamita de Brito. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin-de- siècle*. São Paulo: Scritta, 1993.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MAUSS, Marcel. *Manual de etnografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCHIMIDT, João Pedro. *Juventude e Política no Brasil. A socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

MATTELART, Armand. *A Globalização da comunicação*. São Paulo: Edusc, 2000.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. *América Latina e os anos recentes: Um estudo da recepção em comunicação social*. In *Sujeito o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995

MARTÍN- BARBERO, Jesús -. *Dos meios às mediações, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MELUCCI, Alberto. *Juventude em Tempo e Movimentos Sociais*. IN. Revista Brasileira de Educação. n.5 e 6 mai/dez,1997.

MENEZES, Marilda A; OLIVEIRA, M. G. C. e MIRANDA, R. S. *Juventude em Assentamentos rurais*. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia. Recife, 2004.

MENEZES, Marilda, A., *Relações entre pais, mães e filhas (os) em famílias camponesas: memória de infância*. Revista Teoria & Pesquisa, Programa de Pós graduação em Ciências Sociais, UFSC. Número 49, jul/dez.2006.

_____.*Socialização de Meninos e Meninas em famílias Camponesas – 1960 à 1990*, Mimeo, 2000.

MENEZES, Marilda A. de; OLIVEIRA, Marta Geruza de & MIRANDA, Roberto de Sousa. *Juventude em assentamentos rurais*. Trabalho apresentado na 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Recife, 12 a 15 de junho de 2004. Fórum de Pesquisa 09: Família contemporânea: relações intergeracionais e de gênero.

_____.*Juventudes Rurais no Nordeste: Trabalho, Migrações e Movimentos Sociais*. Projeto de Pesquisa, mimeo, 2006.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do Tempo*. Rio de Janeiro, Forense- Universitária, 2000.

MOTA, Alda Brito da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (org). *Um Diálogo com Simone de Beauvoir*. NEIM/UFBA, 2000. In; Heleieth Saffioti)

NOVAES, Regina. & VANNUNCHI, Paulo. (org.) *Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo. Editora fundação Perseu Abramo.2004.

NOVAES, R. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças, trajetórias*. IN: ALMEIDA, M^a I. de & EUGENIO. F. (orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NOVAES, Regina; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo (orgs.) *Juventude, cultura e cidadania*. Comunicações do Iser, Ed. Especial, ano 21, 2002.

NOVAES, Adauto (org) *Rede Imaginária: Televisão e democracia*. .IN: MACHADO, Arlindo. *A cultura da Vigilância*. São Paulo; Companhia das Letras, 1991.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, Summus, 1995.

PAIVA, C. *Êxtase da juventude e estesia da televisão: Ciranda Cirandinha, Armação Ilimitada. e Malhação*. Anais XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Campo Grande, 2001.

PATRIOTA, Nara S. A; JESUS, de Paulo. *Telenovela Malhação e Cotidiano de Prováveis Extensionistas Rurais em Formação*. RP em Revista. Ano 4- n. 16. ISSN: 1809-1687. Salvador /Ba, 2006.

PERALVA, Angelina; SPOSITO, Marília Pontes (Org) *Juventude e Contemporaneidade*. In; Revista Brasileira de Educação, nºs 5, 6 ,1997.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. *Observação participante e pesquisa-ação*. IN: *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PORTO, P. Mauro. *A Pesquisa sobre recepção e os Efeitos da Mídia: Propondo um enfoque integrado*. Anais XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) Belo Horizonte, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro, Ed. Codecri, 1978.

RETONDAR, Anderson Moebus. *Sociedade de consumo, modernidade e globalização*. São Paulo; Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Cultura e Política no mundo contemporâneo*. Brasília: Ed. UNB, 2000.

RONSINI, Veneza V. Mayora. *Mercadores de Sentido: Consumo de mídia e identidades juvenis*. Porto Alegre, Sulina, 2007.

RONSINI, Veneza V. Mayora/ SIFUENTES , Lírian/ NEVES JUNIOR, Marco Antonio. *Juventude e Telenovela: Um estudo de Recepção*. AnaisXXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) , Santos, 2007.

RONSINI, Veneza V. Mayora. *Mídia e Identidades Juvenis*. IN *Communicare*, vol.2 nº 2, ISSN-1676 3475, 2002.

SALES, Celecina Maria Veras. *Cirações Coletivas da Juventude no Campo Político: Um Olhar sobre os Assentamentos rurais do MST*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Pela Mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Por uma Concepção multicultural de Direitos Humanos*, SP: Hucitec, 2000

SCHIMIDT, João Pedro. *Juventude e Política no Brasil. A socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da.(org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução ao currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Cultura*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUSA, Mauro Wilton de (org) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Recepção midiática: linguagem de pertencimento*. Revista latinoamericana de ciências de La comunicacion. Ano 2, n 2- São Paulo, Alaic, 2005.

SPÓSITO, Marília Pontes. *Estudos sobre juventude em educação*. In: Revista Brasileira de Educação, n°s 5,6, 1997.

_____. *Algumas reflexões e muitas indagações sobre relações entre juventude e escola no Brasil*. In. *Retratos da Juventude Brasileira*: Instituto Cidadania, Porto Alegre, 2005

STÉDILE, João Pedro (org) *A reforma Agrária e a luta do MST*. Petrópolis: Vozes, 1997

STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999.

STROPAZOLAS, V.L. *O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens*. Florianópolis\SC: Editora da UFSC, 2005.

TEDESCO, João Carlos(org) *Agricultura familiar, realidades e perspectivas*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *A mídia e a modernidade - uma teoria social do poder*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAVANCAS, Isabel. *Juventude e Televisão: um estudo de recepção sobre o Jornal Nacional entre jovens universitários e cariocas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1990.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. *Os Filhos da Lona Preta: Identidade e cotidiano em acampamentos do MST*. São Paulo: Alameda, 2005.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. *Juventude Rural: vida no Campo e projetos para o futuro*. Projeto de Pesquisa, mimeo, 2003.

_____. Olhares sobre o “Rural” Brasileiro. Revista Raízes. Vol.23, nºs 1,2- 2004.

_____. *A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas- o “rural” como espaço singular e ator coletivo*, 2000. p.87-145. Estudos, Sociedade e agricultura, RJ (69-129. 2000b)

_____. (Coord.) *Juventude Rural: Vida no Campo e Projetos para o futuro*. Pesquisa Financiada pelo CNPq. PPGS – UFPE. Recife, 2006.

WEISHEIMER, Nilson. *Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo do caso no bairro de Escadinhas, Feliz/ Rs*. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2004.

_____. *Estudos sobre os Jovens Rurais do Brasil: mapeando o debate acadêmico*. Nead/MDA,2004. (mimeo).

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1992.

WOLF, E. "Inventando a Sociedade". In: Feldman- Bianco, B. e Ribeiro, G. L (orgs). *Antropologia e Poder. Contribuições de Eric Wolf*. Brasília.: EdUnb, 2003

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

VELHO, Gilberto. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*, IN Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio (orgs) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TESES , DISSERTAÇÕES, MONOGRAFIAS

ALMEIDA, Marcos Pablo Martins. *“Da casca ao miolo”: Memórias e Identidades de Militantes do MST do assentamento José Antonio Eufrosino* Universidade Estadual da Paraíba, (Monografia de Graduação). 2008.

CASTRO,E.G.*Entre Ficar e Sair: Uma Etnografia da Construção Social da Categoria Jovem Rural*. Pós- Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, (Tese de Doutorado) 2005.

LAZZARETTI, Miquel Ângelo. *A Produção da Ação coletiva no MST: Relações de Poder e Subjetividade*. PPGS/CH/UFPB (Tese Doutorado) 2007.

MARTINS, Suely Aparecida. *A Formação Política da Juventude do Movimento Sem Terra no Estado do Paraná*. Universidade Federal de Santa Catarina (Tese Doutorado), 2009

MIRANDA, Roberto de Sousa. *Desempenho Institucional e a Superação dos Dilemas Sociais em Assentamentos do Semi-Árido Paraibano*. Universidade Federal de Campina Grande, (Dissertação de Mestrado) 2007.

OLIVEIRA, Rosa de Souza . *Expectativas de Jovens Que Vivem em Assentamento: Um Estudo Sobre a Tríade Trabalho-Educação-Família*. Universidade Federal do Pará, (Dissertação de Mestrado), 2006.

OLIVEIRA, Iolanda Carvalho de. *O Movimento dos trabalhadores Sem-terra e a questão da representação política: O caso da região extremo sul da Bahia*. Dissertação mestrado em Sociologias. UFCG, 2003.

ROSSATO, Alexania. *A Recepção de Rádio e Televisão por Jovens do Movimento dos Atingidos por Barragens: As Representações da Classe Popular*. Universidade Federal da Santa Maria- RS, (Dissertação de Mestrado), 2008.

SARA, Alves Feitosa. *Televisão e Juventude Sem Terra: Mediações e Modos de Subjetivação*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Dissertação de Mestrado), 2007.

SANTOS. Esmeraldo Leal dos. *Juventude Sem Terra: O Cotidiano Formador e o Processo de Identificação com o MST*. Universidade Federal de Campina Grande (Dissertação de Mestrado), 2008.

SCHIOCHET, Dilei Aparecida. *Origens do MST na Paraíba*. Universidade Federal da Paraíba (Monografia de Graduação), 2008.

SILVA, Maria Isabel. *O Discurso de Malhação: A Representação de Temas da Realidade Brasileira*. Universidade Estadual da Paraíba, (Monografia de Graduação). 2008.

DOCUMENTOS/ OUTROS

MST. *A Formação No/Do MST: Trajetória, Iniciativas e Desafios de um Processo Coletivo*-Setor de Formação Nacional, 2004.

MST. *Gênese e Desenvolvimento do MST*. Caderno de Formação nº 30. São Paulo: MST, 1998.

MST. *O MST: A Luta pela Reforma Agrária e por Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: MST, 2005.

MST. *O Funcionamento das Brigadas do MST*. São Paulo: MST

MST. *A Força da Juventude do MST na Luta Por um Brasil Sem Latifúndio e Contra a ALCA*. - 4º Curso sobre Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural- Unicamp, 2002.

MST. *Carta do 5º Congresso Nacional do MST*, 2007.

Relatório *A Mídia dos Jovens*. ANDI, (ISSN 1519-5384) Ano 8, N.11/ junho 2008

Mídia Dados Brasil , Grupo de Mídia- São Paulo, 2009.

Entrevista / Jesús Martín-Barbero *Comunidades Falsificadas*. Por Renato Essenfelder em 25/8/2009. Reproduzido do caderno "Mais!" da *Folha de S.Paulo*, 23/8/2009.

SITES

<http://vejaabril.com.br/acervo> digital . Edição 2010 ano 42 pgs, 85-93 <acesso em 25 de setembro de 2009>

<http://www.artedamarca.com.br>- Dossiê Universo jovem MTV 2008.<acesso em 19 agosto de 2009>

<http://www.revan.com.br/PNAD.htm>-IBGE < acesso em 23 março de 2009>

[http://www. Redeglobo.com.br](http://www.Redeglobo.com.br) < acesso em 04 de julho de 2009>

<http://www.globo.com/malhação>< acesso em 22 de setembro de 2008>

<http://www.Ibope.com.br> < acesso em 25 de março de 2009>

http://www.wbibrasil.com.br/boletim.php?id_boletim=262< acesso em 25 de março de 2009>

<http://www.almanaqueibope.com.br/asp/index.asp>. < acesso em 04 de Julho de 2009>

<http://rd1audienciadatv.wordpress.com/2009/05/08/malhacao-registra-baixos-indices-de-audiencia-na-globo/>. < acesso em 16 de Junho de 2009>

<http://www.andi.org.br>. < acesso em 14 de setembro de 2008>

<http://www.institutovotorantim.org.br>. < acesso em 14 de março de 2009>

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=533TVQ001>.<acesso em 14 de março de 2009

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0831-1.pdf>, <acesso em 18 de abril de 2008 >

<http://www.observatóriojovem.org/>

<http://www.ibge.gov.br/censo/>< acesso em 27 de Setembro de 2009>

<http://www.teleco.com.br/relatorioc.asp>.< acesso em 09 de julho de 2009>

<http://pt.Wikipedia.org/wiki/Malha>. < acesso em 15 de maio de 2009. >

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

PÚBLICO: JOVENS DO ASSENTAMENTO ANTONIO EUFROSINO

BLOCO 1- PERFIL

- a) Nome completo: _____
 - b) Idade: _____
 - c) Gênero:
☐ F ☐ M
 - d) Escolaridade: _____
 - e) Profissão: _____
 - f) Naturalidade: _____
 - g) Renda individual e ou familiar:
☐ menos de um salário mínimo
☐ até 1 salário
☐ Acima de 1 salário mínimo
- Quanto tempo está na cidade? _____
- Quanto está no assentamento? _____
- Número de pessoas na residência? _____
- Grupo que ocupa no assentamento: _____

BLOCO 2- CONVIVÊNCIA FAMILIAR

- a) Há quanto tempo a família integra o MST? _____
- b) Como chegou ao assentamento Antonio Eufrosino? _____
- c) Quem informou sobre o assentamento? _____
- d) Houve dificuldades? _____
- e) A família é composta de quantas pessoas? _____
- f) Quem é o chefe da família? _____
- g) Todos trabalham? Onde? _____
- h) Quais as tarefas de cada membro? _____
- i) O que fazem durante o dia? _____
- j) Como ocupam o tempo? _____
- k) Vocês costumam se reunir em família para conversar? O que conversam? _____
- l) Participa de alguma religião? _____
- m) E com os amigos? _____
- n) Qual o nível de independência que tem? Vocês vão para onde querem? _____
- o) Fazem o que quando saem? _____
- p) Você acha que a educação de vocês é diferente dos outros jovens que não moram em assentamentos? _____
- q) Você acha que tem pais que deixam os filhos saírem mais que vcs? Por que? _____
- r) Como seus pai deveria educa-lo (La)? _____
- s) Você acha que a educação que recebem aqui é diferente de outros jovens? _____
- t) Como a família sobrevive? _____

BLOCO 3- REDES DE SOCIABILIDADE COM O MOVIMENTO

- a) Desempenha alguma atividade de coordenação junto ao movimento?
- b) Como vê a proposta do Movimento?
- c) Cite os pontos positivos do MST. E os negativos?
- d) O que deveria mudar?
- e) O que faz em prol do Movimento?
- f) O que faz concretamente pelo assentamento?
- g) Como ocorre as relações sociais dentro do assentamento?
- h) Todos são unidos, ou há conflitos?
- i) Como é a convivência com os jovens que não aceitam a ideologia do Movimento?
- j) E nas reuniões? Todos concordam?
- k) Assume a identidade do Movimento?
- l) Quais as dificuldades para se viver no assentamento?
- m) Como base na sua vivência no assentamento, Se pudesse sairia do Movimento?
- n) Que tipo de contribuição já deu ao movimento?
- o) Costuma falar? Propor coisas?
- p) A Hierarquia aqui dentro é cumprida?
- q) Depois de assentado, já participou das frentes de luta?
- r) Entre os jovens como é a convivência? Há namoro ou amizade?
- s) Participa dos cursos de capacitações oferecidos pelo movimento? O que é abordado

BLOCO 4- CONVIVÊNCIA FORA DO ASSENTAMENTO

- a) O que faz fora do assentamento?
- b) Na sala de aula tem outros jovens assentados?
- c) Como as pessoas o vê como assentado?
- d) Como se relaciona com as pessoas que não fazem parte do Movimento?
- e) É aceito na sociedade?
- f) Na escola, como os outros jovens os vê?
- g) Sofre algum tipo de discriminação?
- h) Assume a identidade de integrante do MST em qualquer lugar?
- i) Como é a sua convivência na cidade?
- j) Tem amigos?
- k) Já namorou com alguém?
- l) Que tipo de programa faz?

BLOCO 5- A INTERFACE COM A MÍDIA

- a) Qual o meio de comunicação que tem mais acesso?
- b) O que mais gosta de ver/ ouvir?
- c) Que tipo de programa assiste, escuta com mais frequência?
- d) Gosta mais de jornal ou de televisão?
- e) Acredita no que ver/ escuta?
- f) Tem vontade de adquirir os produtos anunciados?
- g) Que tipo de música prefere?
- h) Como se vê através da mídia?
- i) O que pensa sobre os temas abordados pela mídia: Sexo, gravidez, droga, moda

BLOCO 6- PERSPECTIVAS

- a) O que é ser jovem?
- b) Gosta de ser jovem?
- c) Que assuntos discute com outros jovens?
- d) Se sente diferente de outros jovens que não são do MST?
- e) Gostaria de ser independente?
- f) Que tipos de lazer que pratica?
- g) Qual o seu projeto de vida para o futuro?

QUESTIONÁRIO I

Este questionário tem como objetivo identificar como os jovens do assentamento Antonio Eufrosino utilizam o rádio para a construção de suas identidades culturais.

Você gostaria de participar desta pesquisa sobre a recepção dos programas de Rádio, ouvindo pelo menos três programas com a pesquisadora?

Sim () Não ()

Nome : _____ Idade _____ Telefone _____

Grupo: _____

1-Você escuta Rádio ? Sim () Não ()

Rádio AM () Rádio FM ()

2-Qual a emissora de rádio que mais escuta

Borborema () Caturité () Campina Grande FM (93.1) ()

Correio Fm (98.1) () Panorâmica (97.3) () Ariús ()

Lagar () Outras () Definir: _____

3- Qual o horário que escuta mais rádio?

Manhã () Tarde () Noite ()

4- Você escuta rádio

Todo dia () Frequentemente () Esporadicamente ()

5- Quantas horas por dia você escuta Rádio? _____

6-De onde escuta o Rádio ?

Casa () Trabalho () Escola () outros ()

7- Em que aparelho escuta rádio

Microsister () Rádio de pilha () celular ()

8- Escuta Rádio só ou com a família? _____

9 - Você faz outras atividades no momento em que está ouvindo o Rádio?

Quais? _____

10- Qual(s) o(s) programa(s) que você mais gosta de ouvir?

() Musical () Jornalismo () Variedades () Policial () Esportivo

11- Escuta esses programas todo dia? _____

12- O que mais lhe chama a atenção nos programas?

() Tipo de músicas () Anúncios publicitários () Informações

() Prestação de serviços () Dicas de Lazer (festas, filmes, shows) () Outros

13- Quais os assuntos abordados nos programas? _____

14- Que tipo de música escuta nesses programas?_____

15 - Ouvir esses programas influenciou sua vida? Em caso positivo especificar

16-Conheceu lugares de entretenimento, artistas ou outras pessoas através do Rádio?
Especifique _____

17- Que tipo de música conheceu através do Rádio?

18- os comerciais despertam algum interesse para comprar algum produto? Quais

19-Adquiriu algum produto que foi anunciado pelo Rádio? Quais
() CD () Livros () Outros

20-Costuma discutir com alguém o que escuta no Rádio? O que?

21- As informações veiculadas pelo Rádio já lhe beneficiaram de alguma maneira? Como?

22-O Rádio atende às suas necessidades enquanto cidadão?

23-Você acredita na informações divulgadas no Rádio? Justifique

24- Cite o nome de três cantores que você conheceu através do Rádio_____

25- Cite três fatos importantes que tomou conhecimento pelo Rádio _____

QUESTIONÁRIO II

Este questionário tem como objetivo identificar como os jovens do assentamento Antonio Eufrosino utilizam a televisão para a construção de suas identidades culturais.

Você gostaria de participar desta pesquisa sobre a recepção dos programas televisivos, ouvindo pelo menos três programas (Malhação) com a pesquisadora?

Sim () Não ()

Nome: _____ Idade _____ Telefone _____

Grupo: _____

1-Você assiste televisão? Sim () Não ()

2-Qual a emissora de televisão que mais assiste?

Globo() SBT () Record () Band () Outras () Definir ()

3- Qual o horário que mais assiste TV?

Manhã () Tarde () Noite ()

4- Você assiste TV

Todo dia () Frequentemente () Esporadicamente ()

5- Quantas horas por dia você assiste TV? _____

6-De onde assiste TV?

Casa () Trabalho () Escola () outros ()

7- Assiste TV só ou com a família? _____

8- Você faz outras atividades no momento em que está assistindo TV?

Quais? _____

09- Qual(s) o(s) programa(s) que você mais gosta de assistir?

() Musical () Jornalismo ()Variedades () policial () Esportivo

Citar os nomes _____

10- Vê esses programas todo dia? _____

11- O que mais lhe chama a atenção nos programas?

() Tipo de músicas () Anúncios publicitários () Informações

() Prestação de serviços () Dicas de Lazer [festas, filmes, shows] () Outros

12- Quais os assuntos abordados nos programas? _____

13-Que tipo de música escuta nesses programas? _____

14- Assistir esses programas influenciou sua vida? Em caso positivo especificar

15-Conheceu lugares de entretenimento, artistas ou outras pessoas através da televisão?
Especifique _____

16- Que tipo de música conheceu através da Televisão?

17- Os comerciais despertam algum interesse para comprar algum produto?
Quais: _____

18-Adquiriu algum produto que foi anunciado pela TV? Quais?
() CD () Livros () Outros

19-Costuma discutir com alguém o que escuta na Televisão? O que?

20- As informações veiculadas pela TV já lhe beneficiaram de alguma maneira? Como?

21-A Televisão atende às suas necessidades enquanto cidadão?

22-Você acredita nas informações divulgadas pela Televisão? Justifique

23- Cite o nome de três artistas que você conheceu através da Televisão

24- Cite três fatos importantes que tomou conhecimento pela Televisão

QUESTIONÁRIO III

Este questionário tem como objetivo levantar dados sobre o processo de recepção do programa Malhação

NOME: _____ GRUPO: _____

1- Há quanto tempo assiste ao programa Malhação? _____

2- Quantas vezes por semana assiste ao programa? _____

3- Assiste ao Programa sozinho(a) ou acompanhado(a) ? de quem?

4- O que lhe motiva a assistir ao Programa? _____

5- O que mais lhe chama a atenção no programa? _____

6- O que mais gosta no Programa? _____

6- O que não gosta? _____

7- Qual o personagem do programa que você gostaria de ser?

8- Qual o personagem que você mais se identifica, ou que lhe representa?

9- Que influência o programa exerce na sua vida?

10- Você acha que o programa representa a realidade dos jovens brasileiros?

11- O programa já lhe influenciou em alguma coisa?

12- Você. acha que o programa orienta os jovens? Como?

13- O que o programa deveria abordar?

PAUTA ENTREVISTAS DIRIGENTES DO MST

Esta entrevista tem como objetivo identificar quem é o jovem do MST. A nossa pesquisa de doutorado é focada na perspectiva de analisar como os jovens residentes em assentamentos do MST constroem suas identidades culturais a partir da interface com a mídia.

Goretti Sampaio - professora do Departamento de comunicação social da UEPB. Doutoranda do programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais- UFCG.

MST e juventude

Como O MST define a juventude?

Quem é o jovem do MST?

De uma maneira geral qual o nível de pertença dos jovens junto ao MST?

De que forma o MST ajuda ao jovem na construção de um novo modo de pensar, sobretudo relacionado à política?

Qual a participação dos jovens junto aos setores de coordenação do Movimento?

Como a ordem e a disciplina são aceitas pelos jovens? Eles não a tomam como uma forma de poder?

A disciplina pode ser entendida como um limite?

Como O MST define a juventude por faixa etária?

Até que ponto os jovens que vivenciaram junto a seus pais a luta nos acampamentos e nos enfrentamentos, dão continuidade ao projeto do Movimento?

Já que os princípios do MST se estendem à formação política, de que forma os setores de formação e educação têm contribuído para a inserção do jovem na militância?

Ser militante é seguir regras e orientações da direção nacional? Esta seria uma forma de pressão junto ao jovem?

A atuação dos jovens junto ao movimento está atrelada a um modelo?

Que papel o Movimento atribui ao jovem?

ANEXOS

ANEXO I

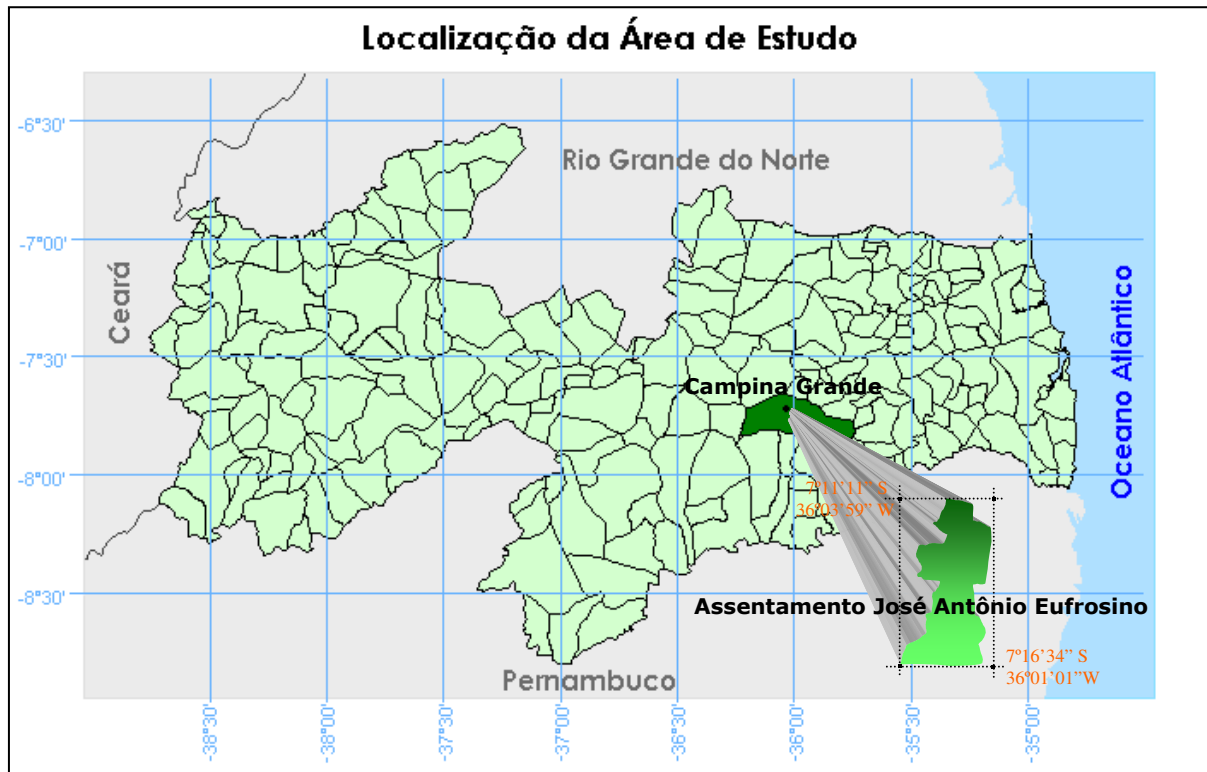


Figura de Localização do Assentamento José Antônio Eufrosino- (fonte PDA)

ANEXO II

ASSENTAMENTO JOSÉ ANTONIO EUFROSINO: MONTE ALEGRE (Grupo III)

SEXO	FAIXA ETÁRIA (ANOS)										TOTAL
	< 1	1 a 4	5 a 6	7 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 39	40 a 49	50 a 59	> 60	
MASCULINO		13	5	14	12	24	62	19	10	20	179
FEMININO	1	7	6	13	12	18	46	10	17	21	151
Nº DE PESSOAS	1	20	11	27	24	42	108	29	27	41	330

Nº DE FAMILIAS ESTIIMADAS		%
Nº DE FAMILIAS CADASTRADAS	85	
7 a 14 ANOS NA ESCOLA	51	100,0
15 ANOS E MAIS ALFABETIZADOS	208	84,21

ASSENTAMENTO JOSÉ ANTONIO EUFROSINO: CASTELO (Grupo IV)

SEXO	FAIXA ETÁRIA (ANOS)										TOTAL
	< 1	1 a 4	5 a 6	7 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 39	40 a 49	50 a 59	> 60	
MASCULINO		4		3	9	17	27	8	10	13	91
FEMININO		3	3	5	9	11	23	14	9	20	97
Nº DE PESSOAS		7	3	8	18	28	50	22	19	33	188

Nº DE FAMILIAS ESTIMADAS		%
Nº DE FAMILIAS CADASTRADAS	50	
7 a 14 ANOS NA ESCOLA	21	80,77
15 ANOS E MAIS ALFABETIZADOS	111	73,03

ASSENTAMENTO: JOSÉ EUFROSINO LOGRADOURO/ BONFIM (Grupos Ie II)

SEXO	FAIXA ETÁRIA (ANOS)										TOTAL
	< 1	1 a 4	5 a 6	7 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 39	40 a 49	50 a 59	> 60	
MASCULINO	6	9	8	6	10	7	29	12	11	18	116
FEMININO	4	13	7	8	14	12	38	13	6	14	129
Nº DE PESSOAS	10	22	15	14	24	19	67	25	17	32	245

Nº DE FAMILIAS ESTIMADAS		%
Nº DE FAMILIAS CADASTRADAS	Nc	
7 a 14 ANOS NA ESCOLA	Nc	
15 ANOS E MAIS ALFABETIZADOS	103	41,03%

ANEXO III- ASSENTAMENTOS DO MST/PB - BRIGADAS			
BRIGADA	ASSENTAMENTO	MUNICÍPIO	Nº Fam.
LITORAL: REGINALDO SALES	1º de Março	Pitimbu	34
	Teixeirinha	Pitimbu	34
	Nova Vida	Pitimbu	132
	Árvore Alta	Alhandra	272
VÁRZEA: JOÃO PEDRO TEIXEIRA	Chico Mendes	Riachão do Poço	120
	Antônio Conselheiro	São Miguel de Taipú	120
	Tiradentes	Mari	160
	Zumbi dos Palmares	Mari	94
	Paulo Freire	Araçagi	16
BREJO: MARGARIDA ALVES	Florestan Fernandes	Pilões	41
BORBOREMA: QUEBRA QUILO	Pequeno Richard	Campina Grande	29
	José Antônio Eufrozino	Campina Grande	100
	Dorcelina Folador	Cubati	27
CURIMATAU: CAETÉS	Quandu	Barra de Sta. Rosa	60
	Oziel Pereira	Remígio	52
	Corredor	Remígio	40
	Gruta Funda	Algodão de Jandira	40
	Rosa Luxemburgo	Algodão de Jandira	18
	Irmã Doroty	Remígio	20
	Pedro Henrique	Solânea	25
	Santa Rosa	Barra de Sta. Rosa	28
	Cícero Romana Arara	Esperança	2
	Cícero Romana I	Esperança	54
	Cícero Romana	Areal	11
	Cícero Romana Lages	Areal	35
	Paulo Freire	Algodão de Jandira	50
	Che Guevara	Casserengue	13
	Poço Verde	Casserengue	10
CARIRI: ZÉ MARCOLINO	Mandacaru	Sumé	120
	Doz Dez	São Sebastião do Umbuzeiro	80
	Beira Rio	Camalaú	29
	Eldorado dos Carajás	Camalaú	16
	Serrote Agudo	Sumé	86
	Maria Bonita	São Sebastião do Umbuzeiro	20
SERTÃO 1: PATATIVA DO ASSARÉ	Tiradentes I	São José dos Espiranhas	35
	Margarida Maria Alves	Pombal	32
	Maria da Paz	São José dos Espiranhas	40
	Cachoeira	São José dos Espiranhas	40
	Patativa do Assaré	Patos	60
	Osiel Alves	São José dos Espiranhas	25
	1º de Maio	Maturéia	20
	Poços de Baixo	Teixeira	45
	Novo Espinhara	São José dos Espiranhas	50
	Boa Fé	Imaculada	16
	Mundo Novo	São Mamede	19
SERTÃO 2: JUAZEIRO	Padre Luciano	Catingueira	29
	São Sebastião	Catingueira	28
	N. Sra. Aparecida	Catingueira	65
	Juazeiro	Olho D'água	50
Fonte - Secretaria Estadual do MST da Paraíba- Dados 2008			
TOTAL DE ASSENTAMENTOS DO MST PB			2.542

ANEXO IV

ÁREAS DE ACAMPAMENTO DO MST- PARAÍBA (atualizada 04 de outubro 2008 - fonte Secretaria Estadual MST-PB)
--

1-BRIGADA (LITORAL)

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Ouro Verde	Caaporã	40
02	Quilombo	Conde	10
TOTAL DE FAMÍLIAS ACAMPADAS			50

2 - BRIGADA JOÃO PEDRO TEXEIRA (VARZEA)

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Filhos da Terra	Cuité de Mamguape	20
02	Pequena Vanessa	Mari	25
03	Atônio Joaquim Teotonio	Sapé	30
04	17 de Abril	Riachão do Poço	20
TOTAL DE FAMÍLIAS ACAMPADAS			95

3 - BRIGADA ALMIR MUNIZ -VALE DO PARAÍBA

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Pau Brasil	Itabaiana	21
02	Prato Cheio	Pilar	10
03	Boa Esperança	Juripiranga	80
Nº DE FAMÍLIAS ACAMPADAS			111

4 - BRIGADA MARGARIDA ALVES –BREJO

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Olga Benário	Bananeiras	20
02	Jucá	Alagoa Grande/Gurinhém	15
03	Celso Furtado	Serraria	20
04	Keno	Juarez Távora	30
05	25 de Julho	Cacimba de Dentro	40
06	Josué de Castro	Pilões	20
07	Josefa Miranda	Ala	20
08	Antonio Joaquim	Caiçara	25
TOTAL DE FAMÍLIAS ACAMPADAS			190

5 - BRIGADA CAITEIS- CURIMATAU

ACAMPAMENTOS

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Paulo Freire	Remígio	35
02	Carlos Marighela	Esperança	11
03	Carlos Lamarca	Remígio	23
04	Celso Furtado	Esperança	40
05	Apolônio de Carvalho	Solânea	20
06	25 de Julho	Casserengue	10

07	Amilton Cardoso	Algodão de Jandaira	20
08	Che Guevara	Casserengue	13
09	Santa Rosa	Barra de Santa Rosa	20
10	Cabeçudo	Casserengue	10
TOTAL DE FAMÍLIAS ACAMPADAS			202

6 – BRIGADA QUEBRA QUILOS BORBOREMA

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Pequeno Richard	Campina Grande	30
02	Barrocas	Boqueirão	20
03	Trincheiras	Boqueirão	55
TOTAL DE FAMÍLIAS			230

7 - BRIGADA ZÉ MACURLINO - CARIRI

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Lagoa do Juá	Livramento	28
02	Prata	Prata	50
03	Novo Desterro	Desterro	34
04	Xique-Xique	Monteiro	70
05	Quilombos	Camalau	15
TOTAL DE FAMÍLIAS ACAMPADAS			210

8 - BRIGADA PATATIVA DO ASSARÉ -SERTÃO

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Nova Conquista	Condado	35
02	Eldorados dos Carajás	Santa Terezinha	34
03	Mundo Novo	Santa Luzia	30
04	Riacho Verde	Teixeira	18
05	Chico Mendes	São Jose do Bomfim	42
06	Erivaldo Alves	Santa Terezinha	113
07	Nossa Senhora Aparecida II	São Mamede	40
08	Valmir Mota	Imaculada	50
09	Quilombo do Livramento	Princesa Isabel	61
10	Emiliano Zapata	Sousa	63
11	Nova Espinhara	São José do Espinhara	58
12	Nova Palmeira	Imaculada(distrito de Palmeira)	20
TOTAL DE FAMÍLIAS			564

9 - BRIGADA JUAZEIRO- VALE DO PIANCÓ

ACAMPAMENTOS

QUANTIDADE	ACAMPAMENTOS	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Maria Bonita	Bonito de Santa Fé	150
02	Lampião	Boa Ventura	34
03	Paz e Amor	Emas	45
04	5 De Março	Coremas	45
05	Nova Santana	Santa dos Garrotes	35
06	Inácio da Catingueira	Catingueira	150

Nº NÚMERO DE FAMÍLIAS ACAMPADAS	459
Nº NÚMERO DE FAMÍLIAS ACAMPADAS NO ESTADO DA PARAIBA	2111
TOTAL DE ACAMPAMENTOS	49

ANEXO V

A - PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS QUE POSSUEM EQUIPAMENTOS TIC												
Percentual sobre o total de domicílios ¹												
Percentual (%)		Televisão	Antena parabólica	TV por assinatura	Rádio	Telefone fixo	Telefone celular móvel ²	Telefone celular com acesso à internet (Base: Possui aparelho celular) ³	Console de jogo (vídeo game etc.)	Computador de mesa (Desktop, PC)	Computador portátil (laptop, notebook)	Computador de mão (palmtop etc)
TOTAL ÁREA URBANA		98	19	7	87	40	76	23	15	27	3	-
REGIÕES DO PAÍS	SUDESTE	98	17	11	89	51	78	26	20	33	3	-
	NORDESTE	97	19	1	83	21	67	15	5	13	1	-
	SUL	98	20	6	94	40	79	26	14	31	3	-
	NORTE	96	25	2	70	25	73	20	9	16	3	-
	CENTRO-OESTE	96	27	7	83	41	89	28	17	31	6	-
RENDA FAMILIAR	Até R\$415	93	13	1	75	11	46	7	2	2	-	-
	R\$416-R\$830	98	17	2	85	24	68	15	7	11	-	-
	R\$831-R\$1245	99	20	6	89	44	82	23	16	25	1	-
	R\$1246-R\$2075	99	21	11	91	57	91	35	23	44	3	-
	R\$2076-R\$4150	99	24	21	92	76	95	41	31	65	12	1
	R\$4151 ou mais	98	25	38	95	85	98	56	47	82	26	-
CLASSE SOCIAL ⁴	A	100	31	54	99	91	97	57	59	91	31	-
	B	100	26	20	96	76	94	41	32	67	11	-
	C	99	19	6	90	42	82	24	15	25	1	-
	D - E	94	15	1	76	15	56	10	3	4	-	-

¹ Base: 16.808 domicílios entrevistados em [área urbana](#). Respostas múltiplas e estimuladas.

² Considerando que ao menos um membro do domicílio possuía telefone celular.

³ A base para cálculo deste indicador é a coluna "Telefone Celular", desta mesma tabela.

⁴ O critério utilizado para classificação leva em consideração a educação do chefe de família e a posse de uma série de utensílios domésticos, relacionando-os a um sistema de pontuação. A soma dos pontos alcançada por domicílio é associada a uma Classe Sócio-Econômica específica (A, B, C, D, E).

Veja a tabela de [erros estatísticos aproximados](#) para cada variável este indicador.

■ Números calculados sobre bases de entrevistas pequenas, e que possuem erro estatístico acima de 4%.

Fonte: NIC.br - set/nov 2008

ANEXO VI

TOTAL DE EMISSORAS DE RÁDIO EXISTENTES NO BRASIL

TOTAL RADIO STATIONS EXISTENT IN BRAZIL

ESTADOS <i>States</i>	ONDAS MÉDIAS	FREQUÊNCIA MODULADA	TOTAL
BRASIL / BRAZIL	1.707	2.281	3.988
Norte / North	115	182	297
RONDÔNIA	22	35	57
ACRE	11	16	27
AMAZONAS	25	35	60
RORAIMA	5	8	13
PARÁ	34	57	91
AMAPÁ	5	13	18
TOCANTINS	13	18	31
Nordeste / Northeast	421	522	943
MARANHÃO	42	43	85
PIAUÍ	51	31	82
CEARÁ	93	101	194
RIO GRANDE DO NORTE	32	29	61
PARAÍBA	34	50	84
PERNAMBUCO	41	82	123
ALAGOAS	18	39	57
SERGIPE	13	22	35
BAHIA	97	125	222
Sudeste / Southeast	538	867	1.405
MINAS GERAIS	183	344	527
ESPÍRITO SANTO	23	54	77
RIO DE JANEIRO	59	85	144
SÃO PAULO	273	384	657
Sul / South	462	471	933
PARANÁ	176	159	335
SANTA CATARINA	106	121	227
RIO GRANDE DO SUL	180	191	371
Centro-Oeste / Mid-West	171	239	410
MATO GROSSO DO SUL	51	54	105
MATO GROSSO	52	52	104
GOIÁS	59	107	166
DISTRITO FEDERAL	9	26	35

Fonte / Source:

Anatel, maio/08 - Levantamento preparado pelo Núcleo de Mídia da SECOM/PR

ANEXO VII

PROJEÇÃO DE DOMICÍLIOS COM RÁDIO (MIL) – 2009

PROJECTION OF HOUSEHOLDS WITH RADIO SETS

ESTADOS <i>States</i>	DOMICÍLIOS COM RÁDIO (MIL)	DISTRIBUIÇÃO (%)	POSSE (%)
BRASIL / BRAZIL	52.000	100,0	91,5
Norte / North	3.004	5,8	77,3
RONDÔNIA	353	0,7	82,8
ACRE	129	0,2	75,6
AMAZONAS	630	1,2	80,9
RORAIMA	83	0,2	73,5
PARÁ	1.367	2,6	72,3
AMAPÁ	117	0,2	79,3
TOCANTINS	325	0,6	90,5
Nordeste / Northeast	12.561	24,2	86,0
MARANHÃO	1.164	2,2	73,4
PIAUÍ	702	1,4	83,2
CEARÁ	2.103	4,0	91,1
RIO GRANDE DO NORTE	710	1,4	83,2
PARAÍBA	872	1,7	84,2
PERNAMBUCO	2.154	4,1	87,6
ALAGOAS	700	1,3	82,6
SERGIPE	490	0,9	87,4
BAHIA	3.666	7,1	89,1
Sudeste / Southeast	23.890	45,9	94,9
MINAS GERAIS	5.610	10,8	93,5
ESPÍRITO SANTO	960	1,8	90,6
RIO DE JANEIRO	5.070	9,8	95,1
SÃO PAULO	12.250	23,6	95,8
Sul / South	8.559	16,5	96,4
PARANÁ	3.150	6,1	94,4
SANTA CATARINA	1.840	3,5	95,4
RIO GRANDE DO SUL	3.569	6,9	98,7
Centro-Oeste / Mid-West	3.986	7,7	93,6
MATO GROSSO DO SUL	700	1,3	95,5
MATO GROSSO	808	1,6	89,4
GOIÁS	1.738	3,3	94,6
DISTRITO FEDERAL	740,0	1,4	94,6

ANEXO VIII



RÁDIO

PENETRAÇÃO DE RÁDIO AM E FM

AM AND FM RADIO PENETRATION

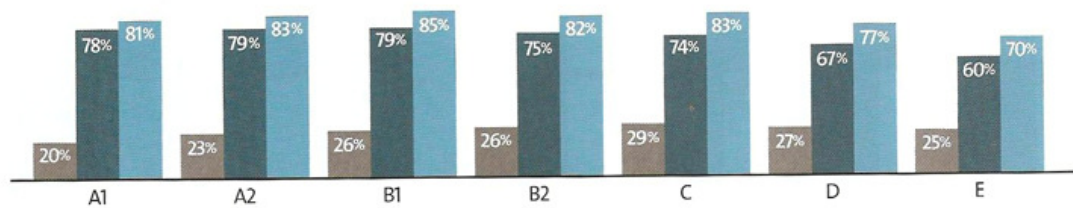
SEXO

SEX

			
	TOTAL GERAL / Total	HOMENS / Men	MULHERES / Women
■ AM	27%	29%	25%
■ FM	74%	75%	73%
■ AM + FM	82%	82%	81%

CLASSE ECONÔMICA

ECONOMIC CLASS



* A partir de 2008 foram aplicados pesos do novo critério de classificação socio-econômica ABEP nas projeções.

Ipsos: I Estudos Marplan/EGM – 2008 – janeiro/08 – dezembro/08

Duplo período

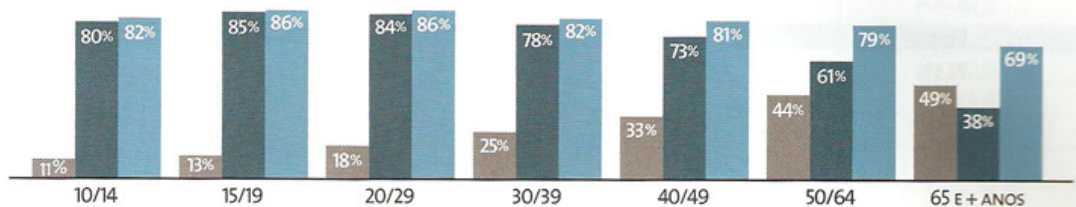
g Mercados - População 10 e + anos

PENETRAÇÃO DE RÁDIO AM E FM

AM AND FM RADIO PENETRATION

FAIXA ETÁRIA

AGE GROUP



* A partir de 2008 foram aplicados pesos do novo critério de classificação socio-econômica ABEP nas projeções.

Fonte / Source:

Ipsos: I Estudos Marplan/EGM – 2008 – janeiro/08 – dezembro/08

Duplo período

g Mercados - População 10 e + anos

ANEXO IX



RÁDIO

PERFIL DOS CONSUMIDORES

RADIO LISTENER PROFILE

SEXO

SEX



53%

MULHERES/WOMEN

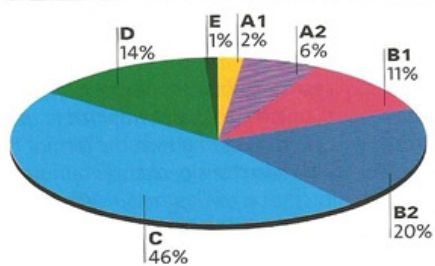


47%

HOMENS/MEN

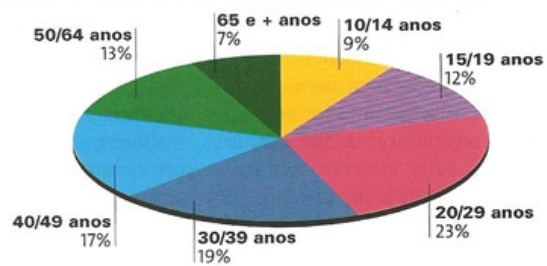
CLASSE ECONÔMICA

ECONOMIC CLASS



FAIXA ETÁRIA

AGE GROUP



ANEXO X

PROJEÇÃO DE DOMICÍLIOS COM TV (MIL) – 2009

PROJECTION OF HOUSEHOLDS WITH TV SETS

ESTADOS <i>States</i>	DOMICÍLIOS COM TV (MIL)	DISTRIBUIÇÃO (%)	POSSE (%)
BRASIL / BRAZIL	53.384	100,0	94,0
Norte / North	3.374	6,3	86,8
RONDÔNIA	373	0,7	87,6
ACRE	139	0,3	81,2
AMAZONAS	705	1,3	90,6
RORAIMA	99	0,2	88,1
PARÁ	1.626	3,0	86,0
AMAPÁ	140	0,3	94,7
TOCANTINS	292	0,5	81,4
Nordeste / Northeast	12.983	24,3	88,9
MARANHÃO	1.281	2,4	80,8
PIAUÍ	659	1,2	78,0
CEARÁ	2.104	3,9	91,2
RIO GRANDE DO NORTE	795	1,5	93,2
PARÁIBA	985	1,8	95,1
PERNAMBUCO	2.283	4,3	92,9
ALAGOAS	768	1,4	90,6
SERGIPE	524	1,0	93,5
BAHIA	3.583	6,7	87,1
Sudeste / Southeast	24.505	45,9	97,3
MINAS GERAIS	5.699	10,7	94,9
ESPÍRITO SANTO	1.014	1,9	95,7
RIO DE JANEIRO	5.242	9,8	98,4
SÃO PAULO	12.550	23,5	98,2
Sul / South	8.535	16,0	96,1
PARANÁ	3.158	5,9	94,7
SANTA CATARINA	1.880	3,5	97,5
RIO GRANDE DO SUL	3.497	6,6	96,7
Centro-Oeste / Mid-West	3.986	7,5	93,6
MATO GROSSO DO SUL	688	1,3	93,9
MATO GROSSO	787	1,5	87,0
GOIÁS	1.739	3,3	94,6
DISTRITO FEDERAL	773	1,4	98,8

Fonte / Source:
2009 - EDTV: Ibope Pesquisa de Mídia

ANEXO XI

COBERTURA GEOGRÁFICA DE TELEVISÃO

TV GEOGRAPHICAL COVERAGE

REDE	MUNICÍPIOS		DOMICÍLIOS COM TV (mil)	
	NA	%	NA	%
GLOBO	5.478	98,4	53.177	99,6
SBT	4.796	86,2	50.978	95,5
BANDEIRANTES	3.263	58,6	46.925	87,9
RECORD	4.278	76,9	49.744	93,2
REDETV!	3.194	57,4	43.158	80,8
CNT	232	4,2	19.013	35,6
GAZETA	307	5,5	13.804	25,9
MTV	157*	2,8	32.303**	60,5
TOTAL	5.565	100,0	53.384	100,0

Fonte / Source:

Domicílios com TV: Ibope Mídia 2009

Participação das rede no total de domicílios com TV: informações vigentes em maio/09, informadas pelas emissoras/redes e processadas pelo software - Cobertura Geográfica das Redes - Atlas Jove 2009

Ibope / Media Workstation - Período: 2008

Target Universo PNT: 55.811.400

MTV:

* Exclui os municípios com sinal disponível apenas em Banda C (parabólica)

** Inclui domicílios com parabólicas/Banda C (estimativa com base na 1ª Pesquisa Nacional de Telecomunicações)

† Outras emissoras cujo valores não foram divulgadas individualmente, outros aparelhos, outras frequências não identificadas/não cadastradas

ANEXO XII



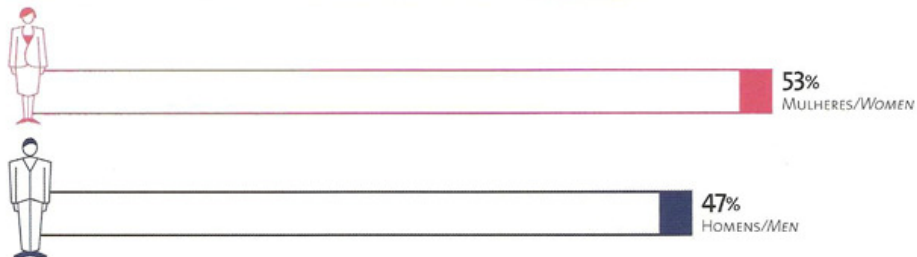
TELEVISÃO

PERFIL DOS CONSUMIDORES DO MEIO

TV VIEWER PROFILE

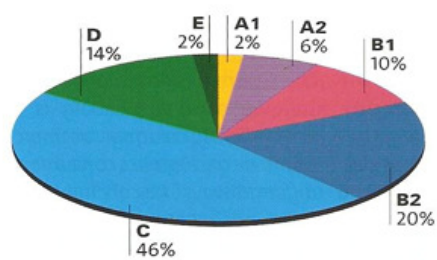
SEXO

SEX



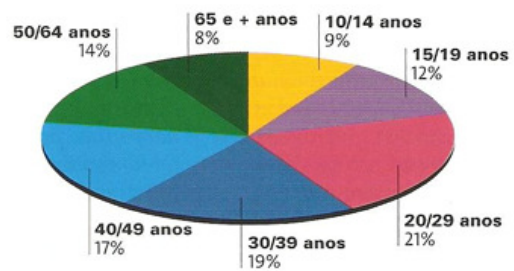
CLASSE ECONÔMICA

ECONOMIC CLASS



FAIXA ETÁRIA

AGE GROUP



Fonte / Source:

Ipsos: I. Estudos Marplan/EGM - 2008 - janeiro/08 - dezembro/08

Duplo Período

9 mercados - População 10 e + anos

Universo - 38.214.000 telespectadores

Obs.: até 2004, índices referentes à TV total; a partir de 2005, índices referentes à TV Aberta

ANEXO XIII

PENETRAÇÃO POR SEXO, CLASSE E IDADE

PENETRATION PER SEX, CLASS AND AGE GROUP

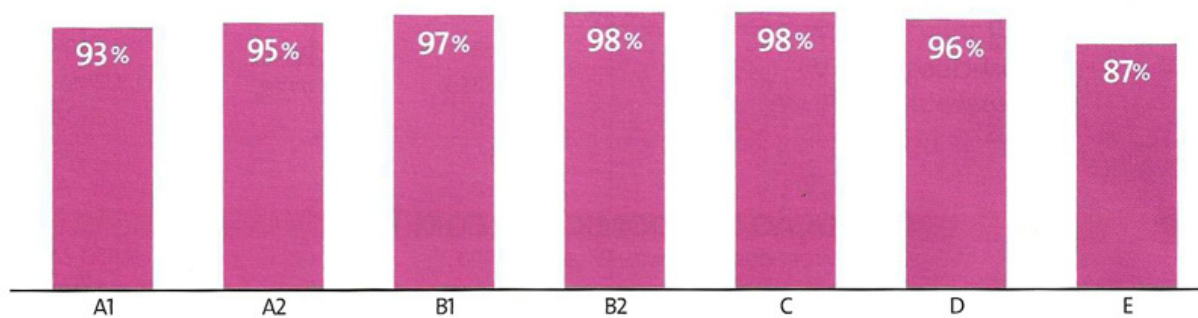
SEXO

SEX



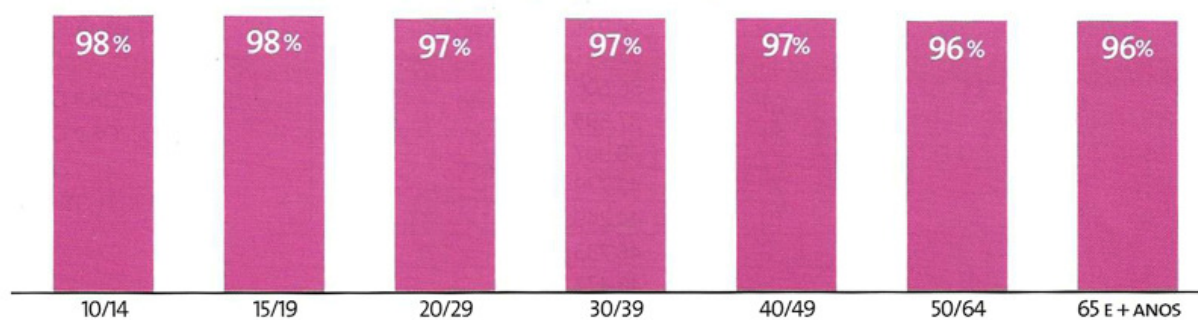
CLASSE ECONÔMICA

ECONOMIC CLASS



FAIXA ETÁRIA

AGE GROUP



* A partir de 2008 foram aplicados pesos do novo critério de classificação socio-econômica ABEP nas projeções.

Fonte / Source:
Ipsos: I Estudos Marplan/EGM – 2008 – janeiro/08 – dezembro/08
Duplo Período
9 mercados – População 10 e + anos

ANEXO XIV



TELEVISÃO

PARTICIPAÇÃO DA AUDIÊNCIA DAS REDES

NETWORK AUDIENCE SHARE

UNIVERSO (PESSOAS) / UNIVERSE (PERSONS)

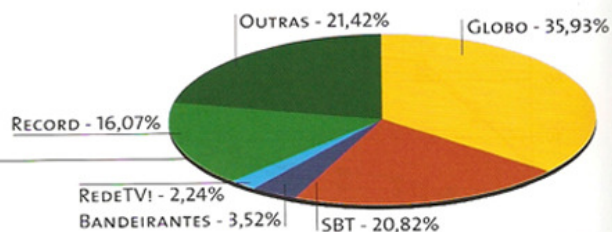
BELO HORIZONTE - 4.517.500;
CURITIBA - 2.701.500;
DISTRITO FEDERAL - 2.120.500;

FLORIANÓPOLIS - 707.500;
FORTALEZA - 3.050.600;
RIO DE JANEIRO - 10.363.700;

SÃO PAULO - 17.267.700;
PORTO ALEGRE - 2.651.300;
RECIFE - 3.318.700;

SALVADOR - 3.154.700;
PNT - 55.811.400.

MATUTINO 7H ÀS 12H
MORNING 7AM TO 12PM



Fonte / Source:
Media Workstation - 2008
Total da população de 2ª a domingo

PARTICIPAÇÃO DA AUDIÊNCIA DAS REDES

NETWORK AUDIENCE SHARE

UNIVERSO (PESSOAS) / UNIVERSE (PERSONS)

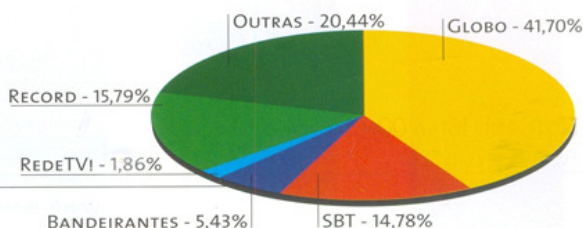
BELO HORIZONTE - 4.517.500;
CURITIBA - 2.701.500;
DISTRITO FEDERAL - 2.120.500;

FLORIANÓPOLIS - 707.500;
FORTALEZA - 3.050.600;
RIO DE JANEIRO - 10.363.700;

SÃO PAULO - 17.267.700;
PORTO ALEGRE - 2.651.300;
RECIFE - 3.318.700;

SALVADOR - 3.154.700;
PNT - 55.811.400.

VESPERTINO 12H ÀS 18H
AFTERNOON 12PM TO 6PM



Fonte / Source:
Media Workstation - 2008
Total da população de 2ª a domingo

PARTICIPAÇÃO DA AUDIÊNCIA DAS REDES

NETWORK AUDIENCE SHARE

UNIVERSO (PESSOAS) / UNIVERSE (PERSONS)

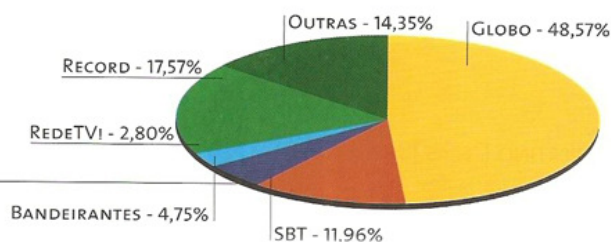
BELO HORIZONTE - 4.517.500;
CURITIBA - 2.701.500;
DISTRITO FEDERAL - 2.120.500;

FLORIANÓPOLIS - 707.500;
FORTALEZA - 3.050.600;
RIO DE JANEIRO - 10.363.700;

SÃO PAULO - 17.267.700;
PORTO ALEGRE - 2.651.300;
RECIFE - 3.318.700;

SALVADOR - 3.154.700;
PNT - 55.811.400.

NOTURNO 18H À 00H
EVENING 6PM TO 12AM



Fonte / Source:
Media Workstation - 2008
Total da População de 2ª a domingo